

HETERIDADE

Revista de Escola de Psicanálise dos Fóruns Do Campo Lacaniano Número 13

OS
ADVENTOS
do
REAL
e o PSIC
ANALISTA

RESUMO

NOTA	5	TEXTOS	
EDITORIAL	6	O corpo que advém do real na experiência analítica ALEJANDRO ROSTAGNOTTO	41
PRETEXTOS			
1 Advento do real COLETTE SOLER	8	A psicanálise como advento do real e sua incidência na política da escola ANDRÉA HORTÉLIO FERNANDES	43
2 Trauma: acontecimento e advento do real SANDRA LETICIA BERTA	10	O psicanalista frente ao real na clínica com crianças ÀNGELS PETIT PONS	45
3 Adventos do real RITHÉE CEVASCO	12	Advento do Real: pontuações sobre “um significante novo” BEATRIZ ELENA MAYA	47
4 Adventos do real DIEGO MAUTINO	15	Se há do analista, há Real BEATRIZ OLIVEIRA	49
5 O advento do real na clínica psicanalítica e na civilização SILVIA MIGDALEK	18	Desmontando palavras BEATRIZ ZULUAGA J.	51
6 Política do real? PATRICIA MUÑOZ	22	Qual o acesso para o advento do real do inconsciente numa psicanálise? BERNARD LAPINALIE	53
7 O re-advento do real COLETTE SOLER	24	O advento de sentido e sua relação com o real na interpretação analítica CAROLINA ZAFFORE	55
8 Quebrando as barreiras do pudor: o advento do real do sexo SUSAN SCHWARTZ	25	O recém-nascido CLARA BERMANT	57
9 Do real advindo pela análise ELISABETE THAMER	28	O gozo na histeria não-toda CLOTILDE PASCUAL	59
10 As inferências do não-todo na clínica e na enunciação CARMEN LAFUENTE	30	Advento do Outro COLETTE SOLER	61
11 Advento do desejo do analista JULIETA DE BATTISTA	34	Efeitos de escritura CORA AGUERRE	63
12 Um advento do dizer ADRIANA GROSMAN	37		

Os traumas sob a transferência CRISTINA TORO	65	De um advento ao Outro LUIS IZCOVICH	93
A clínica é política: o aborto clandestino, o que advém DANIELLA FERRI	67	O dizer na análise ou 'ter alguém na vida' MARC STRAUSS	95
O Real da sexualidade: a escolha de Tirésias DAPHNE TAMARIN	69	Desde o congelamento traumático até o nascimento do sintoma MARÍA CLAUDIA DOMÍNGUEZ	97
Pelo real DAVID BERNARD	71	Genet: cifra de <i>lalíngua</i> MARIA HELENA MARTINHO	99
FIM – A. D. R DIDIER CASTANET	73	Adventos do real e o fora-do-sexo na psicose MARIA LUISA RODRÍGUEZ	101
Adventos do real: psicanálise e política do sintoma FERNANDO MARTÍNEZ	75	Advento de “um” corpo MARÍA LUJAN IUALE	103
O feminino e o Real: não é apenas questão de mulheres FLORENCIA FARIAS	77	O ir/real da morte MARTINE MENÈS	105
Uma clínica que toca o real GLADYS MATTALIA	79	Quais efeitos de sentido para tocar o real? PATRICK BARILLOT	107
Acting out e a passagem ao ato: advento do real e do psicanalista GLORIA PATRICIA PELÁEZ J	81	Quando Hans encontra Harry RADU TURCANU	109
A morte é um exagero IDA FREITAS	83	O <i>tr(ou/a)umatismo</i> da transferência é a repetição RICARDO ROJAS	111
O que resta do complexo de masculinidade freudiano? J. TRÉHOT	85	“Eu me vi morta.” O <i>Unheimlich</i> : efeitos e perturbações da imagem pela irrupção do real. RODRIGO ABÍNZANO	113
O real do corpo sexuado JEAN JACQUES GOROG	87	O real da sexualidade e os sintomas da infância ROSANE MELO	115
Do enigma à sua solução JORGE IVÁN ESCOBAR GALLO	89	O trauma borromeano – incidências no futuro da psicanálise SANDRA BERTA	117
O silêncio, manifestação do real na cura? JOSEP MONSENY	92	O impasse que dá lugar pelo real SARA RODOWICZ-SLUSARCZYK	119

A segregação estrutural e a instituição analítica SILVIA MIGDALEK	121
Adventos do real: uns passos em uma passagem analisante TATIANA CARVALHO ASSADI	123
Um ponto de vista TRINIDAD SANCHEZ BIEZMA DE LANDER	126
A missão do analista diante do advento do real VIVIANA CUEVAS	128

HETERIDADE número 13

Comissão editorial

Carme Dueñas

Fernando Martínez

Colaboração

Dyhalma Avila

Patricia Dahan

Diego Mautino

Stylios Moriatis

Glaucia Nagem

Nicol Thomas

Diagramação

Álvaro Astudillo

NOTA

A responsabilidade sobre as traduções dos trabalhos aqui publicados é dos próprios autores. Por isso, o leitor não encontrará alguns trabalhos traduzidos nas cinco línguas que compõem a IF por não terem sido enviados pelos mesmos para a publicação.

EDITORIAL

ROSA ESCAPA
RAMON MIRALPEIX

Nesta nova publicação de Heteridade encontrarão quase todos os trabalhos apresentados no X Encontro da IF-EPFCL, que aconteceu em Barcelona do dia 13 ao 16 de setembro de 2018. Estes trabalhos foram selecionados dentre propostas que recebemos, as quais excederam muito à possibilidade real de dar-lhes lugar no tempo do Encontro e muito mais as expectativas de seus organizadores.

O tema do Encontro, “Os adventos do Real”, nos deu desde o primeiro momento, em Medellín 2016, muito o que falar. Nos tocou, nos fez voltar uma vez mais sobre os textos, nos levantou questões, habituados como estávamos com Lacan a ler e falar sobre o advento do significante, o advento do desejo ou o advento do sujeito... quer dizer, advento “no” real, mas não “do” real.

Duas breves referências sobre o tema, na Terceira e em Televisão, se revelaram suficientes para começar a aprofundar a perspectiva da clínica psicanalítica como uma clínica do advento do real. Os prelúdios que publicamos regularmente na rede ao longo daqueles dois anos nos acompanharam neste trabalho prévio de elucidação dos conceitos, desde o de advento, próximo ao de acontecimento, até as diversas acepções do real que encontramos no legado de Lacan. Finalmente, a pergunta que atravessou este trabalho anterior para dar lugar aos textos apresentados no Encontro era: no marco do discurso analítico, qual é o real ou os reais que advém, ou não, e quais seus efeitos? Ou, o que muda,

quais transformações na ordem da economia do gozo que podemos ler os efeitos do real advindo?

Por tanto, se trataria de considerar conceitos clássicos como o do trauma originário ou o do sintoma, mas pela luz das últimas elaborações de Lacan sobre os enodamentos particularmente os do real e do simbólico, para abordar a função do analista frente ao real que o sujeito encontra na cura. Sendo este o pivô da direção da cura, se abriria a possibilidade de dar lugar a uma nova escrita do real que advém ao analisante, sendo um final de análise marcado não tanto pela aparição de um significativo como por um *aefeito*, quiçá uns *aeftos*, que dão conta da estrutura tocada por um real que põe um limite na cadeia.

Dizíamos a princípio que neste volume seriam encontrados quase todos os trabalhos que foram apresentados no Encontro de Barcelona. Isso porque não serão encontrados os que compuseram a meia jornada sobre “A política da psicanálise e a Escola” pois esta não era a intenção. Esta iniciativa surgiu do CRIF para não deixar passar a oportunidade que proporcionou o Encontro de termos um tempo para tratar e debater *in situ* as questões que a época nos convoca coletivamente.

Antes de passar aos textos do Encontro passado, já damos boas-vindas ao Encontro de Buenos Aires que nos espera com o título “Tratamento do corpo em nossa época e na psicanálise”, em julho de 2020, onde teremos oportunidade de nos reencontrarmos para dar um passo a mais.



PRETEXTOS |

1 Advento do real

COLETTE SOLER

Aproveito este primeiro pré-texto que me pediram as duas responsáveis pelo Encontro Internacional de 2018, em Barcelona, para refletir sobre a problemática do tema que escolhemos.

A palavra *advento* designa um momento de emergência, um momento de aparição de algo inédito, que pode ser previsto – advento ao trono de Luís XIV ou advento de um novo regime político, que pode também ser simplesmente esperado, como no uso messiânico, advento do salvador ou do fim dos tempos –, mas que pode também advir de surpresa. Não seria esse, por exemplo, o caso do advento do freudismo no final do século XIX? A nuance aí é interessante: não falaríamos do advento de Freud, mas do freudismo, e ele sequer era previsto e menos ainda esperado.

Advento de real, então? A ideia comum, mesmo a recebida da transmissão lacaniana, não é a de que o real possa advir. Ele seria pensado mais como o impossível de se evitar pelos falantes que são sovados por imaginário e simbólico. Essa definição (impossível de se evitar), a mais ampla possível, divide já o real em duas partes. De um lado, o real que não deve nada ao simbólico, um tsunami, assim como a *sex ratio* para a qual Lacan deu tanta importância, são desse gênero, digamos, globalmente, o real da natureza ou da vida. Mas o impossível de se evitar não se reduz aí, pois, por outro lado, há também o destino – essa é a palavra que temos em nossa civilização para o impossível de se evitar – que nos faz a linguagem.

Desde sempre, nós o declinamos em termos de *mal-heur* [infelicidade, má hora], impotência e impossibilidade, e o imputamos aos deuses e ao pecado. Lacan, por sua vez, reconheceu aí o efeito da estrutura de linguagem sobre o ser vivo [*vivant*], aquilo que chamei de as negatividades da estrutura. Mas dizer isso é esquecer que as hiências introduzidas pela linguagem no ser falante são prenes de algo completamente distinto dessa maldição: de

todas as possibilidades de invenção e de criação que por tempos subsumimos ao termo “sublimação” e da qual humanidade se vangloria. Desde “A questão preliminar”, Lacan não dizia, aliás, que “a função de irrealização não é tudo no símbolo”?¹

Ora, quando ele emprega a expressão “advento do real” – ele não diz de real nem de *reais* – em “Televisão” e em “A terceira”, ele fala, nos dois casos, dos efeitos da ciência. Alunissagem por um lado, e, por outro, produção de novos mais-de-gozar no capitalismo que a ciência condiciona. Está-se aí precisamente na problemática da fecundidade humana, de sua capacidade de fazer advir algo novo, de mudar, conjuntamente, seu ser e seu entorno ao mesmo tempo. Sem dúvida, nos dias atuais não estamos tão certos de que essa capacidade seja sinônimo de progresso, como foi o caso com o entusiasmo das Luzes no século XVIII, e também com a espera do “homem novo” no século XIX; hoje, a história mostrou a face sombria e sem leis dessa fecundidade. Lacan, sempre em sintonia [*à l’heure*] com seu tempo, toca aí indubitavelmente em seus efeitos... biopolíticos para o coletivo, para além dos efeitos propriamente individuais de que a psicanálise trata. Aliás, já o fim do *Seminário 11* questionava: o que acontecerá quando o livro todo da ciência for consumido? O último capítulo, sem dúvida, ainda não foi escrito, mas não podemos fazer menos do que retomar a questão em 2018, em Barcelona.

Será apenas um aspecto de nosso tema, pois teremos que nos perguntar também como advém, para cada um, esse real que o inconsciente nos produz, por muito tempo nomeado destino. Falaremos de um advento do destino, sob a face mais sombria da maldição? Eis a questão. Os dois termos parecem se contradizer, já que o advento é evento, ao

1 Jacques Lacan (1958). “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 542.

passo que o destino é comentado como um “estava escrito”. E, de fato, ele é experimentado como algo sofrido, como repetição e sintoma, essencialmente duas noções freudianas, nas quais Lacan lê os dois principais efeitos do inconsciente-linguagem, a saber, o inexorável encontro falho e a fixação inamovível do gozo e dessas condições.

Advento da repetição, então? Sim, já que a repetição é menos *automaton* do que *tyché*. É preciso o encontro acidental, de acordo com os episódios da vida, para que a lei do encontro falho advenha como necessária, como aquilo que não cessa. Advenha por aquilo que o motiva, a insistência dos significantes do inconsciente. Lembrei do texto de 1955, dizendo que a função de irrealização do símbolo não é tudo, mas deixei em suspenso a sequência da frase, que dizia, falando do símbolo “para que sua irrupção no real seja indubitável, basta que ele se apresente, como é comum, sob a forma da cadeia rompida”.² E Lacan queria como prova disso nada menos do que as palavras de amor ao se aproximar da coisa parceira. “Televisão” dirá, aproximadamente vinte anos mais tarde, “boa hora” [*bon heur*], “o sujeito feliz, essa é sua definição” irônica. Ele está sempre na boa hora [*à l’heur*] da repetição. É que, entretanto, Lacan produziu o inconsciente como saber, feito de significantes-gozados cuja insistência na aproximação do Outro é justamente um advento de real, o do “não há relação sexual”.

Quanto ao advento de real no sintoma, nós o vemos no estado em que nasce com a fobia, esse primeiro significante que se excetua dos significantes da demanda vindos do Outro. O cavalo significante de Hans não é um objeto, Lacan teria reiterado bastante, mas também não é uma oferta do Outro, ele é propriamente um advento, uma invenção – ei-la invenção novamente –, de um si-

gnificante que “encarna” o gozo do “pênis traumático”.³ Ele assegura uma primeira coalescência do gozo e do significante. E coube a Lacan dizer que Freud inventou o inconsciente, o inconsciente que ele decifra em significantes, a partir da descoberta que certos seres fazem de sua própria ereção, a partir, portanto, desse primeiro gozar traumático que a fobia eleva ao significante, usando de alguns elementos imaginários da percepção. Esse é exatamente o advento da cifração do gozo, pois as fobias infantis desaparecem, mas a cifração, ou seja, a substituição, continua, de sonho a lapso, nas ditas formações do inconsciente.

Restam as fixões de gozo do sintoma, menos efêmeras, por sua vez, em que a cifra advém como letra, única a ser idêntica a si mesma, ou seja, fora de cadeia e insubstituível, exceção, portanto. Seu advento é sem lei, contingente, excetuando-se programas do discurso do Outro, e é, se acreditarmos em Lacan, o que o LOM, que ele escreve em três letras e que se fabrica entre simbólico e imaginário, tem de mais real.

Em todos os casos, o real que advém, quer seja pelo coletivo ou por cada um, é um produto dessa estranha capacidade do LOM de fazer linguagem de tudo, dos mistérios de uma natureza que ultrapassa e que a ciência procura dominar, assim como da coisa gozo que o aperta no particular dos casos e que é justamente o motor das línguas em constante evolução. O psicanalista utiliza isso, mas para qual fim?

Tradução: Cícero Oliveira

Revisão da Tradução: Dominique Fingermann

2 Ibid.

3 Jacques Lacan (1975). “Conférence à Genève”
In: *Bloc note de la psychanalyse*, n° 5.

2 Trauma: acontecimento e advento do real

SANDRA LETICIA BERTA

A partir do momento em que decidimos trabalhar o tema do advento do real para o próximo Encontro Internacional, tenho me questionado sobre as incidências clínicas dessa expressão. Por ter pesquisado durante alguns anos a respeito do trauma, imediatamente, se me impôs a pergunta: se considero o fator tíquico do trauma, há alguma diferença entre o acontecimento traumático e o advento do real? Apresento-lhes minhas considerações.

Na história da psicanálise, o acontecimento traumático deu lugar não só à descoberta do inconsciente, mas também à diferenciação entre o acontecimento traumático e a estrutura do trauma, a ser entendida como furo (*trou*) e cuja escrita é $S(A)$, assim como propusera Lacan ao final do seu ensino. A passagem do acontecimento traumático ao *troumatismo* orienta a direção da cura em cada análise. A elaboração de um saber sobre o instante tíquico faz do trauma índice de um real indecível.

Nessa direção que vai do trauma ao *troumatismo*, diferenciamos algumas versões da temporalidade: a do *a posteriori* (*nachträglich*), a do ato que privilegia o corte topológico e a do tempo do enodamento borromeano. Todas elas contam com a temporalidade lógica proposta por Lacan: instante de ver, tempo de compreender e momento de concluir.

Dizer “o advento do trauma” no lugar de “acontecimento traumático” pode servir para destacar o instante traumático e diferenciá-lo de sua elaboração. Parece-me uma nuance à qual me referirei mais adiante. Em nossa comunidade, temos falado do evento de gozo do significante 1 (S1), da passagem da *tyqué* como acontecimento de gozo e dos uns da repetição. Nesse sentido, acontecimento e evento são sinônimos, como podemos ver no dicionário. Porém, o advento acentua aquilo que arriba, e não só os traços do acontecimento.

Além disso, se nos referimos ao “advento”, temos que diferenciar duas acepções no ensino de Lacan: advento do sujeito e advento do real. Não são as únicas, mas são as mais relevantes.

A noção “advento do sujeito” tem origem nas elaborações sobre o simbólico e foi formalizada pelas operações de causação do sujeito: alienação e separação¹.

Lembro brevemente que na alienação, com seu *vel* da disjunção exclusiva, o sujeito escolhe a petrificação ou o sentido. Na anterioridade lógica da causação do sujeito, a segunda operação refere-se à separação cujo efeito é o objeto a^2 , entrando o sujeito na metonímia da cadeia significativa (S1-S2).

É válido acrescentar que, posteriormente, o *vel* da disjunção exclusiva servirá para assinalar a divisão do sujeito e do gozo. Aqui, o que se acentua é o significante gozado, a substância gozante que é o que, finalmente, advém do real se consideramos o S1.

De fato, podemos ler, nas operações de causação do sujeito e também na escrita do nó borromeano, a contingência do advento do real por um significante S1.

O advento do real como irrupção de S1 está presente na referência ao sujeito e às elaborações do *parlêtre*. Ambos partilham a mesma lógica. No que se refere à temporalidade, parece-me que a causação do sujeito acentua o *a posteriori* traumático, aludindo a um real que resta como limite êxtimo. Quanto ao nó, com sua cardinalidade, o advento do trauma é enodado. O 1 do traumático é 3: real, simbólico e imaginário. O “advento do real”, aqui, pode convir ao trauma borromeano indicando que o trauma advém enodado.

No período de 1974 e 1975, podemos encontrar uma diferenciação entre o advento do real e o acontecimento do dizer, que exige a temporalidade do nó. No Seminário 21, *Le non-dupes errent*, Lacan inclui o acontecimento do dizer como escrita

1 Lacan, Jacques (1964). *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

2 Lacan, Jacques *O Seminário A lógica do fantasma*. 16 de novembro de 1966.

do nó, diferenciando o acontecimento simbólico, o real e o imaginário³. Uma passagem chamou minha atenção: “O acontecimento, ele, o acontecimento não se produz senão na ordem do simbólico. Não há acontecimento senão do dizer”⁴. É preciso tempo para escrever o nó do dizer, nó do *parlêtre*, que se faz ao trauma borromeano.

Avancemos sobre a expressão “advento do real” em *A Terceira*⁵. Nessa conferência, contemporânea ao Seminário 21, Lacan diz que o analista depende do advento do real, como o destacou Colette Soler em seu livro *Les Avènements du réel de l'angoise au symptôme*⁶ e também no primeiro pré-texto do Encontro de Barcelona, que ocorrerá em 2018. Depois dessa afirmação, Lacan se refere à interpretação como equívoco e à *lalíngua*, que se sedimenta como detritos do inconsciente, de uma experiência que deixa como saldo um saber. A interpretação trabalha com *lalíngua*, o que não impede que o inconsciente seja estruturado como uma linguagem. Isso significa que a interpretação opera com os Uns

de gozo para que o parlêtre se faça ao borromeano.

Se o trauma é advento enodado de S1, irrupção do real, essa é a prova clínica de que o trauma é enodamento de um real. Embora para o trauma *advento* e *acontecimento* sejam sinônimos, podemos encontrar um matiz. Acentuar o advento do real do significativo traumático não é sem consequências porque converte o *a posteriori* em ato e em tempo lógico enodado. Além disso, as considerações sobre a *moterialité* próprias ao nó borromeano incidem sobre o sentido *nachträglich*. Na clínica, é preciso forçar (*forcing*⁷ matemático) a palavra em sua *moterialité* para *ler no que se ouve* e produzir uma escrita. Portanto, buscar o sentido de um acontecimento não é o mesmo que apontar o sentido-gozado de um saber. Isso não significa prescindir do fantasma – porque a clínica seria impraticável –, e sim estar à disposição “disso que faz função de real no saber”⁸. Esses ditos do acontecimento traumático aludem ao acontecimento de um dizer e evocam o real enodado que ex-siste ao sentido (*ausentido*).

Finalmente, o advento do real do trauma nos convoca a pensar a clínica borromeana, considerando o inconsciente real e o furo no saber. Mais uma vez, falar do trauma em psicanálise é falar da psicanálise. Não por acaso a pergunta de Freud sobre o trauma deu lugar à descoberta do inconsciente.

3 Lacan, Jacques. O Seminário, livro 21: *Les non-dupes errent*. 18 de dezembro de 1973.

4 Lacan, Jacques. O Seminário, livro 21: *Les non-dupes errent*. 15 de janeiro de 1974. “l'événement lui, l'événement ne se produit que dans l'ordre du Symbolique » (Publicado em Staferla)

5 Lacan, Jacques. La tercera. 1ro. Noviembre de 1974. Publicada em *Intervenciones y textos 2*. Buenos Aires: Manantial, 1993, pp. 73-113.

6 Soler, Colette. *Avènements du réel, de l'angoise au symptôme*. Cours 2015-2016. Paris: Éditions du Champ lacanien. Collection Études, Octobre 2016, p. 170.

7 Lacan, Jacques (1776-1977). *El Seminário L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. 19 de abril de 1977.

8 Soler, Colette. *Lacan, l'inconscient réinventé*. Paris : Presses Universitaires de France, 2009, p 19.

A expressão “adventos do real” pode suscitar questões. Que distinção fazer entre advento, no singular e no plural? “Acontecimento(s)” e por que não “manifestações do real”? Como, por outra parte, não evocar o frequente contraponto, em Lacan, entre o “sintoma como acontecimento de corpo” e a angústia como “advento do real”?

Refiro-me ao que foi indicado por Colette Soler, posto que lhe devemos a apresentação do tema de nosso encontro: assim como precisou em várias ocasiões, advento toma o sentido de algo esperado e mesmo desejado. O termo adquire, pois, um valor positivo.

Coloco, pois, em relevo a seguinte pergunta: O que pode se esperar como advento do real a partir de uma psicanálise? Lacan falou de sua expectativa de um possível advento ao fim de uma análise: o de um novo significante, uma invenção – esvaziando este termo de toda pretensão –, um significante que provenha de cada um, e, portanto, singular.

Encontramos a expressão “adventos do real” em “Televisão” e em “A terceira”. Não obstante, Lacan a utiliza também em outros contextos. Para citar um: o “advento do sujeito real” que menciona no *Seminário 6, O desejo e sua interpretação ...*, sujeito ao qual nos confrontamos na experiência “já advindo” no passado, estando na origem mesmo de sua produção.

Quanto ao “do real”, entendo o “*du réel*”, como um partitivo em francês. O uso do artigo neutro, “*lo*”, em espanhol, é bem-vindo nesta ocasião, parece-me, pois evita de se falar “do – de O – real” (“*del – de El – real*”).

E isto por várias razões.

Em primeiro lugar, parece-me que nos referimos a um “*campo do real*” mais amplo, do que o real já circunscrito pela prática analítica: real da ciência, da arte, da política, e, mesmo, por vezes, do gozo real do ser vivente.

O termo “real” é portador, deste modo, de um sentido diferencial. Depende das práticas que o circunscrevem (termo que poderia se aperfeiçoar com a

escritura borromeana). Que se trate de práticas esclarecidas ou não, elas estão sempre tomadas em certo discurso. Abordamos o real como o excluído de todo sentido. Sem dúvida! Mas o que poderíamos dizer de um real que não estivesse circunscrito por uma prática/discurso? O real, neste ou naquele campo, em tal ou tal prática, é cernido pelo impossível (Freud já havia o notado quando falava do impossível das práticas de governar, de educar e de analisar). Podemos, pois, aproximar-nos com mais precisão do real como aquilo que constitui o limite próprio a toda prática e a todo discurso. Topar com estes limites, podendo também induzir uma volta na direção de outros margens discursivas, o real se revelando, assim, nos interstícios do giro de um discurso a outro.

É válido até para a ciência, que não deixa de lado seus impossíveis. Somente a ideologia da ciência (não a ordem de suas razões) em sua aliança com o discurso do capitalismo está na origem da promoção do “todo possível” oferecido no mercado das ilusões do consumo.

Por outro lado, a escritura borromeana nos permite circunscrever o real em jogo no campo da psicanálise. Ele se define a partir do Um (aquele do número, evidentemente não aquele da unificação do dois em um).

A escritura do real é dupla em Lacan. O Um do real como simples rodinha de barbante (expressão mínima chamada, na linguagem dos nós, de “nó trivial”), equivalente àquele do simbólico e àquele do imaginário. Cada nó trivial tendo sua consistência, seu furo e sua *ex-sistência*. A rodinha de barbante é então a “mais eminente representação do Um, no sentido de que só encerra um furo”, diz-nos Lacan em *Encore*, ainda no começo de sua aventura com os nós borromeanos.

Afirma, além disto, e de maneira insistente, que “seu nó” é real. Já não se trata mais do nó trivial, mas do borromeano – formado minimamente por três rodinhas de barbante – e, mais adiante, do nó do sintoma (com “h”), uma vez que este último cumpre uma função de enodamento.

Trata-se, então, da estrutura real do *falasser* (real que Lacan intenta escrever fora da “errância” (*l’erre*) da metáfora e que, como real, não pode ser considerado como um modelo que se aplicaria a ...).

O real é, portanto, uma das três *diz-mansões* do *falasser*, como o são o simbólico e o imaginário. Trata-se aí dos elementos genéricos de todo ser falante. Porém o real do nó é suportado pela modalidade do enodamento, através do sinthoma (com “h”): real singular, próprio a cada um, isto é, um a um.

A clínica constrói, sem nenhuma dúvida, tipologias; esta é sua função. Porém, trata-se de uma clínica da qual devemos esquecer a cada novo caso, a orientação pelo real visando sempre o singular próprio de cada analisante.

O real se conjuga, assim, com o Um e também com o “ao menos três...” descartando, por outro lado, o dois que contradiria o axioma da exclusão (não há relação sexual que possa se escrever). Apenas o discurso analítico permite desvelá-lo, diferentemente dos outros que o velam.

Que “advento do real” poderíamos, então, esperar da psicanálise que esteja vinculado a este real impossível da relação sexual? Seja sob a forma da letra do sintoma, ou como manifestações de afetos e, em primeiro lugar, o afeto privilegiado que constitui a angústia?

Sabemos que o real específico da análise, como impossível, situa-se nas negatividades da estrutura da linguagem: não há metalinguagem, não há universo do discurso, não há Outro do Outro no plano da linguagem. Podemos acrescentar: a verdade que apenas se pode dizer pela metade, e também o “não todo” do objeto “a”, obrigatoriamente parcial. Aí estão todos os enunciados do “não há” anteriores à declaração, em 1967, do axioma que concerne à negatividade do real do sexo: “Não há relação sexual que possa se escrever” (“grande segredo da psicanálise”, diz-nos Lacan). Gozo e linguagem se enodam, assim, nestas fórmulas de negatividades. Negatividades que, por outro lado, encontram suas respostas positivas nas variações sinthomáticas (com “h”) que a elas respondem e fazem suplência.

Quanto aos “adventos do real”, a partir da prática da psicanálise, coloca-se uma questão: As variações de soluções sinthomáticas (com “h”) encontram uma declinação diferencial segundo as modalidades do gozo sexuado: fálico e não todo fálico – este gozo além do fálico... se ele existisse?

Gozo outro que não deve ser confundido com o gozo do Outro... que não existe e que só se manifesta no imaginário das significações fantasmáticas, preferencialmente encarnadas nas figuras primordiais do Pai e da mulher.

A escolha do sexo (livre da significação fantasmática do gozo) pode ser esperada como advento do real do gozo sexuado? Se falamos de escolha é porque há uma expectativa de algo que poderia advir de novo, diferentemente do sintoma de gozo já acontecido e fixado desde a infância em sua dimensão “traumática”, em sua dupla vertente: traumatismo sexual e traumatismo de *lalíngua* que entram em coalescência.

O imperativo freudiano muitas vezes comentado: “*Wo... war... werden*”¹ – deixo propositalmente pontos suspensivos nos “*loci*” do que já foi e do que deveria advir – pode evocar algo da ordem desses “adventos do real” visados pela política de uma psicanálise orientada pelo real.

Estes adventos emergem como efeito de um dizer (nem deduzidos, nem induzidos, mas inferidos a partir dos ditos do analisante ao longo do tratamento²). Este “dizer” que fica esquecido por trás dos ditos.

Quanto ao sinthoma (com “h”), como função de enodamento borromeano, poderíamos esperar, no tratamento, uma eleição possível? C. Soler³ nos sugere que: se há eleição, se não somos condenados a um destino já traçado pelas escolhas forçadas das formações dos sintomas de gozo da infância, esta escolha se situaria, então, sem dúvida, no nível do sinthoma (com “h”). Aí está o que poderia ser esperado de uma análise.

Consequentemente, o que nos interroga, e de uma maneira que nos concerne particularmente, quanto ao “advento” do sinthoma (com “h”) do analista e sua relação com o real. Interrogamo-nos sobre o (ou “os”) porquê desta escolha, tema clássico estudado sob as formas do “advento do desejo do analista”.

1 A expressão freudiana bem conhecida é “*Wo es war, soll ich werden*”.

2 No *Aturdito*, Lacan situa o DIZER como efeito de um corte. Com a escritura borromeana, ele coloca ênfase em um DIZER que enoda e nomeia. Contudo, mais à frente (Seminário 24, *L’insu...*), ele retoma a função de corte sobre um ou mais toros de voltinhas de barbante, pela operação de seu eventual reviramento (*retournement*).

3 Em seu livro “Lacan leitor de Joyce”. (Próxima publicação em espanhol nas edições S&P)

É um dizer desta ordem que pode ser inferido no dispositivo do passe e que acompanharia, conseqüentemente, uma nomenclatura de AE.

Dos “adventos” do real a partir da análise, não poderíamos nos interrogar também sobre as modalidades, ou modulações do “não todo” nas travessias do muro dos impossíveis da significação, do sentido, da relação sexual (segundo o *Aturdito*) e, mais particularmente, das inferências de um dizer do “não todo” no que concerne a este gozo para além do gozo fálico⁴?

As fórmulas da sexuação, parece-me, convidam-nos a dar este passo a partir deste “algo” que pode circular⁵ entre estas quatro posições: do necessário e do possível que determinam uma contradição (negação forclusiva: sim ou não) e do contingente e do impossível que nos confronta com um indecível (sim e não; sim, mas não todo... É isto, mas não todo... mais próximo disto que seria a negação discordancial na gramática francesa).

Neste contexto, devo precisar, não se trata de retomar o antigo debate que concerne à especificidade da escritura feminina, porque a escritura das mulheres, assim como seus testemunhos de passe, não são forçosamente aqueles dos quais podemos esperar um dizer do “não todo”. Não se trata também da “feminização” do mundo analítico ou mundial, e menos ainda – isto é óbvio – de uma suposta “feminização” do analista homem.

4 Nossa colega Florencia Farias, parece-me, sustentou uma tese de doutorado onde aborda este problema. Infelizmente, não tive a oportunidade de lê-la. Certamente outros colegas em nossa comunidade terão acesso a ela e isto será uma referência importante sobre esta questão.

5 Conferir o capítulo XIV do seminário ... *ou pire*. A aula em Sainte Anne sobre o *Saber do psicanalista* de primeiro de junho de 1972. Lacan menciona algo da ordem de uma circulação (o que evoca, certamente, o “giro” dos discursos) induzida pela lógica instável que funda esta partição lógica do gozo sexual entre gozo todo fálico e não todo fálico.

Trata-se da circulação entre o lado esquerdo e direito das fórmulas da sexuação que quebra toda ancoragem na “*touthomanie*” do universal da normalidade (*norme mâle*, diz Lacan) e de inferir o Dizer do “verdadeiro furo” da estrutura do *falasser*.

Todo Dizer é existencial e contingente, mas o Dizer do Um, o Dizer do Um-sinthoma (com “h”) pode se declinar segundo outras modalidades de dizeres. Não se trata de afirmar que existe um UM-DIZER-OUTRO, deste gozo outro que corresponde a uma lógica do não todo, porque nós retornaríamos certamente ao fechamento do discurso sobre a sexualidade que reconduziria ao “dois” complementar da relação que não há.

A questão, portanto, poderia ser formulada assim: Qual é a conexão entre o UM-Dizer do sinthoma (com “h”) e o “não todo”?

Eu simplesmente quis chamar atenção para algumas arestas possíveis das múltiplas interrogações às quais nos convoca o tema dos “adventos do real” para nosso próximo Encontro em Barcelona.

Não esperamos da análise o advento do messias! Por outro lado, podemos esperar o acontecimento de uma ética (também ela esvaziada de toda pretensão) de um dizer do não todo ao qual ela nos convida. Advento que poderia ter incidências para além da nossa prática se nós conseguíssemos (esperança vã?) produzir um eco de nosso discurso nos outros “advento” do real que se anunciam mais do lado de um totalitarismo do todo. Mais particularmente no campo da política... e isto sem me prolongar sobre o discurso capitalista, que promove formas de “*touthomanie*” certamente não tradicionais, mas que não deixam de preconizar um universo do não-impossível, associado à onipotência da ideologia da ciência, não se considerando responsável pelas conseqüências de seu tratamento – certamente eficaz – do real.

Tradução: Leonardo Pimentel
Revisão: Sandra Berta

4 Adventos do real

DIEGO MAUTINO

“A angústia [...] é justamente o sintoma padrão de todo advento do real”.¹

Na citação em destaque, “todo” deve ser entendido no sentido de “cada” advento do real, adven- tos, então, no plural, e o real, portanto, não é universal, não é uno, cada um de seus elementos é idêntico a si mesmo, mas sem que possam ser ditos “todos” – só há conjuntos a determinar em cada caso. Esta expressão suscita diversas questões, começo com duas: quais são estes adventos de real nos discursos de hoje? e com que sintomas os sujeitos respondem? Uma das primeiras definições do real escritas por Lacan em 1954 é “o domínio do que subsiste fora da simbolização”,² ou seja, fora da linguagem. O que é que subsiste fora da lingua- gem? Seguindo uma indicação de Colette Soler,³ podemos dizer a matéria, em suas duas manifes- tações: o inanimado e o vivente, cada uma delas constituindo o objeto de duas grandes ciências – a física e a biologia.

Não há a menor esperança de se alcançar o real por meio da representação – que subsiste fora do simbólico e do imaginário – , *eppur...* há vias de acesso. Quais são as vias de acesso? Freud dá teste- munho de uma: confrontado com o descobrimento de um primeiro gozo fora da linguagem – o trauma –, o evento passa ao significante, e isso constitui um primeiro elemento do inconsciente-linguagem ao qual outros se somam, condição para a invenção do inconsciente. Colette Soler indica que se poderia dis- cutir acerca do uso da palavra *advento* para o aces-

so ao real mediante o trauma, e dizer, antes, que o evento de um real não constitui um advento até que não se agrega o aporte significante, então o adven- to propriamente dito seria: a invenção freudiana do inconsciente e do advento da psicanálise como novo discurso.⁴ Primeiro exemplo que prova a “eficácia do sujeito”,⁵ que não é somente efeito da linguagem ou do discurso – negatividades da estrutura –, mas também fecundidade de invenção, de Um-dizer.

A expressão “adventos do real”⁶ é utilizada por Lacan a propósito dos efeitos da ciência; e escreve que faz falta levar em conta o real, porque os “fatos do inconsciente”⁷ tomam o corpo e indicam que “o analista aloja um outro saber, num outro lugar”,⁸ enquanto que os fatos da ciência tomam a matéria como “saber no real [...] e quem tem de alojá-lo [é] o cientista”.⁹ De que real ele fala? E diz em seguida: “Ou seja, aquilo que se destaca de nossa experiên- cia do saber. Existe saber no real. Ainda que, este, não seja o analista que tem de alojá-lo, mas sim o cientista. O analista aloja um outro saber, num ou- tro lugar, mas que deve levar em conta o saber no real”.¹⁰ A indicação de que é o cientista que tem que alojá-lo evoca o lugar... e o lugar remete aos qua- tro lugares nos quais os discursos se constituem por meio da permutação dos quatro termos implicados pela estrutura da linguagem. A afirmação “há saber no real” faz necessário interrogar este saber: o que é que o caracteriza? Ainda falta dizer algo mais e, portanto, ele prossegue: “o analista aloja outro sa- ber”, não o mesmo, então. Lacan fala frequentermen-

1 J. Lacan (1974). “La troisième” – 7^{ème} Congrès de l’École freudienne de Paris à Rome. Conferência publicada em *Lettres de l’École freudienne*, 1975, n° 16, pp. 177-203, tradução nossa. Também foi publicada em *Intervenciones y textos 2*. Buenos Aires: Manantial, 1988.

2 J. Lacan (1954). *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 390.

3 C. Soler (2016). *Avènements du réel, de l’angoisse au symptôme* – Cours CCP-Paris (2015-2016). Paris: Éditions du Champ lacanien, Collection Études, 2016, p. 169.

4 *Ibid.*, p. 170.

5 J. Lacan (1965). “A ciência e a verdade” In: *Escritos*, op. cit., p. 892. “[...] reconheçamos a eficácia do sujeito nesse gnômon que ele erige para lhe apontar a toda hora o ponto da verdade”.

6 J. Lacan (1973). “Televisão” In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 535.

7 *Ibid.*

8 J. Lacan (1974). “Nota italiana” In: *Outros escritos*, op. cit., p. 312.

9 *Ibid.*

10 *Ibid.*

te do saber da ciência como um saber que repousa inteiramente sobre o Um. “O um e o número, com a ideia de que as fórmulas da ciência estão inscritas no real [...] do que se pode conceber que com as fórmulas matemáticas se construam técnicas que permitem comandar o real físico. De todo modo, o saber da ciência é um saber que foraclui o sujeito”.¹¹

O número, o mais real da linguagem?

Lacan fala de *adventos* do real – em “Televisão” e em “A terceira” – a partir de considerações sobre os efeitos da ciência: alunissagem de um lado e, do outro, produção de novos mais-de-gozar. Com relação ao primeiro, o real que subsiste fora da simbolização, a matéria, se revela sujeita ao número, como se a natureza estivesse escrita em linguagem matemática. Ele diz: “Isso se afirma pelo fato de o discurso científico ter sucesso na alunissagem, na qual se atesta, para o pensamento, a irrupção de um real [...] Mas, ao entrar o discurso político – atente-se para isso – no avatar, produziu-se o advento do real, a alunissagem”.¹² Isto implica efeitos de gozo pelo poder de dominação e expansão, introduzindo considerações sobre o gozo, que se mantém “uno”, não faz par. Lacan retorna a este Uno introduzindo a letra – idêntica a si mesma –, necessária porque “unicamente a partir dali temos acesso ao real”.¹³ No que concerne ao uso da palavra *advento* para o acesso ao real através da coalescência do número e da matéria, talvez pudéssemos aplicar à ciência o que dizíamos para a psicanálise, ou seja, para considerá-lo “advento do real”, será necessário que se agregue, ademais, a coalescência do número e da substância gozante. Então o advento propriamente dito seria: a coalescência número-matéria, mais a coalescência do número e da substância gozante.

O sintoma e o real

A partir desta divisão entre dois reais, relevados através de dois acessos diferentes, e considerando que a ciência não deixa de ter efeitos no campo

do gozo, nosso Encontro Internacional poderá nos permitir abrir questões como: “Com que sintomas os sujeitos respondem? O saber da ciência está a serviço do poder – político e econômico – e, ainda que esteja longe de atingir seu objetivo, ele financia a produção de novos mais-de-gozar. Longe de atingir seu objetivo é o diagnóstico que Lacan faz, pela impossível sutura do corpo falante que se põe em cruz¹⁴ ao programa da “apatia do bem universal”¹⁵ da ciência – ao mesmo tempo, isso faz lugar ao discurso analítico. A ciência faz sonhar e, então, Lacan evoca a ficção científica para mostrar seu avesso, ou seja, quando os mesmos biólogos são tomados pela angústia ao confrontar-se com um sucesso como produzir bactérias tão fortes que poderiam “varrer com toda a experiência sexuada, varrendo o *parlêtre*”.¹⁶ Paradoxalmente, a biologia atingiria seu objetivo com a condição de destruir a própria vida. Os avanços científicos em tempos de guerra dão prova de uma via problemática da fecundidade humana que, diante de tais atrocidades, não nos faz ficar muito seguros de que a ciência seja sinônimo de progresso. Com relação à impossibilidade – diante do poder de um certo real, a ser precisado em cada caso –, Lacan prognostica o fracasso da ciência, enquanto avança considerando sucessos e fracassos da psicanálise, surgida como sintoma, ou seja, como recurso pra tratar o que não vai bem na vida de... cada um.

“A angústia, sintoma”, em destaque, pode, então, ser entendida como o signo do “advento do real”. A alunissagem, os mísseis ou os *gadgets* encontram o limite do calculável quando se trata do sexo, nenhuma equação do par “no campo do desejo [...] não há objeto que tenha maior preço que um outro”,¹⁷ nem do gozo opaco próprio ao sintoma de cada um. O sintoma de gozo – para um *parlêtre* que já está na língua –, vem do real,¹⁸ duplamente: 1) do real da relação causada pela tomada da palavra sobre o corpo e 2) do real dos Uns do gozo opaco do sintoma, que o suprem.

O Um e o campo da bi-partição

11 C. Soler. *Commentaire de la “Note italienne” de Jacques Lacan*. Roma: Edizioni Praxis del Campo lacaniano, 2014, p. 40.

12 J. Lacan (1973). “Televisão” In: *Outros escritos*, op. cit., pp. 534-535.

13 J. Lacan (1974). “La troisième” – 7^{ème} Congrès de l’École freudienne de Paris à Rome. Conferência publicada em *Lettres de l’École freudienne*, 1975, n° 16, pp. 177-203, tradução nossa.

14 *Ibid.* “[...] *le réel, justement, c’est ce qui ne va pas, ce qui se met en croix dans ce charroi, bien plus, ce qui ne cesse pas de se répéter pour entraver cette marche*”.

15 *Ibid.*

16 *Ibid.*

17 J. Lacan (1960-61). *O seminário, livro 8: A transferência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992, p. 381.

18 J. Lacan (1974). “La troisième”, op. cit. “[...] *j’appelle symptôme ce qui vient du réel*” (Chamo de sintoma aquilo que vem do real).

O advento do real, com relação ao sintoma – definido como “forma com que cada um goza do inconsciente”¹⁹ – é um Um de gozo ou um Um gozado, não qualquer um, cujo sentido não se conta. A partir de um primeiro advento do real, Freud pôs em funcionamento a psicanálise, ela própria um advento, um novo saber fazer com a irrupção de gozo. O que faz a psicanálise ao se confrontar com o real do sintoma? Recorre ao sentido, isto é, ao significante; cada significante, porém, além de ter sentido, é também um “um” de pura diferença, cifra 1, fora de sentido. As duas dimensões: o sentido e a cifra estão presentes em cada significante, enlaçadas e heterogêneas. Então, quando se fala de significante gozado através da coalescência, de que gozo se trata? Dois gozos estão enodados: o do sentido – porque as palavras têm um sentido – e o do Um, da cifra que é cada significante, a que Lacan chama de gozo fálico. Cada significante não tem o mesmo sentido, mas sim o mesmo real, enquanto um de pura diferença. O significado gozado, pois, implica duplo gozo, bipartição do gozo entre sentido gozado e gozo da cifra que suporta os significantes, fora de sentido, real. Lacan situa os dois gozos disjuntos na colocação em plano do nó borromeano, mas estão enlaçados em cada significante, porque cada um implica, ao mesmo tempo, o gozo do sentido e o gozo do Um fora de sentido.

19 J. Lacan (1974-75). *Le séminaire, livre 23: RSI*, inédito (Aula de 18/02/1975). “ [...] *le symptôme n’est pas définissable autrement que par la façon dont chacun jouit de l’inconscient en tant que l’inconscient le détermine*” (O sintoma não é definível de outra forma senão pela forma com que cada um goza do inconsciente na medida em que o inconsciente o determina).

Nesta perspectiva, o gozo do Um fálico é o veículo do gozo do sentido.

O advento suporia, então, a conjunção de um real fora do simbólico com a linguagem e seus Uns. Para a psicanálise, o real fora do simbólico que a concerne é parte de vida afetada pelo gozo do vivente enquanto sexuado. No nível das espécies ditas superiores, a substância gozante é bipartida, distribuída segundo a *sex ratio*, que é um dado da vida ligado à reprodução pelas vias do sexo, e conduz à impossibilidade de estabelecer a relação *d’eux*,²⁰ quando o Um se articula, não há dois. “Há Um”, insiste Lacan e, assim, além de evocar o “não há” da relação sexual, nota que ao redor do Um gira a questão da existência. Colette Soler²¹ indicava o Um-dizer como o Um “superior ao sujeito”, que constitui em conjunto cada sujeito, conjunto cada um único em seu gênero. Um dizer do Um que, somente em uma análise, tem chance de demonstrar que “não há” gozo do dois. O que se pode esperar a partir de uma análise? A satisfação que marca o fim com uma mudança de gosto? Uma satisfação singular, uma mudança de peso na balança das satisfações entre a verdade e o real? A perspectiva de um *advento* do real, a partir de uma análise, não introduz a necessidade do dispositivo do passe e da Escola que, por esse intérprete (*trujamán*), reúne o que Lacan chama de “dispersos desparelhados”?

Tradução: Cícero Oliveira
Revisão: Sandra Berta

20 Homofonia entre “dois” (*deux*) e “de eles” (*d’eux*).

21 C. Soler. “L’UN tout seul et ses liens” In: *Cita internacional de la IF*, Medellín, Colômbia, 15 de julho de 2016 In: *Heteridade* nº 12, em preparação.

5 O advento do real na clínica psicanalítica e na civilização

SILVIA MIGDALEK

A conferência “A terceira” aconteceu em Roma, Ano ano de 1974, na ocasião do VII Congresso da Escola Freudiana de Paris. Nesse congresso, Lacan, além de sua conferência, teve a seu cargo a abertura e o encerramento. Um congresso que se estendeu ao longo de quatro intensos dias, dos quais contamos com alguns trabalhos, selecionados para serem publicados nas *Atas da Escola Freudiana*.¹ Para muitos, dentre os quais me incluo, os anos 1970 foram repletos de fatos políticos que nos marcaram sensivelmente. Poucos anos antes do início dessa década, o Maio de 1968 francês se infiltrava durante as aulas do *Seminário 17*, e os estudantes universitários interpelavam fortemente Lacan, que não apenas não se esquivava das perguntas pungentes que lhe dirigem os “revoltosos”, como também lhes responde decididamente: “eu lhes diria que a aspiração revolucionária só tem uma chance, a de culminar, sempre, no discurso do mestre. Isto é o que a experiência provou. É ao que vocês aspiram como revolucionários, a um mestre. Vocês o terão”.²²

Em meu país, a Argentina, nesses anos, para ser precisa, em 24 de março de 1976, teve início o período mais obscuro de nossa história: um golpe militar instaurou uma ditadura, que levou adiante um plano sinistro de desaparecimento de pessoas, sequestros, torturas, apropriação de crianças, que eram entregues a amigos do regime e, às vezes também, a pessoas que “ingenuamente” escolhiam manter uma posição de negação, mediante a qual não queriam saber nada do horror... do advento de um real que se aninhou no coletivo social por muitos anos e que conserva, ainda hoje, as características de algo que não cessa em seus efeitos.

Simultaneamente, nesses mesmos anos, a psicanálise lacaniana se expandiu na Argentina com

muita força, a qual, felizmente, ainda permanece vigente. Com muitos colegas, pensamos que os grupos de estudo de Freud e Lacan proliferavam nesse momento, haviam se constituído quase que como o único lugar-refúgio onde era possível falar de temas dos quais não se podia falar em parte alguma, já que, como é natural a um estado ditatorial, o clima que imperava era de medo e de desconfiança generalizada. Houve muitos que tiveram que buscar refúgio no eventual asilo político ou num exílio forçado, e durante muitos anos, na clandestinidade.

Essas breves referências temporais me parecem muito importantes para abordar nosso tema comum de trabalho em Barcelona em 2018, *Os adventos do real e o psicanalista*. O advento tem uma evidente relação com o tempo, sempre provoca um efeito de ruptura na temporalidade homeostática da série, seria possível dizer como uma espécie de funil temporal que, *après-coup*, emerge com uma “fidelidade não desejada”, tanto na transferência quanto fora dela, isto é, na vida de um sujeito. Em alguns atentados terroristas, nos quais prevalece o terror e o fator surpresa, foi possível constatar que alguns sujeitos que estiveram muito próximos do acontecimento da explosão, e que milagrosamente salvaram suas vidas, caíram numa espécie de desorientação espaço-temporal, e ficaram perambulando perdidos durante muitas horas, sem que as coordenadas habituais de sua realidade estivessem disponíveis para eles.

O advento sempre é da ordem da emergência. Em espanhol, esse termo (*advento*) tem dois dignificados: por um lado, serve para indicar algo que tem relação com o verbo “emergir” (“surgir da água” e também “brotar”); por outro, o do substantivo “emergência”, que indica acidente ou sucesso que sobrevém de forma imprevista (por exemplo, um “estado de emergência”). Como aponta Colette Soler, um advento pode ser algo esperado ou imprevisto, novo, inesperado.

Voltando às circunstâncias de “A terceira”, o

1 LACAN, J. *Actas de la Escuela Freudiana de París – VII Congreso de Roma*. Barcelona: Ed. Petrel, 1980.

2 LACAN, J. *O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise (1969-1970)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992, p.196.

texto que, de alguma forma, foi considerado introdutório ao seminário *RSI* (1974-1975), Lacan dá uma conferência de imprensa que nos situa plenamente numa das arestas de nosso tema, que é o dos adventos do real, enfatizando especialmente, nesse momento, a dimensão do real da ciência e suas consequências na subjetividade. Suas duas respostas são afiadas, e, em certos momentos, provocam um afeto que faz despertar, ao que hoje podemos conferir um valor antecipatório surpreendente. Acrescenta à série dos impossíveis freudianos – educar, governar e analisar – a posição do cientista: “A ciência tem uma probabilidade, é uma posição totalmente impossível, só que ela ainda não tem a menor ideia disso”.³ O único “brotinho” que temos disso é que as vezes os cientistas se angustiam, e isso nos dá alguma pista. A psicanálise aparece correlativamente a um certo avanço do discurso da ciência, e Lacan, evocando o *Mal-estar na civilização*, afirma que a psicanálise é um sintoma que faz parte desse mal-estar, e acrescenta: “o sintoma é o que há de mais real”.⁴ Além disso, com relação ao psicanalista, ele diz que este se encontra num momento de mutação, já que, “por um breve momento, pudemos nos dar conta daquilo que era a intrusão do real. O analista, por sua vez, permanece ali. Ele ali está como um sintoma, e só pode durar como sintoma. Mas vocês verão que vão curar a humanidade da psicanálise. De tanto afogá-la no sentido”.⁵

A psicanálise, a partir do acontecimento Freud na Cultura, com o descobrimento do inconsciente, nos outorga um novo modo de tratamento do real. Freud e seu dizer que assinala que “isso deve advir”.

L'analyste, lui, en reste là. Il est là comme un symptôme, et il ne peut durer qu'au titre de symptôme. Mais vous verrez qu'on guérira l'humanité de la psychanalyse. À force de le noyer dans le sens”.

Proponho escandir o título de nosso X Encontro, considerando, por um lado, o sintagma “adventos do real”, no plural, tal como foi ressaltado nos pré-textos que já circularam, e, por outro, o psicanalista, que se encontra preocupado por tais

adventos, tanto em sua prática clínica quanto pelo que é veiculado nos discursos da cultura e seu mal-estar.

Enumeremos, então – de forma não exaustiva e meramente indicativa – alguns modos do advento do real que nossa prática clínica convoca fatalmente: as marcas de fixação de gozo traumático em sua irreducibilidade, a viscosidade e a inércia da libido no sintoma, a angústia, a irrupção da repetição em sua dimensão de *Tykhe*, a colocação em causa do objeto *a* no discurso analítico no lugar de agente, fazendo cair os véus das identificações, ao quais, paradoxalmente, a própria transferência, em seu momento de instalação como SsS haveria oferecido um véu, e, por fim, um S_1 no lugar da produção, ao qual, pela via do desejo do analista, como desejo de obter a diferença absoluta, o sujeito, afrontado pelo significante primordial, “vem, pela primeira vez, à posição de se assujeitar a ele”.⁶ A análise, como sugere Lacan no *Seminário 11*, requer certa valentia, já que conduz, como nenhuma outra práxis, ao osso do real. A psicanálise depende do real, tanto daquele que emerge em uma análise quanto daquele que é efeito da ciência e da tecnologia na civilização. Cabe a nós, praticantes da psicanálise, sustentar o discurso do analista, nesta época do capitalismo, cujo real é que justamente não promove os laços sociais. Nossa política deve responder a ele, sem desconhecer suas consequências, e seguir apostando, então, no laço social inédito inventado por Freud, o laço analista-analisante, que implicou o advento de algo que não encontra nenhum modelo nas relações habituais que mantemos com nossos semelhantes. É talvez por esta via que Lacan também aspirava que a psicanálise tivesse algo novo para dizer sobre o amor, já que ele postula o advento de um novo amor, que não desminta o real da impossibilidade da escrita da relação/porção sexual...

Ressaltemos que, do mesmo modo que em 1974, Lacan evocava os 20 anos de “sua primeira”, a conferência de Roma de 1953, nosso encontro em Barcelona também marcará os 20 anos da criação da Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano, isto é, da colocação em primeiro plano da clínica do gozo e do real que o atravessa. Uma fundação que se originou no questionamento do mau uso do UM, e, por conseguinte, tendendo ao pensamento único

3 LACAN, Jacques. “La troisième” – VII^{ème} Congrès de l'École freudienne de Paris, Rome (31/10 – 3/11/1974). No original: “La science a une chance, c'est une position impossible tout à fait également, seulement elle n'en a pas encore la moindre espèce d'idée”.

4 *Ibid.* No original: “le symptôme, c'est ce qu'il y a de plus réel”.

5 *Ibid.* No original: “Pendant un petit moment, on a pu s'apercevoir de ce que c'était que l'intrusion du réel”.

6 LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988, p. 260.

na instituição analítica. Esses são os significantes que, todavia, nos representam. Teremos a oportunidade de recordar isso, mas também dedicaremos metade de uma jornada para debater sobre a política do Campo Lacaniano hoje. Quais foram seus efeitos, seus resultados, e, não menos importante ainda, atendendo às particularidades que as distintas zonas de nosso conjunto internacional apresentaram. As fortes crises políticas, sociais e ideológicas que prevalecem hoje em nosso mundo do capitalismo globalizado podem ser lidas – em parte – a partir das potentes ferramentas conceituais da psicanálise. Freud e Lacan se ocuparam suficientemente da relação entre a psicanálise e a política. Para nós, analistas do campo lacaniano, trata-se da política do gozo em seus diferentes enodamentos. O gozo, que com seu caráter entrópico constitui uma espécie de economia política, e a segregação que é inerente à estrutura do *parlêtre*, o gozo segrega, separa. O que não é o mesmo que o racismo ou a discriminação. Lacan dizia que o inconsciente é a política, isto é, que o analista no consultório trabalha com isso e com o objeto *a* como semblante. Fora do consultório, ele pode ter uma posição ideológica política qualquer, inclusive mais ou menos fanática, com a condição de que isso não interfira em sua escuta. Hoje, um colega me contava que uma analista lhe havia dito que não aceitava pacientes “gorilas”⁷, termo que, na gíria local, hoje é utilizado para designar alguém muito de direita... Penso que nossa política de tratamento do real da segregação na instituição analítica deve se subordinar à política de estar separados juntos, dos dispersos desparelhados.

O real da ciência e a segregação

Não são poucos os lugares nos quais Lacan adverte sobre o que poderia advir do real. Na “Proposição de 9 de outubro de 1967”, dirigida aos analistas da Escola, ele também se ocupa disso, e adverte sobre o real da ciência. Recentemente, esse texto fundante de nossos princípios completou 50 anos de publicação, e não deixa de ser surpreendente o poder antecipatório de que falávamos acima.

Cito: “No real da ciência que destitui o sujeito de modo bem diferente em nossa época quando

7 Algo próximo ao sentido que o termo *bolsominion* – isto é, fãs ou seguidores do deputado brasileiro Jair Bolsonaro (deputado do Partido Social Cristão do Rio de Janeiro, conhecido por suas posições extremas, violentas e polêmicas) – vem adquirindo

apenas seus partidários mais eminentes, como um Oppenheimer, perdem acabeça”⁸.

Hoje temos as neurociências, que, em suas versões mais radicalizadas, prescindem por completo da dimensão do sujeito, além de serem poderosas aliadas do “pujante” mercado capitalista dos laboratórios. Lacan também se pronuncia sobre isso na “Proposição”, e lemos que “nosso futuro de mercados comuns encontrará seu equilíbrio numa ampliação cada vez mais dura dos processos de segregação”⁹ e, graças aos efeitos de universalização da ciência, vislumbra certos reordenamentos dos agrupamentos sociais como consequência desta universalização.

Por último, Lacan indica “três pontos de fuga” como uma espécie de projeção de nosso horizonte; trata-se do que, como psicanalistas, deveremos ter em perspectiva, daquilo que não poderíamos deixar de nos ocupar, colocando em jogo a psicanálise em extensão, enodada, porém, à hiância da psicanálise em intensão.

Ele situa, então, como terceira incidência, aquela que provém do real, e a conecta com o campo de concentração e a segregação, e convoca os psicanalistas a se ocuparem disso, sem desviar o olhar. O real da segregação no grupo analítico e na civilização. Com relação à segregação, é interessante lembrar que Lacan reconhece a fraternidade, uma de suas formas mais nítidas, e se faz tanta falta recordar que somos irmãos, é porque, em algum ponto, não somos...

Devemos levar em conta o real da ciência e da tecnologia em nosso horizonte, para conhecermos suas novas formas e podermos operar sobre os novos reais em sua incidência subjetiva, pelos novos gozos ofertados e a proliferação de *gadgets* a serem consumidos. Freud, em *Mal-estar na civilização*, pensava que essa submissão pura e simplesmente aos avanços da ciência e da tecnologia não implica, em si, um avanço no bem-estar da humanidade.

É tarefa da psicanálise se *aggiornar* e dialogar com os discursos existentes, já que nosso dever é não ignorá-los. A ciência avança inexoravelmente, ainda que não se saiba exatamente para onde, e, como afirma Lacan, seus efeitos geralmente são consideráveis providenciais, isto é, parte-se da premissa de que isso vai na direção de proporcionar bem-estar ao homem. Não se trata de se opor a isso

8 LACAN, Jaques. “Proposição de 09 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola” In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 257.

9 *ibid.*, p. 263.

e reivindicar os benefícios que poderiam trazer um retorno à idade da pedra. Trata-se de refletir acerca de seus efeitos, como fizeram Freud e Lacan, dado que eles transformam a subjetividade de nosso tempo, e o sujeito sempre deve assumir diante deles uma posição ética e, por conseguinte, implicam um juízo íntimo, uma decisão e uma escolha. É aí onde o discurso do analista pode ter uma incidência.

O real que produz a ciência é o mesmo real da psicanálise? Isso poderia ser discutido, mas, em todo caso, podemos convir que o gozo é o real da psicanálise, com o qual operamos e intervimos, produzindo mutações, transformações, seres mutantes, habitantes de um mundo que tem o privilégio, ou o infortúnio, de certa condição de extraterritorialidade...

Tradução: Cícero Oliveira
Revisão: Sandra Berta

Referências bibliográficas

- LACAN, J. *Actas de la Escuela Freudiana de París – VII Congreso de Roma*. Barcelona: Ed. Petrel, 1980.
- LACAN, Jacques. “La troisième” – VII^{ème} Congrès de l’École freudienne de Paris, Rome (31/10 – 3/11/1974).
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- LACAN, J. *O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise (1969-1970)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- LACAN, Jacques. “Proposição de 09 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola” In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

6 Política do real?

PATRICIA MUÑOZ

Isso é o que se produz em todo conglomerado humano quando os seres recrutados se situam nesse real em nome de princípios muito diferentes dos que anteriormente permitiram constituir uma classe. O fato de que essa classe, conservando o mesmo nome, esteja habitada por uma espécie muito diferente de indivíduos, é suscetível de transformar inteiramente não certas estruturas fundamentais, mas a natureza do discurso [1]

Tento encontrar um ponto de junção entre o tema de nosso X Encontro Internacional – “Adventos do real e a Psicanálise” – e o tema do debate, proposto pelo CRIF, sobre a atualização da política do Campo Lacaniano por ocasião dos vinte anos da IF. Um enodamento entre a política da Instituição, a política do tratamento e sua incidência na política do social.

Pois bem, usarei as duas versões, oral e escrita, da *Proposição* que Lacan faz à sua Escola e que, mais tarde, relaciona aos acontecimentos de maio de 68. Considero que há aí uma posição política originada da experiência analítica.

Lacan, a partir da topologia do plano projetivo, nos indica que é no próprio horizonte da psicanálise em extensão que se enoda o círculo interior que a psicanálise em intensão traça como *hiância*. Centra esse horizonte em três pontos de fuga em perspectiva, pertencendo, cada um deles, a um dos três registros: Simbólico, Imaginário e Real. Lacan diz que nossa experiência se constitui na colusão desses três registros na heterotopia.

“Trata-se de justapor em um lugar real vários espaços que normalmente seriam, ou deveriam ser, incompatíveis, gerando assim um espaço outro determinado pelo mesmo modo como se produz a colusão dos registros, aos quais respondem cada uma dessas facticidades”[2]. Retomarei a terceira facticidade, o terceiro ponto de fuga, chamado por Lacan de “real, sumamente real”[3] e “o que torna dizível o termo campo de concentração”[4], sobre o qual afirma que os pensadores vagaram do “humanismo ao terror”[5]. Lacan nos diz que os campo de concen-

tração são precursores do que irá se desenvolvendo como consequência do remanejamento dos grupos sociais pela ciência e pela universalização (*).

Vemos nessa exposição de Lacan um enodamento que considero mais evidente na versão oral da *Proposição*. É um enodamento que, nos desenvolvimentos posteriores, tem igualmente seu centro no objeto *a*. Lacan nos diz: “É essencial designar a forma do zero que (essa é a meta de nosso 8 interior), situada no centro de nosso saber [...] se não se souber dizer que estrutura lógica o substitui “no centro” [...] qualquer um poderá entrar nesse lugar (inclusive os discursos sobre a bondade)[6] Trata-se da *hiância* a constatar, preservar e aceitar, como núcleo do real impossível. Oito interior que enoda extensão e intensão.

É importante assinalar que Lacan enunciará, na mesma época, sua noção de “Campo Lacaniano”, campo dos gozos. Diferente do campo do inconsciente freudiano, esse novo campo está relacionado à produção teórica sobre os discursos e, com isso, passa do campo restrito da cura analítica à abordagem do coletivo, articulando assim o sujeito individual e o mundo em que se inscreve, partindo daquilo que lhe ensina a experiência analítica. O que podemos dizer que advém da experiência analítica?

Na atualidade é evidente o desbordamento do real prognosticado por Lacan[7], advento do real de que depende o analista e ao qual deve contrariar. O discurso capitalista apoiado pela ciência é um discurso que deixa os sujeitos com seu gozo solitário e sem possibilidades de fazer laço social. Afeta também o estatuto dos sujeitos, já que os usa, deixando-os em posição de objeto; mais ainda, recusa tudo aquilo relacionado ao amor, produzindo um retorno no real sob a forma de solidão, tédio e violência.

De fato, vemos também que isso que Lacan, em *A terceira*, chamava de ficção científica, agora não é nenhuma ficção, está entre nós. Considero cumprido aquilo que ele ali predisse e também que isso não nos levou à “apatia do bem universal”, e sim à conjunção de Kant com Sade. Como diz Colette Soler, “a vontade de gozo de Sade – essa vontade sadiana

de um gozo não sublimado – brinda a verdade de Kant... o mundo da lei kantiana produz a mesma coisa: querendo expulsar o gozo, obtém-se o mesmo resultado do que aquele que o persegue incondicionalmente”[8]. Sem dúvida, hoje em dia, há um empuxo ao gozo.

Como entender a afirmação de Lacan de que “o analista tem por missão de lhe contrariar?”[9] Lacan nos alertava quando dizia que os campos de concentração são precursores daquilo que nos espera. Vimos os efeitos do discurso capitalista e da ciência, os quais produzem a queixa e a insatisfação, o clamor, que, para a psicanálise, são estruturais e indestrutíveis. Considera-os fatos existentes e essa é sua maneira de fazer frente ao real. Sabemos que disso depende seu porvir.

A propósito, quando disseram a Lacan que era pessimista[10], ele respondeu: “É que o homem sempre soube se adaptar ao mal”[11]. E continua dizendo: “O único real concebível ao qual temos acesso é precisamente este e é necessário dar uma razão”[12]. Nos diz que “não se situa nem entre os alarmistas nem entre os angustiados”[13]. Creio que é precisamente isso que faz Lacan em suas reflexões teóricas, conferências e escritos, especialmente no percurso temporal que tracei, desde a *Proposição* até *A terceira*. A rigor, sabemos que a psicanálise não oferece solução aos problemas sociais. Tem, entretanto, incidência no coletivo via mediação do individual. “Pulmão artificial”, diz Lacan[14].

Efetivamente, a epígrafe deste pré-texto, ainda que se refira às instituições analíticas, é aplicável também aos outros discursos e aos indivíduos que se refugiam sob eles. O efeito de uma psicanálise, ainda que seja no um a um, permite enfrentar de outra maneira aquilo que não anda, o real impossível, e produz efeitos no discurso que habitam, dado que o discurso analítico traz à luz o real não coletivizável.

Enfrentamos um impossível, esse real que é preciso ratificar, pois o “clamor” não faz senão confirmar sua impossibilidade. Em *A terceira*, Lacan traz as três categorias – Simbólico, Imaginário e Real – e, por meio da onomatopeia, evoca seu trasfegar teórico, retornando sempre aos mesmos sulcos, fazendo desse modo “disco”, “discurso” e “dito”. Isso retorna, é a cada vez a primeira[15]. Como dizia Lacan na entrevista em Roma, à qual fiz referência anteriormente, é preciso dar-se uma razão; creio que, com Colette Soler, podemos dizê-lo: obstinação, perseverança e insistência?[16].

Tradução: Maria Cláudia Formigoni.
Revisão: Sandra Berta

- [1] Lacan, Jacques. Sobre la experiencia del pase. In: *Ornicar?*, nº1, Sobre el saber del psicoanálisis. Publicación periódica del Campo Freudiano, p.31.
- [2] Cruglak Clara “Notas de un subrayado: Sobre la Proposición del 9 de octubre”. http://www.efbaires.com.ar/files/texts/TextoOnline_2013.pdf.
- [3] Lacan, Jacques. (1967) Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p.263.
- [4] *Ibid.*, loc.cit.
- [5] *Ibid.*, loc.cit.
- (*) Michel Bousseyroux, nos capítulos 1 e 2 de seu texto *Penser la psychanalyse avec Lacan* (Ed. Érès, 2016), traz referências muito importantes sobre a posição de Lacan frente ao discurso universitário nessa época.
- [6] Lacan, Jacques. Primeira Versão da “Proposição de 9 de Outubro de 1967 sobre o Psicanalista da Escola. In: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p.578.
- [7] Lacan, Jacques (1974) La tercera. In: *Intervenciones y textos 2*. Argentina: Ed. Manantial, 1991, p.87. Tradução livre.
- [8] Soler, Colette. Curso 2005-2006: La Tercera de Jacques Lacan. España: Ed. Los monográficos de pliegues, Federación de Foros del Campo Lacaniano F-7, p.153. (Tradução livre). Em francês: *L'analyste, lui, a pour mission de le contrer*
- [9] *Ibid*
- [10] Entrevista realizada em Roma pela revista *Panorama*, publicada em 21 de dezembro de 1974. <https://redaprenderycambiar.com.ar/la-dificultad-de-vivir-jacques-lacan/>
- [11] *Ibid.*
- [12] *Ibid.*
- [13] *Ibid*
- [14] Lacan, Jacques. « *L'analyse c'est le poumon artificiel grâce à quoi on essaie d'assurer ce qu'il faut trouver de jouissance dans le parler pour que l'histoire continue* », *Déclaration a France Culture 1973*, publicado em «Le Coq-Héron», 46-47, 1974, pp. 3-8 (www.valas.fr/Jacques-Lacan-Déclaration-a-France-Culture-en-1973,083).
- [15] SOLER, C. Curso 2005-2006: La Tercera de Jacques Lacan. España Ed. Los monográficos de pliegues, Federación de Foros del Campo Lacaniano F-7, p.11
- [16] *Ibid.*, p.10.

7 O re-advento do real

COLETTE SOLER

Lacan evocou alguns adventos do real que, sob Los efeitos da ciência e de seus poderes técnicos, mudam nossa realidade social, tanto quanto as glosas que os acompanham na cultura.

No entanto, não está aí, a meu ver, o assunto de nosso Encontro, que celebra os 20 anos do Campo Lacaniano. À expressão “adventos do real”, nosso título acrescentou o psicanalista. Ora, o psicanalista só tem, em princípio, uma política – a da psicanálise –, pois seu objeto é a clínica dos sujeitos sob transferência no discurso analítico. É aí que devemos interrogar o que ali advém do real e que poderia interessar nosso momento da civilização – se soubermos nos fazer ouvir e entender.

Esses adventos do real já foram formulados na psicanálise sob a pena de Freud e de Lacan, mas com outras palavras, basta reconhecê-las aí para saber sobre o que teremos que conversar durante esse Encontro. Essas palavras não são muito abundantes: traumatismo na origem de toda neurose, diz Freud; castração sem ter como recorrer, dixit Freud ainda, e a vida amorosa feita de repetição, tique e sintoma, *fixion*, como já evoquei.

Todos esses termos dizem respeito ao estatuto dos gozos do ser falante, ou seja, aquilo que Lacan chamou de “campo lacaniano”, do qual cada sujeito não pode evitar experienciar aquilo que chama de vida, mas do qual o analista faz com que cada analisante, irremediavelmente, mensure o alcance.

Todos veiculam o dito de Freud, enunciado e condensado por Lacan, “não há relação sexual”.

Todos designam um real que procede, segundo a hipótese lacaniana, do corpo de gozo afetado pela linguagem.

Ora, esse é um real que já adveio para cada analisante, que chega e vem dizer que isso não produziu boa hora/felicidade [*bon heure*], mas, an-

tes, mal-dição [*malé-diction*], segundo Lacan. Com efeito, aquilo que o analista recebe, em primeiro lugar, é a queixa tumultuosa que responde a esse real advindo.

Nossa questão incide, portanto, sobre o discurso analítico em si.

Inicialmente, sobre as ocorrências clínicas particulares desse real que a análise permite reconhecer, assim como as respostas que cada analisante traz a isso.

Em seguida, sobre as transformações que a própria análise introduz. Será que o ato analítico não assegura o re-advento sob transferência desse real do traumatismo que já adveio? Foi assim que isso foi abordado, de forma confusa, e, portanto, inexata, na história da psicanálise, com a ideia da cura reeditando as condições da neurose.

Uma questão, então, se coloca: se o clamor neurótico dos sujeitos respondeu ao primeiro advento traumático do real, não é possível esperar que o segundo, aquele que re-advém na análise e que ilumina o primeiro, possa dar ao sujeito a oportunidade de adquirir coragem, em outras palavras, de renunciar à sua queixa para enfrentar o destino que seu inconsciente lhe produziu?

Se ele conseguir isso, talvez poderá tentar transmitir, no passe, algo daquilo que encontrou e aprendeu com propriedade, mas que também vale para outros. Pois esse é o alcance político do passe de Lacan: testemunhar algo do real que advém a cada falante. Esse real não conhece nem as fronteiras, nem as culturas, ele é o próprio objeto da mensagem universal da psicanálise, desde que ela exista.

Tradução: Cícero Oliveira
Revisão da tradução: Sandra Berta

8 Quebrando as barreiras do pudor: o advento do real do sexo

SUSAN SCHWARTZ

O que poderia a imagem de Vênus, ou mesmo de Lolita, ensinar aos analistas? – pergunta Lacan em 1961, na lição final do Seminário VIII, *A transferência*. Ele versava sobre a relação entre o objeto de desejo – o traço essencial, na experiência analítica, em sua função dupla de objeto parcial e obturador fundamental – e seu efeito libidinal, em relação ao narcisismo e a seu núcleo central. O falo é isso ao redor do qual o investimento máximo é conservado e o objeto parcial fica elidido, deixado em branco na imagem que foi tão investida. Neste contexto, ele introduz a Vênus de Botticelli, a forma deslumbrante de Vênus se levantando das águas, “o corpo erigido acima das vagas do amor amargo”². Dentro de esta imagem da beleza, ereta no ápice da fascinação do desejo, diz ele, há um espaço em branco que está envolto pelo máximo de investimento. Lacan modifica a equação de Fenichel, *Girl = Phallus*, para demonstrar que, enquanto a imagem é investida com todos os atrativos, com todas as moções pulsionais que a circunscrevem, o falo é à condição de que ele não esteja lá. Assim, ele é o pivô na constituição de todos os objetos do desejo. Como ele o assinala em “A significação do falo”, a problemática do falo é intrínseca à sexualidade feminina e levará à conceituação do não-todo e do Outro gozo no Seminário XX, *Mais ainda*.

A questão de Lacan, acima, parece continuar sua discussão sobre a beleza como barreira ao real na deslumbrante forma de Antígona, do Seminário VII, *A ética da psicanálise*. A beleza de Antígona não só nos fascina, como ela “detém o

sujeito diante do campo inominável da destruição absoluta”³. É uma barreira que, na análise, o saber-fazer do analista busca romper. Lacan também concede ao pudor (*pudeur*) a função de barreira ao real e faz várias referências ao pudor enquanto aquilo que vela e, ao mesmo tempo, chama atenção para o que foi velado. Ele não o diz apenas em relação com o velamento do falo, mas o pudor também é, acima de tudo, uma barreira ao saber inconsciente. No Seminário VII, ele afirma que: “A omissão desta barreira, que conserva a apreensão direta do que há no centro da conjunção sexual, parece-me estar na origem de todo tipo de questão sem saída, e, propriamente falando, no que se refere à sexualidade feminina”⁴.

Ele comenta sobre a função do pudor, em 1974, no Seminário XXI, *Les non-dupes errent*, em relação com *A ética*. Após haver dispensado a utilidade de Deus, da Verdade e da Beleza – os “corpos gloriosos” que vemos celebrados na arte – ele afirma que, na experiência analítica, a verdade, na medida do que dela pode ser dito, é que o corpo se dirige ao gozo e que o sexo está especificamente ligado à morte do corpo. Ele se pergunta se seu nó borromeano nos permitirá ir além deste rodeio de gozo, corpo e morte.⁵

O real que torna impossível escrever a relação sexual significa que são necessários três para fazer o dois do amor. Que a não relação seja o limite do simbólico e, assim, do que é significável, fica evidente no discurso analítico, no qual a relação entre o analista, como suporte do objeto *a*, e o analisante, o sujeito dividido, também é marcada como impossível. O objeto *a*, como causa de desejo, é, precisamente, o que não é representável ou especularizável no sujeito. É real, êxtimo e,

1 Freud comenta em “Além do princípio de prazer” que o trauma implica “uma ruptura numa barreira, sob outros aspectos eficazes contra os estímulos”. FREUD, S. (1920). Além do princípio de prazer. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 40.

2 Lacan, J. (1960-1961) O Seminário, livro 8: *A transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992, p. 372.

3 Lacan, J. (1959-1960) O Seminário, livro 7: *A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997, p. 265.

4 *Ibid.*, p. 358.

5 Lacan, J. (1973-1974). O seminário, livro 21: *Les non-dupes errent (Os não tolos erram – Os nomes do pai)*. Lição de 12 de março de 1974, inédito.

portanto, o ponto mais obscuro do seu ser. É esta dimensão não significável, sempre traumática, que Lacan tem em mente quando, na segunda lição de *Les non-dupes errent*, fala do “horror gélido” ao saber inconsciente frente ao qual o discurso analítico não se acovarda. Ele se referirá a isto como *troumatisme* – o trauma do furo [*trou*] – que é constitutivo para o sujeito, na colisão do corpo com a linguagem.

Lacan faz um comentário enigmático na lição de 12 de março de 1974: “[...] a única virtude [...] se não há relação sexual como anúncio, é o pudor”⁶. Uma vez que a virtude é uma noção que Lacan considera antitética à psicanálise, por sua conexão com o Bem⁷, estaria ele sendo irônico? Penso que não. Há uma ambiguidade a respeito do pudor enquanto afeto, na medida em que ele chama atenção ao que está sendo escondido, mas também é um limite que precisa ser rompido em análise. É neste contexto que eu coloco a questão sobre o que o movimento contemporâneo #MeToo teria a dizer aos analistas, em termos de suas consequências clínicas, em relação ao advento do real no encontro traumático do sujeito – do sujeito feminino, particularmente – com o sexo enquanto diferença radical? Certamente, estas lindas mulheres, que conhecemos enquanto imagens e que foram apresentadas, pela mídia, como heroicas, corajosas e bravas, foram iniciadas aos ritos de Hollywood quando foram tomadas de surpresa por um ou outro Sileno itifálico. Elas falam de medo, da cólera e da sua impotência. Mas o que alimenta esta fúria? Um psicanalista poderia apontar para o efeito de devastação: sua castração irremediável e o efeito traumático no corpo do gozo que expõe o limite do poder significante do falo. Não há recursos para a deslumbrante menina-fálica ou para aquela que contém o objeto agalmático quando se é o objeto do gozo do Outro. O real advém. O furo que aparece está sendo agora recoberto por semblantes: vítima, vingadora.

Em francês, “*attentat à la pudeur*” – literalmente, ataque ao pudor – denota “exposição indecente” e também “ataque indecente”. No mundo anglófono, a publicação diária, desde outubro passado, de detalhes lascivos de tais incidentes e a

queda de um homem poderoso após o outro teve um efeito transferencial em vários de meus analisantes, tanto masculinos quanto femininos, e com modos obsessivos e histéricos de resposta. Tem havido um tipo de ação retroativa substituta, na qual associações a advenços do real, já passados, produzem-se através de uma reação pessoal acerca de um evento no presente. Significativamente, o efeito predominante tem sido a angústia – não sem objeto, como Lacan diria, mas como furo na significação – acompanhada de modos variados por culpa e vergonha, ímpeto em expulsar e destruir o outro perturbador, compulsões à confissão, embaraços sobre aquilo da sexualidade do analisante que já havia sido exposto. Tais efeitos têm sido eficazes nas análises enquanto indicações do sintoma e da aproximação ao real. Mesmo quando ocorreram inibições, causadas pela percepção repentina do analista como um juiz, não foi algo sem benefícios à elaboração. No entanto, como Lacan diz na lição de 12 de março, o bem dizer (*le bien dire*) é suficiente “para chocar, mas ele não viola (*viole*) o pudor”.

Diferente do movimento francês #*balan-cetonporc* (dedure seu porco), o nome #MeToo é um convite à identificação. No horror expresso por estas jovens, há uma expressão contemporânea do encontro traumático com o real do sexo que teve um efeito social pronunciado. Ao mesmo tempo, há uma tentativa de encobrir este real com narrativas acaloradas por parte de todos aqueles que participam. Será que a terceira forma freudiana de identificação, de *Psicologia das massas e análise do eu*, oferecer-nos-ia aqui alguma perspectiva? Ele fala sobre uma formação de sintoma que brota da identificação que não está baseada em nenhuma relação de objeto, mas em uma “infecção mental” – termo de Freud –, pautando-se na possibilidade do desejo ou no desejo de se colocar na mesma situação; identificação através do sintoma como uma marca de coincidência entre dois Eus⁸. Para Lacan, a terceira forma de identificação de Freud torna evidente o desejo de sustentar o desejo “no ponto de identificação puramente imaginário do qual o histérico permanece cativo, porquanto

6 *Ibid.*, « ...la seule vertu, si il n'y a pas de rapport sexuel, comme je l'énonce, c'est la *pudeur* ». <http://staferla.free.fr/>

7 Lacan, J. (1959-1960) O Seminário, livro 7: *A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997, p. 351.

8 Freud, S. (1921). *Psicologia de grupo e análise do Ego*. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução J. Salomão, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 117.

sua fantasia implica seu visgo”⁹. O que fornece orientação ao analista: a fantasia que sustenta o desejo tenta fazer existir a relação sexual e deve ser atravessada.

Em *Les non-dupes errent*, logo após esta referência ao pudor e à não relação sexual, Lacan diz: “o amor é apaixonante, por mais que isso implique que se siga a regra do jogo.”¹⁰. Porém não sa-

9 Lacan, J. (1958) A direção do tratamento e os princípios do seu poder. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998, p. 645.

10 Lacan, J (1973-1974). O seminário, livro 21: *Les non-dupes errent*. (*Os não tolos erram – Os nomes do pai*) Lição de 12 de março de 1974, inédito.

bemos as regras, temos que inventá-las, utilizando o discurso analítico para tanto. O real ex-siste porque não há discurso sobre o gozo – o corpo é uma substância gozante, e goza mais ou menos bem. Por isto, o gozo requer o nó, o enodamento com o simbólico e o imaginário. Na análise, a função de barreira do pudor, é a de ser um indicador do que está escondido, de marcar com um X o lugar onde se encontra o tesouro inconsciente: no ponto no qual o pudor está atacado e onde o real repentinamente aparece. Talvez este seja o motivo pelo qual Lacan brinca com seu título “*les non-pudes errent*” (os não pudicos erram): uma brincadeira, *mas com um sério intento analítico*.

Tradução: Leonardo Pimentel
Revisão da tradução: Sandra Berta

9 Do real advindo pela análise

ELISABETE THAMER

« Sê quem tu és, aprendendo. »
Γένοι' οἴοξέσσιμαθών.
“Werde, welcher du bist, erfahren.”

PINDARE, PYTHIQUES, II, VERS 72

Partirei de uma questão que foi colocada por Rithée Cevasco e Colette Soler, respectivamente nos Pré-textos 3 e 7, e que reformulo da seguinte maneira: Haveria advento – ou re-advento – do real em e por uma análise? Se é o caso, como isso pode acontecer em uma prática de fala? Quais são suas consequências?

No relatório do seminário “...ou pior”, Lacan afirma que o dispositivo analítico – inventado por Freud – é um procedimento “pelo qual o real toca no real”. Ora, se o dispositivo analítico é, segundo Lacan, essencialmente a associação livre, devemos admitir que esta prática de fala comporta, em seu próprio exercício, o advento possível de um certo real. A afirmação de Lacan pode ser esclarecida através do matema do discurso analítico que ele articulou, e que inclui notadamente dois impossíveis. Um, o do “real que toca”, encontra-se escrito na parte superior do matema, entre a e $\$$, e descreve o procedimento analítico: o objeto causa a fala analisante, *mas* não pode dizer seu objeto nem colmatar a divisão do sujeito. O outro, o do “real tocado” pela análise, encontra-se escrito na parte inferior, com a barreira que separa verdade e produção (S2//S1). O S1, que o consideremos como significante primeiro, significante-mestre ou letra de gozo, não alcançará o S2, que o consideremos como significante segundo ou como saber. Isso nos mostra que o próprio discurso analítico instala, no coração da experiência, as condições de possibilidade para que um certo real advenha na e pela análise.

Trata-se, contudo, de algo essencial para o final da análise?

Nos anos setenta, Lacan redefiniu o sintoma e o inconsciente, deslocando seu núcleo essencial para o real: “O sintoma é real”. O interesse dessa

mudança de direção é, portanto, clínica e interessa intimamente ao final de análise e ao passe. Como a análise poderia “tocar no real”, senão por um novo advento do real, desta vez advindo no tratamento?

Uma análise não pode evidentemente reeditar ou voltar atrás com relação a um advento do real prévio a esta. Ela não pode, tampouco, levantar o que está Urverdrängt nem liberar o acesso à letra do sintoma coalescente, o que, por definição, me parece impossível. O que está em jogo é que o analisante possa conseguir apreender, pela análise, que é o real que está no coração de seu sintoma assim como das outras formações de seu inconsciente. Não há final de análise sem que o analisante tenha podido provar, nos dois sentidos do termo, que o substrato de seu inconsciente é real, o que inclui, portanto, o sintoma refratário ao deciframento.

Isso não é algo simples de se obter, pois o ser falante sempre teve propensão a dar sentido a tudo o que lhe acontece, a decifrar seus sonhos e nós dispomos de abundantes testemunhos antigos que vão nessa direção (cf. o sátiro/sa-Tyr de Alexandre ou os Discursos sagrados de Aelius Aristides). Existem muitos exemplos que corroboram o que Lacan afirmou, no mesmo texto “...ou pior”, ou seja, que o inconsciente tem no simbólico “sua matéria pré-formada”. O desafio da análise é então o de responder de outro modo à demanda de interpretação, à demanda de sentido, isto é, de interpretar de outra maneira, de modo que, ao final, se produza um corte definitivo do “turbilhão de semantofilia” no qual o sujeito estava fissurado.

Segundo as indicações de Lacan, confirmadas em certos testemunhos de passe, o saber inconsciente próprio ao ICSR, ou seja, fora de sentido, é um saber *que se manifesta*. Ele se manifesta como fora de sentido no tempo restrito de sua própria manifestação, ou seja, em um lapso de tempo reduzido, como um clarão, pois não há frequentação possível desse real. Que esse saber se manifeste quer dizer que ele escapa, pela primeira vez, às elucubrações interpretativas *hystorizantes* da análise.

Esse momento realiza, ao mesmo tempo, um corte com relação ao sentido e ao saber suposto ao analista. Eu situaria, aí, o fruto do discurso analítico pois, colocando um termo às expectativas transferenciais, esse advento do real promovido *pela* análise abre o caminho para a identificação com o sintoma ou, dito de outro modo, ao que resta a suportar.

O inconsciente sempre foi “real”, do início ao final da análise, o problema é que o ser falante transforma todos os seus gozos em sentido. Disto provém uma dimensão do final de análise que a estrutura do discurso analítico não pode programar, pois cada sujeito tem mais ou menos propensão a gozar do sentido e da busca da verdade.

Esse retorno ao fora de sentido, certamente efêmero, marca contudo um ponto de não retorno da demanda analisante, cujos efeitos se encontram do lado do sujeito: surpresa alegre, deflação irrevogável do gozo do sentido (*joui-sens*). É isso que constitui a prova do final, e não as elucubrações que podemos fazer sobre o que ocorreu.

Esse re-advento do real na análise, pelo fato de esclarecer a real natureza do precedente, traumático (*troumatique*), inverte o sintoma-tipo que lhe correspondia: não mais angústia, senão afetos agradáveis, que os chamemos entusiasmo, satisfação, alegria... *Efetos* (efeitos e afetos) positivos que,

afetando o sujeito e seu corpo, são signo de que sua análise terminou. O sujeito poderá enfim deixar ao real o que pertence ao real.

1. São Paulo, 2012, p. 220; trad. alemã de Friedrich Hölderlin, in *Sämtliche Werke und Briefe*, v. 3. Berlim: Aufbau Verlag, p. 278.
2. J. Lacan, “...ou pior”, in *Outros escritos*, trad. V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 545.
3. J. Lacan, O seminário « RSI », inédito, lição de 19 de novembro de 1974.
4. Sobre o sonho de Alexandre, ver S. Freud, “A interpretação dos sonhos”, in *Obras completas*, vol. IV, Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976, p. 134, nota 1; Aelius Aristide, *Discours sacrées*, introd. et trad., A. J. Festugière. Paris: Macula, 1986.
5. J. Lacan, “...ou pior”, em *Outros escritos*, op. cit., p. 545.
6. J. Lacan, “O aturdido”, em *ibid.*, p. 497.
7. Ver J. Lacan, “Intervention de Jacques Lacan. Séance du vendredi 2 novembre (après-midi)”, em *Lettres de l'École Freudienne*, 1975, n° 15, p. 69.
8. Sobre o neologismo em francês “effect”, ver C. Soler, *Les affects lacaniens*. Paris : PUF, 2011, p. VIII.

10 As inferências do não-todo na clínica e na enunciação

CARMEN LAFUENTE

*“Tu me satisfizeste, thomenzinho [petithomme].
Compreendeste, e isso é o que era preciso”*

JACQUES LACAN, O ATURDITO.

Para este trabalho, tomei como ponto de partida o seguinte parágrafo do pré-texto de Rithée Cevasco sobre o “dizer não todo”:

Dos “adventos” do real a partir da análise, não poderíamos nos interrogar também sobre as modalidades, ou modulações do “não todo” nas travessias do muro dos impossíveis da significação, do sentido, da relação sexual (segundo o Aturdito) e, mais particularmente, das inferências de um dizer do “não todo” no que concerne a este gozo para além do gozo fálico?¹

Proponho-me, neste pré-texto, pensar sobre a possibilidade de um dizer não-todo e suas consequências para a clínica analítica e no final de uma análise.

Os dizeres dos sexos

Como sabemos, no inconsciente, há somente uma realidade sexual em função do que a prática analítica impõe a maldição² do sexo. Porém, se seguimos Lacan nas fórmulas da sexuação, encontramos ao menos dois modos de relação ao sexo. Como podemos abordar essa complexa realidade?

Se o inconsciente linguagem nada sabe da outra realidade sexual, a do lado direito das fórmulas, isso pode nos fazer pensar que a parte “não toda” fica fora de uma análise. Se somente há acesso via inconsciente ao gozo fálico, então as manifestações do gozo Outro – que não são dignas de menosprezo – não entram em uma análise.

Contudo, não existe somente o inconsciente como saber, mas também o dizer que se infere dos ditos do sujeito. Colette Soler nos lembra, em seu magnífico artigo sobre o dizer sexuado³, que Lacan em Mais, ainda diz que somente no dizer

“se poderia talvez encontrar a incidência diferencial de seus gozos, pois o dizer [...] é [...] encarnação distinta do sexo. [...] Lacan a introduz em terceiro lugar entre o real e a verdade. O significado do dizer é a ex-sistência [...] Falta agora especificar os dizeres das duas encarnações distintas do sexo e questionar o que pode «ex-sistir», de dizer do lado da Outra realidade sexual”⁴.

Seria possível, então, falar de um dizer do não todo, apesar de Lacan nos dizer reiteradamente que o não todo está fora do significante e que não se pode dizer nada dele? Lembremos que, em Mais, ainda, ele chama a atenção para o fato de que as mulheres analistas não dizem nada sobre seu gozo, o qual pode ser atribuído à estrutura desse gozo.

Lacan não mencionou que houvesse um dizer Outro, mas a questão é saber como o Outro, na inscrição da linguagem, passa ao ato do dizer.

Em O aturdito⁵, mediante a figura da surmoitié⁶, menciona que para elas ex-sistem vias de seu dizer. Nas mulheres, então, não há somente uma via do dizer, há ao menos duas, já que podemos contabilizar o do falo e a do A barrado, com o qual a mulher tem mais relação porque ela é Outra para seu gozo. Podemos encontrar manifestações desse dizer da surmoitié na clínica e na enunciação.

3 Soler, C. O dizer sexuado ou a Outra realidade sexual. In: Heteridade 6, pp. 104-114. <http://champlacanian.net/public/docu/4/heterite6.pdf>

4 Soler, C. op.cit., pp. 107.

5 Lacan, J. O aturdito. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., pp. 448-495.

6 « É essa a super-meutade [surmoitié] que não se supereu-iza [surmoite] tão facilmente quanto a consciência universal”. Lacan, J. op.cit., p. 467.

1 Cevasco, R. Pré-texto 3 do X Encontro Internacional em Barcelona (setembro de 2018). Junho, 2017. <http://xcita-if-epfcl.barcelona/pretextos-sp.html#P03>

2 Lacan utiliza este termo que foneticamente em francês tem uma dupla significação, maldição (malédiction) e macho-dicção (mâlediction).

Inferências do não-todo

Ressaltarei, a seguir, algumas das referências que me pareceram particularmente destacáveis e que nos ajudarão a elucidar a questão das inferências do não todo.

Para começar, não podemos deixar de mencionar os êxtases místicos que Lacan trabalha em *Mais*, ainda. Relembro também algumas referências que Colette Soler desenvolveu há alguns anos⁷ em relação a Ysé, protagonista do livro de Paul Claudel⁸ e que Lacan evoca no Seminário 8, relacionando ao não todo. Colette Soler menciona uma negatividade aniquilante correlacionada a uma absolutização do amor. O mesmo texto faz referência também à mulher pobre de Leon Bloy⁹, que encontramos igualmente no Seminário 8.

A oposição

Outra proposta desse dizer não todo é a desenvolvida pela mesma autora no artigo já mencionado, *O dizer sexuado ou a Outra realidade sexual*. Trata-se da oposição. O dizer da Não-toda passa pelas vias de um “isso não é” ou “isso não é tudo”: “É um não se reconhecer aí na via única, [...] que não se enuncia sempre” e que, às vezes, afirma-se “em silêncio [...] Mais do que uma negação é uma fórmula de exclusão [retranchement]”¹⁰. A autora esclarece que esse “não” nada tem a ver com o “não” da histeria, nem como o fora de discurso da psicose. É o “não” da heteridade mediadora, sempre vizinha e, algumas vezes, caseira, que habita as fantasias coletivas infestadas de fadas e feiticeiras. É a outridade resguardada, mas unida ao fálico e ao objeto, que Lacan designa com o termo *confim*.

Não nos esqueçamos de que o dizer é sempre dizer que não aos ditos, suspendendo o que o dito tem de verdadeiro, já que não importa o que há de verdadeiro, pois não pode dizer o verdadeiro do Real.

O não discordancial

A vacuidade do Outro dá um estilo particular à sua relação com o falo, sensível na enunciação dos sujeitos femininos. Lacan o ilustra com uma figu-

ra gramatical extraída de Damourette e Pichon¹¹: é o chamado não discordancial, diferente do não forclusivo da negação em francês. Esse não discordancial pode ser utilizado em francês e em catalão. Um exemplo seria a frase: *Je crains qu’il ne vienne*. É preciso distingui-la de uma negação completa como: *Je crains qu’il ne vienne pas*. Em *Je crains qu’il ne vienne*, produz-se uma vacilação representada pelo não; não se sabe se o sujeito teme que ele não venha ou que venha, há uma ambiguidade.

G. Morel¹² baseou-se no modo como Lacan reutilizou o termo discordancial para falar da enunciação nos sujeitos femininos e de certa posição do sujeito que estaria em uma discordância permanente, assinalando no discurso do sujeito feminino o desdobramento do gozo. Lacan toma Marivaux como exemplo em distintas obras. Em *O Príncipe travestido*, encontra-se no discurso feminino este tipo de manifestação: *Je ne sais, que é uma confissão apenas velada e que pode ser oposta ao Je ne sais pas, da recusa de saber histórico*. A confissão velada tem relação com o meio dizer, com o não-todo. Em *O Príncipe travestido*, a heroína, Hortênsia, não está em uma posição histórica, é uma posição que se pode dizer feminina. Aceita o que lhe chega, não foge, aceita a tiquê. Há, entretanto, uma oscilação, uma parte de ausência que desliza no discurso, a qual se deve ao fato de que ela, estruturalmente, está dividida; ela não é de todo para ele e lhe diz, talvez sem sabê-lo: “eu não ousaria”, “eu não acordaria”, “eu não saberia”.

A indeterminação

No testemunho do passe de Camila Vidal, encontramos um sintoma que permite circunscrever algo do gozo feminino. Lemos:

“Desde sempre tive dificuldades para recordar os nomes próprios, não só das pessoas, mas também das ruas, dos locais, dos títulos de livros etc. Este sintoma me colocava (me coloca) em situações muito embaraçosas [...] dificultava muito minha vida no nível do cotidiano [...] O resultado de tudo isso era a sensação de não me inteirar de nada, de não poder concretizar, de estar sempre na corda bamba. Muito rapidamente renunciei a encontrar um sentido para estes “esquecimentos” massivos,

7 Soler, C. *Le pas tout*. La Cause Freudienne. 1991.

8 Claudel, P. *Partage de midi*. Folio.

9 Bloy, L. *La mujer pobre*. Alfama Ed.

10 Soler, C. *O dizer sexuado ou a Outra realidade sexual*, op.cit., p. 109.

11 Pichon, E. & Damourette, J. *Des mots à la pensée*. Essai de grammaire de la langue française. Ed. d'Artrey.

12 Morel, G.: *Oedipe aujourd'hui*. Séminaire théorique. 1997

pois o este sintoma descartava qualquer interpretação ao estilo do “Signorelli” freudiano, e então passei anos [...] atribuindo-os a esse “desejo desfalecente” que eu me designava. “É como não querer se submeter a algo do simbólico”, eu disse um dia à minha analista [...] em uma sessão depois de relatar um desagradável incidente com alguém próximo: “[...] com o fácil que é dizer que nos encontramos em tal cafeteria, de tal rua, no lugar destes grandes circunlóquios... que me permitem ficar na indeterminação, no desencontro. Isso da simplicidade é para os outros, eu estou em outra parte”. Este “permanecer na indeterminação”, por fora do gozo fálico, essa falta de limite que os nomes próprios circunscvem, não deixa muito lugar para o “desejo decidido”, já que todo desejo forte e circunscrito é limitado, concreto”¹³.

A devastação mãe-filha e a surmoitié¹⁴

Algumas questões que quero trabalhar, tomando-as a partir de minha própria análise, são a devastação mãe-filha e a surmoitié, como manifestações dessa parte Outra e a maneira como se desarticularam em minha análise. A devastação, tal como Lacan menciona nas conferências na Universidade de Yale, é uma relação devastadora entre mãe e filha que consiste em um estado de reproche e de desarmonia entre elas.

Não é uma estrutura generalizável a todas as relações de uma mãe com uma filha. Não é um elemento estrutural e, ao se tratar de uma manifestação do gozo Outro, é contingente. A devastação mãe-filha se manifesta em algumas mulheres que denotam dificuldade para assumir sua posição feminina, com incidências em seu corpo e em suas relações.

Colette Soler, em seu livro *O que Lacan dizia das mulheres*¹⁵, diz:

“Mais além dessa dimensão reivindicatória, não haverá nisso a solicitação de que a mãe revele o segredo supremo? Não apenas o do ágalma feminino, sempre fálico, mas o do gozo que ex-siste, mas que o Outro não conhece, e, pelo qual, portanto, consequentemente, a mulher apela para o Outro”.

13 Vidal C. Névoa. In: Stylus, Revista de Psicanálise. Rio de Janeiro n. 32. EPFCL-Brasil, junho 2016, pp. 15-16.

14 Lafuente C. La caída de la Surmoitié. <http://www.epfcl-fpb.org/Documentos/2018/AE-CarmenLafuente-Segunda-presentación>

15 Soler, C. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, p. 186.

Há exemplos na clínica de curas rigorosamente conduzidas nas quais a devastação faz sua entrada. Isso testemunha um real clínico, estrutural que é preciso tratar. No meu caso, em função de minha análise anterior, ficou um resto transferencial, superegógico que se manifestava como uma inibição para me apresentar ao passe, da qual eu fazia o Outro culpado. A devastação da relação mãe-filha aparecia neste sintoma, no fato de a filha atribuir sua falta ao outro materno, sintoma que algumas vezes se transferia à relação transferencial, que ganhava forma devastadora. Uma interpretação desfez essa queixa do sujeito: “isso é infantil”, disse a analista. Isso me permitiu entender que eu havia perpetuado essa demanda da menina à mãe, a qual responsabilizava por sua falta, e, assim, a esperança neurótica caiu.

A surmoitié

Em *O aturdido*, Lacan nos fala da surmoitié, um neologismo híbrido entre surmoi [supereu] e ma moitié [minha metade], modo como se designa em francês a metade da laranja, a cara metade. Sobre ela nos diz que não se deixa superegoicizar tão facilmente como a consciência universal. Não é o supereu freudiano, ligado à proibição do gozo fálico, mas uma voz feminina que empuxa ao gozo.

É muito importante fazer presente a lógica do não-todo para as análises e para a conclusão da cura, pois é um meio para tratar o supereu que é do empuxo ao gozo. No meu caso, essa dimensão da surmoitié foi tratada pela via do equívoco. Em minha análise, relatei que a morte de minha mãe e suas trágicas circunstâncias geraram em mim um atroz sentimento de culpa. Quando ela faleceu, eu estava esses dias na casa dos meus pais, mas queria ir dormir com meu ex-namorado, o que ela não aprovava. No dia de seu desaparecimento, antes de sair de casa, me disse de longe, através de uma persiana: “Carmen, arrume a cama” [Carmen, haz la cama]. Não a vi, não me viu, mas a ouvi.

A analista marcou o AS, que muito me surpreendeu, porque sempre havia relacionado o supereu ao meu pai. Minha mãe era adorada, idealizada, mas agora aparecia outra vertente da idealização, o supereu devorador. Essa significação nova que aparece, o “ás”, a melhor, deixa uma abertura a outros sentidos possíveis e produz o surgimento de um significante novo, por fora da cadeia, um significante mestre, um significante de gozo.

Em relação à interpretação Haz/Ás, temos a du-

pla vertente das vias do dizer. O “haz” que é um chamado ao ter, claramente fálico, e o “ás” que se pode considerar como a transmissão de outra coisa, ser a melhor em relação ao feminino, mas que se articula à culpa e poderia ser enunciado assim: “Se eu gozo, ela morre”. Foi preciso desmontar essa figura do empuxo ao gozo do Haz/Ás para chegar ao não há Outro do Outro, à incompletude e à separação do mortífero.

Ao final da análise, já esgotada a via do sentido, esse “Ás” ficaria como letra, idêntica a si mesma, fora do sentido, litoral entre simbólico e real, ao qual põe um limite¹⁶. Marca a queda da surmoitié para o sujeito.

N Bousseyroux¹⁷ assinala que Lacan declina as formas do dizer da surmoitié que são inconsistentes, indemonstráveis, indecidíveis que refutam o Outro, ainda que também podem não barrar o Outro e completá-lo. A voz do supereu, seja que complete seja que refute o Outro, é sem consistência. Ainda mais quando se tem em consideração o dizer das mulheres, que seguem as vias lógicas do não-todo e se inscrevem em um mais além do Édipo e, por consequência, mais além do supereu freudiano.

16 Agradeço essa contribuição a Trinidad Sánchez de Biedma.

17 Bousseyroux, N. Real de mujeres. Pliegues de la Biblioteca. FFCL-España

É preciso dar-se conta

O paradoxo do desdobramento feminino do gozo faz com que o mais visível, a relação com o falo, não seja o mais importante, nem o único. O rochedo da castração está cingido pela relação com esse gozo Outro que, não por ser menos visível deixa de ter seus efeitos. Não há de se buscar suas manifestações no inconsciente, e sim no dizer, em um gozo que infiltra a enunciação e que pode ter também efeitos na dimensão fálica, que é aquela que determina o sujeito.

O gozo Outro, suplementar ao fálico, não é uma loteria. É angustiante, não identifica, despersonaliza. O analista não pode negar essa Outra realidade sexual que não se pode reprimir e que nem sempre encontra um apaziguamento pela via do amor, que sabemos ser difícil de encontrar e de conservar em nossa sociedade atual. É preciso dar-se conta desse real da posição feminina que, às vezes, se confunde com sintomas da histeria ou da psicose, dando-lhe uma falsa saída na cura.

O analista não deve retroceder frente a esse real irreduzível que se manifesta, talvez mais para a “não toda” do que para qualquer outro, muitas vezes com angústia e dor, mas que é preciso considerar e abordar para poder acompanhar um sujeito até o final.

Tradução: Maria Cláudia Formigoni
Revisão da tradução: Sandra Berta

11 Advento do desejo do analista

JULIETA DE BATTISTA

Começarei por algo que me impactou em minha experiência no dispositivo do passe: a emergência de alguns restos sintomáticos que puseram em evidência uma tendência a desconhecê-los. Se a passagem do analisante ao desejo do analista toca o real, o que acontece com isso que tende a ser desconhecido ou negado? Durante o trabalho de análise, se faz frente ao real valendo-se do saber inconsciente até produzir seu furo. O passe recolhe em parte os meandros desse percurso. Mas, na demanda de passe, já não se desconhece que o assunto toca o real, a experiência da análise deixou esse saldo. Contudo, o real em jogo se desconhece novamente no dispositivo do passe.

Parece-me que há então uma primeira decisão que concerne à demanda de passe, a de “fazer frente ao real”, ainda. Fazer frente àquilo que mesmo tendo sido analisado não deixará de insistir. Fazer frente aos restos da análise, aquilo que ficou por fora. Talvez seja parte do risco que se corre ao se aventurar nessa “tentativa de apreensão”¹, que tenta cingir o que foi que decidiu alguém a satisfazer esses casos em *souffrance*, como gosto de chamá-los.

Esse primeiro passo seria uma autorização a historicizar-se. À aposta pela historicização pode responder uma manifestação no real. O trabalho de historicização produz também seu furo. A “histórica”² poderia ser mais atraente para a transmissão: os avatares da fantasia e suas travessias, as voltas da comédia dos sexos marcada pela não relação, a maldição do *troumatisme*. O real ex-siste ao trabalho de historicização que empreende o passante e se manifesta.

Entendo, então, que não basta esse trabalho de historicização nem chegar ao final de análise para lançar alguma luz à brecha abissal que esse abre entre esse final e a passagem de analisante à analista. Será que é preciso apelar então ao luto do final ou à identificação ao sintoma? De minha experiência, poderia extrair que esse luto – luto da palavra que não nos cura do real – não conduziu ao desejo do analista. O desejo do analista não se desprenderia de uma finalização do luto por substituição. Esse luto poderia também se converter em uma porta de vaivém ou sumir na depressão. No meu caso, a identificação ao sintoma, esse saber fazer, também não ajudaria a lançar luz à passagem de analisante à analista.

Daquilo que pude extrair inicialmente de minha experiência no dispositivo, nem a queda do sujeito suposto saber, nem a desmontagem da segurança fantasmática, nem a identificação ao sintoma, nem o luto do final permitem cingir algo dessa “outra razão”. Essa razão que pode levar alguém a se encontrar no desejo do analista. E não a ser analista ou querer sê-lo. Isso não implicaria, contudo, que não tenha sido necessário ter chegado ao final da análise, ter finalizado o luto. Apenas que isso não pareceria ser suficiente. De uma análise poderia resultar um analisado³, e não um analista. Um fim de análise pode produzir inclusive “um funcionário do discurso analítico”.⁴

Em 1973, Lacan aproxima uma condição que tenta captar algo do real em jogo no desejo do analista: ter cingido a causa de seu próprio horror de saber. Um analista feito disso pode alojar um saber outro, um saber não todo: saber ser um de-jeto. Mas isso também não seria suficiente. Lacan

1 Lacan, J. (1973). *Intervention au Congrès de l'EFPP sur l'expérience de la passe*, p. 192 (pdf enviado gentilmente pela autora). Também em: Pas-tout Lacan, p. 1555. <http://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1926-1981-Pas-tout-Lacan.pdf>

2 Lacan, J. (1973). *O aturdido. Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 482.

3 Lacan, J. (1973). *O aturdido. Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 495.

4 Lacan, J. (1974). Nota àqueles que eram susceptíveis de designar os passadores. Wunsch 11, p. 79. <http://www.champlacaniennet.net/public/docu/4/wunsch11.pdf>

acrescenta: “Se ele não é levado ao entusiasmo, é bem possível que tenha havido análise, mas analista, nenhuma chance”.⁵ O final melancólico não faz o analista. Ter circunscrito a causa de seu horror de saber toca um real, mas pode ser que isso não leve ao entusiasmo. É preciso conseguir separar o joio do trigo, e, também, transformar o joio em outra coisa.

Sicut-palea, encontrar um analista feito desse dejetos. Lacan menciona várias vezes essa expressão de São Tomás para se referir ao analista: “A passagem de psicanalista a psicanalista tem uma porta cuja dobradiça é o resto que constitui a divisão entre eles (...)”.⁶ Em *Televisão*, Lacan tenta situar o analista em relação ao santo enquanto dejetos de gozo. E esclarece que bancar o dejetos, não fazer caridade, mas “descaridade”, permite ao sujeito do inconsciente tomá-lo como causa de seu desejo.⁷ O analista, dejetos do gozo do sentido, causa o desejo de psicanálise.

Quais poderiam ser então as razões da emergência desse entusiasmo a partir da constatação desse outro saber, o saber ser dejetos? Talvez fosse possível atribuí-las à finalização do luto, que traria maior disponibilidade libidinal. Mas, isso bastaria por si só para dar o passo de ocupar o lugar de analista? Que mutação se coloca em jogo ali para transformar o dejetos em causa analítica? Como se acendem esses restos, esses dejetos, esses desperdícios que caem do trabalho do saber? Em 1964, Lacan resgata a fecundidade dos restos no destino humano, à diferença da escória que não é mais do que “o resto extinto”.⁸ O dejetos não é escória. O discurso analítico sabe fazer com os restos.

A experiência do passe foi, para mim, uma oportunidade de voltar a esses restos que, ainda desconhecidos, se fizeram presentes como restos sintomáticos. Uma oportunidade de fazer frente ao horror do ato. No meu caso, o dispositivo do passe permitiu recolher parte desses restos para poder inaugurar outro saber fazer com eles que inclui a Escola. Alguma fâsca pode emergir ali, no tra-

balho com outros. O passe dignifica esses dejetos, acende-os, trabalha com esses restos da análise, os faz ressoar. Descobre que com esses restos pulverulentos talvez se despertem outras sonoridades, polifônicas.

Percebi que a dimensão internacional de nossa Escola pode favorecer essa musicalidade. Percebi, também, que o desejo do analista talvez não seja o resultado de um trabalho. Em minha experiência, não parece ser o resultado da análise, nem de seu final. As palavras “resultado” ou “produto” talvez não sejam convenientes. Lacan fala de um “encontrar-se”⁹ no desejo do analista, “se vê tornar-se uma voz”¹⁰. É uma saída que permite entrar em outra coisa.

Perguntava-me, então, se o termo “advento” poderia convir ao desejo do analista. Lacan o utiliza para fazer referência ao desejo na primeira versão da *Proposição de 67*. Se o desejo do analista não é o resultado de um processo, talvez seja uma emergência, um advento, um encontro contingente.

O termo “advento” não é de uso frequente em espanhol, inclusive tem uma sonoridade difícil de pronunciar nessa língua. Porém, em francês, tem outra musicalidade, que o faz ressoar com “*événement*”, acontecimento. A raiz etimológica, o saber depositado em *lalíngua*, dá certa precedência ao uso de *avènement*, que reenvia a *advenir*. Encontramos aí diversos matizes que incluem aquilo que chega por acidente, contingentemente, que toca em sorte a alguém, mas também – e somente no caso de *avènement*, não em *événement* – a elevação a uma dignidade.

Em francês, usava-se *avènement* para fazer referência à chegada ao trono, por exemplo. Tem, inclusive, um matiz religioso, de julgamento, na medida em que é utilizado para nomear as duas vindas do Messias. Deixemos de lado a mera elevação, o escabelo, para conservar então a ressonância da elevação a uma dignidade e seu perfume de criação. Fiquei surpresa também ao descobrir que, antigamente, existia um verbo que conjugava aquilo que advém – *advenir* – com o que se toca ou alcança – *atteindre*. No francês antigo, existia o verbo “*aveindre*”, que implicava não só aquilo

5 Lacan, J. (1973). Nota italiana. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 313.

6 Lacan, J. (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 259.

7 Lacan, J. (1974). *Televisão*. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 518.

8 Lacan, J. (1964). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 129.

9 Lacan, J. (1967). Discurso na Escola Freudiana de Paris. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 270.

10 Lacan, J. (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 260.

que chega, mas também aquilo que ocorre por acaso no esforço de querer alcançar outras coisas, as quais inclusive se pode fazer cair do lugar em que estavam acomodadas. É um alcançar que não alcança, um alcançar falho. Existia, por exemplo, a expressão “*aveindre ce désir*”.¹¹

O desejo do analista poderia advir por contingência, não sem esforço, mas sem uma intencionalidade, por fracasso. Lacan enfatizou bastante que

11 (...) et il m’aurait fallu longtemps remonter la route, sur des hauteurs oubliées et perdues, pour retrouver ce désir, pour «aveindre» ce désir! Alain-Fournier, *Correspondance* [Avec J. Rivière], 1906, p. 113. Citado em *Littré*.

o querer ser um analista nada tem a ver com o desejo do analista.¹² O desejo do analista emerge, acontece, advém sem querer, se encontra.

Algo se transforma nesse advento. Talvez, essa transformação deixe alguma marca no dizer da regra fundamental. Ter tentado cingir a causa do próprio horror de saber poderia se inverter em efeitos de criação e elevar esses restos à dignidade da causa.

Tradução: Maria Claudia Formigoni
Revisão da Tradução: Sandra Berta

12 Lacan, J. (1967). Discurso na Escola Freudiana de Paris. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 276.

12 Um advento do dizer

ADRIANA GROSMAN

Pensar nos adventos do Real, dá o que falar! Talvez este seja o que mais diz da nossa prática, onde o Real, diferente da realidade, este que não cessa de não ser dito, é levado em conta, o que separa esta prática, a nossa, de todas as outras. Adicionando-se aí o psicanalista, não há sem ele, podemos diferenciá-lo dos outros terapeutas e também de profissionais da saúde que cada vez mais respondem a nossa cultura da pressa, do bem estar e dos falsos *band-aids* oferecidos a torto e a direita para cuidar do sofrimento.

No início uma solidão, estamos sozinhos? Parece que sim, no mundo, enquanto psicanalistas e no divã enquanto sujeitos falantes. Podemos falar dela, da solidão, mundo a fora, muitas vezes sem eco, não é simples esta apreensão. Quando a percebemos dá ares de fazer peso e barulho, mas logo em seguida nos confundimos, melhor quem diz do encontro com a solidão é o poeta Machado de Assis “não eram golpes de pêndula, era um diálogo do abismo, um cochicho do nada”.

Não há outro jeito para se depreender do Outro-parceiro/ cúmplice da neurose- a não ser pela experiência da solidão, da decisão e do laço que a psicanálise proporciona excepcionalmente, como diz Fingermann¹.

Até lá, tentamos, de qualquer forma, manipular as palavras até vencer, formar algum significado, tentando costurar algo do nada, da ausência, da insignificância, buscando acabar com o misterioso, este que aponta para o real, caminho a seguir, sem saber. Caminho duvidoso justamente pelo mistério causado pelo não saber que vai apontando para outra direção.

Caminho acompanhado de emendas e amarras,

da fantasia construída justamente para cuidar do horror do instante de ver o advento que causa o sujeito.

Parece até um “milagre” quando algo desta ordem aparece, um não querer saber se impõe e depõe a fantasia de ser. Difícil, então sustentar o não sabido, da coisa, do inconsciente.

Difícil nos acostumar e substituir essa imposição, que é aquela que a linguagem provoca, imposição do ser, deste que “nós não temos nada, nunca”².

É sempre do parecer que se trata, tese do Lacan no seminário *Encore*, onde vai dizer que é no próprio ponto onde os paradoxos brotam que o ser se apresenta, e nunca se apresenta senão “pare-ser”, isso para avançar no que se refere a “essa relação sexual, da qual está claro que em tudo que se aproxima dela, a linguagem só se manifesta em sua insuficiência”³.

O ‘já sei’ exibido pelo sabido serve para não ler, para não enlaçar o corpo e se defender da angústia, do vazio que está entre cada letra, assim ex-siste um outro escrito que não é para ser compreendido. Só um novo encontro com a linguagem, vai permitir ao sujeito reconhecer o que já estava escrito, a linguagem que já estava lá.

A sensação da angústia atrapalha, faz sombra, faz até horror. Esta topada com o real, não se apresenta de maneira tranqüila e cordata, aparece e dá as caras simplesmente assim, se apresenta. Por outro lado, aparece e desaparece. Não é simples aprendê-lo, lembra a brincadeira de criança, aquela que Freud brilhantemente ilustrou e apelidou de

1 Fingermann, D. – “A (de)formação do Psicanalista: as considerações do ato psicanalítico”, escuta, SP, 2016, p. 16.

2 Lacan, J. (1972-1973) – *Encore*, Escola da Letra Freudiana, RJ, 2010, p. 115.

3 *Ibid*, p. 116.

fort-da, não somente em relação ao aparecimento e desaparecimento, mas a ausência em jogo aí, trazendo de volta a questão da solidão, um mais além da ausência da mãe. Desta forma, o advento do real quando aparece, surpreende e dá o tom de “milagre” ou clarão, como diz Thamer⁴.

Como ouvir desse inapreensível e indizível, portanto? Soler⁵ retoma a expressão “adventos do real”, nosso título, acrescentado do psicanalista para falar que “o psicanalista só tem, em princípio, uma política – a da psicanálise –, pois seu objeto é a clínica dos sujeitos sob transferência no discurso analítico. É aí que devemos interrogar o que ali advém do real e que poderia interessar nosso momento da civilização – se soubermos nos fazer ouvir e entender”, ouvir a partir deste lugar.

O psicanalista está neste lugar de escuta, não sem razão, para orientar uma análise até seu fim. Ele é aquele que sustenta este lugar de *semblant*, de não responder a demanda do outro e fazer com que a fantasia que sustenta o desejo, que tenta fazer a relação sexual existir, seja atravessada.

O tratamento psicanalítico caminha por aí, pelos *tours* do dito, onde o dizer pode ser encontrado, como esclarece Lacan em “O Aturdido”, o “dito não vai sem o dizer”⁶ e “o dizer fica esquecido por trás do dito”⁷. Ele retoma a antiga distinção entre o sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado para propor a oposição entre o dizer e o dito, assim, o dito do analisando destinado à escuta do analista, ou seja, ao Outro, “*que se diga*”, vai produzir um dizer, inaugurando a entrada do analisando no discurso analítico.

Soler⁸ fala de coragem “de renunciar à queixa para enfrentar o destino que seu inconsciente lhe produziu”, se referindo ao fim de análise.

Me perguntava, a partir daí, como ficaria a transmissão de um fim e o que seria possível escutar do advento do dizer. Ou ainda o que passa, nessa transmissão, do que passou num passe, por exemplo, exame do que faz um analisante decidir

colocar-se como analista, no momento do testemunho, quando oferece seu saber ‘não sabido’ aos outros. Trata-se ainda de coragem aqui?

De um inconsciente vivo, o sujeito dá mostras, se dá à mostra no passe para apontar para o real em jogo, a partir de seus próprios giros, sem saber do que se trata exatamente, não é da história (*hystorificação*) que se trata, e não é mais o sentido, o alvo.

O que pude enlaçar desta experiência, como advento do dizer, para pensarmos nesse encontro, foram dois pontos recolhidos de um dos meus primeiros testemunhos; cogitei ter feito uma série de três primeiros.

O primeiro foi o encontro com um texto de Lacan “D’ecolage”⁹, desconhecido por mim, até o momento, mas interessante porque me nomeio descolada, no final da análise, remetendo a uma nova relação com o gozo. Lacan neste texto, fala de fim também, da dissolução da escola à causa freudiana, com a frase, “eu tentei inspirar-lhe outro anseio, o de ex-sistir. E aí triunfei. Isto é marcado pelas preocupações com que se contorce o retorno à trilha”, sugere pensar o que impede o retorno do igual e o cuidado de pensar a escola e seu efeito de cola “*de colle*”, assim como, a questão da escolarização, onde vai lembrando dos seus princípios, retoma o cartel, órgão de base e aprimora a sua formalização.

Me faz pensar a passagem do fim da análise ao pedido do passe, no meu caso, como dois momentos diferentes, ou seja, a aproximação com a escola neste segundo momento.

O segundo ponto seria, a analista d-escola-da – um saber fazer com o sintoma, nome singular que sai desta experiência do dizer, advento do real, não sem o laço com a escola, campo do psicanalista.

Ao descolar pude alçar “vôo” da análise, que leva ao passe e à nomeação. Ao responder as questões dos dois momentos diferentes, do final de análise e do passe, com intervalo grande entre eles, retomo a questão do vazio e da angústia, não é sem ela, que volto à análise após o final, para dar

9 LACAN, J.(1980a). D’Écolage. *Revista da Letra Freudiana: Escola, Psicanálise e Transmissão, Documentos para uma Escola*, ano I, n. 0, Rio de Janeiro, s/d.

4 Thamer, E., Pré texto 9 ao tema do X encontro 2018

5 Soler, C., Pré-texto 7 ao tema do X encontro 2018.

6 Lacan, J. (1973), O aturdido. In: LACAN, J. *Outros escritos*.

Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003. p.451.

7 Ibid, p. 449.

8 Soler, C., Pré-texto 7 ao tema do X encontro 2018.

de cara, de novo, com o advento do real (re-advento), quando lá fui apresentada ao meu mais novo amigo conjunto vazio e assim a decisão de falar. Partir para o passe, novo laço, com a escola, “se vê tornar-se uma voz”¹⁰ foi uma forma de fazer algo com isso, falando do desejo do analista.

10 LACAN, J. (1967), “Proposição de 09 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola” In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 260.

Não é pequena esta descoberta, devo falar! Desejo de transmitir esse contingente e impossível recém descoberto. E isso só é possível no laço com a escola, lugar possível para o impossível do dizer, lugar possível para levar a “sério” esse advento singular. Trata-se de outro saber fazer não sem lembrar do risco da cola, da escolarização, de cair na velha trilha.



TEXTOS|

O corpo que advém do real na experiência analítica

ALEJANDRO ROSTAGNOTTO

Há ocasiões em que se ocorre fazer do real algo simbólico e imaginário, categorias ou dimensões epistêmicas, até inclusive ontológicas, esquecendo que na práxis analítica são modos de registro da experiência subjetiva. O real emerge como o insuportável sobre o qual o analisante demanda, o fora do discurso, o que excede a palavra. Excessos e defeitos na satisfação ansiada mostram uma ancoragem irrepresentável, um vazio ontológico do qual só se obtêm restos que no percurso de uma análise encontram-se com o ato que permite fundar algo diferente do sintoma do qual se padece.

O projeto de uma análise implica a modificação do corpo em suas diferentes alienações. Uma delas, talvez uma das mais arraigadas, é a alienação fantasmática cuja presença velada no sintoma foi descoberta muito cedo por Freud, *o sintoma se alimenta da fantasia*, que faz corpo, o constrói afetado de diferentes maneiras: desvitalizado, desabitado, em exaltação maníaca, impotente, anestesiado ou muito sensível, instrumentalizado; enfim, uma corporeidade erotizada segundo a chave fantasmática. A desconstrução do fantasma na travessia analítica permite obter a senha de acesso a esse real velado pela promiscuidade do sintoma e do fantasma. A desconstrução do corpo fantasmático, que ocorre ao compasso da interpretação do desejo, produz um efeito de emancipação na medida em que deixa de consistir esse modo fixo mediante o qual se exerceu o juízo moral sobre o gozo, próprio e dos outros, se desconstrói esse ponto de vista desde onde o estrago significativo construiu a realidade sexual. Realidade que, ocasionalmente, rapidamente é entendida como neurótica, psicótica ou perversa, esquecendo sua ancoragem no *ser-para-o-sexo*, na castração.

O desvelamento da verdade da castração pode ser correlativa à obtenção da chave do que se foi no desejo do Outro e, por sua vez, obter a cifra do destino na alienação ao discurso do Outro, em suas

diferentes manifestações (discurso da norma sexual, dos bens, e outras desinências do discurso do mestre, inclusive o capitalismo hedonista do consumo da vida e o discurso universitário disciplinador de subjetividades). Discursos que regem sobre os bens, os ideais, e a norma sexual, bem descrita em nossos tempos como heterônoma, machista e patriarcal, que se sustenta na alienação que instaura um tipo sexual para todos e todas. A política mostra um forte laço à ideologia de sexo e gênero hegemônica, tanto como ao liberalismo econômico, discurso autoritário disfarçado com chaves de autoajuda, ou falsos hedonismos individualistas. Em psicanálise, ao contrário, propomos um laço social desde onde o mais radicalmente individual possa articular-se pelas vias perversas do desejo como um destino pulsional: novos sulcos de gozo.

Na experiência analítica, *verdade e destino* constroem um corpo cuja liberação pode permitir, como diz Lacan, um novo amor, ou bem novas sublimações. Nestas coordenadas, a interpretação *hysterizadora* produz uma emancipação do corpo, na medida em que se subjetiva o real, que resta. Mantendo a distância entre o I na experiência do simbólico e o *a* na experiência do real, advém uma experiência de consistência imaginária do corpo um pouco mais emancipada, um melhor escabelo; por isso um amor renovado, com a condição de desconstruir o corpo que, incorporando-se, corporifica. O registro real da experiência do falasser, no processo analisante, se manifesta como opacidade real do corpo, um *real com o qual o corpo se goza*, de corte autista, fora do discurso, incurável. Sobre este real do corpo vivente, não podemos dizer nada na medida que o muro da linguagem desaloja esse real fora do simbólico. A única relação do falasser com esse real é a forma singularíssima de gozo, alheia ao simbólico, inclusive proposta por cada um como suplência da incompletude e inconsistência. Real que, longe de fundamentar uma

ontologia do Um, ética do gozo, ou mônada cínica fora do laço, *o real que advém na experiência analítica* pode permitir um tipo de laço social desde onde o desejo possa ser destino da pulsão, inclusive *desejo impuro*, como o caso do desejo do analista. Por isso a política do sintoma que propomos no campo lacaniano, é uma política do sintoma não autista, isso de que se goza não se reduz a uma mônada solipsista, mas sim um ponto de apoio real do desejo. Um desejo, que em algumas ocasiões é também *desejo do analista*, cujo corpo, substância gozante sujeita à regra de abstinência, é produto de uma experiência que permite que a palavra analisante enode real, simbólico e imaginário, cada vez, outra vez. O desejo do analista, que toma corpo; é esse o desejo impuro que se sustenta, que advém

de um puro real, sua origem deve muito pouco ao saber, ou inclusive ao desejo de não saber. No laço analítico, o corpo deve permitir dar lugar ao semelhante desde onde um dizer interpretativo se desprenda. Por isso, o corpo do analista é um corpo impróprio, apto para o agenciamento discursivo, meio para que o dizer interpretativo leve o ato analítico até seu fim. Fim que é o início de novos laços, de novos sulcos de gozo, de um novo ex-sistir. O passo pela experiência da análise modifica, produz um gozo que não reifica a experiência do real levando-o a Um do gozo (como o enunciam outras propostas políticas), mas que sustenta um tipo de laço social um tanto mais digno. •

Tradução: Beatriz Oliveira.

A psicanálise como advento do real e sua incidência na política da escola

ANDRÉA HORTÉLIO FERNANDES

A psicanálise como um advento do real está circunscrita à instauração do discurso analítico, e isso tem incidência na clínica e na política da Escola. Os adventos do encontro faltoso do falasser revelam a atualidade da recomendação freudiana de que “o tratamento deve ser levado a cabo na abstinência”¹, pois Lacan também sustentou que cabe ao analista estar advertido de que toda demanda é demanda de amor, demanda de dois fazer um, de tamponamento da falta-a-ser do sujeito. Ademais, o sintoma, como solução de compromisso, aponta para algo de real que retorna sempre ao mesmo lugar e tenta fazer suplência à não relação sexual.

Uma jovem procura análise, após ter se submetido a um tratamento por dois anos, interrompido pela dificuldade de falar, pois “travava”. Descreve a antiga profissional como “cuidadosa”. Afirma: “não vejo nada que me incomode não” denegação que assinala uma repetição de gozo através da cifra do número dois. Passa a viver com uma tia aos oito anos, aos vinte deixa a casa após começar um relacionamento fora dos protótipos da tia. Com dois meses de namoro, vai morar com o namorado que cuida dela durante os dois anos que esteve deprimida. No valor do pagamento acordado com a paciente, mais uma vez o dois retorna.

Desde as entrevistas preliminares, o analista orienta-se pela ética que possibilite ao sujeito, em análise, bem dizer o sintoma. Decorre, portanto, que o ato de entrada em análise condiciona o seu fim. Na entrada, o analista, ao acolher o sujeito com suas queixas, instaura a neurose de transferência. O sintoma como aquilo que não cessa de se escrever tenta tamponar o desejo do sujeito, mas ao

mesmo tempo o denuncia e demonstra a manobra do sujeito para renunciar ao desejo pelo gozo do sintoma.

Neste sentido, somente o manejo da transferência permite ao gozo condescender ao desejo. Para tanto, Lacan propõe que ao analista cabe fazer função de objeto *a*, a partir de um lugar vazio de desejo, ele pode operar fazendo função de objeto causa de desejo. Sendo condição necessária, a análise, mas não suficiente, atesta a presença de um real em jogo na formação do analista.

A clínica com as históricas revelou para Freud o desejo do analista como operador lógico para operar com a indeterminação do sujeito dividido, resultante dos adventos do real que promovem rupturas no discurso corrente. Abandonar a medicina foi um passo decisivo na instauração de uma prática que em nada se assemelha ao exercício de um poder. Para tanto, foi necessário sustentar que a formação do analista é tributária do tripé: análise pessoal, supervisão da clínica e estudo teórico.

A criação da Escola por Lacan tem por propósito ir ao cerne da prática psicanalítica, que tentou passar um tom tranquilizador do inconsciente e buscar em que medida a formação do analista é decorrente do tratamento dado aos adventos do real pela psicanálise e qual seria a incidência do discurso analítico na política da Escola.

Lacan, ao afirmar que o psicanalista só se autoriza de si mesmo, mas não sem os outros, não sem a Escola, faz um convite ao analista para sair da solidão do ato analítico no qual ele não se apoia em nenhum Outro e partilhar entre seus pares (os dispersos disparatados) como ele lida com o saber inconsciente na transmissão e na condução das análises.

A formação do analista é tributária do discurso analítico. No ato analítico o analista zela para que sua resposta seja ímpar de forma a evitar fazer

1 Freud, S. “Observações sobre o amor transferencial (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III) (1914) in: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969, vol. XII, p. 214.

par com a série de demandas do sujeito que nada mais são que reatualização da realidade sexual do inconsciente². Suportar os efeitos da transferência é tarefa do analista cuja análise pôde, num futuro anterior, decantar que a destituição subjetiva deve estar em pauta desde o início.

O sintoma, ao manter um sentido no real, orienta a incidência política do discurso analítico, e tal fato repercute na condução das análises, nas supervisões e nas sociedades de psicanálise. É próprio do real, tomando como aquilo que não cessa de não se escrever, promover seu desconhecimento ou mesmo sua negação sistemática.

Pensar a incidência política do discurso analítico, com Lacan, implica tomar o cartel e passe no que eles permitem tratar o gozo fálico. Cada cartelizante é convocado a se haver com o saber que se decanta da experiência do estudo teórico em cartel, a partir do seu percurso na teoria e na clínica. Isso promove a descolagem, vai contra a tendência de erigir um mestre que possa traduzir o real indizível com o qual cada analista deve lidar na sua formação. Essa formação é continuada por

estar sujeita aos efeitos das demandas e das respostas dos analistas à subjetividade da sua época, sem que haja um saber *a priori* ou qualquer garantia do Outro em que eles possam se apoiar na solidão do ato analítico.

À propósito do passe, é importante destacar que Lacan afirmou ser “o gozo fálico justamente o que consome o analisando”³ numa historização infinita que tenta um velamento do real sexual pelo romance familiar. Cabe à Escola zelar por manter vivo o discurso analítico, sustentando as condições para que os analistas testemunhem como foi possível fazer da destituição subjetiva condição para o ato analítico. Fazer da castração sujeito proporciona a queda da corrida atrás da verdade, do gozo do Um, que pode transpassar a política da Escola. Pela historicização no passe, Um saber que se sabe só pode advir e revelar que um analista se autoriza de si, não sem alguns outros, não sem a Escola, quando a tagarelice do gozo fálico cede lugar ao saber fazer com o inconsciente real, fora sentido. •

2 Cf. Fingerman, D. A (de)formação do psicanalista. São Paulo: Escuta, 2016.

3 Lacan, J. (1980) “D’ecolage” (texto inédito) <http://associationencore.fr/wp-content/uploads/2017/05/Lacan-De-colage.pdf>

O psicanalista frente ao real na clínica com crianças

ÀNGELS PETIT PONS

Introdução

Esta apresentação que vou ler é fruto do estudo e trabalho conduzido no Cartel “Real, saber e invenção”, no qual trabalhamos durante um ano em preparação para essas jornadas.

Pessoalmente, o motivo principal que me levou ao trabalho apareceu depois de ter finalizado minha análise. Percebi que minha maneira de me situar frente ao real do outro era diferente de minha posição antes de finalizá-la.

Comecei a me fazer diferentes perguntas: o que me aconteceu? Que mudanças se produziram em vias de finalizar minha análise? A redução de gozo em minha análise, de ter podido nomear minha marca de gozo, formalizar-la em um S1, isso me permitia saber acolher o real do outro de forma distinta?

E assim surgiu o título dessa apresentação: “O psicanalista frente ao real na clínica com crianças”.

Argumentação do efeito-giro produzido ao final de análise.

Para entender e situar teórica e clinicamente este giro que se teria produzido em minha posição subjetiva enquanto analisante, que não é fácil de apreender, e muito menos com esse espaço de tempo, tentarei abordar o movimento que se produziu a partir do texto “A Terceira” de Lacan, e cito: “... *falo dos analistas – haveria que deixar aí este objeto insensato que especifiquei de ‘a’*. É isso, o que pega no cerramento do simbólico, do imaginário e do real como nó. É ao pegá-lo bem que vocês podem responder ao que é sua função: oferecê-lo ao analisante como causa do desejo dele¹”.

“O simbólico, o imaginário e o real, isso é o

enunciado do que efetivamente opera nas suas falas quando vocês se situam a partir do discurso analítico, quando analistas vocês são. Mas esses termos somente emergem verdadeiramente para e por esse discurso.”²

Esse objeto insensato que o analisante fora para o Outro imaginariamente, agora, uma vez finalizada a análise, esse significante construído em análise, que o definimos como S1, letra enquanto real, que nomeia esse objeto, este que fica “preso” entre os três registros, aqui situo o desejo do analista. Com esse desejo, o analista colocará em jogo esse “a” objeto como semblante em sua prática.

Esse efeito de “capturado” ali onde o objeto a se situou para o analisante, é, em meu entender, a causa que permite situar-se como analista para o outro, para o futuro analisante

O efeito produzido em análise é vivenciado como um antes e um depois para o analisante. Esse objeto pode ter duas vertentes: pode ser o mais valioso para o sujeito, causa de seu desejo, mas também pode ser um desfecho, quando o sujeito reconhece o que tenha sido no desejo de seus pais, desejado ou rechaçado desde o começo³.

O analista é agora os três registros, ao mesmo tempo, imaginário, simbólico e real, “... é o enunciado do que efetivamente opera nas suas falas quando vocês se situam a partir do discurso analítico, quando analistas vocês são⁴”.

Bernard Nominé, na aula do dia 16 de junho de 2018, no Seminário de ACCEP, situou claramente o semblante do objeto a do analista, no meio de imaginário, simbólico, e do real – este “apresamento” é o que o torna operativo. Quer dizer, quando o analista opera, opera ao mesmo tempo com os três registros.

1 LACAN, Jacques. *A Terceira*, p.5.

2 IDEM, p.6

3 MOREL, Geneviève. Testimonio y real Y y II.

4 LACAN, Jacques. *A Terceira*, p.6.

Articulação da mudança de posição subjetiva na clínica com crianças

Para a psicanálise, o sujeito criança é um sujeito de pleno direito, tenha a idade que tenha e como tal vamos escutá-lo. Mas também é certo que, em função de sua idade, de seu momento vital, requer uma abordagem diferente. Não é o mesmo trabalhar com uma criança de 0 a 3 anos do que com outra de 5, 6 anos. Em um primeiro tempo, tanto para uma como para outra, temos a demanda dos pais, a do pediatra, a da escola. A partir desse momento, a escuta do analista permitirá como situar esta demanda e que lugar a criança ocupa nela.

Dadas as diferenças de idade, do momento vital dessas crianças, podemos nos perguntar: é possível falar de advento do real? Em caso afirmativo, de que real estamos falando?

Colette Soler, no texto “Advento do real: Da angústia ao sintoma⁵”, no capítulo “Primeiro advento do real?”, situa o caso Hans e assinala que o principal fator é que, em um primeiro momento, somente o Outro materno quer a criança como falo. **Criança incluída no erotismo materno e que não deixa lugar para o pai.** Hans é todo ele um mais-de-gozo para a mãe e que responde ao desejo materno: é a criança sintoma que encarna o fantasma parental. Criança sintoma é a maneira de expressar que o gozo da criança está conectado com o gozo parental ou com o gozo de um deles.

Hans, nos momentos antes de sua angústia, está em um real, mas de maneira satisfatória, placentária – não há problemas, não há angústia. É a partir de suas primeiras ereções que se encontra confrontado com o desejo do Outro materno e ali não encontra nenhuma resposta e aparece a angústia e, posteriormente, o sintoma fóbico.

Então, a partir do que comentei, podemos distinguir o primeiro momento de um segundo: o primeiro é um real, mas sem angústia, e no segundo, a angústia está presente enodada ao corpo.

Uma vez situada esta distinção, estes dois momentos, eu lhes falarei dos pais de crianças de 0 a 3 anos... Os pais costumam trazer seus filhos enquanto sintoma, como se houvesse alguma coisa que não vai bem (nas crianças) e pedem uma retificação. A criança coloca os pais em xeque, a respeito de como cada um se arranja em relação à função que lhes tocou. “A criança se apresenta como um

5 SOLER, Colette – “Adveniminetos de lo real. De la angustia al sintoma” ffCLE-F-9 pag114.

real que interpela o Outro parental no mais íntimo de sua posição, ali onde mãe e pai são chamados a responder a partir de sua singularidade⁶”.

“A presença do analista pode produzir como efeito a passagem de alguns pais ou de ambos, da demanda angustiada, desesperada, à divisão subjetiva e à pergunta de sua própria dificuldade sintomática, permitindo o alívio sintomático da criança e a colocação em forma de padecimento, o que difere do motivo da consulta inicial⁷”.

Me vejo de frente a alguns pais que solicitam, de forma angustiada, uma sessão para seu filho de 3 anos, porque grita, bate quando não pode sair e, depois de atender umas três vezes a criança, decido atender os pais. Nas entrevistas, cada um demonstra as dificuldades de abordar o real que apresenta seu filho.

Retornando à pergunta, “Primeiro advento do real?”, podemos responder que o primeiro é o nascimento, “a aparição de sua estúpida e inefável existência⁸”. O segundo advento é um primeiro gozar que surge de um real, caso Hans.

No caso que eu comentei, trata-se de uma criança situada no primeiro advento do real, uma criança sintoma para o Outro, mas quem faz sintoma são os pais. Criança que reflete o fantasma parental ou a verdade desse casal, confrontados à sua própria divisão; a intranquilidade da criança era sua resposta ao mal-estar dos pais.

Conclusão

Essa abordagem clínica que apresentei, apesar dos anos em que tenho trabalhado com crianças, foi devida à minha posição atual. Nunca me ocorreu, nesses casos de crianças menores, distinguir e diferenciar o real em jogo – a demanda dos pais era escutada, mas situando o sintoma na criança. No entanto, a partir do meu final de análise, e minha maneira de acolher o real do Outro – por um lado o dos pais e por outro o da criança – pude distingui-los e abordá-los de forma distinta. Desde minha experiência, pude pensar essa distinção como efeito do meu final de análise. •

Tradução: Leonardo Lopes - FCLSP

6 CAMALY, Gabriela – “Consideraciones clínicas sobre la práctica con niños, y con padres” – “Psicoanálisis con niños 3 – Ed Grama

7 IDEM

8 SOLER, Colette – “Adveniminetos de lo real. De la angustia al sintoma” ffCLE-F-9 pag114.

Advento do Real: pontuações sobre “um significante novo”

BEATRIZ ELENA MAYA RESTREPO

Lacan conduz ao advento do Real na experiência analítica através do “forjamento” de um significante singular que não tem nenhum sentido¹. Então, qual seria o lugar para a invenção a partir do discurso analítico, para além da rememoração, ali onde todos os significantes vêm do Outro?

Ele qualifica como extrema esta expectativa, que começa a romper com Freud, em relação à concepção do inconsciente como representação². O *parlêtre*, como substituição do inconsciente³, permite pensá-lo como construído pelas marcas das palavras sem nenhum sentido, para fazer, da experiência analítica, o descobrimento da forma como estas palavras operam⁴.

Política do analista que, do *sartor resartus*⁵, o costureiro recosturado com sua intervenção, dando volta na vestimenta dos semblantes –, passa ao analista *rétor*⁶ que intervém fazendo cortes, orientando seu ato através da forjadura da interpretação⁷. Retorcendo as palavras, estirando-as e forçando-as, trabalhará a *moterialidade* de *lalíngua*, retirando-lhes todo o sentido para fazer ressonância, eco no corpo de gozo daquele que fala. A experiência analítica passa pelas suturas e pelas junções do nó⁸, unindo o imaginário com o saber inconsciente e o *sinthoma* e o Real do gozo⁹ para dar possibilidade à escrita do Real.

Lacan espera que o analista, com sua interpretação, leve o analisante à posição e *Poâte*¹⁰. Posição de invenção que qualificará como falha, porque partiria de algo já recebido e porque não se trata de dar sentido, mas do vazio da significação. É Dante quem o inspira com sua *metalíngua* também falha, quem propõe, em sua criação amorosa, que “Os nomes são consequência das coisas”¹⁰. *Nomina sunt consequentia rerum*. Lacan rebate: *Nomina no sunt consequentia rerum*. Esclarecendo que *Rerum* é o Real¹², faz com que as coisas sejam consequência dos nomes, o que torna possível a clínica analítica, que tem como alvo este Real a ser trabalhado através da palavra.

Sobre esta relação entre a coisa real e a palavra, Lacan equivoca *Fêle achose* com *fait la chose*¹³, faz a coisa. Equívoco ortográfico e homofônico que leva de *fait*, fazer, a “Fêle”, fazer marca, abrir fissura, alterar, rachar a palavra, para fazer *l’achose*, a acoisa. Escrita que indica que ela está ali onde está ausente¹⁴. A Coisa ausente é a castração, a Coisa real. É o trabalho com o equívoco o que permitirá a produção de um dizer como acontecimento que leve à nomeação de um Real advindo. Única maneira de “Desfazer pela palavra o que está feito pela palavra”¹⁵.

Por isso, Lacan propõe interrogar o equívoco no qual se fundam as formações do inconsciente¹⁶ jogando com a palavra “*ortographe*”, ortografia, qualificando a *ortog* (orthog) de *raphe*. *Raphe* remete à linha que costura duas metades. Não está longe de evocar os cortes e as suturas que a clínica tem de fazer. Trata-se de voltar às formações do inconsciente não do lado metafórico ou metonímico, mas de *la une-bévue* que ali se produz. *Familionário* é o exemplo através do qual Lacan mostrará que é uma palavra que se enrugam e, assim, é que opera para produzir um efeito de *sideração*¹⁷, no qual o sujeito se apaga, experiência do advento do Real. É uma forma de espremer a palavra para a criação de algo novo. Assim, a criação vem do já dado, mas o efeito é o de invenção.

O ato assim pensado levará a um passo do charlatanismo, da memória do familiar, das recordações da infância, à produção de um *dizer* que faz escrita nodal, *dizer* que nomeia. É a maneira que o *parlêtre* tem de ir além do pai, desse suposto responsável ao redor do qual se criam os imaginários fantasmáticos, para inventá-lo de maneira singular como função enodante e nomeante. Experiência contingente de escrita, por um instante, do que não se cessa de não se escrever.

Contingência de uma epifania, tal como Joyce – segundo Lacan nos ensinou –, advento de um

Real na palavra, no significante, sem nenhuma espécie de sentido que traz afetos-efeitos. É por isso que Lacan dirá “É completamente legível em Joyce que a Epifania aí está, o que faz com que, graças à falta, Inconsciente e Real se enodem”¹⁸. Analogia do final, Joyce mostra como se estrutura do inconsciente real. O que seria o epifanizado no analisante? O próprio sujeito, é como leio a *sideração* da qual fala Lacan. Porque lá onde um S₁ já não o representa para um S₂ fica abolido.

Este significante sem nenhum sentido remeteria à letra, mas não aquela do dezoito, que é só efeito da linguagem no *parlêtre*, isto é, a língua não trabalhada, com seu peso de ferro, que leva à repetição incessante. Trata-se do produto da forjada, o trabalho já descrito, ato de engendramento do significante novo sem nenhuma espécie de sentido. Por que Lacan não o chamou de letra, mas de significante novo? Eu diria: porque aqui o *parlêtre* está comprometido como artesão de sua palavra no trabalho analítico; enquanto que, na outra definição de letra, como litoral entre o gozo e o saber, é somente efeito passivo da linguagem no corpo vivente; este outro significante novo, sem nenhuma espécie de sentido, busca fazer outro laço entre o *sinthoma* e o Real, efeito poético do *parlêtre*, razão pela qual Lacan afirma que “Seja o que for, até o que é dessa prática, é também poesia, falo da prática que se chama análise”¹⁹, um poema escrito a duas mãos que introduz uma concepção de inconsciente como escrita²⁰, outra dimensão da letra distinta que nos obriga a ir mais além em Lacan.

Esse significante novo é a esperança de Lacan em relação à psicanálise como uma completa renovação do sujeito, porque não se trata do S₁ da identificação que leva a um S₂, mas que se trata do que nomeia esse *parlêtre* em sua identidade, criação a partir do furo do real, da Coisa real que cospe nomes²¹ ligando-se ao simbólico. •

Tradução: Leonardo Pimentel

Referências

¹ Lacan J., Seminario 24 *L'insu*. Lección del 17 de mayo de 1977

² Intervención de Jacques Lacan en Bruselas, el 26 de febrero de 1977, publicada originalmente en *Quarto* (Suplemento belga de *La lettre mensuelle de l'École de la cause freudienne*), 1981, n° 2.1

³ Lacan J., *Joyce el síntoma*, en: *Otros Escritos*, Siglo XXI editores, Buenos Aires, 2012, p 592

⁴ Intervención de Jacques Lacan en Bruselas, el 26 de febrero de 1977, publicada originalmente en *Quarto* (Suplemento belga de *La lettre mensuelle de l'École de la cause freudienne*), 1981, n° 2.1

⁵ Lacan J., Seminario 12 *Problemas cruciales para el psicoanálisis*. Lección del 3 de febrero de 1965

⁶ Lacan J., Seminario 25 *Momento de concluir...* 15 de noviembre de 1977

⁷ Lacan J., Seminario 24 *L'insu*. Lección del 17 de mayo de 1977

⁸ Lacan J., Seminario 23 *El Sinthome*. Editorial Paidós, Buenos Aires, 2006, p.71

⁹ Lacan J., Seminario 23 *El sinthome*. Editorial Paidós, Buenos Aires, 2006, p. 70

¹⁰ Lacan J., Seminario 24 *L'insu...* Lección del 17 de mayo de 1977

¹¹ Alighieri Dante. *La vida nueva*, p. 16

¹² Lacan J., Seminario 24 *L'insu*. Lección del 8 de marzo de 1977

¹³ Lacan J., Seminario 25 *El momento de concluir*. Lección del 15 de noviembre de 1977

¹⁴ Lacan J., Seminario 18 *De un discurso que no fuera del semblante*. Editorial Paidós, Argentina, 2009, p 71

¹⁵ Lacan J., Seminario 25 *Momento de concluir*. Lección del 15 de noviembre de 1977

¹⁶ Lacan J., *Clausura de las jornadas de la Escuela freudiana de París*. 25 de septiembre de 1977

¹⁷ Seminario 24 *L'insu...* Lección del 17 de mayo de 1977

¹⁸ Lacan J., Seminario 23 *El sinthome*. Editorial Paidós, Buenos Aires, 2006, p. 152

¹⁹ Lacan J., Seminario *El momento de concluir*. Lección del 20 de diciembre de 1977

²⁰ Maya B., *El inconsciente rige la función de la letra*. En: *Revista Indecible* No. 5 Editorial Asociación oro del Campo Lacaniano de Medellín,

²¹ Lacan J., Seminario 22 *RSI*. Lección del 15 de abril de 1975

Se há do analista, há Real

BEATRIZ OLIVEIRA

“Hurbinek, era um nada, um filho da morte, um filho de Auschwitz. Aparentava três anos, ninguém sabia nada a seu respeito, não sabia falar e não tinha nome: aquele curioso nome, Hurbinek, foralhe atribuído por nós (...). As palavras que lhe faltavam, que ninguém se preocupava de ensinar-lhe, a necessidade da palavra, tudo isso comprimia seu olhar com urgência explosiva: era um olhar ao mesmo tempo selvagem e humano (...) que ninguém podia suportar, tão carregado de força e tormento. (...) (p.28)
Hurbinek morreu nos primeiros dias de março de 1945, liberto mas não redimido. Nada resta dele: seu testemunho se dá pelas minhas palavras” (p.29)

(PRIMO LEVI. A TRÉGUA)

Em 75, Lacan dirá: *“só existe criação, cada vez que avançamos uma palavra, fazemos surgir do nada, ex-nihilo, uma coisa; é nossa maneira de ser humanos.”* (Lacan, 1975, p.119).

Neste comentário, está claro que a palavra cria a Coisa, seu furo, a partir de um vazio, nomeando-a, atribuindo àquilo que era nada, um traço que faz furo, nomeação. Nomear o vazio é causa de todo falasser, núcleo da experiência psicanalítica. Assim, se entendemos que o furo da estrutura é causa do ser falante, o psiquismo é necessariamente fruto disso: da violência do (des)encontro com a linguagem. Como diz Lacan, nosso modo de sermos humanos é fazer uma coisa surgir do nada pela palavra.

Lacan continua:

“(...) nosso tema é o de perceber aquilo que é impactante na nossa experiência histórica, e que é essencial para nós, ou seja, que há nomes. (...) Então tento, na nossa experiência, reduzir esse nomeável porque, de qualquer forma, podemos permitir-nos marcar assim todo tipo de coisas com nomes, isso

sempre se fez a torto e a direito, e tento limitar-me a nomear só o que chamo, junto com Freud, Urverdrangt, o que se resume, em suma, a nomear o buraco. É partir da ideia do buraco, é dizer ao invés de fiat lux: “fiat furo” (fiat trou), e pensem que Freud, enunciando a ideia do inconsciente, não fez outra coisa.” (115)

Sendo a clínica o campo privilegiado de encontro com aquilo que se tornou matéria de nossa própria neurose, me pergunto o que permite que um analista consiga suportar este encontro cotidiano com o que há de mais radical em uma análise, qual seja, o furo no real? Como diz Lacan, “a linguagem não é, ela mesma, uma mensagem, mas se sustenta apenas pela função do que chamei de furo no real”. (Sem XXIII, p.32)

Na clínica trabalhamos com ditos, palavras, fonemas, sons que enodam e desenodam sintomas e fantasias. É esse o material com que fazemos cortes, desconstruções e novas amarrações, buscando cavar o furo para que um Real possa ex-sistir como causa.

Para este debate, gostaria de avançar em relação ao que Lacan trabalhara sobre a transferência como um nó (1964, p.126), pois me pergunto, tendo como referência a função do desejo do analista, o que permite desatar esse nó? Em particular, me interessa pensar esta operação durante o tempo final de uma análise em que o sujeito se situa na borda entre o encontro com a angústia radical de sua humanização por um traço apagado e a saída possível para uma outra forma de laço, que mantenha a ética de um ser não-todo identificado a uma significação que mortifica.

Atravessar a experiência de uma análise, seja do lado do analisante, seja do lado do analista, não é sem *efeitos de Real* (Lacan, Sem XXIII). Do ponto de vista do analisante, angústia de separação. Do analista, o ato. A questão é que, sob transferência, buscamos fazer laço com o analista para não nos

depararmos com o furo irredutível que o objeto denuncia. Daí o impasse da passagem de analisante a analista no final.

Lacan é muito claro ao dizer sobre o papel do *objeto a* como obturador do trabalho inconsciente quando sob transferência, articulado à fantasia. Se a transferência em análise obtura o furo no real cavado pela linguagem, o qual nos permitiu ser humanos a partir de um dizer, será ao desatar o nó transferencial que um analisante pode advir com seu *sinthoma* singular. Para desatá-lo, é fundamental que o analista suporte ele mesmo este furo e opere tendo o real como causa de um dizer singular.

Para tanto, sabemos que a destituição subjetiva é condição necessária, mas não suficiente. O que a transferência encobre é esse “setor de intersecção lógica”, lugar vazio em que a realidade sexual do inconsciente se atualiza (Sem XI). Me parece que, enquanto há transferência, não há como fazer desse buraco outra coisa, ainda que o analisante se depare com um saber impossível ou um impossível de saber.

Assim, podemos pensar que, se é do furo que surge um falasser, será o furo que este reencontrará ao final de uma análise, o que permitirá com que ele reinvente outra maneira de saber fazer com que seu dizer fique não-todo esquecido por trás do que se ouve. Para que isso aconteça, é fundamental que o analista suporte e sustente esse tempo de de-ser, tempo de destituição subjetiva, durante o qual o analisante dá várias voltas entre a decisão do ato de separação de uma análise e o recuo diante da angústia desse mesmo ato.

Do lado da operação do desejo do analista, há que deixar cair o Sujeito Suposto Saber no seu momento, para que apareça o vazio que sustentou a transferência. É só quando não há mais como acreditar na demanda em relação ao Outro e se percebe que a transferência se sustentou pela solidão de um dizer, que um analista advém, contando com este um dizer que sustentou sua (des)humanização desde o início.

Assim, me parece que é só quando esse nó transferencial pode se desatar que um *Sinthoma*, enquanto aquilo que há de mais singular, pode advir. *Sinthoma* enquanto traço singular, um dizer. “(...) *se cada ato de fala é um golpe de força de um inconsciente particular, está completamente claro que, (...) de cada ato de fala pode se esperar um dizer*” (Sem XXIII, p. 132). Um dizer *sinthomal*, singular, não-todo identificado a si mesmo. Não anônimo. Não estaríamos aí na borda da desumanização?

Nesse sentido, entendo que não seja possível uma análise alcançar seu fim sem levar em conta o que cada analista fez de sua própria angústia diante da inexistência do Outro, ou do horror da solidão de seu próprio ato. É só quando “há do analista” que se suporta o “sentimento de risco absoluto” (Sem XXIII, p. 44) de uma análise.

De outro modo, o Real presente no cotidiano da clínica se tornaria não só insuportável como insustentável. Operar com o desejo do analista é apostar que um dizer se apresente ali, justamente onde a experiência de anonimato se torna mais radical: diante da falta-a-ser. A história de Hurbinek nos ensina: um dizer ou o nada. •

Desmontando palavras

BEATRIZ ZULUAGA J.

“Palavra, escrita e real”, podemos nomeá-la como a sequência que enoda a experiência analítica, sem a qual esta seria infinita. Sequência que me fez “eco” com o nome de um grafite de uma rua de minha cidade. Um grafite anterior, cujo dizer evocava o real da morte, foi substituído pelo de “desmontando palavras”, que escreve assim um *outro dizer* sobre o traço da escrita anterior...

Desafio do analista, desmontar com a palavra o que foi feito com a palavra, desafio do analista não sustentar o sentido que mascara o “não há”, o impossível de dizer, pois “*a questão não é a do descobrimento do inconsciente que no simbólico tem sua matéria performada, senão a da criação de um dispositivo no qual o real toca ao real*”¹. Estamos à altura?

Eu me pergunto se estamos à altura, porque não estou certa se o modo como os psicanalistas pensam o dispositivo analítico tem, de fato, nos orientado a preservar a singularidade de uma prática e uma teoria erosiva, sem que se harmonizem com os coros do mundo. Quando repetimos o fundamental da nova clínica, o qual designamos como o último ensino de Lacan, parece-me que obtivemos uma teria que, mais do que “ser escrita” a partir dos desafios que nos impõe a própria clínica, opera desde o que eu chamaria por uma imaginarização do real. Recorrer a conceitos que considero que muitos, a grande maioria dos que chamamos analistas, ainda não terminaram de compreender, que inclusive o próprio Lacan também o intentava, em muitas ocasiões nos conduz justamente ao que nos adverte Rithée Cevasco em seu texto “*Hacia una clínica borromea... paso a paso*”. Cito-a: “*nosso objetivo é colocar o nó a serviço da psicanálise e não o con-*

trário”. (6 primeiras aulas, pg. 18, Ediciones S&P, Barcelona, 2017).

Hoje, em nome do que chamamos a formalização da experiência, recorreremos a frases que se instalam no jargão analítico, estabelecendo uma transmissão que parece ter banido, em grande parte, a clínica que nos orientou até pouco tempo. A nova escrita, como o grafite de minha cidade, cobre um passado obscuro, o passado de uma clínica que Lacan nos ensinou por décadas, que nos orientou (os analistas) a sustentar análises, designações, nomeações, e, inclusive, em nome dessa clínica, oposições radicais a pensamentos “Únicos”... Será que o real já não estava ali, no próprio centro dessa prática?

Não teria sido o real, desde sempre, a nossa bússola? Isso já não estava em evidência em nossas comunidades, no trabalho analisante, em nossa própria formação? Mas é claro, hoje, mais do que nunca, os desafios da clínica nos exigem, aos analistas, uma intervenção mais contundente. Isso não está em questão, mas, será que podemos assegurar que o que chamamos de clínica dos nós, pelo menos até esse momento, tem situado, no zênite uma vida inédita, um novo paradigma para tocar o real com o real?

Então, onde localizar o ensino, todavia recente, de testemunhos que demonstraram que alguns analisantes puderam cernir algo de seu gozo e se virar com ele? Que novo lugar outorgar aos testemunhos que demonstraram para a Escola que um analisante advém um analista? Que lugar, então, para os finais de análise de alguns anos atrás, antes do furor da clínica do real e levando em conta que os efeitos de *alíngua* não eram ao que se prestava a orelha analítica? Esses analisantes pararam no meio do caminho, por não termos nos servido do nó?

1 Jacques Lacan, O Peor em Outros Escritos em espanhol, pág. 574.

Então... promover o sentido? Evidente que não, tampouco é novidade para nossa clínica – já faz algum tempo, as sessões curtas e a escansão foram deixadas de lado nos consultórios analíticos... Borderjar o gozo, lidar com a pulsão, foi o que Lacan indicou desde sempre. Na verdade, ele se pergunta sobre isso de maneira contundente ao final do seminário XI: o que acontece com a pulsão ao final de análise, o que se tocou desse real? Não é a mesma pergunta que nos convoca hoje?

Por isso, antes de promover o florescimento teórico que, às vezes, é outro modo de sustentar o sentido, creio particularmente que, como Escola, temos outro trabalho urgente em prol de proteger a própria psicanálise. Trata-se do compromisso que temos como analistas de nos deixarmos ensinar por nossos analisantes; deixarmos-nos ensinar de que se trata quando falamos de enodar, trançar, desnodar, fazer cortes transversais, puxar o nó, expandi-lo, etc., pois somente aí, na experiência da análise, pode-se verificar os efeitos de nossa intervenção.

Como não fazer da clínica dos nós, do intento de sua formalização, mais uma elucubração ou a própria negação do real que se impõe? Não estamos, um pouco, à beira de “montar” com o último Lacan a ilusão de conquistar o furo, de colonizar o umbigo mesmo da teoria e da clínica psicanalítica?

Não se trata, talvez, de fazer disso um Sintoma de nossa Escola?

Não é meu interesse, evidentemente, questionar o último ensino de Lacan. De fato, todos nós temos nos ocupado dele (temos que fazê-lo!), mas, às vezes, o uso que damos à grande nuvem obscura que chega com as novas doxas às comunidades analíticas não nos deixa escutar a chuva, as gotas uma a uma, em sua singularidade, em suas diferenças de tonalidade, fazendo com que percamos o essencial. E o essencial, desde a minha perspectiva, é que, apesar de termos desmontado palavras cada um em sua experiência, o real, como no grafite dessa rua de minha cidade, conserva seu núcleo obscuro, impenetrável. Mas, contando com a mudez de sua presença, um novo traço pode ser possível, um traço outro, que convoque a vida... o lúdico da vida. Por isso, a pergunta para mim, talvez a mais essencial que já feita em um CIG nos últimos anos, é a de hoje: “*Que alegria encontramos no que constitui o nosso trabalho*”? Se já não há alegria, se a temos perdido... não resta mais nada a fazer do que um corte, um novo enodamento. Não é disso que se trata nossa experiência? Que algo se recorte, ou se desmonte uma e uma e uma outra vez...

Tradução: Leonardo Lopes, FCL-São Paulo

« Qual o acesso para o advento do real do inconsciente numa psicanálise? »

BERNARD LAPINALIE

Desde Freud, o advento do real que esperamos de uma psicanálise, para além de qualquer cura, é o advento do real do inconsciente de um sujeito. Eu gostaria então de interrogar o que pode dar suporte a orientação do analista na fala analisante colocando em tensão o real de *lalíngua*, numa só palavra, e o real *do que se escreve* na fala analisante.

Comecemos por examinar o lugar de *lalíngua* no que pode nos orientar:

O conceito lacaniano notabilizou-se em nossa escola, até nos testemunhos de passe, desde que Colette Soler o sublinhou em Lacan. Eu tomei frequentemente certa reserva com relação a um uso que me parecia um pouco excessivo, haja vista a minha experiência, ficando, apesar de tudo, com uma interrogação: qual é o lugar de *lalíngua* na minha prática? Deixaria, eu, escapar *lalíngua* em meus analisantes? E será que até deixo escapar a psicanálise?

Algumas palavras então sobre *lalíngua*:

Lacan diz que tomou uma posição sobre esse conceito em 1971, enquanto desdobrava a questão do que se escreve em uma análise. Já não era sem tempo, aliás, pois, para dizê-lo rapidamente, com *sua função da fala e seu campo da linguagem* para todos... e com a *incompatibilidade da fala e do desejo*, ficava difícil de apreender o que permitiria à um analisante acessar o que faz sua singularidade e o advento do real do seu inconsciente.

Ao passo que *lalíngua*, da qual se faz o inconsciente, pode responder pela singularidade do sujeito, já que ela é feita de fragmentos, de Uns sem nexos, portanto, reais, que se destacaram do zumbido das falas do primeiro Outro que falou com o bebê, e que se depositaram, afetando seu corpo e seu gozo, antes que ele entre na fala. Assim sendo,

lalíngua informa ao mesmo tempo de « a marca do modo com o qual os pais aceitaram a criança » e ao mesmo tempo da singularidade do sujeito separada do poder do Outro, já que esses Uns de *lalíngua* se depositaram no bebê a sua revelia e de maneira contingente. A clínica da criança atesta disso com tudo o que escapa à educação e às expectativas dos pais.

No entanto, se examinamos o uso possível de *lalíngua* para nos orientar, logo aparecem os limites. De antemão, compreende-se que o saber dos Uns reais de *lalíngua* dos quais é feito o inconsciente permanece um saber inapreensível. Quanto aos fragmentos de linguagem que podem ser capturados na análise por decifração, ao seguir Lacan e tal como observou Colette Soler, eles são apenas uma elucubração sobre *lalíngua*, e uma elucubração não tem nada a ver com a orientação! Não se trata, no entanto, de jogar *lalíngua* com a água do banho porque ela é um apoio reconhecido para a interpretação, na medida em que, pelo equívoco, o analista pode fazer ressoar os significantes de *lalíngua* que assim tocam o sintoma. Sublinhemos, aqui, que com o equívoco nós temos também uma referência à escrita, já que o equívoco significa que uma palavra pode se escrever e se ler de forma diferente; exceto que é uma interpretação que permanece indecível, uma vez que visa o conhecimento inexpugnável de *lalíngua*. É por isso que Lacan diz que é uma interpretação « em que todos os golpes são permitidos », ou seja, « às cegas » e, portanto, sem orientação.

Portanto, em *Mais, ainda*, Lacan diz que « o recurso do analista está em *lalíngua*, o que a quebra ». Sim, mas o que é que a quebra? Ele imediatamente responde que está do lado do « emprego que é feito da letra pela matemática » – do mesmo modo, portanto, que o que quebra a língua mater-

na, a sua desmaternalização, é o aprendizado da leitura com a passagem pela escrita...

Deduzimos disso que uma prática que só apostaria em *lalíngua*, às cegas, é uma prática bastante desorientada.

Mas com a escrita, Lacan propõe outro suporte para se orientar:

A lógica de Lacan é que o inconsciente, por ser estruturado como uma linguagem, produz não somente a fala de associação, nem tão livre assim, mas também um efeito de linguagem que é a escrita, na forma do que se escreve na fala analisante. Notemos que este ponto é crucial porque a referência à escrita implica a letra que, ao contrário do significante, inscreve uma fixidez por ser idêntica à si mesma, uma fixidez de gozo no analisante, e que pode se ler. Em *Mais, ainda* Lacan se refere mais uma vez ao seu texto *Lituraterra* para lembrar que « a nuvem da linguagem faz a escrita ».

O problema é que não se faz uma análise produzindo escritos. É por isso que Lacan é obrigado a acrescentar um elemento que diga de que forma se manifesta o efeito de escrita na fala sob transferência. Eu não saberia dizer se isso já foi sublinhado, mas esse elemento é « *o dizer* », *o dizer* na medida em que se exclui dos ditos e, portanto, não pode se ouvir... o que, na estrutura da linguagem, coloca-o do lado da escrita. O exemplo conhecido é *o dizer de Freud*, segundo Lacan, « que não há relação sexual ». Freud jamais o disse, no que seu *dizer* exclui-se de todos seus ditos e Lacan só pode o haver lido, o haver deduzido, do conjunto dos ditos de Freud. Observemos que esse *dizer* de Freud

é o rastro lido por Lacan de uma constante que dá uma unidade ao conjunto, ao enxame dos seus ditos – em referência às abelhas Lacanianas como iremos ver.

Em conclusão:

Eu tentei mostrar que há um risco de confusão em querer marcar demais uma descontinuidade entre o seminário *Mais, ainda* e o que o antecedeu. Eu quis sublinhar que uma prática que queira se orientar somente em *lalíngua* seria uma prática desorientada, solta... e que a orientação do real da psicanálise para Lacan não vai sem *o que se escreve* e que é para ser lido.

Mais ainda, me parece perceber que, longe de opor *lalíngua* a *o que se escreve*, Lacan os faz solidários quando ele apela para o « Um encarnado em *lalíngua* » que garante a unidade e a singularidade do sujeito. Esse « Um encarnado em *lalíngua* », ele o chama o *enxame* (*essaim*) para jogar com o equívoco com o S1 (*esseun*) significante mestre. Mas o que me choca é que esta imagem do enxame de abelhas convoca, ao mesmo tempo, o que se ouve do zumbido indeciso, mas não sem a presença do enxame, isto é, de todos os ditos do analisante... e convoca ao mesmo tempo o que se escreve, se desenha e se lê na forma indecisa, mas persistente, do enxame de abelhas, isto é, do conjunto dos ditos do analisante determinados pelos significantes de sua *lalíngua*. •

Tradução: Luciana Guarreschi
Revisão: Luc Matheron

O advento de sentido e sua relação com o real na interpretação analítica

CAROLINA ZAFFORE

Ante o furor atual de um debate sobre a *sexualidade humana* resulta imperioso ajustar o desejo do analista a nossa conjuntura e fazer valer a opção analítica. Desde esta perspectiva, parto da seguinte ideia. Só ao submeter *o sexual* a um discurso preciso é possível isolar uma invariante clínica: a inapelável ausência de dita ausência é o único que recolhe as consequências sintomáticas produzidas pela ação primária do significante sobre os corpos.

Onde localizar então o específico de sua operação?

Coerções da Linguagem

Começo delimitando nosso campo: o dispositivo verbal em que consiste uma análise observar um *real da sexualidade* que diverge da “determinação anatômica” como dos “fatos históricos”. Bordeamos os fatos que influenciam, sobretudo se se os resgata da repressão. Porém, em rigor, a interpretação analítica se orienta por um real independente tanto da anatomia como da biologia sexual. Mais ainda, sua operação não se submete às verdades da “realidade psíquica”. A conquista analítica é tratar as sequelas sintomáticas das normas e imposições sociais, porém relocando-as em função das coerções próprias da lógica da linguagem. E isso envolve em primeiro lugar a impregnação da língua que supõe contragolpes acidentais no nível do gozo sexual. *Lalíngua* inacessível, que se bem provém do que ouvimos do Outro, precede a apropriação do sentido.

Portanto, como demonstramos clinicamente a ligação entre a língua e o sexo?

Desenvolvo hoje um argumento em torno da relevância concreta da *equivocidade da língua* e seu uso para os fins da interpretação.

Como é que a partir do que se diz em uma análise advém um real que não se subsume à semântica

da palavra?

Como calibramos em nossa prática cotidiana o sentido e sua ausência para resguardar a psicanálise de uma *psicosocio-logia* como também de uma perigosa mística de *Lalíngua*?

Proponho um breve fragmento clínico para especificar a função da interpretação pelo equívoco.

Barrar o sentido

Se trata do caso de uma mulher que sofre uma drástica anestesia no encontro sexual. A limpeza extrema é condição do contato íntimo com seu companheiro, um irlandês nativo a quem ama profundamente. Banhos, medidas rígidas de asseio e a presença de ínfimos fluidos envolvem cada *apropach* em um clima de evitação e rechaço. A férrea insensibilidade corporal não cede mesmo com o recurso à fantasia, os orgasmos se restringem a uma solitária e higiênica prática masturbatória.

Diz sonhar que está em uma banheira com sua analista (ensaboando suas costas em nítida tensão sexual e em uma disposição que replica a do consultório) começa um longo trajeto que contorna o que se impõe pela repetição: seu ser consagrado ao olhar do outro: *ser seu tesouro, seu adorno, seu troféu*. Não passa despercebida jamais, todo homem a olha de modo desejante ou obsceno. Sua *beleza imaculada* é o traço eternamente acentuado pelo pai e o significante *se-olha-e-não-se-toca* decanta como o signo de devoção e padecimento que atravessa sua história. A rivalidade com a mãe recorre a múltiplas torções, enquanto ocorrências e sonhos confluem na indiferença materna frente vivências infantis de *tocar* com seu irmão. Contexto em que as cenas incestuosas adquiriam máxima consistência e pareciam explicar tudo. Explicavam, porém nenhuma mudança no encontro corpo a corpo, fonte de reclamações ao analista.

Transitar e por sua vez desinflar estas versões fantasiosas declina em uma surpresa para ambas. Eis aqui o acontecimento que gostaria de destacar: logo após uma festa seu noivo se aproxima, mas ela se nega, experimentando com peculiar ferocidade o rechaço e as exigências de assepsia. O relato inclui um detalhe do local do evento na periferia de BA: *Escobar*. Trava ao pronunciá-lo e entrega um L final (inicial de seu nome) em vez de um R: *Escobal*

Pergunto se a festa era pela Noite de Bruxas. Depois de rir e voltar ao silêncio, prossegue assim: sua avó materna, imigrante britânica de grande presença, em seu precário domínio do castelhano, dizia *escobar*¹ ao invés de varrer. Se do substantivo trapo o verbo é *trapear* e balde *baldear*, o verbo que se desprendia de *escoba*² era *escobar*. Ainda hoje é inaceitável que sua mãe reproduza o erro como ela até a puberdade. Tempo em que emerge certa estranheza ao registrar que *nomeava mal* uma ação familiar.

A expressão *escovar a vereda* [*escobar la vereda*] inscrevia, além de uma questão de limpeza, a cena do universo feminino. A vereda³ estabelecia uma sorte de continuação da casa e se lembra pequeni-

1 Escobar se traduz “escovar”. Como o que se trata diz respeito ao cristal da língua optei por manter em espanhol pois diz respeito a um ato falho importante.

2 Escova

3 Vereda é um substantivo também usado em português.

na espiando sua mãe e avó nessa zona desejan- te de intercâmbio social, próprio de sua pequena cidade natal.

O insensato deste reencontro com a equivocidade da língua, *contragolpe* do verbo que não encontrou em suas sessões nem explicação nem arremate, significou sem dúvida o que foi seu último episódio de insensibilidade. Seu corpo começou a sentir de outro modo sem a mediação de outro instrumento que a equivocidade com a que se varre e espalha o polvilho do sentido.

Para concluir

Gostaria de ressaltar o equívoco como a oportunidade privilegiada para desarticular a fixidez do sintoma. E penso que é a interpretação pelo equívoco o que assume o relevo dessas marcas primárias que ligam a língua e o sexo. Ligação *a*-cronológica que recupera parcialmente uma análise sob a condição de depor toda a pretensão de saber.

Seja o que for que alguém diga, entrega um elemento exterior ao que pronuncia, uma alteridade que é justamente o que prepara a interpretação. Forçamos assim a eficácia do dizer contingente apostando a sujeição ao equívoco que sintoniza o inconsciente.

Daí que a senda do ato analítico é a única que faz constar um real da sexualidade que designa tanto a inépcia e infinitude do sentido como seu avesso, a abolição do sujeito. •

Tradução: Glaucia Nagem

O recém-nascido

CLARA BERMANT

“traumatismo, não há outro: o homem nasce mal-entendido”

J. LACAN

Faz alguns anos, recebi pelo correio um livro enviado como presente pela mãe de uma menina (vamos chamá-la de Mariana) que eu atendera há muito tempo. Ela me falara da impossibilidade de reconhecer e atender, inclusive em suas mínimas necessidades, o “produto de suas entranhas” que a horrorizava, fruto do encontro com um homem – seu marido à época – que recebera a notícia do nascimento com desdém e desprezo.

O livro em questão era *O diário de Adão e Eva*, de Mark Twain. Nele, descreve-se o encontro de Adão com o recém-nascido que Eva traz depois de ter ido ao bosque parir:

Não é um peixe, embora não possa definir o que realmente ele seja. Faz sons curiosos e infernais quando não está satisfeito e diz “gu-gu” quando está contente. Mas tampouco posso afirmar que seja um de nós, pois a pequena criatura não anda. Ele não é um pássaro, já que não voa. Não é um sapo, pois não pula. Não é uma cobra, já que não rasteja. Estou certo de que não é um peixe, embora não tenha tido a chance de ver se ele nada ou não. Ele só fica deitado, quase sempre de costas com os pés para cima. Nunca vi outro animal assim antes (...) No meu juízo, ele é tanto um enigma como algum tipo de bicho.

Satírica e aguda descrição nos oferece Adão acerca da experiência “unheimlich” que pode acometer a todos nós no encontro com o neonato.

Conheci Mariana quando ela tinha 4 anos, época em que foi levada ao consultório: menina de semblante triste, apresentação autista e aparente

desconhecimento da linguagem. Graças à valentia da mãe e ao trabalho da analista em relação à demanda até então não reconhecida de Mariana, foi possível que a intenção reparadora viesse no lugar daquele vazio “de que um dos dois pais – não preciso qual deles – não o desejou”. Assim foi possível a emergência de um sujeito e de um sintoma em que a palavra entrecortada rememora o desencontro: trata-se da gagueira. Ali onde nada havia, advém a palavra; forçada, cada palavra o símbolo de um obstinado triunfo. Gagueira que evoca a reiteração da demanda. O recém-nascido, filho da não relação sexual e das teorias sexuais infantis, encontra seu melhor destino em seu ser de sintoma. Esse sintoma é precisamente a “resposta do real” que advém na experiência psicanalítica.

Outra mãe, a quem chamarei Penélope, chega ao consultório em um dia de chuva, descalça e desesperada. Vem a meu encontro, poucos dias após ter dado à luz a Ulisses, em função da impossibilidade de alimentá-lo. Queixa-se tanto de que o bebê não come quanto de que não para de comer: “Se não lhe dou o que me pede, tenho medo de que me coma”.

“Esse menino parece um balão. Enche e esvazia. Se não o alimento, me come. Gostaria de vê-lo e pegá-lo, mas, quando o levam até mim, não consigo estar com ele. Quando vejo que não chora, que não fala comigo, tenho a sensação de morrer. Vejo-o quebrado, destroçado. Que não tem vontade de nada, assim como eu. Vejo-o em pedaços. Se olho seu rosto, o resto do corpo não existe”. Eis aqui “o próprio objeto de sua existência, aparecendo no real”.

Desencadeamento melancólico ante a queda do ideal: “Dei-lhe o nome de Ulisses. Ele seria meu rei. Agora é um psicótico”, diz Penélope que, por ser pedagoga, já havia me procurado antes por causa de alguns casos. Nenhum detalhe me permi-

tiu supor nele algo desse destino.

As vozes lhe dizem: “Devolve-o à sua mãe ou mate-o, esse menino não te pertence”. Entro em contato com a família para frear os desejos filicidas. Será necessário, mais além do todo ideal de harmonia, forçar a separação da mãe e do filho.

Qual destino para o recém-nascido sem a significação fálica e, inclusive, com a recusa à cópula?

Cristina decide, aos 30 anos, que será mãe solteira. Aos 50, por inseminação artificial, tem um menino, Pau. Inicia assim um idílio sobre a lactância que não conhece limites nem de tempo nem de lugar. Noite e dia, Pau ocupa o lugar de um apêndice para a mãe, único lugar em que consegue suportá-lo, preso a seu peito. Único lugar e ação em que o reconhece como filho. Já tinha feito algumas entrevistas comigo por indicação de sua comadre. Falou desse amor puro, puro amor. Uma sombra a leva de volta ao consultório: diante da falta de ajuda para cuidar do bebê, defronta-se com um problema que logo irá adquirir o caráter de um pensamento obsessivo que a faz, finalmente, interrogar-se sobre esse amor ideal. A cada noite, o mesmo problema: como fazer para colocar o lixo na rua sem deixar o bebê sozinho?

O problema se enuncia: ou o bebê ou o lixo. E, assim, converte-se no terror de jogar o bebê como o lixo.

A criança realiza assim a presença, materializa, faz existir o objeto da mãe, revelando sua verdade sem metáfora nem significação fálica. Na conferência *O mal-entendido*, Lacan diz: “não há outro traumatismo do nascimento senão nascer desejado. Desejado ou não, dá no mesmo (...) Juntam-se dois que não se entendem e se conjuram para a reprodução (...)”. Assim, não há saída a não ser a do traumatismo, filho do desejo ou de sua ausência. É por isso que cada nascimento revela algo do encontro falido entre a linguagem e o corpo, desencontro que se tenta reparar interrogando sobre a completude da criança.

Concluirei meu comentário sobre o recém-nascido com um parágrafo extraído de uma pesquisa sobre os índios *guayaquis*, em que se destaca o ato de nascimento como um ato em dois tempos,

metáfora do par significante Fort-Da em seu poder constituinte:

Assinalemos, em primeiro lugar, que o verbo *upi*, levantar, se opõe àquele que designa o nascimento: *waa*, cair. Nascer é cair. E, para anular essa “queda”, é preciso levantar, *upi*, a criança. De modo que a função *upiaregi* não se limita a oferecer-lhe calor e confortá-la; segundo o pensamento indígena consiste, sobretudo, em completar e fechar o processo do nascimento, inaugurado com uma queda. Nascer, no sentido de cair, é, por assim dizer, não ser (ainda); e o ato de levantá-la garante à criança o acesso, a ascensão à existência humana.

Como “levantar” o recém-nascido para possibilitar seu advento simbólico a mundo definido tanto pelo avanço da “ciência da reprodução” quanto pela queda do significante fálico cada vez mais distante do “órgão da copulação”? As novas “ideologias da criação” que promovem o “amor forçado” do apego não conseguiram fazê-lo. •

Tradução: Maria Claudia Formigoni

Referências

1. Twain, M. O diário de Adão e Eva. São Paulo: Editora Rideel, 2010, p.18.
2. Freud, S. (1919) O estranho. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XVII.
3. Lacan, J. (1975) Conferência em Genebra sobre o sintoma.
4. Miller, J.A. Curso Respuestas de lo Real.
5. Lacan, J. (1969) Nota sobre a criança. In: LACAN, J. Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p.370.
6. Lacan, J. (1980) O mal-entendido. In: Opção lacaniana, nº 72, p.9-12, 2016.
7. Clastres, P. (1972) Crónica de los Indios Guayakis.
8. Badinter, E. O conflito: a mulher e mãe. Rio de Janeiro: Record, 2011.

O gozo na histeria não-toda

CLOTILDE PASCUAL

Através da cura de uma paciente no decorrer de três anos, tratarei da posição de devastação que pode ter um homem para uma mulher, mostrando como esta posição pode ser causada pela relação de devastação na relação com a mãe.

Situarei o giro a partir de uma posição histérica, de fazer desejar o Outro, a um querer desejar e gozar, na qual se produz uma abertura acerca da pergunta sobre sua posição feminina.

Para Lacan, a posição histórica se apresenta sustentando o Outro. A posição feminina, não sustenta o Outro, senão que se realiza no que tem de única no seu gozo. No livro de Colette Soler: O que Lacan dizia das mulheres, a posição feminina é a invenção para cada mulher de fazer limite ao gozo que pode ultrapassá-la. Esta posição excede a histeria, já que a estrutura não a recobre por completo, desdobrando-se em gozo fálico e gozo feminino.

Será neste gozo feminino, onde se mostra a relação de devastação que ocupavam as relações amorosas e a relação com a sua mãe.

DEMANDA

Se trata de uma paciente de 33 anos. Apresentava sintomas no corpo assim como a sensação de anular-se totalmente no amor, o que lhe causava um grande estranhamento. Este surgia ao deparar-se com o desejo sexual de um homem que amava, sem obter um amor “sem condições”. Dizia que se adaptava ao que queria o outro, mas se anulava como mulher. Em algumas ocasiões se arranhava diante do espelho para sair desta estranheza. Sua demanda era sair destas relações de sofrimento.

É a caçula de três irmãos. Nasceu na Inglaterra, de mãe inglesa e pai espanhol. Aos dois anos a família vai a Madrid. Aos 18, seus pais se separam, e desde então sua vida é uma mudança de relações

e de mudanças a diversos países. A separação dos seus pais foi uma grande decepção. Idealizava seu pai até descobrir que tinha outra mulher. Descreve sua mãe como muito rígida e disciplinada. A reprovação por não ter lhe ajudado como mulher. Conta que quando um professor ficou a tocando e lhe contou, ela lhe diz para não exagerar sentindo-se muito sozinha. Em relação ao seu pai, espera que a reconheça pelo seu trabalho, mas este só a reconhece pelo seu físico.

VIDA AMOROSA

Está dividida entre a busca de um amor absoluto pelos homens que admira intelectualmente e a dificuldade de chegar a um gozo sexual. Isso a leva a ter relações com outros homens que acaba de conhecer, “como um tratamento de choque” para verificar se com eles teria prazer sexual.

Aos 18 anos vai a Inglaterra. Conhece seu primeiro namorado, 10 anos mais velho, e com ele convive três anos. As relações sexuais a repugnavam, mas ficava com ele pela admiração que sentia e na espera de obter seu amor. Rompe, frustrada com as poucas mostras de amor e com a violência que ele mostrava nas relações sexuais.

Aos 22 anos conhece um homem doze anos mais velho. Vivem juntos quatro anos. Repete-se o anterior: admiração pelo que sabe, sem satisfação sexual. O descreve como ciumento, violento verbal e fisicamente. Também termina com ele.

Meses depois, conhece outro homem, quinze anos mais velho, repetindo o mesmo, com ele fica durante cinco anos. Quanto este a deixa, se agravam suas crises de estranheza e os sintomas no corpo. Faz um ano de análise, muda de cidade e vem me ver.

Tal como descreve essas relações, penso que se

situa em uma relação de devastação colocando-se como objeto do fantasma masoquista de um homem consentindo a uma mortificação para tentar alcançar este amor absoluto, como saída ao não-todo no gozo fálico.

Nos diz Lacan em *Televisão* que este tipo de relação remete à mascarada feminina levada ao extremo, como uma saída à lógica do gozo suplementar, “a ponto de não haver limites para as concessões que cada uma faz a *um* homem: ...” (p. 538). Parece uma versão da devastação mãe-filha que desenvolveu no *L'Étourdit*. A devastação se produz sobre o fundo de uma paixão de ser enquanto mulher.

CAMINHO DA CURA

Na cura vão se produzindo mudanças. Ante à pergunta pelo desejo do Outro, aparece uma resposta do fantasma como efeito de significação: Ser a preferida do pai, onde o objeto-olhar é o prevalente: Olhar, ser olhada.

Um sonho indica como o modo particular de acesso ao gozo se desprende, dando lugar a um efeito de separação.

“Ia de viagem. Caía, me machucava. Uma amiga me olhava sem ver-me.”

Assinalo: Não a viam? Quem não a via? Corto aqui a sessão.

Na sessão seguinte, traz uma lembrança: quando tinha seis anos se deixou quase engasgar para que seu pai a “visse”, certificando-se de que com efeito era sua preferida. Acredita que é então, che-

gando ao limite de tentar verificar o amor de seus namorados.

Já há dois anos estabelece uma relação sem esperar esse amor absoluto. É uma relação ambivalente, já que não entende que possa amar um homem tão diferente dos anteriores. É da sua idade, lhe cuida. Se sente atraída e tem satisfação nas relações sexuais, embora sinta dor no “baixo ventre” que poderá situar como o desejo de um filho e não sentir-se autorizada para tê-lo.

Em Setembro do ano passado, quis mudar de cidade para viver com seu namorado e ir com ele para a cidade onde vive sua mãe. Se decepciona muito, quando esta lhe aconselhou que não o fizesse pois ela mesma poderia ir embora. A partir daí surgem censuras frente aos seus comentários de que a vê incapaz de ter relações estáveis ou filhos. Podemos pensar o que em *L'Étourdit* nos diz Lacan sobre a devastação “que constitui, na mulher, em sua maioria, a relação com a mãe, de quem, como mulher, ela realmente parece esperar mais substância que do pai.” (p.465).

A paciente deixa o tratamento em maio. Não apresentava os sintomas no corpo nem os fenômenos de estranhamento. Acredito que esta análise consegue desprender uma parte do gozo presentificando o desejo de ter uma vida que não fosse uma tortura por apontar um ideal impossível, com relação ao seu ser de mulher e com relação ao amor. •

Tradução: Samantha Steinberg

Advento do Outro

COLETTE SOLER

O real fora do simbólico nunca advém sozinho; o encontramos às vezes, mas ele advém apenas por fusão, com um elemento linguageiro. Os adventos do real são, portanto, diversos: a alunissagem que “Televisão” toma como exemplo-padrão, em que se manifesta a coalescência do real do número com o real fora do simbólico da matéria difere muito, por exemplo, do menor advento de sintoma. No entanto, trata-se da mesma estrutura, a emergência conjunta de uma presença real – aqui, a do “acontecimento” de gozo – e de um significante, o contrário, por conseguinte, de uma forclusão, a qual é presença não subsumida mediante um significante.

Quando, no final, Freud então diz “O que quer a mulher?”, trata-se de uma fórmula de reconhecimento da diferença, mas não de uma fórmula de advento “da” mulher. Lacan, pelo contrário, ao colocar a conjunção desse gozo outro, real, com a lógica linguageira do nãotodo [*pastout*], produziu seu advento na psicanálise. É isso, aliás, que o faz dizer a essa “super-meutade” [*surmoitié*], quando ele a faz falar, ela o agradece de certa forma por ter, cito, “banca-do o outro”.¹ Trata-se do advento por meio da lógica daquilo que não advém por meio do significante no discurso, daquilo que é excluído pela natureza... das palavras, a saber, A mulher, da qual ele pode dizer que ela não existe, pois falta a ela na linguagem não o seu significante, esse A mulher que não falta em nenhuma língua, mas o significante de seu gozo. Enquanto ser sexuado, ela é, então... a diferente. E esse é um enigma distinto daquele da Esfinge de Édipo.

O advento da nãotoda [*pastoute*] na psicanálise abre obviamente a questão de saber o que acontece com isso em cada psicanálise. Como podem o(a)s ex-

cluído(a)s de qualquer discurso se revelar numa prática de discurso?

Primeira resposta de Lacan: na estrutura da linguagem da qual a análise se utiliza, seu gozo outro se situa sempre como o “Um a menos”.² O significante que falta, sempre por vir de alguma forma, na série de todos aqueles que se enunciam. A mulher é, então, na linguagem um *não advento* que se repete até o infinito, pois esse lugar não sabe nada dessa “encarnação distinta” do sexo que é a mulher. Consequentemente, não é possível ter ideia de sua diferença por meio da interpretação “do que se diz”.³ O inconsciente falasser [*parlêtre*] que produz “o texto dos sintomas da neurose” procede da “*norme mâle*”,⁴ escrito assim, em duas palavras. Outra forma de dizer isso: A mulher não tem inconsciente (cf. *Mais, ainda*), ela é radicalmente Outra. Esse Um marca, contudo, seu *lugar* na estrutura, ou seja, no real da linguagem, sem o qual não poderíamos sequer evocá-lo: pois bem, trata-se de um “lugar de vazio”.⁵

Será, portanto, por meio do vazio que se pode diagnosticar a nãotoda [*pastoute*] na análise? Esse “Um a menos” se manifesta como falta de consistência, indeterminação, infinitude, incompletude. Falta repetida dos pontos de estofos suscetíveis a que se faça conclusão, limite ao vetor do discurso por meio de uma fixação – com “x” – de gozo.

Só que o “Um a menos” nem sempre é o da nãotoda [*pastoute*]. Constata-se, aliás, o quanto a falta de

1 LACAN, J. (1972). O aturdido. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 469.

2 LACAN, J. (1972-73). *O seminário, livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 174.

3 LACAN, J. (1972). O aturdido. In: *Outros escritos*, op. cit., p. 448.

4 *Ibid.*, p. 480. Equívoco que evoca *nomale* [normal] e *norme mâle* [norma masculina] (N.T.)

5 LACAN, J. (1974). Prefácio a *O despertar da primaverá*. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 559.

consistência do não todo [*pastout*] dá, clinicamente, lugar à confusão com o extravio [égarement] da neurose, com a dúvida obsessiva e as incertezas do sem-fé histórico. Mais estruturalmente, a verdade meio-dita [*mi-dite*] é ela mesma não toda [*pastoute*], ela metonimiza o Um a menos. Ela “balbucia”,⁶ diz Lacan, o que significa justamente que ela não conclui, miragem da última palavra – no matema, isso se escreve S(Abarrado), ele precisa. Ora, a verdade na análise não é somente para a não toda [*pastoute*], é a via de cada analisante que, convidado a se dizer, palavra por palavra, sessão após sessão, não pode fazer menos do que buscar e esperar a última palavra que, por faltar, impede de dizê-la toda. Miragem.

O que pode, no fim das contas, tamponar essa hiância estrutural e colocar um ponto de parada? Temos uma resposta já elaborada: o objeto *a* substantificado da fantasia com relação ao desejo, e a letra do sintoma com relação ao gozo. Ora, ambos – objeto *a* e letra – são avatares de registro fálico, o objeto por sua fuga, e a letra, ao contrário, por sua fixação – com *x* – do gozo fálico. É justamente isso o que o não todo [*pastout*] exclui, a tal ponto que podemos nos perguntar seriamente se não é ele quem favorece a análise infinita. No que diz respeito à confusão com a neurose, é somente quando uma neurose é curada, ou seja, quando são cingidos a fantasia e o sintoma que obturavam a hiância da verdade meio-dita, que sabemos que a reticência do sujeito a concluir procede do “eu não quero saber nada disso” neurótico e não da inacessibilidade lógica do “Um a menos” que é da ordem do incurável, como qualquer real da lógica.

Quando, ao falar da não toda [*pastoute*] em análise, Lacan diz, cito: “Seus ditos só podem completar-se, refutar-se, inconsistir-se, indemonstrar-se e indecidir-se a partir do que ex-siste das vias de seu dizer”,⁷ ele não nos diz a diferença da não toda [*pastoute*], mas, ao contrário, que ela está submetida à ordem do Discurso analítico, que passa pela via dos ditos, com um intuito: asseverar os modos de gozo que estofam à hiância do Outro, revelando-a. E é possível para ela também, já que ela não existe “sem” [*n’est “pas sans”*] o fálico.

A questão de sua diferença – permitam-me um neologismo – a di(re)ferente, [*di(re)fférente*] permanece,

portanto, inteiramente. Procuremos do lado da transferência. Ela é “amor ao saber”, e gerada pelo objeto *a*, na medida em que ele falta, “o psicanalista se faz do objeto *a*”,⁸ e ele aspira ao saber sobre o gozo. Salvo que o gozo não passa não todo [*pastoute*] ao saber, que somente o fálico é coalescente ao saber. Resultado sobre os sujeitos, se acreditarmos em Lacan, as mulheres têm “mais relação com o Outro”.⁹ Leio esta tese de *Mais, ainda* de duas formas: primeiro, elas estão mais inclinadas à transferência que interpela o Outro sobre seu saber, como constatamos, com efeito. Mas, por outro lado, também não têm relação com um Outro distinto do sujeito suposto saber, um outro deus de certa forma? O gozo outro, subtraído do significante e, portanto, do objeto *a*, implica um Outro “*pas-savant-du-tout*”¹⁰ [que-de-todo-não-se-sabe/ não sabendo do tudo], um lugar vazio de significantes. É disso que os místicos falam justamente, de um deus, cito, em que não há nem figuras nem “distinções”, e nem nome, *n o m e* [*n o m*] – são citações, o abismo, as trevas, a ausência. Mestre Eckart. Sentimos bem que isso beira a heresia, embora siga a lógica das inconsistências da linguagem. Não se trata de uma redução do Outro ao objeto *a*, mas de uma minoração do valor significante que, para os místicos, chega até a visada de erradicação, e que é, creio eu, aquilo que Lacan nomeia a liberdade das mulheres. A fase final da análise, aquela que Balint havia situado bem como estando além dos benefícios da elaboração, é marcada, segundo Lacan, pelo luto do objeto *a* no que diz respeito à relação com o analista,¹¹ pelo tempo necessário para se identificar com a letra de gozo no que concerne à identidade do falante.¹² Isso vale para qualquer analisante, mas não devemos acrescentar para a não toda [*pastoute*], com o luto do significante, a identificação com o inominável, que reduz, que minora, ou até mesmo aniquila o valor da letra justamente – com esse paradoxo característico dos místicos de que o indizível só é convocado na linguagem. •

Tradução: Cícero Oliveira
Revisão da tradução: Sandra Berta

6 LACAN, J. (1972-73). *O seminário, livro 20: Mais, ainda*, op. cit., p. 108.

7 LACAN, J. (1972). O aturdido. In: *Outros escritos*, op. cit., p. 469.

8 LACAN, J. (1969). O ato psicanalítico. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 375.

9 LACAN, J. (1972-73). *O seminário, livro 20: Mais, ainda*, op. cit.,

10 *Ibid.*, p. 133.

11 LACAN, J. (1972). O aturdido. In: *Outros escritos*, op. cit.

12 LACAN, J. (1969). Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

Efeitos de escritura

CORA AGUERRE

Jacques Lacan interessou-se pela psicose desde o início de sua prática. Ao longo de seu ensino podemos encontrar no rastro de seu percurso a pista da busca de uma solução para aqueles sujeitos que não contam com o enodamento a partir do nome do pai.

Durante muito tempo temos falado do analista como secretário do alienado e da necessidade de ter um cuidado especial com a dimensão erotomaníaca. Na psicose, pensar os enodamentos e desenodamentos nos dá maior plasticidade no momento de abordá-la. Lacan diz que tudo o que nos expõe foi extraído de sua prática analítica. A estrutura não é fixa, o poema que cada um de nós encarna é um poema que não está escrito de uma vez por todas, mas é um poema que se escreve em ato.

O fundamental do nó é o furo, isto é, a forclusão generalizada, que podemos formular como “não há relação/proporção sexual”. Com a topologia Lacan nos faz sentir o furo do qual é feito o nó. A ênfase é colocada na abordagem deste furo e na solução singular que cada analisante pode ir produzindo pelo dizer da análise.

Lacan, no capítulo III de *O Sinthoma*, “O nó como suporte do sujeito”, explora as possibilidades de enodamento na paranoia. Dirá que o que se nos revela é que o mínimo em uma cadeia borromeana é sempre constituído por um nó de quatro, por essa relação de 3 mais 1. Neste capítulo ele propõe, a partir do que enunciou, “que a três paranoicos poderia ser enodado, a título de sintoma, um quatro termo que seria situado como personalidade, precisamente na medida em que seria distinta em relação às três personalidades precedentes, e o sintoma delas” (2)

O que nos propõe é que a três se enode um a mais, o que permitiria que essa trança subjetiva se enode por um quarto, que seria o *sinthoma*. A personalidade resultante já não seria paranoica, isto é,

haveria uma correção do lapso do nó.

Sobre este ponto é interessante o que Michel Bousseyroux nos traz em seu artigo “Revisão da paranoia”. Ele nos diz: “Basta que sejam três, três personalidades paranoicas, como Schreber, seu pai e seu irmão, ou as irmãs Papin e sua mãe ou também o Homem dos lobos, sua irmã e seu pai, e que os três estejam enodados borromeamente por uma quarta personalidade que, como neurótica, seria seu sintoma...”(3) Esta concepção poderia lançar luz sobre a evolução e o tratamento da paranoia.

Minha pergunta, a partir desse 3 mais 1, é se o analista poderia, na psicose, ter essa função.

O dizer da análise

Recebo, há quatro anos, um menino que chega em meu consultório com seis anos. No início, brinca de costas para mim e aceita mal minhas breves intervenções. Durante muito tempo sua brincadeira consiste em colocar um berço de bebê e jogar com personagens para ver quem é capaz de saltar o berço e quem cai nele. Este jogo foi mantido como tela de fundo durante o tratamento e considero que mostra um ponto nodal de sua estrutura.

Em seus jogos irá aparecendo a rivalidade, a luta de tu a tu, da qual o encorajo a sair, incluindo regras para que possa haver um princípio e um final.

Mais adiante, ele organizará provas de obstáculos e dividirá os personagens em equipes. Quando pergunto em que equipe ele irá, diz que precisa ir com alguém que tenha senso de direção, pois ele não o tem.

Esse jogo se transformará e a partir das peças e obstáculos me proporá brincar de esconde-esconde. Um conta e o outro esconde os personagens. Este jogo marca uma virada importante, se mostra vivaz e animado.

Algo novo se produz, ele pega fantoches e organiza um jogo. Aparecem o rei, o bobo, a rainha e a princesa. O pai, sempre vigilante, não permite que sua filha tenha amigos, por isso sempre a acompanha, mas secretamente, atento ao possível olhar do rei. O personagem do Urso ganhará importância e o representará.

Uma nova personagem aparece e é chamada “Maligna”. Ela sequestra ao rei e são os animais, finalmente o urso - totalmente coberto até a cabeça, nenhuma parte do corpo pode ser vista - transformado em super-herói que o resgata. O rei não pode “saber” quem o resgatou.

Pela primeira vez surgiu uma história e uma trama é tecida. Há uma fixação edípica constituída pelo rei, a rainha, a princesa e um urso que está de fora, mas busca a maneira de vincular-se “salvando ao pai”.

Pergunto-me pelo lugar do analista no tratamento a partir do que aporta o nó, seus lapsos, suas correções e as distintas possibilidades de enodamento.

No caso apresentado, o menino chega com inquietação no corpo, resguarda-se do olhar, brinca sozinho e fala com monossílabos. A partir do dizer da análise se produzem enodamentos entre o real do gozo e o simbólico-imaginário que tem efeitos em sua vida: ele se acalma, é capaz de brincar com outras crianças, integra-se melhor na escola, está em uma equipe de futebol.

A questão seria, a partir da transferência, buscar ocupar o lugar do um a mais. O pai que nomeia se diferencia do pai como metáfora, não se trata do significante do nome do pai. A nomeação não é uma função significante, é uma função do dizer, e

o dizer é advento, é um fato de existência.

A palavra, o que se diz em análise produz, cria. Cada vez que avançamos uma palavra fazemos surgir do nada uma coisa, é nossa sorte de seres humanos, como nos diz Lacan na “*Journée d’Étude des Cartels de l’École Freudienne*”. No dizer há um poder de gerar, de engendrar. Nomear é criar em um só e mesmo ato. Freud nomeou o inconsciente, e é porque Freud o nomeou que existe. Algo não existe, não começa a ter um papel até o momento que é nomeado. •

Tradução: Roberto Profeta Marques

Referências bibliográficas e bibliografia

Referências bibliográficas

- (1) J. Lacan. Seminario XXIII: El Sinthome. P. 51. 1ª edición- Buenos Aires: Paidós, 2006.
- (2) Idem. P. 53
- (3) M. Bousseyroux. Pliegues Nº 9. A Riesgo de la topología y la poesía. P.106-107. Año 2017

Bibliografia

- (1) J. Lacan. Seminario XXIII: El Sinthome. 1ª edición- Buenos Aires: Paidós, 2006.
- (2) J. Lacan. Seminario XXII: RSI. No editado.
- (3) M. Bousseyroux. Pliegues Nº 9. A Riesgo de la topología y la poesía. P.106-107. Año 2017
- (4) C. Soler. Humanisation? Cours 2013- 2014. Éditions du Champ lacanien. Capítulos XI y XII

Os traumas sob a transferência

CRISTINA TORO

É possível uma nova filiação após o encontro com o psicanalista?

A invenção do inconsciente introduz uma nova dimensão política do sujeito, esta deverá orientar-se pela ética.

O mal-estar incurável que surge do encontro traumático com a língua, permite-nos distinguir a parte do sintoma que pode ser curada, bem como estabelecer as coordenadas sobre seu início. Ou seja, ali onde se põe em jogo uma decisão, um ato que supõe uma escolha sem garantias, mas que traz consequências.

O inconsciente, em seu fundamento último, é condição contingente e se impõe à existência. O real desloca a realidade e mostra-se na forma de trauma, de pesadelo ou da sinistra irrupção da voz ou do olhar. Tal deslocação ética e política pode ser comprovada em nossa práxis.

Assim, a contingência permite uma suspensão transitória da impossibilidade. Nela o real aparece em sua qualidade singular e fora de sentido, fora de todo saber já sabido, para assim alcançar algo novo que pode ser acolhido e trará consequências sobre a vida de um sujeito, desde que este possa ter acesso a um dizer que seja a causa portadora de seu desejo.

A psicanálise oferece como dispositivo de cura uma estratégia que é a transferência. Lugar em que o analista representa um Outro que responde, proporcionando as diretrizes para que um dizer, após os ditos, seja escutado.

Como argumento para esta apresentação, examinaremos o relato que realiza a ex-filha de um repressor muito conhecido na Argentina, condenado por crimes contra a humanidade. Foi o Diretor Geral de Investigações, responsável por 21 centros clandestinos de detenção durante a última ditadura militar em meu país.

A ex-filha apela para a Justiça e solicita a su-

pressão e a substituição de seu sobrenome paterno (em suas palavras “não lhe permito mais ser meu pai”). Ela reconhece sua identidade biológica, porém a questão importante é que não consente nem deseja sustentar, através de sua pessoa, um sobrenome que está relacionado a horrorosos fatos. Mediante o processo de análise, o sujeito decide desligar-se do significante da nomenclatura originária de filiação. Isso lhe permite mudar radicalmente sua vida, em suas palavras, “assumir uma subjetividade e reconhecê-la como própria”. Sua análise pessoal lhe dá a possibilidade para transformar a filiação e a dor em uma decisão.

Em seu depoimento, comenta que iniciou um processo judicial que foi aceito por “justos motivos”. Apesar de seu desejo resolutivo, sentiu certa comoção, porque a Justiça, como representante do Outro, marca tais “justos motivos” baseando-se no fato de que se trata de um genocida e não de um mau pai. Os juízes escutaram a autêntica dimensão dessa petição. Isso foi necessário para dar procedimento a um novo registro simbólico. No entanto, Mariana enfatiza o ponto do real que tange sua decisão, a potência de seu ato está na decisão, que é sem Outro, mesmo sendo sustentada no Outro finalmente, já que necessita da desvinculação simbólica de um nome. Como ela diz, sua decisão não tem relação “com maturidade ou com a superação de seu medo”, mas sim com seu tratamento psicanalítico, pois pôde fazer de seu desejo um ato. Ato amparado em seu desejo, contudo demanda uma alteração em seu registro, em virtude da lei.

A orientação observada em seu depoimento foi a angústia, que trabalhada em transferência permite-lhe uma saída via separação do sobrenome paterno. A lei não é a garantia, mas o ato. Desta maneira, advém a possibilidade na impossibilidade, em um movimento que ela chama de desfiliação, e que a leva a adotar o sobrenome materno.

E ao “falar não”, pode criar uma subjetividade nova, o que implica construir uma identidade, cujo pivô tinha sido o encontro com uma psicanalista, ali se encontra com o que sabia sem saber: seu progenitor preenchia uma função que nunca ocupou. Viver um longo período da infância com seus avós maternos lhe deu a possibilidade de abraçar o que considera como sua verdadeira filiação. Se não tivesse sido por eles e por minha mãe, “outro teria sido meu destino”, diz, referindo-se à subjetividade da estrutura.

Seu sobrenome era uma marca de identificação com o período mais trágico vivido por nosso país, isso implica metonimicamente a lembrança de fatos aberrantes dos quais não admite apresentar-se como herdeira.

Reclama um direito à identidade que não é resultado de uma identificação, esta última tem outros alcances diferentes. Uma identidade devinda do ato.

Nomeia-se então, quando se remete ao seu sobrenome paterno, como ex-filha, pois foi o sobrenome do pai, um sobrenome que teve que “suportar”, já que não lhe deu alternativa para ter e levar a cabo sua própria vida, refere-se a suas escolhas.

Sua decisão não foi um salto no vazio, senão que lhe deu a possibilidade de viver o próprio.

O atravessamento de seu fantasma tem a ver com o olhar. Diz de seu ex-pai: “E. sustenta o seu

olhar, para deixá-lo livre...seu olhar deixa você cair”. Fazia isso com suas vítimas. Entretanto, ao elaborar através da transferência as situações da infância, entendeu que dito acontecimento sempre se repetia no âmbito familiar, certamente muito penoso. Ela foi uma criança solitária e refugiava-se na leitura, pois o modo de vida que lhe era imposto não lhe possibilitava estar mais de um ano em um mesmo colégio, não podia gerar afetos ou construir amizades.

Inicialmente, o processo de desfiliação não foi calculado, ou melhor, este cálculo tinha sido feito em outro lugar que nós psicanalistas chamamos inconsciente, propiciando assim um novo posicionamento do qual vai tomando consciência retroativamente.

Os genocídios provocados na história da humanidade deram mostras de que as marcas da dor no tecido social são duradouras, não cessam mesmo com a recuperação do processo democrático. A Argentina esteve e está atravessada por tais marcas até hoje.

O que no âmbito de uma análise encontramos como uma temporalidade que se torna lógica e não cronológica.

Se tentarmos responder à pergunta que iniciou esta apresentação apoiando-nos nos ditos conclusivos de Mariana, bem como na satisfação demonstrada por sua nova posição, entenderemos que isto é possível. •

A clínica é política: o aborto clandestino, o que advém

DANIELLA FERRI

Hoje, na Argentina, abortar é juridicamente ilegal. Levaram a cabo, durante estes tempos, na Câmara dos Deputados, frondosos debates a favor e contra a descriminalização do aborto. O aborto, paradoxalmente íntimo e social, convoca-me como mulher, mas me interroga como analista a partir dos relatos de meus analisantes. Como pensar a capacidade de escolha de um sujeito sobre seu corpo, quando isso é violado por uma lei jurídica? O que se espera da mulher? A psicanálise tem algo a dizer sobre isso?

Tomadas por esse contexto, analisantes contam pela primeira vez ou voltam a falar sobre o aborto. O debate público legitima e legaliza que as mulheres falem daquilo que mantinham em segredo. Em transferência, advém:

– Fui fazer uns exames médicos, me deixaram uma hora esperando na mesma sala onde há vários anos me fizeram um aborto, saí dali muito decomposta. À noite, tive febre, dor em todo o corpo, não entendia o que se passava comigo, muita angústia, vômitos... M. acompanhava-me, não entendíamos por que eu estava assim... à noite tive um sonho... sonhei com Pedro Tapia. Pedro é um homem do tipo daquele que eu estava grávida e que me pediu para que abortasse, Tapia não é o sobrenome do Pedro. Eu estava apaixonada, mas o cara não podia ficar sozinho, sua mulher também estava grávida no momento, conseguiu o dinheiro. Me levaram de táxi às cinco horas da manhã. Uma enfermeira me atendeu e me levou à sala onde fizeram o exame. O médico entrou, eu estava assustada, nua, na sala de parto e o médico me disse: "... se entrar alguém, mostro este pequeno frasco, e vamos dizer que lhe retirei o apêndice". Não sei se o odeio ou agradeço por ter feito o aborto. Sinto que me levou Pedro, mas eu também queria ir, agora posso pensar nisso, antes me dava muita culpa e ódio dele. Eu tampou-

co queria este tipo de pai, não queria estar relacionada a ele ao longo da vida. Acho que Tapia, é o que encobre essa raiva que tinha do Pedro.

O início do tratamento se deu por não conseguir engravidar. Nas primeiras sessões, aparece o relato do aborto associado à morte de um filho da sua mãe, a loucura dela e a ausência de seu pai. Ela não podia falar disso com ninguém, sentia-se culpada por ter "matado o filho".

Aborto Clandestino:

A palavra "clandestino" deriva etimologicamente do latim *clandestinus* (segredo) e este de *celare* (esconder).

Embora seja um fato de estrutura da linguagem, que não pode ser todo dito, o segredo aqui implica na coerção da capacidade eletiva ou decisória do mesmo. Como fazer sintoma do clandestino, para que deixe de ser repetição no corpo? O que escuto varia em cada uma das analisantes, cada hystorização do aborto é singular. Mas em todas aparecem fenômenos em comum: impossibilidade de engravidarem, mal-estares físicos que não podem se ligar a nada, episódios de angústia, sentimentos de culpa e vômitos, que no dito se ligam e encontram outra via que não seja a repetição traumática. O real advém na transferência, enquanto o não dito encontra uma fala e que concerne ao sujeito.

Uma gravidez não desejada, não quista, não eleita, não esperada, obrigada, pode ser abortada, em um ato eticamente legal, mas juridicamente ilegal. É pela via da culpa que se processa o que no clandestino se decidiu/elegeu/desejou sobre o corpo? O que constitui o traumático? A prática como tal, ou isso que insiste ante a impossibilidade de decidir/dizer? O que se passa com o Supereu no segredo? Freud disse em "O futuro de uma ilusão",

que há uma instância psíquica que é formada como se formam as crenças religiosas, e que permitem aos homens conviver na cultura. Essa mesma instância legisla a vida psíquica dos sujeitos como Deus poderia fazê-lo, ou o pai. Mas o faz severamente naquilo que, no sujeito, aparece como sendo desejante. A discussão sobre a legalização ou não do aborto implica, de maneira sobreposta, que cada uma tem suas razões, políticas, morais, metafísicas etc. E isso me faz pensar que, talvez, nós analistas, mais uma vez, podemos apelar ao bem-dizer, à ética do caso a caso. Advertidos de que somos mais ou menos culpados (réus) do real, como aponta Lacan na aula de 15/03/77.

O mal-estar na cultura é efeito da disputa entre Eros e Tânatos. A pulsão de morte insiste em romper com a calma. O real do gozo insiste na inscrição [do sujeito no simbólico, na cultura]. O consultório é caixa de ressonância do mal-estar. A transferência, como dispositivo manchado pelo amor, gera as condições de possibilidade de que

algo do traumático, daquilo que é do mal-estar, passe ao sintomático. Isso pela via da única ferramenta que temos: a palavra. O Supereu, herdeiro daquilo que é mais real do sujeito, moldado do discurso da cultura em sua época e naquilo que as gerações anteriores geraram, instituiu-se como lei, produzindo seus embates à felicidade, a repetição do traumático, da não relação sexual. O horizonte da época nos ensina que na clínica isso advém nos corpos dos analisantes. A clínica é política, no ponto em que a ética e o desejo do analista, advertido de seus preconceitos e impurezas, analista analisante do discurso de sua época, tente resgatar o caso a caso, a voz de Uma mulher. É necessário que nós, analistas, sejamos claros a respeito do que acontece em nossa época, a prática clínica interpela a doutrina, e entre elas, é necessário que exista uma convivência solidária. •

Tradução: Fernanda Zacharewitz

O Real da sexualidade: a escolha de Tirésias

DAPHNE TAMARIN

“É como se fossem dois seres”, disse um paciente que havia se submetido a anos de análise devido a sintomas relacionados a sua neurose histérica.

O que se pode dizer dessa referência a “dois seres”? Não é uma especulação teórica, já que falou sobre sua experiência de vida em todos os seus aspectos.

Poderia ser, melhor, uma evocação do ser que Lacan chama, em *‘Encore’*, o ‘ser da significância’¹ que ex-siste à linguagem; linguagem que preside duas lógicas: o todo e o não-todo fálico. Ele apresenta a tese de que elas estão relacionadas a dois modos de ‘ser de gozo’² – sexual – e que há uma *escolha para o sujeito* de estar inscrito em qualquer lado das fórmulas, independentemente da anatomia!

“De dois modos depende o sujeito aqui se propor, ser dito mulher. (...) na metade em que se determina pelos quantificadores negados, (isso) vem de que nada existente constitui um limite da função, que não pode certificar-se de coisa alguma que seja de um universo”³.

A função phi de x aqui designa a função do gozo fálico castrado.

Do lado do todo fálico há uma exceção, que estabelece um limite, e portanto uma função consistente: ‘para todos os homens phi de x’.

Do lado do não-todo, não há uma exceção de algum x que faria um limite:

Não x para o que não phi de x.

O resultado *não é* que a função seja válida para todo x, mas que *ela é inconsistente*; não se pode provar que é incorreto propor:

Não para todo x phi de x.

Em outras palavras, o axioma de que ‘não há exceção à função’ não contradiz logicamente o axioma de ‘não todo’, já que este último não pode ser demonstrado como incorreto!

Lacan menciona o mito de Tirésias em *L’Etourdit* para evocar o real da relação impossível entre os dois modos de gozo, o fálico e o outro: sem relação sexual.

Antes de evocar o mito, Lacan cunha o termo ‘confim’, referindo-se ao gozo feminino – outro que não o fálico – do lado do ‘não todo’.

“Quão mais fácil não é, ou mesmo um deleite promissor, imputar ao outro quantificador o singular de um ‘confim’ [*confin*], para que ele faça a potência lógica do *nãotodo* ser habitada pelo receso do gozo que a feminilidade furta, mesmo que venha juntar-se àquilo que produz thomem.”⁴.

Uma promessa de deleite, ainda que não cumprida, de poder atribuir à mulher o singular, um gozo singular, ao que se refere aqui com o termo ‘confim’, e que faria uma relação com o todo fálico.

“Pois esse ‘confim’, enunciado aqui pela lógica, é o mesmo em que se abriga (*s’arbite*) Ovídio ao figurá-lo como Tirésias, em mito. Dizer que uma mulher não é toda é o que nos indica o mito por ela ser a única a ser ultrapassada por seu gozo, o gozo que se produz pelo coito”⁵.

Tirésias era o profeta cego de Apolo, que

1 Lacan, J. O Seminário Livro 20 Mais Ainda, Jorge Zahar, 1985, p. 96.

2 No texto original em inglês, a autora utiliza o termo em francês, *jouissance*. Optou-se aqui por usar, para todas as vezes em que aparece o termo *jouissance*, a palavra gozo, que é a tradução corrente em português para o termo.

3 Lacan, J. O aturdito, in: Outros Escritos, Jorge Zahar, 2003, p. 466-7.

4 Lacan, J. O aturdito, in: Outros Escritos, Jorge Zahar, 2003, p. 467.

5 Ibid.

foi castigado pelos deuses e transformado durante 7 anos em uma mulher, e quando lhe foi dada a opção, pediu para ser homem novamente.

Em seguida à sua experiência dos dois sexos, os deuses perguntam a ele qual lado tem maior prazer. Sua resposta: “para cada 10 porções de prazer da mulher, o homem desfruta de uma”.

O que esta proporção indica?

Indica que há uma relação sexual, afinal.

Isso se representa no mito não pela mudança de sexo e pela escolha, indicando apenas que diferem, mas pela medida do próprio gozo; se é possível medir e comparar os dois, deve haver uma relação... mas não há: isso é apenas um mito.

Há somente o real da não-relação com o gozo outro, o ‘confinado’⁶ – ‘atrincheirado no fálico’⁷, “o mesmo em que se abriga Ovídio ao figurá-lo como Tirésias, em mito”⁸.

Como, então, conceber uma escolha de sexo para o sujeito, não mítica em absoluto, e inclusive possivelmente modificada na análise?

A respeito da escolha, Colette Soler nos explica “que é somente ao nível do dizer do sujeito que uma escolha é concebível”⁹.

É somente pelo *dizer*, que *se infere* a partir do que é dito e que não está ordenado pela lógica – mas ao mesmo tempo é também um evento, um ato – que uma escolha *possível* pode ser concebida.

A questão da escolha implica uma posição do sujeito em relação a este real. Portanto, não é inconcebível que a análise, que pode produzir um novo dizer, possa também modificar esta escolha.

Eu retorno ao paciente em análise.

Lacan inscreve o sujeito histérico do lado do todo fálico, devido à sua identificação com o gozo castrado do homem. A mulher, de outra parte, está inscrita do lado não todo, dividida pelo gozo fálico e pelo outro gozo, que é foracluído do Outro da linguagem e do discurso. Esta divisão *redobra* sua divisão como sujeito pelo objeto, e é disso que Tirésias – e talvez o histérico – se ‘abriga’.

Ela¹⁰ esclarece que uma mulher e a histérica podem se diferenciar em seu gozo pelo vínculo com o parceiro: a histérica, apesar de sua evasão do gozo sexual, “é um sujeito que consome a falta”¹¹, desfrutando do gozo fálico castrado da insatisfação¹².

Uma mulher, por outro lado, está relacionada, naquilo de que desfruta, a “um bem em segundo grau que não é causado por um objeto a”¹³.

Ela está dividida entre dois parceiros: o homem, com o falo ‘fetichizado’ como objeto a, mas também outro parceiro, o que está mais além da castração, que Lacan designa como S(A/): o significante da foraclusão do gozo outro no Outro.

Este gozo não pode passar ao saber inconsciente, e não está vinculado a nenhum objeto por uma fantasia; não tem representação na linguagem, e portanto é um real foracluído que não pode ser recoberto pelo objeto a.

O ser do gozo fálico, seja Ovídio ou o histérico, não pode ser ‘abrigado’ deste real através da fantasia e do objeto a: um mito é necessário, ou ao menos... uma opção diferente. Então, o que se pode dizer dos “dois seres” desse analisante?

É possível concluir que a análise pode, eventualmente, permitir que o sujeito histérico fálico ‘proponha ser dito mulher’?

Isso não é impensável, e poderia talvez aplicar-se à referência desse analisante aos “dois seres”: uma mulher, dividida entre o fálico e o outro gozo.

Mas se esta conclusão é plausível, surge outra pergunta: se a análise de fato pode permitir a um sujeito ‘reconsiderar’ a escolha, como pode este novo ‘*dizer encarnado*’ se confirmar na própria análise? •

Tradução: Maria Laura Cury Silvestre.

6 No texto da autora, em inglês: “confined” (N.T.).

7 .A autora faz referência à frase: “... flutua-se em torno da ilhota do falo, na medida em que nela se busca trincheira do que dela se trincha” (Lacan, J. O aturdido, in: Outros Escritos, Jorge Zahar, 2003, p. 468). (N. T.).

8 Lacan, J. O aturdido, in: Outros Escritos, Jorge Zahar, 2003, p. 467.

9 Colette Soler, curso 2017-18, Colégio Clínico de Paris, CCPP. Nesse trecho a tradução é livre e diretamente do inglês, por não haver tradução disponível para o português.

10 Supõe-se que a autora se refere a Colette Soler, em função da citação adiante no parágrafo. (N.T.)

11 Soler, C. “O que Lacan dizia das mulheres”, Jorge Zahar, 2003, p. 52.

12 *Dis-satisfaction*, no original em inglês.

13 Soler, C. “O que Lacan dizia das mulheres”, Jorge Zahar, 2003, p. 23.

Pelo real

DAVID BERNARD

O que eu posso saber?, pergunta à Lacan, em *Televisão*, Jacques-Alain Miller. Havia, porém, alguma coisa de “incongruente” em colocar no campo da psicanálise a questão do que se *pode* saber. Não terá ela demonstrado que a estrutura da linguagem impõe justamente um limite real ao saber e ao poder: o real da castração? Apenas se poderia respondê-la, dirá Lacan, “*nesse limite*”. Curiosa expressão, lembrando-nos que o limite não é para ser concebido como uma linha a transgredir, como nós sempre o fantasiámos, mas como um limite nos confins, para tentar se aproximar, assim como a matemática o define.

Ao cabo, Lacan pode, então, retomar a questão e retorná-la para nós nestes termos: “*até onde eu iria nesse limite?*” Primeira resposta: longe, muito longe. Como prova, o que a ciência terá alcançado, renunciando, no curso da sua história, a um saber imaginário, pleno de sentido, para passar a um saber no real, feito de pequenas letras fora do sentido [*hors sens*]. Lacan escolhe aqui o exemplo da lei da gravitação de Newton. Eu remeto a legenda, na versão do desenhista Gotlib: Newton, aos pés de sua árvore, contempla a Lua e sonha com seu movimento ao redor da Terra, quando subitamente uma maçã cai na sua cabeça. Efeito de despertar, que o conduzirá a estabelecer a lei da gravitação. Há no espaço alguma coisa que se repete e que determina - malícia de Lacan - tanto a atração dos corpos entre eles quanto a sua separação. Restava colocar isso em equação, uma fórmula matemática para dar conta desse saber no real da natureza. A ciência, do mesmo modo que a psicanálise, se origina, então, da suposição de um saber no real, de leis ordenando uma repetição.

Em seguida, a ciência não mais cessará a progressão deste saber a ponto de não somente dar

conta de muitos outros mistérios da natureza, mas, igualmente, de produzir a partir disso os gadgets. Após ter evocado o espaço, a Lua, a gravitação, o que poderia ser melhor do que tomar o exemplo do foguete para questionar até onde as pequenas letras da ciência poderiam nos embarcar? Sempre o homem, aos pés de sua árvore, sonhou atingir a Lua. Mas eis que, neste 20 de julho de 1969, a missão Apollo 11 tornava isso possível. “Um pequeno passo para um homem, um salto gigantesco para a humanidade”, dirá Armstrong. “Uma desolação magnífica”, dirá o que lhe seguiu, Buzz Aldrin.

A aterrissagem lunar constitui, assim, um advento do real, na medida em que ela testemunha o que a ciência, pelo simples manejo de pequenas letras da linguagem, introduz de novo. Poder-se-ia, então, esperar que, aprendendo essas novidades e essa potência do significante fora do sentido [*hors sens*], os seres falantes despertassem e se espantassem. Porém, face àquilo, não há muita emoção no homem de hoje, exceto “vagamente”, diz Lacan. Eis, para ele, o mais impressionante. Há uma apatia moderna da qual ele isola, assim, a lógica. Passado o instante da angústia ou do espanto, o ser falante teria bem cedo tratado de recobrir esse advento do real pelo registo do sentido. Quer ele tenha se servido para isso do bom senso religioso ou daquele do mercado, o sujeito constituirá muito rápido uma visão do mundo capaz de esconder¹ esses surgimentos enigmáticos. Há, assim, em cada um de nós, continua ele, um pequeno filósofo que folheia as páginas de seu mundo sem se emocionar muito com isso, exceto vagamente, assegurado de poder se defender da menor novidade por um

1 *Faire écran*, expressão francesa que significa ocultar, mascarar, esconder. O autor do texto utilizará, na sequência, a expressão *gadgets-écrans*, para significar o poder dos gadgets de encobrir os acontecimentos do real (N do T).

“pronto para *pensar*”². Ao cabo, o mencionado filósofo apenas reencontrará nessas páginas as novidades não tão frescas da *sua* visão de mundo: seu fantasma. Daí porque continuar a nada fazer, como diz a lalange francesa, isto é, a sonhar com a forma ideal do mundo: a esfera, aquela ideia do Todo.

Não é espantoso, então, que Lacan invoque em seguida o “mundo” de “O homem alunado” [*L’homme aluné*]. A expressão determina, todavia, que o homem infla o balão narcísico de seu mundo navegando também nos seus gadgets-telas [*gadget-s-écrans*]. Aliás, sublinha ele, essa viagem à lua, o homem comum não a realiza, mas a vê sendo feita a partir da sua tele-visão. Nuance. O participípio passado “alunado” evoca que o sujeito se deixará ser capturado pela lógica do fantasma e sua recusa da alteridade. O homem alunado, esse “grande viajante”, não irá assim tão longe. Há nele, dizia Heidegger, a vontade de abolir todas as distâncias, mas para reduzir o Outro ao mesmo. Aldrin, no momento de fazer seu primeiro passo sobre a lua, confienciava à Armstrong: “Aquela vai ser nossa ‘casa’ durante as próximas duas horas e nós queremos cuidar dela”. Curiosa aspiração do ser falante

2 O autor escreve *prêt à penser*, que irresistivelmente evoca o conceito de *prêt-à-porter*, expressão criada J. C. Weil, no final de 1949, para se referir a uma categoria de roupas que unia a qualidade da alta-costura com a eficiência produtiva da indústria de massa (N do T).

a fazer imediatamente do lugar do Outro um lar, para aí fincar sua bandeira e traçar *seu* limite, e se *fazer* O centro que não existia. Selfie com a lua, eis o umbigo do mundo.

À isso, Lacan oporá, então, o real-da-estrutura, que lhe decentra e do qual sempre se permanecerá separado. Há, então, o que a psicanálise toma emprestado da ciência: o manejo de pequenas letras fora do sentido [*hors de sens*] para aproximar o real. Mas há, também, o que nenhuma equação poderá resolver, e que Lacan nomeará, ainda, “a gravitação sexual”. Orientar-se sobre os adventos do real-da-estrutura poderá, então, constituir uma via de saída do sonho do mundo e de sua aproximação fantasmática do limite. Tratar-se-á, aqui, não mais de codificar um Todo do conhecimento, mas de se aventurar na decifração do saber inconsciente. Do *O que eu posso saber...sobre o mundo?* Lacan propõem, então, para concluir, passar ao *O que se pode dizer...do saber do inconsciente?* Que economia de palavras, tão longe de uma visão do mundo. Nessa última reformulação, desaparece modestamente o *eu*, esse eu que se queria tão seguro do seu saber, do seu poder, do seu pensamento, para deixar advir um saber que ex-siste ao sujeito. Ainda aí, ressoa o dito de Lacan: *Não existe O mundo.* •

Tradução de Fábio Luís F. N. Franco

Quando se endereça a mim, é a segunda vez que ela faz análise, a primeira tendo acontecido com outra analista.

Trata-se de uma médica, que se aproxima dos quarenta anos. Seu primeiro questionamento diz respeito à sua homossexualidade, a qual ela vive há quinze anos, mas também à sua relação [*rapport*] com os homens, que se impõe mais desde que a questão da maternidade surgiu para ela.

Esse questionamento é ilustrado por uma vida amorosa que ela qualifica como “complicada”, mas, no fim das contas, não tão desconfortável assim para ela. Ela se adaptou a isso relativamente bem, mesmo que tenha havido momentos de crise e, às vezes, de violência.

Essa vida amorosa repousa num tripé, isto é, um homem e um casal.

Com relação ao casal, ela é amante da mulher, mas também amante do homem desse mesmo casal.

Com o que a analisante lhe disse, o marido sabe da relação [*relation*] de sua esposa com a analisante, mas a esposa do casal ignora totalmente sobre a relação [*relation*] de seu marido com ela.

Por um lado, ela é idealizada por sua companheira, mas essa idealização ela rejeita, assim como recentemente começou a rejeitar os pedidos de relações [*relations*] sexuais dessa companheira.

O companheiro dessa mulher representa para ela aquilo que ela espera de um homem. Ele é espiritual, culto, tem interesse nas artes e nas letras. Trata-se de uma relação [*relation*] espiritual mais que corporal com ele.

Tudo isso faz com que eu me faça uma primeira pergunta: será que a relação [*relation*] com a mulher desse homem justificaria a relação com esse homem? Ou seria o contrário?

Paralelamente a essa relação [*relation*], depois de várias experiências com homens, ela acaba (quase) de se estabelecer numa vida de casal com um cole-

ga. Digo “quase” por duas razões: porque eles não moram no mesmo apartamento, mesmo estando no mesmo prédio. Um andar os separa! Por outro lado, mesmo que esse homem tenha se separado de sua mulher e de seus dois filhos para “viver” com ela, ela quer manter sua autonomia para se dedicar à música (ela toca piano), para ler (atualmente ela trabalha a *Divina Comédia*, de Dante) ou, ainda, escrever peças de teatro. Se por um lado ela está feliz por ter sido escolhida por esse homem, por outro, em todos os aspectos, ele não a satisfaz. Sua falta de cultura e interesse por assuntos culturais a decepcionam ainda mais a cada dia.

Este homem ignora tudo sobre as relações [*relations*] com o casal que evoquei anteriormente.

Quando ela manifestou seu desejo de se tornar mãe, a resposta desse homem foi fazer uma vasectomia.

Todo o questionamento dessa paciente reside na natureza do desejo feminino.

Num primeiro tempo, ela se recusou a ocupar o lugar de objeto de gozo na fantasia do homem. É, então, a uma mulher que ela se dirigiu (mas, além disso, a questão permanece colocada ao homem) para saber como amar uma mulher. Até então, sua questão permanece a do amor sem passar pelo desejo masculino. É por isso que ela se dirige à outra mulher para mediar sua relação [*rapport*] com os homens na ordem do desejo. Dito de outra forma, ela interroga aquilo que ela é como objeto para o outro, o homem (um e outro), e para que lhe serve a mulher como objeto de gozo.

O amor feminino é um acontecimento, ao passo que o amor histórico é aquele que se conquista, na medida em que a histórica também desempenha o papel do homem na tarefa de conquistar.

Tratava-se no trabalho com essa paciente, de tomar nota daquilo que ela colocava para si como estorvante, sintomático, mas, sobretudo, de interromper uma queixa ou um acalanto, a fim de que

ela iniciasse o gozo adjacente a seu discurso, ou melhor, o gozo de seu sintoma. Com efeito, o primeiro advento do real é o sintoma se o concebermos como a coalescência do significante e do gozo. O real é o do gozo do sintoma.

Com essa analisante (nova), para que um trabalho real se instaurasse, não se tratava mais de caucionar essa cantilena, mas sim de fazer o contrário, contradizer ou se opor.

Num primeiro tempo, dei ênfase a um dizer ou à sua forma para provocar um contratempo como na música, quando a nota fica defasada em relação ao *tempo*. Isso introduz uma noção de temporalidade na interpretação.

A interpretação adquire o lugar central na clínica para se obter o pedaço de real. Não a interpretação que liga [*lie*] (de ligar [*lier*])¹ e coloca em relação, mas a que corta. Esse pedaço de real surge quando o nó é cortado, tocando o assento do sujeito como real. Não do sujeito suposto, mas como ex-sistência na medida em que seu real de falasser [*parlêtre*] é o próprio enodamento.

Houve momentos de escansão, de corte, e a maior parte do tempo, sem qualquer reação da analisante. Seria esse o sinal de uma interpretação fracassada? Não penso assim. De toda forma, o fato de o analista dizer algo pode ter um efeito de interpretação e não garante seu sucesso.

A interpretação que é bem-sucedida desencadeia no analisando um passo à frente ou um passo para o lado, retomando o material anterior em um novo arranjo e com retificações. A interpretação não visa ao que se diz, mas àquilo que está abaixo desse dizer, ou seja, e retomando uma expressão de Lacan, os “ravinamentos” do dizer.

Numa de minhas intervenções houve uma surpresa para ela, e, para mim, a surpresa sempre tem a ver com o real. Enquanto me contava como um conto suas façanhas com um homem com quem ela

havia se encontrado, disse-lhe: “Mas, para você, para que serve um homem?”. Parada, retomada e novo impulso. É essa noção de “servir” que a surpreendeu, desconcertou. Trata-se de identificar, de cercear, de se aproximar do ponto em que o saber, o sentido e a articulação fracassam radicalmente. Esse ponto isolado não é um ponto de falta, mas um bagaço cuja concretude é de importância crucial para a sobrevivência da psicanálise, contra o império do sentido. Nesse ponto, está seu modo de gozar, sua forma de fazer laço com o Outro e que, na transferência com o analista no lugar de semelhante de objeto *a*, entregou seus signos.

No lugar de uma discursividade ronronante, instalada, mantendo o engodo, a partir daquele momento ela conseguiu fazer emergir novos pontos de interrogação para si mesma. Todos esses pontos têm a ver com o lugar que ela ocupa em suas relações [*relations*] amorosas, satisfatórias ou não.

Mais precisamente, antes que ela se recusasse a ter relações [*rappports*] sexuais com sua companheira, era ela quem carregava o órgão viril ereto. Um dia, ela me disse que tinha se livrado de todos os instrumentos usados para a relação sexual. E isso foi feito em paralelo com uma rejeição de sua companheira quando esta última lhe pedia.

O que há de novo, portanto, é que essa paciente não consente mais à relação [*rappport*] sexual com a companheira, mas com aquele que escolheu colocá-la na posição de objeto, aquele que a deseja. Então, se ela consente à relação [*rappport*] sexual, onde se situa o desejo feminino além deste consentimento? E isso leva a outra questão, que é a de como ter acesso àquilo que leva da sexualidade feminina ao próprio desejo?

Essa é a questão que esse analisante se coloca paralelamente às relações que não tem mais com sua companheira (a quem ela ainda vê), o marido desta última e seu atual parceiro. E o que ela fez aparecer é que é o corpo que, a cada vez, vem mediar seu questionamento.

Tradução: Cícero Oliveira

1 * Em francês, *lie* [do verbo *lier*, isto é, “ligar”] e *lit* [do verbo *lire*, ou seja, “ler”] têm a mesma pronúncia, donde a explicação do autor do fato se tratar do verbo “lier” (N.T.)

Adventos do real: psicanálise e política do sintoma

FERNANDO MARTÍNEZ

Para ilustrar o percurso de uma cura analítica que aposta o tratamento do real advindo, começarei por sinalizar uma simples diferença entre *advento e acontecimento*. Me interessa marcar essa diferença entre os termos visto que muitas vezes são utilizados como sinônimos, porém o *advento* se refere à ação de chegar, suceder; muito ligado à liturgia religiosa, por sua vez o *acontecimento* já é uma situação que, por contar com alguma característica extraordinária, adquire relevância e consegue chamar a atenção pelo que lhe pressupõe certa sanção subjetiva.

O *acontecimento* produz um corte com o sentido estabelecido e promove o novo, tal é o *Acontecimento Freud* na cultura que altera o estabelecido e que, em grades traços, promove uma modificação no modo de ler o *humano*.

Então, como um advento do real se transforma em acontecimento no sujeito que quebra com o sentido e que altera sua posição?

Um acontecimento é uma construção lógica posterior a um advento do real, dado que um real carece de sentido, é necessário que o sujeito possa sancionar isso que advém como extimo. Um sujeito que ao mesmo tempo é afetado e implicado nessa estranheza própria.

O começo de uma análise é um acontecimento iniciático, visto que notifica o sujeito do seu próprio inconsciente, daquilo que advém fora do discurso: um ato falho, um lapso, um sonho ou um sintoma são acontecimentos de algum advento do real enquanto exista um sujeito que sancione aí a ex-istência disso, como uma formação do seu inconsciente. Que um ato falho é realmente um ato falho e quer dizer outra coisa e não é uma equívoca, por exemplo. Em tal sentindo podemos pensar a queixa como um sinal não decifrado do advento do real e, já em sua formalização como sintoma analítico, situar uma maneira de trata-

mento do real em jogo. Para que essa operação tome corpo se torna necessário um encontro com o desejo do analista e a aposta ao giro do discurso de maneira tal que: “somente uma intervenção da interpretação pode sustentar que o acontecimento está presente na situação, enquanto advento ao ser do não-ser, advento ao visível do invisível”. (Badiou, 2015, p.204). A manobra interpretativa do início, instauradora da cura, gera um acontecimento que perturba os ditos e permite o tratamento do advento do real do dizer do sujeito, implicando a política da psicanálise, a incidência do discurso analítico que aposta na diferença absoluta, na via que o próprio sujeito possa dar durante o tratamento a seu modo irreduzível de gozar referente ao seu sintoma como junção entre o significante e gozo então “é o mais real que há no sujeito a-substancial produzido pelo significante” (Soler, 2017, p. 2). Esta aposta no um a um e ao que acontece de real em cada sujeito, é uma aposta ética que se sustenta nesse laço social particular entre analisante e analista; onde se enraiza a vigência da psicanálise, nesse contexto social onde os laços se encontram ameaçados pela hegemonização de um mercado que foraclui o sujeito e promove a instrumentalização das individualidades.

Na nossa prática, recebemos sujeitos que sinalizam em suas queixas o afeto do gozo do corpo pelo significante, agravado muitas vezes por essa fragilidade do laço social atual.

Se trata de um real já advindo, o dispositivo analítico, sustentado na transferência, propicia um giro no discurso onde o sujeito pode atar-se no dizer e experimentar ali um acontecimento, um fora/dentro moebiano de sentido: novidade que o subtrai da queixa e o relança à possibilidade do ato, sobrepondo-se.

Podemos encontrar no seminário 21 uma referência à diferença entre advento do real e acontecimen-

to do dizer sustentado na temporalidade do nó tal como o sinaliza Sandra Berta em seu pré-texto; ali:

“Lacan incorpora ao acontecimento do dizer como escritura do nó diferenciando o acontecimento simbólico, real e imaginário: “O acontecimento, ele, o acontecimento não se produz senão na ordem do simbólico. Não há acontecimento senão do dizer” (LACAN, 1974). É necessário tempo para escrever o nó do dizer, nó do *parlêtre* que faz o trauma borromeano.” (Berta, 2018, p. 2).

Advento do real/acontecimento do simbólico como uma forma de escritura do dizer no percurso da análise, acontecimento do real advindo do *trou-matisme*, que promove um novo advento exercido na cura, um re-advento do real: acontecimentos de um dizer que evocam o real advindo no traumático.

Cabe diferenciar então; o real advindo sem implicação subjetiva: queixa que o sinaliza sem que seja um acontecimento do dizer no sujeito; o re-advento do real em transferência que *acontece* no dizer na cura e, um ponto de sobreposição entre este re-advento e o acontecimento do ato no final de análise: *somente o vazio nomeia o que há em comum* (Badiou, 2014, 208) entre o advento do real e o acontecimento do final.

Os ecos desse vazio do real *ad*contecido no final da cura que nos chegam desde o dispositivo do passe, são ecos que anunciam e transmitem um traço, forma simples da marca traumática da origem do significante, matriz da repetição inaugural, cicatrizes do real advindo. •

*Tradução: Sara Fernandez
Revisão: Ida Freitas*

BIBLIOGRAFÍA

- BADIOU, Alain. El ser y el acontecimiento. 2015. Ed. Alfaguara. Argentina.
- BERTA, Sandra. mayo 2017. Pretexto 2 a la X Cita de la IF-EPFCL “Acontecimiento y advenimiento de lo real”.
- LACAN, Jacques. El Seminario, libro 21. Los no incautos yerran. 15 de enero de 1974. “l'événement lui, l'événement ne se produit que dans l'ordre du Symbolique » (Publicado em Staferla).
- SOLER, Colette. Advenimientos de lo real. 27 mayo 2017. Intervención en la ciudad de Gijón, Asturias, España. Invitación del DEL de la EPFCL-España-F9 en el marco de las XVII Jornadas de sus Colegios Clínicos. (versión en castellano de Rithée Cevasco).

“O feminino e o Real: não é apenas questão de mulheres”

FLORENCIA FARIAS

As mulheres estão mais próximas do Real. Ambos compartilham a impossibilidade de uma escrita universal, pois são da ordem do indecível. Ao propor um gozo mais além do falo, Lacan abre uma nova dimensão, e esta não responde à da linguagem.

As mulheres são mais amigas do real do que os homens. Uma mulher tem acesso mais fácil ao saber de que o Outro não existe. São as mulheres que recordam aos homens o quanto os semblantes os enganam, e que esses semblantes não valem nada se comparados ao real do gozo.

Iremos concentrar-nos em duas teses: na primeira, trata-se de pensar o feminino como algo diferente do gênero feminino; na segunda, trata-se de propor a psicanálise lacaniana como a única que dá lugar a “uma” feminilidade, ao tornar-se mulher.

Primeira tese: Quando afirmamos que, no que tange ao feminino e ao Real, a questão não é apenas de mulheres, estamos dizendo que o gozo feminino não tem sexo, é a-sexuado, é lei à qual responde todo ser falante. Não é exato, nem localizável. O feminino tem um caráter estrangeiro, não especular, refratário a qualquer modelo imaginário, é o que introduz a não relação sexual.

Lacan observa que a diferença dos sexos não é apenas a diferença significante, mas algo que entra em jogo na hora de relacionar-se com o Outro sexo, o que falta tanto para o homem, como para a mulher. Para ambos, o Outro sexo é radicalmente Outro: é um lugar da alteridade para cada sujeito.

Podemos então pensar que os homens e as mulheres não se distinguem somente por um mais ou um menos no que diz respeito ao falo, distinguem-se, também, por terem uma relação distinta com a alteridade feminina, encarnada pelo corpo feminino.

O sujeito feminino exercita sua função impe-

rativa de gozo quando busca alcançar a alteridade feminina no gozo sexual. Alcançar a outra em si mesma é experimentar a infinitude. Situar este gozo fora da lógica fálica localiza a mulher como Outro absoluto, não semelhante sequer a ela mesma na dialética falocêntrica, constituindo sua divisão fundamental. O homem, por sua vez, procura alcançar a alteridade feminina pelo caminho do objeto a, o objeto que vem no lugar dessa alteridade impossível de ser alcançada.

Real e feminino se constituem em um espaço “fora de”. O real, para Lacan, é o que foi expulso pelo sentido, logo, é impossível, como o é o gozo d’A mulher. Para que um homem faça par com o não semelhante, que pode ser a ameaça de um perigo, é necessário que não se deixe turvar pela castração. Não há dúvida de que o homem não faz par com a alteridade sem produzir sobre ela certa regularização, sem, de certo modo, fazê-la desaparecer.

Podemos pensar que a recusa ao feminino, à alteridade, é um modo de recusa da diferença sexual, e isso é válido tanto para o homem, quanto para a mulher, racismo do gozo, recusa das formas diferentes de gozar: seja na ética do celibatário ou numa misoginia, que pode chegar ao extremo no feminicídio.

Quanto à proposição da segunda tese acerca da experiência da análise vir a dar acesso a uma mulher, retomamos a questão lançada por Lacan no Seminário 18: “A histérica não é uma mulher. Então, trata-se de saber se a psicanálise, como a defino, dá acesso a uma mulher”

Os testemunhos das AE dão conta do modo como, através do percurso de uma análise, lhes foi possível mudar sua posição histórica em relação ao falo, ao desejo e ao Outro. Fazer-se um corpo de mulher, a partir da experiência analítica e, por conseguinte, ter acesso a um gozo propriamente femi-

nino, a um gozo que não mais ignora o inexorável desta ausência.

Sabemos que um final de análise aposta no que há de mais singular e real no gozo de cada sujeito. Há um esforço, que se verifica nos testemunhos do passe, para comunicar algo de um resto, pedaço de real. Esses relatos falam também de pura alteridade: do confronto a uma ausência dela mesma, de ser Outra para si. A consequência é uma nova posição a respeito do parceiro, em vez de recusar seu corpo, poder entregá-lo ao Outro, ser causa de desejo.

Ou seja, conduzida ao ponto final da análise, cada mulher irá decidir se aceita – ou se recusa – a divisão a que o feminino corresponde, precisamente, para fazer uso dessa articulação. A angústia não é rara nesses instantes, ao contrário, pode manifestar-se como signo do real do gozo alcançado.

É assim que a psicanálise faz da sua pergunta pelo feminino um meio para interrogar o lugar do Outro, que, no final da análise, se revelará também como inexistente. Estruturalmente, uma mulher se faz mulher consentindo em passar pela castração, não como um menos que é subtraído, o que é a posição histórica, senão como um mais que é o acréscimo de um suplemento.

Para terminar, propomos que, no final, produza-se um encontro com a insensatez de um gozo que abre a dimensão do feminino, de Outro Gozo, que dará singularidade ao desejo do analista e sua possível coincidência com a posição feminina. Assim, o feminino facilitará os laços com o discurso analítico e com a Escola. •

(Tradução: Vera Pollo)

Notas

iLacan, Jaques. El seminario 22. R.S.I. clase del 11 de marzo de 1975. Inédito ii-Lacan, J.: El Seminario 18 De un discurso que no fuera del semblante, Paidós, Bs.As., 2009, p.144

Bibliografia

- Cevasco, Ritheé (2010) La discordancia de los sexos. Perspectivas psicoanalíticas para un debate actual. Ediciones S&P.
- Freud, Sigmund: (1931) “Sobre la sexualidad femenina”, en Obras Completas, Volumen XXI, Amorrortu Editores, Buenos Aires, 1976
- Freud, Sigmund: (1933 [1932]) “Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis. 33ª Conferencia: La feminidad”, en Obras Completas, Volumen XXII, Amorrortu Editores, Buenos Aires, 1976.
- Gallano, Carmen: (2002) “La alteridad femenina”, Medellín, Colombia, Editorial Asociación Foro del Campo Lacaniano de Medellín.
- Lacan, Jacques: (1960) “Ideas directivas para un congreso sobre sexualidad femenina”, en Escritos 2, Siglo Veintiuno Editores, Buenos Aires.
- Lacan, Jacques: (1970-1971) El Seminario, Libro 18. De un discurso que no fuera del semblante, Editorial Paidós, Buenos Aires, 2009
- Lacan, Jacques: (1972-1973) El Seminario. Libro 20: Aun, Buenos Aires, Editorial Paidós, 2007.
- Soler, Collette: (2004) Lo que decía Lacan de las mujeres, Editorial No todo, Medellín, Colombia.

Uma clínica que toca o real

GLADYS MATTALIA

A hipótese central deste trabalho vira-se a como o dispositivo analítico linguareiro pode **dar um toque ao real**. E, de que maneira na clínica orientada em direção ao real, o psicanalista está completo incluído nele. Não podemos pensar – dizia Lacan – o conceito do inconsciente *sem a função analista*. Uma clínica orientada para o real. “Do advento do Síntoma analista e sua relação com o real”¹

A clínica borromeana vai se construindo na experiência do psicanalista. Clínica ampliada que oferece um campo novo de interrogação ante os rasgos e particularidades do gozo dos sujeitos de hoje. Onde o real não é só uma consistência do *parlêtre*, senão o real do nó ou do *des-a-nudo*. Um real buraco, mais do que a consistência.

Contribuo para este sesgo, o percorrido dum sujeito que atravessa a porta do analista na inércia do “**fora do discurso**” e que fez advertir muito pronto sob a necessária oscilação e diversidade do lugar transferencial. O processo de estabilização de um sujeito com seus RSI em indistinção e que foi seduzido pelo dispositivo analítico a retornar da sua “chifladura” (loucura), do seu desboque, à psicose como estrutura.

Trata-se de uma psicose revelada desde há mais de 25 anos. Com vários episódios delirantes agudos. Começa sua análise no ano 2012 logo de um episódio delirante e o encontro num **estado de forte inércia**. Peço logo de uns meses de instalada a transferência um replanteio da medicação e, de acordo com ele, uma redução para permitir construir no seu percorrido analítico. Sabemos que a inércia é uma das figuras primárias do desfrute.

Fermín, será seu nome analisante não é uma pessoa qualquer. Um sujeito de uma grande inteligência, amabilidade e muito favorável ao tratamento.

Nos **episódios delirantes** os vizinhos falam dele: na rua, na sua janela, nos bares.... Sabe que essas vozes dizem ao respeito dele e muitas vezes não sabe o que são e como é que começam, mas, está certo, que vão dirigidas para ele. Isso nos faz pensar na sua divisão subjetiva \$. É um sujeito que por esta divisão *está no inconsciente*, embora fora do discurso. *Não foi inscrito no discurso*, nome do laço social no Lacan.

E verificar que a “Perdida da realidade” freudiana é a “perdida do Nome do Pai Lacaniano”, “perdida da propriedade borromeana”, “perdida do distinguível”, da distinção entre o real, o imaginário e o simbólico. (Bousseyroux, M. *A riesgo de la topología*)

Na transferência a analista tem sido nestes anos sua **secretaria**: recebo semanalmente, ao menos um e-mail. A depositaria dos seus tesouros e produções. Tem sido sua **orelha**, sua **testemunha**².

E, logo duma intervenção analítica, uma **costureira**: “você deve seguir uma **rodovia principal** e não ir pelos caminhos”.

Essa imagem o seduz, o ordenou e o distinguiu. Nesse ponto começou o trabalho de ligar para orientar o caminho da construção do delírio: seus **modelos matemáticos** e sua **taxa de escritor**. Este foi seu “pretil borromeo”, via o Síntoma. Seu quarto nó que possibilitou e orientou na construção do seu banquinho.

Duas maneiras de intervenção na análise para **orientar o desfrute**: a primeira uma **intervenção limitativa** como próteses da proibição faltante. A segunda, promover a **construção delirante**. Uma função positiva, oferecendo um destinatário aos seus descobrimentos.

1 Rithée Cevalco, Pre-texto 3.

2 Diz Colette Soler en *Estudios sob as psicoses*: ser testemunha é pouco e é muito, porque uma testemunha é um sujeito de quem supõe, não saber, não gozar e apresentar, pelo tanto, um vazio no que o sujeito poderá pôr seu testemunho.

Seguindo a C. Soler, “A Vacilação da implicação forçosa do analista”, no trabalho analítico. O analista como quem poderia “conquistar, na transferência, o lugar do um no mais que nombra”³.

Sua infância foi uma “infância de reclusão” e sua adolescência foi uma “adolescência de confinamento”. Três irmãos: Fermín confinado no seu quarto e produzindo modelos matemáticos, escrituras de todo tipo (mails, livro, fórmulas matemáticas). Maria confinada, pela sua eleição profissional, numa terapia intensiva. Lídia, irmã do desfrute desenfreado que Fermín responde com muita indignação e perplexidade moralista.

Três irmãos, o trinitário do sujeito onde o analista vem no lugar do “mais um” da fórmula: “ao-menos-3 mais-um”.

A posição do desfrute destas mulheres da família funciona como as “Socráticas de Fermín”, o levam a tentar responder a esses desfrutes enigmáticos desde o saber das matemáticas. Uma ciência formal que forclui a significação sexual, o leva a produzir saberes com função social: trata de pessoas, delinquência, roubos... e prever as probabilidades....

Seu pai é um pai do desfrute, o exibe constantemente. É o único com direito a desfrutar. Infiel, violento, bêbedo, ausente...

Embora esta carência do pai – pai imaginário –, não ser a causa da sua conclusão ou da sua indistinção RIS (nó trevo). Fermín rejeita a este pai, o qual não tem nenhum respeito. Um pai que não funcionou nem como Nome do Pai, nem como pai que nombra.

Os primeiros anos de vida – por um desfalco paterno – mora com sua avó materna da qual obtém o gosto pela poesia.

Fermín gosta de escrever. É um poeta, testemunho dele é seu livro: “História de índias”. Para nada é um poema neurótico. O pai de Fermín ao igual que o pai do Joyce não são pais do Síntome que permitam ligar: amor-desejo-desfrute.

Em duas oportunidades na sua adolescência (15 e 23 anos) ao sair e não voltar à hora exigida pelo pai – volta só uns minutos mais tarde – fica fora “à intempérie”, sem os muros que protejam do exterior aterrador. “Um exterior perigoso: matam e tiram os órgãos para vendê-los” (lhe diziam de menino).

Aos vinte e três se produz o desencadeado psicótico. Conjuntura dramática acompanhada de um estado de perplexidade.

Tem uma cena de desfrute infantil aos onze anos que determinou seus gostos para sempre e seu casamento com a ciência. Na qual experimentou umas “côcegas interior”. Numa aula de ciências do sexto grau, a professora solicita-lhe que passe à frente e explique: Onde tem menos gravidade: nos postes ou no Equador? Todos os colegas diziam que no Equador: “Equador! Equador! Equador!” No entanto (fora do conjunto do “todos”), faz sua exceção e diz: “nos postes porque a terra é mais plana e está mais perto do centro de gravidade”. Os meninos seguiam dizendo: Equador! Equador! Equador!” ... apesar das suas explicações ...com vergonha repete: “Equador”. A professora intervém: “Quando você tiver uma ideia tem que segurar ela” e acrescenta: “Aqui está... o futuro científico, benfeitor da humanidade!” Experimenta umas côcegas e tremem suas pernas.

A partir daí sempre deixou se guiar pelo seu saber: “saber da ciência”. “Cada vez mais com o percorrer dos anos deixei me atraparhar com as ciências formais e terminei nas matemáticas”.

Logo das épocas de muito gasto energético, vêm períodos de inércia, abulia e pode permanecer dias e semanas na cama.

Sua construção delirante permite lhe fazer laço social (Olá amigos é sempre o “assunto” das suas comunicações nas quais sempre estou incluída). Suas comunicações megalómanas mostram a exemplar inteligência e memória de Fermín, cheias da intensa angústia, isolamento e frustração que mostram os estados maniaco-depressivos.

Uma forma de substituição. Uma maneira de manter unidos – na distinção – com um quarto nó: o simbólico, o imaginário e o real.

A suplência é o que corrige o lapso ou a falha do nó.

Andamento efetuado na construção de um banquinho para seu desvalorizado ego.

Seu nó borromeano de suplência, enlaça os registros com uma sutura que denominei: Ego do científico, benfeitor da humanidade.

Esse nó investigativo que manifesta: “tudo o tenho na minha cabeça”, tem seus modelos em economia, trabalho, educação, saúde, moradia, seguridade, meio ambiente, energético, neurociência, violência de gênero, trata de pessoas, violência contra meninos nos colégios ou casa, doação de órgãos, de sangue...

Pela minha parte, decido, em cada encontro, seguir acompanhando-os para sustentar com firmeza no quarto nó de suplência que tão bem vem à sua pacificação. •

3 Bousseyroux, Michel: *A riesgo de la topología*, Monográficos de Pliegues Nro.9, pag. 109.

Acting out e a passagem ao ato: advento do real e do psicanalista

GLORIA PATRICIA PELÁEZ J

A psicanálise tem efeitos sobre a contemporaneidade, sua medida depende da ação do analista que não obstrua a eficácia da psicanálise¹.

O sintoma e as formas do ato são tipos de vínculos e possíveis enlaces no vínculo social e na transferência, onde o acting-out e a passagem ao ato representam adventos do real, pois encenam a constituição do sujeito em sua relação com o Outro e com o resto desta operação, *objeto a*, com o efeito de angústia concomitante como sinal no eu dessa relação com o objeto.

A ansiedade é prova e é “o comum”² na relação do sujeito e o Outro; é uma característica essencial que “não engana”, um sinal da conformação do eu ideal como superfície e índice da ficção no que diz respeito à identificação com os objetos parciais “expelidos pelo Outro” que compromete a constituição do *ia*, como superfície especularizável³ do eu como objeto diante do olhar do Outro e do reconhecimento do sujeito, em outro lugar. Lacan especifica como não é a imagem refletida de si mesmo, mas a imagem que o outro vê, a *ia* que o sujeito vive como despersonalização e experiência esquizofrênica com o corpo, é uma “falta de sim”, embora haja uma série de objetos, mas o sujeito não consegue *ser* um para eles.

A falta estrutural introduzida no real pelo significante na relação com o Outro cumpre sua função⁴. Essa falta radical na constituição da subje-

tividade⁵, embora seja um efeitoificante, não pode significar, pois é um ponto irreduzível, real⁶, que ilustra as formas de presença dessa falta como adventos deste real na transferência, seja como -, apoio imaginário da castração e como *a*, que o acting-out e a passagem ao ato representam.

Lacan com o jovem homossexual⁷ os ilustra bem; asocia impedimento, gravidez, emoção e constrangimento para compreender o sintoma e as ações. Então, “agir é extrair da angústia a sua certeza⁸, agir é operar uma transferência de angústia”. Ele diferencia no caso, deixar-se cair: gravidez-passagem ao ato-; de exibir-se: impedimento e constrangimento – acting out- os dois possíveis pelo surgimento da relação do sujeito com a falta estrutural do objeto. *A identificação do sujeito ao objeto* permite a “evasão da cena”, a fuga, como uma repetição de uma posição infantil em que o sujeito sai para a busca no mundo de *alguma coisa recusada* em todos os lugares⁹. A partida é a passagem da cena ao mundo que envolve dois níveis: 1° onde o real corre para a cena do Outro e 2° onde o sujeito deve ser constituído ocupando um lugar «como quem carrega a palavra» «em sua estrutura de ficção.

Se a *passagem ao ato* mostra a orientação para o *a*, o acting-out mostra-a para o Outro; ambos denunciam o objeto como causa e a cena que está em outro lugar. No acting, o sujeito é outrificado nessa estrutura de ficção, mas não é autenticável,

1 Lacan, Jacques. O Seminário 5: as formações do inconsciente, Livro 28.

2 . Lacan, Jacques. Os seminários de Jacques Lacan Seminário 10 A Angustia. Livro 9 do 23 de janeiro de 1963

3 Ibid. Livro 8 do 16 de janeiro de 1963.

4 Livro 9 do 23 de janeiro de 1963

5 Ibidem

6 Ibidem

7 Ibidem

8 Ibidem

9 Jaques Lacan, Seminário 10. A angustia. Livro 8 do 16 janeiro de 1963

e é o resto, *a*, aquele que emerge. Não há prova da autenticidade do sujeito, o conhecimento é uma meia verdade, mas a articulação do sujeito ao significante não pode ser provada porque o sujeito é articulado e não passível de extração, com consequências para o analista: no acting trata-se de introduzir o Outro porque é uma demanda de interpretação, que não compartilha com o sintoma, porque ele mesmo é uma interpretação.

A transferência deve ser abordada a partir dessa perspectiva que convoca o ato analítico: não consiste em reforçar o eu ou proibir as ações; mas em interpretar, porque o sujeito “sabe bem” que seu acting exige isso. Mas que tipo de interpretação está em jogo? Lacan é contundente ao dizer que não importa o sentido ou dar um sentido, o que conta é o resto que é mostrado na cena. A questão é como articulá-lo, sem ser articulável e prová-lo como Kris¹⁰, que empurrou o acting encenado no jantar dos miolos frescos. Lacan explica que o ato analítico na transferência consiste em *reforçar o Eu do analista*, não na perspectiva do *ia*, da imagem, mas em direção à sua face inversa, a face do real, o *a* que é o resto de sua própria articulação subjetiva e de sua divisão. A interpretação orientada pelo real¹¹ é fundamental, porque a privação corresponde ao real, insiste nele como o pivô da clínica analítica, de modo que seu efeito não é nem

10 Ibid, Livro 9 do 23 de janeiro de 1963

11 Ibid, Livro 10 do 30 de janeiro de 1963.

ansiedade, nem acting out; daí a importância do *desejo do analista*.

Finalmente, Lacan no seminário 14, nos permite entender, com a banda de Moebius¹², essas duas possibilidades estruturais na constituição do sujeito, o que implica o caminho necessário da dupla volta do significante para o campo do Outro e seu retorno. Repetição que dá lugar, em ato, ao sujeito no ponto de corte das duas bandas, e é aí que o significante representa-se ele mesmo, e o sujeito encontra então seu lugar dividido e alienado a esse signo, que não é efeito de sentido da articulação significante, mas corte, onde a primeira alienação ao Outro emerge; o retorno *a partir do* Outro, e neste retorno, a separação com e por meio de Um significante, S1, do sujeito. Dessa maneira, podemos ver na transferência essas duas possibilidades, a do acting, de separação e volta a ver o objeto na cena e, a da alienação de ser um objeto para o Outro; o sujeito apressa-se em ficar engravidado do Outro do significante, alienado como objeto para o Outro¹³; conhecer essa trajetória permite ao analista seu ato. •

Tradutora: Lina Arredondo

12 ação, atuação, fato, sucesso- advento- manipulação, rasgo, argumento, trama

13 Jaques Lacan, Seminário 14. A lógica do fantasma, Livro 11 do 15 de fevereiro de 1967.

“A morte é um exagero”¹

IDA FREITAS

A clínica, com suas configurações particulares, desafia a teoria, impelindo o psicanalista a buscar clareza, precisão e delimitação dos conceitos que podem favorecer o posicionamento na direção do tratamento.

Ala, adolescente, se apresenta à análise quase como uma boneca de cera. Gestos contidos, olhar inexpressivo, fala reduzida, resumida e repetida. Diante da demanda fale, fale mais, um pouco mais, escapam algumas palavras – “estou louca”, “dói demais” – que a desconcertam, e uma censura imediata se impõe – “sou ridícula” –, recompondo-se na frase seguinte: “Tudo bem, estou plena”. Início delicado que demonstrava um não querer ou poder saber sobre seus sintomas, seu inconsciente.

Pouco a pouco, há um consentimento ao bem dizer, e Ala passa a historicizar-se. Sua mãe, empregada doméstica em casa de família abastada, ficou grávida de gêmeos, ela e seu irmão. A família para a qual a mãe trabalhava propôs a adoção de uma das duas crianças, mas ora demonstravam preferência pelo menino, ora por ela. Finalmente a escolhem para adoção quando já estava com 10 anos. Passa a morar definitivamente na casa da família adotiva, onde sua mãe biológica continua a trabalhar, causa de embaraço para ambas.

Seu irmão gêmeo, eu ideal, com quem sempre teve uma relação amorosa – “Ele era minha alegria, minha vida, o único que me entendia” –, no início da adolescência se envolve com o tráfico de drogas, passando a ter uma vida marginal até ser assassinado aos 14 anos. Ter sido “a escolhida” condiciona para Ala uma intensa culpabilização pela morte do irmão, imergindo num processo de luto “patológico”, com a presença de autodepreciação, automutilação, fantasias de humilhação e espancamento, de “vozes” imperativas de gozo e atuações.

A culpa se intensifica com o afastamento radical da mãe biológica após a morte do irmão, e durante dois anos ficaram sem se encontrar. Ala foi proibida de ir à casa da família de origem como forma de preservação de sua vida, assim como ela própria se proibia de falar dele, da falta de sua mãe, e de demonstrar à família adotiva qualquer sentimento de dor ou tristeza para que não se arrependessem da adoção. Repetia o paradoxal dito familiar: “Não se queixe, você tem muita sorte”.

A perda do objeto de amor, o abandono da mãe (vê-la era como ver o irmão), o vazio de sentido, o silêncio sobre a trágica morte de seu irmão e suas repercussões, a deixaram à mercê de um sofrimento solitário, com poucas possibilidades de elaboração do luto.

A fenomenologia do caso aponta para um trabalho de luto patológico, o que poderia sugerir tratar-se de estrutura psicótica, no entanto essa hipótese se mostra paradoxal diante de evidências de um sujeito na neurose.

Podemos pensar na direção da passagem da melancolia, quando o sujeito está fixado ao objeto perdido, ao vazio de significação, ao trabalho de luto como elaboração da perda, desligamento do objeto, significação do vazio?

Nesse caso, seria a melancolia, melhor dizendo, o “estado melancólico” ou a melancolização subjetiva, um sintoma, advento do real, que requer o ato analítico para fazer falar o inconsciente?

A análise demonstra trazer a esse sujeito a chance, a autorização para falar do irmão, amado e odiado, parceiro e rival, do abandono materno, da adoção tardia, abrindo o caminho para o trabalho de luto, visando simbolizar o “exagero da morte, que leva demasiado e deixa muito pouco” (MÃE, 2017, p.22), a perda do objeto que até então se fazia sombra para o sujeito, forçando seu apagamento.

1 Título extraído do romance “A desumanização”, de Valter Hugo Mãe (2017).

Ala pode falar de seu desejo de ter salvado o irmão, ao mesmo tempo em que se recorda, entre muitas outras lembranças da infância, quando ele dizia desde criança que queria ser bandido quando crescesse.

Posteriormente, traz a culpa por notar que a imagem do irmão tem se dissipado e que já não conversa mais com ele diariamente. Até então se esforçava para mantê-lo vivo, ainda que em sua memória, o que a privava de parte de sua própria vida, assim como Halla em “A desumanização”, romance de Valter Hugo Mãe (2017), “criança espelho”, “meia-viva meia-morta” ou a “menos-morta”, por carregar a alma da gêmea falecida.

Recebe da analista a “autorização para esquecer-lo”, quando lhe é dito que tem o direito de seguir vivendo e, para isso, precisa deixar o irmão morrer. “Então esquecer-lo não seria traí-lo, deixar de amá-lo?”, questiona.

Uma intervenção simples, óbvia, porém libertadora, desatadora do nó especular que ressoa na estrutura neurótica e permite a Ala novos e importantes desdobramentos, novos enlaçamentos. O desejo de saber sobre as enigmáticas fantasias que construía toda noite para embalar o sono, sobre suas mentiras e fingimentos diante de amigos e professores, - aonde não podia dizer, atuava -, passam a ser material de sua análise.

Ao tempo em que demanda rever e conviver com sua família biológica, constrói também seu “romance familiar” com a família adotiva, distinguindo o lugar que ocupa nos distintos grupos e afirmando seu desejo de ser interessante e amada pelo pai.

A narrativa inicial de Ala, pautada em autoacusações, autodepreciação, mortificação no real do corpo, em fantasias violentas, associadas a uma paralisação e falta de sentido na vida, a princípio fazem crer tratar-se de melancolia, sugerindo, portanto, uma estrutura psicótica se entendermos o luto como patológico na melancolia, como um efeito da estrutura.

Porém o recurso a transferência favorece que o desejo de saber se ponha em curso, propiciando o deslocamento de um “estado melancólico” ou “melancolização subjetiva”, como proponho nomear, ao trabalho de luto, que cumpre sua função de recolocar o desejo na cena.

Fica a questão sobre o que podemos considerar nesse caso o advento do real: a morte do irmão, que faz corte, ruptura, ou o que disso resulta e reverbera na estrutura subjetiva, o “estado melancólico”, que denuncia o gozo sintomático e coloca o inconsciente a trabalhar? •

Referências

- FREUD, Sigmund. Rascunho G: melancolia [1985]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 1.
- FREUD, Sigmund. Contribuições para uma discussão acerca do suicídio [1910]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 11.
- FREUD, Sigmund. Totem e tabu [1912-1913]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 14.
- FREUD, Sigmund. Luto e melancolia [1915]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 14.
- FREUD, Sigmund. O ego e o id [1923]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 19.
- FREUD, Sigmund. 31ª Conferência: a dissecação da personalidade psíquica [1933(1932)]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 22.
- LACAN, Jacques. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: “Psicanálise e estrutura da personalidade” [1960]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 653-691.
- LACAN, Jacques. Televisão [1970]. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 508-543.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 10: a angústia* [1962-1963]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- MÃE, Valter Hugo. *A desumanização*. São Paulo: Globo, 2017.
- QUINET, Antonio. *Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia*. RJ: JZE, 2006.

O que resta do complexo de masculinidade freudiano?

J. TRÉHOT

Equivocidade

É por meio da metonímia que vou abordar o real do sexo (amor e gozo que conduzem o mundo). Essa metonímia reflete a polissemia e, portanto, a equivocidade da linguagem. Assim como “há fardos e fardos”, como dizia Molière, há saber e saber:

Por um lado, o saber do conhecimento ancestral, científico, sempre em processo [*en chantier*]. Trata-se de um saber consciente, articulável numa cadeia significativa, enunciável, que pode ser impresso nas enciclopédias. É um saber-sentido [*savoir-sens*], ficcional, entregue pela decifração, cuja verdade permanece enganosa, mentirosa. Conhecimento não é saber! “A grande erudição [*polymathie*] não instrui a inteligência [*noon*]”, dizia já Heráclito.

Por outro lado, o saber insabido [*insu*], sem sujeito, inconsciente, inarticulável, contudo, articulado (por graça da regra fundamental enunciada por Freud). Saber gozado, efeito da língua (materna) a ponto de suscitar “afetos enigmáticos”. Saber paradoxalmente inacessível e, no entanto, capaz de “se propagar” [*fuser*], apesar do sujeito, em seus atos falhos, seus lapsos, seus equívocos, seus sonhos.

Esta equivocidade, paradigmática, poderia ser declinada acerca de todos os significantes e de todos os conceitos.

Assumamos, em particular, que o gozo fálico pode significar, dependendo do contexto: ou o gozo masturbatório do órgão peniano ou clitoriano, com ou sem parceiro, ou o gozo semiótico, diz Lacan, da linguagem, o gozo do “dizer”. Aquele que leva ao “bem dizer”. Bem dizer é o dever do psicanalista. Bem dizer, nunca totalmente alcançado, não é, de fato, a única verdadeira satisfação?

O novo amor (POR UMA RAZÃO, de Arthur Rimbaud, Iluminações)

Falar de novo amor é correr o risco de se afogar no melindre ou numa espera devotada à decepção. Como evitar essas duas armadilhas? Desejamos que exista uma terceira posição em que o outro sexo (mesmo que seja o mesmo) não seja vivido nem como totalmente inacessível, nem como inevitavelmente conflituoso, numa “luta até a morte” entre dois *egos* que procuram assegurar a sua supremacia um sobre o outro. A “estranheza” do outro não conduz inexoravelmente ao arrependimento [*résipiscence*]. Que o outro queira a minha castração, minha capitulação, é uma fantasia de neurótico.

Um novo amor seria mais realista, des-idealizado, não essencializado num “para sempre”, o qual crucificaria [*clouerait au pilori*], vilipendiaria uma contingência estrutural. Nesse caso, a contingência se veria privada de qualquer possibilidade de ser perpetuada entre o que é proibido e a obrigação. O outro (parceiro), por mais “irritante” que seja, estaria condenado a ser meu “melhor inimigo íntimo”?

“Peço que recuses o que lhe ofereço porque isso não é isso!”, diz Lacan. A resposta é “sim” se se tratar da fantasia impossível da harmonia ideal, que beira o “assédio”; a resposta é “não tudo” [*pas tout*], se se tratar de uma “disparidade”, de um “não é tudo isso, estou com a panela no fogo me esperando”, que poderia passar por uma fórmula da fantasia.

Não todo [*pas tout*], coração da psicanálise

Não todo “diz respeito não somente às mulheres, não todas dedicadas ao Gozo fálico, não todo diz respeito também a cada sujeito, incluindo-se aí cada analista”, diz Albert Nguyen.

“A recusa do [não todo] da feminilidade [*penisneid* & protesto viril], dizia Freud, não pode, obviamente, ser nada além de um fato biológico [portanto real], um pedaço desse grande enigma da sexualidade. Será difícil dizer se e quando conseguimos, numa cura, controlar (*bewältigen*) esse fator. Nós nos consolamos com a certeza de que outorgamos ao analisante todos os incentivos possíveis para rever e modificar sua posição em relação a isso”. Não é esse o objetivo da psicanálise?

Freud propunha como evolução normal de uma suposta maturidade sexual, o deslizamento do gozo de um “pênis atrofiado, raquítico (*verkümmert*)” para um dito gozo vaginal. O complexo de masculinidade, ou de virilidade, formação que reage ao *penisneid*, a reivindicação fálica ou o protesto viril, subsumido sob a recusa da feminilidade, eram considerados por Freud como o “rochedo original (*gewachsenenen*) da castração”. Esses conceitos não eram marcos em direção à posição “não todo” da mulher no gozo fálico?

Como contraponto ao gozo fálico, Lacan propõe, com efeito, outro gozo, chamado gozo feminino, do qual “elas” nada podem dizer, senão reintegrar *ipso facto* o registro fálico.

É de um vislumbre desse gozo outro, dito feminino, mas talvez também do gozo clitoriano que escapa totalmente ao homem, que um novo amor pode nascer, isto é, um amor que “obriga” o sujeito

em sua relação com o outro. Obrigado no sentido de um reconhecimento. Sozinha, a aceitação da incompletude essencial do «*HOM*» poderia tornar menos violenta a insuportável alteridade generalizada. O neurótico muitas vezes “se queixa” do copo meio vazio, oxalá que ele se alegre pelo copo meio cheio!

Conclusão

Podemos, então, nos perguntar: o gozo outro não teria, de fato, a função de roubar a cena de um gozo “peniano” – chamado de “raquítico”? Esse gozo, numa mulher, é tão escandaloso que seja preciso, em muitos lugares do planeta, incluindo a França, “excisá-lo » (6.000 excisões por dia, no mundo!)?

O conceito de gozo outro, dito feminino, tem o mérito de restabelecer a verdade escandalosa da assimetria sexual fundamental, tornando explícita a evidência, contudo ainda desconhecida, da “*mâle diction*» [macho dicção/maldição] da “*norme mâle*” [norma masculina/normal]. Mas ela não corre o risco de reforçar o tabu do clítoris, “inominado”? Lacan falou disso como o “ponto negro” da mulher, o que não deixa de evocar o “contenente” [*continent*] negro freudiano... Tão tentador que se trate de continência [*continence*]... quicá de impudência... •

Tradutor: Cícero Oliveira

O real do corpo sexuado

JEAN-JACQUES GOROG

O desenvolvimento de Lacan com a ênfase dada ao significante, o simbólico, pôde introduzir em alguns de seus alunos a ideia de que o sujeito do inconsciente poderia ser encarnado com o sexo de sua escolha. É importante ressaltar esse papel do simbólico, uma forma de não reduzir o humano àquilo que está presente na famosa sentença retomada por Freud: a anatomia é o destino, mas não se pode, apesar disso, negar a limitação [*contrainte*] do corpo...

Gostaria de voltar mais uma vez a alguns elementos da história em que aquilo que Lacan chama de real encontrou meios para se manifestar. Afinal, é também uma forma de celebrar os vinte anos de nossa Escola e o real que presidiu à sua instauração.

A história da psicanálise é escandida por aquilo que chamo de “vingança do inconsciente”, a cada vez que se tropeça nele – no inconsciente. Foi esse o caso com a descoberta do complexo de Édipo, tão rapidamente vulgarizado que sua interpretação se tornou obsoleta para os analistas, a partir do momento em que seus próprios pacientes se encarregavam de utilizá-lo. O episódio forçou a psicanálise a reinventar a própria noção de interpretação. Em seguida, houve – deixo de lado alguns episódios – o colóquio sobre o inconsciente em Bonneval, em que a colocação em órbita do inconsciente segundo Lacan foi perturbada por seus alunos, os “dois L” – Laplanche e Leclair –, encarregados, no entanto, de expor o pensamento do mestre e que se enganaram ao fazer do inconsciente a origem da linguagem. Contrassenso total, já que, de acordo com Freud e Lacan, não pode haver inconsciente sem a linguagem, o inconsciente deve ser pensado como um efeito da linguagem, e não como sua causa. É isso que chamo de “vingança do inconsciente” e é, aliás, assim que Lacan o apreende, não como um mero erro, mas, de certo modo, como um efeito

induzido próprio à particularidade do inconsciente. A cada vez que Freud, Lacan ou outros tentam uma abertura, ela é seguida por efeitos, mas logo em seguida seu fechamento vem tentar anular sua novidade. Pois tal é o modo de operação do inconsciente. Sempre que um avanço muito cauteloso foi feito, o mal-entendido induzido pelo inconsciente prolifera.

Não surpreende a partir daí que a questão sexual tenha sido especialmente o lugar do mal-entendido. A própria palavra *équivoque* [equivoco] em francês tem um sentido tal que o sentido sexual nela é imediatamente inscrito como aquilo que equivoca, a segunda voz, aquilo que *équi-voix* [equi-voz], *équivalise* [equivocaliza], “*et qui voit*” [e quem vê]!¹ Como esquecer que o equívoco interpretativo proposto como a interpretação implica necessariamente o equívoco sexual? Talvez nem sempre ou não diretamente o Édipo, que é oferecido ao analisante um pouco rápido demais como solução pelo discurso de Freud, no início de sua experiência.

Mas o traumatismo sexual certamente. E ele recebe em troca a lição moderna do abuso sexual como sendo a causa de todos os transtornos. Novo mal-entendido, contudo, fundado, na verdade, na descoberta freudiana, como uma simples extensão do Édipo. Pode-se facilmente verificar isso, sempre que se tratar desse abuso, a dimensão de incesto é colocada em primeiro plano, e às vezes por autores que estão bem longe daquilo que chamamos de psicanálise. “Vingança do inconsciente” novamente, porque, de passagem, não se trata mais de equívoco – o abuso é um abuso, ponto final.

Lacan promoveu a diferença sexual como simbólica, isto é, inscrita na linguagem ao mesmo tempo em que se apoderava, para usar à sua ma-

¹ * Em francês, todas palavras e expressões são homófonas, e o autor desdobra e joga com seus equívocos (N.T.)

neira, da noção linguística do significante. Mas da mesma forma que se pôde considerar que ele não dava muita importância para o afeto, apesar de seu seminário sobre a angústia, alguns de seus alunos acreditaram que ele ignorava que o ser falante tinha um corpo. É verdade que o vocabulário freudiano não facilitava as coisas. Acompanhávamos o que ele entendia por *id* e por pulsão? Foi assim que descobriram, com surpresa, o corpo reaparecer. O campo lacaniano permitiu essa aparente ressurreição sob o nome, mais imediatamente apreensível, de gozo – não nos enganemos, o corpo sempre esteve ali, desde a *imago* dos inícios de Lacan, não apenas imaginário, mas também real.

Tudo isso poderia fazer sorrir se o mal-entendido, mais uma vez, não tivesse escorregado sub-repticiamente, por exemplo, com relação à escolha do sexo. Ali também a atualidade serve ao mal-entendido. Acreditou-se que a ordem simbólica autorizava que se pudesse escolher seu próprio sexo. Mas se trata de uma escolha da mesma natureza que aquela por meio da qual se podia escolher a neurose ou a psicose. Evidentemente, há um erro sobre aquilo que Lacan entende por escolha. No entanto, ele havia explicado isso, particularmente no que diz respeito à neurose obsessiva: trata-se da **assunção** da escolha, que já é imposta, **aliás, mas não assumida**. Com relação aos sexos, ele afirmará claramente que existem apenas dois,² os portadores do falo, os homens identificados como homens por intermédio deste órgão que passa ao significante, e, por isso mesmo, os mesmos entre si contanto que

2 LACAN, J. (1971-72). *O seminário, livro 19: ... Ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, p. 149. "(...) Que o sexo é real, não há a menor dúvida. E sua própria estrutura é o dual, número *dois*. O que quer que pensemos, existem apenas dois, os homens, as mulheres. Há quem se obstine em acrescentar a eles os *auvérmios*. É um erro. No nível do real, não existem *auvérmios*. A coisa de que se trata, quando se trata de sexo, é do sexo oposto, até quando se prefere o mesmo a ele".

se reconheçam aí, e as outras, as mulheres, que, por serem mulheres, podem se reconhecer aí e não. Nessa escolha "feminina" com essa possibilidade aberta, entre dois, que Lacan chama de não todo, se afirma o "verdadeiro" sexo, a ponto de se poder dizer que há apenas um sexo, ou seja, aquele que a língua francesa chamava de **o sexo** – isto é, as mulheres.

O que deduzir disso? Que os atributos sexuais que nos definem quando há incorporação, assim que a linguagem deixa sua marca ali, que esses atributos não podem ser ignorados. Eles constituem o primeiro traumatismo sexual, a marca do sujeito que constitui o advento do real do sexo. E depois vem o segundo, aquele que coloca em funcionamento essa dimensão sexual, o sexo como necessário traumatismo, independente da forma como ele sobrevém, gozo e proibição... Sabemos do debate sobre o conhecimento que um sujeito pode ter de seu corpo, sobretudo se for uma mulher, e da diferença de perspectiva entre Freud e Lacan sobre esse ponto.

Resta a escolha do objeto sexual. Este é outro campo perfeitamente distinguido por Freud e por Lacan, assim como na citação mencionada acima.

Não tem nada a ver com o sexo ao qual se identifica e que permanece indeciso para todos aqueles, homens ou mulheres, que recebem a marca fálica, por causa da impossibilidade de se situar esta marca. Aqueles que não suportam esta indecisão dão mostras de uma certeza que às vezes precisa de uma escolha em não conformidade com a anatomia, e que vai mais regularmente no sentido "mulher", já que, como sexo é o único sexo, representado de fato pelas pessoas do sexo, as mulheres, portanto. •

Tradução: Cícero Oliveira

Do enigma à sua solução

JORGE IVÁN ESCOBAR GALLO

“Em uma análise se trata disso, de encontrar a resposta a um enigma”. É o que pode oferecer uma psicanálise. O analista deve ter resolvido aquilo próprio para assumir a função de relevo, o que nem sempre é certo. O analista enquanto tal é pouco provável, a contingência em jogo na resolução é suficiente para indicá-lo. O enigma provém desta dimensão da estrutura que não é imaginária, nem simbólica, o enigma provém do real. A citação é do Seminário XIII a propósito da utilização do enigma por Joyce. É seguindo sua pista que Lacan nos apresenta esta afirmação. Trata-se de uma resposta que deixe de ser tola e em certa medida inútil, longe da obscuridade do sentido, fornecida pela dimensão francamente enganosa da verdade, dada a debilidade generalizada que introduz o significante, submergindo-nos na necessidade do sentido.

Impõe-se ao analisante em seu percurso, a dimensão alienante de crer no sintoma e no inconsciente. A intervenção do analista introduz artificialmente o discurso da histeria, e ao abrir a pergunta sobre o desejo, se implementa uma primeira subversão no sujeito: passar dessa formação do inconsciente mestre do sujeito e, em um quarto de volta, expulsar o significante mestre do lugar da autoridade, surgindo o sujeito dividido por seu sintoma, interrogando o inconsciente para que libere seus segredos. Quarto de volta discursivo que histericiza o paciente, colocando-o na efetiva condição de analisante. Consequência da certeza que o analista tem, de que o sintoma presentifica em um primeiro tempo o enigma; paralelamente o inconsciente aloja não somente a suposição de saber sobre aquele, mas hospeda a certeza que o sintoma obtém do real, em que se fundamenta uma saída, mais além do Outro, de onde se orienta a possibilidade que a análise tem de intervir no sintoma e oferecer a solução. O agente do discurso no lugar de comando, opera com a lacuna que há entre as

constantes que estruturam os discursos: o semblante, o gozo, a verdade e o mais de gozar. É exigível, um quarto de volta adicional, para que na brecha entre elas, o analista em seu ato interpretativo, situe o mais de gozar, no domínio da operação, o analisante, no lugar do escravo, e como suporte do saber que abriga em seu inconsciente, se aventure na travessia analítica, desencadeando nele um trabalho em que executa um exercício interrogativo sobre o grande Outro, como um artesão mesmo em sua re-historização, não sem o analista, testemunha e impulsor de sua própria interpretação. Para que e até onde? Todo trabalho aponta para uma verdade. Na análise, produzir uma verdade, é a noção com a qual trafica o inconsciente, uma meia-verdade, sobre o sintoma e o gozo. E até onde, suscita um limite. Na medida em que se estimula o trabalho do analisante, se desdobra saber, estabelecendo-se que no mesmo se destaca uma discrepância, entre o que o inconsciente outorgará como resposta e o que vai se precipitando como resto, o irremediavelmente irreduzível ao saber, se colocando presente esta dimensão da perda inerente, para a ordem que introduz o registro simbólico. É a entropia inevitável que o sistema produz, no caso, entropia de gozo. Ali é alcançado o limite que impõe o real, o impossível como conclusão lógica, depois de esgotar o conjunto das soluções possíveis, limite em que o discurso analítico deve chegar, caso a caso, onde a psicanálise tem possibilidade de sobrevivência. Se há algo inacessível, se o objeto está irremediavelmente perdido, se impõe o registro do real e sua independência. Real que se decanta por não ter sentido, por estar excluído dele. O real ex-siste ao sentido, é cingido por estar por fora, extrínseco à enfermidade da mentalidade, que o sentido impõe aos falantes, que mente sobre o real. A neurose é a crônica de uma mentira, a própria, a íntima. A análise a submete à prova do Outro. O neurótico

sustenta o impulso de reivindicar a verdade de sua mentira, mentira feita com fragmentos de verdade, mentira fabricada sobre as migalhas de verdade de gozo do sujeito. O sintoma é a primeira resposta ao enigma fundamental: a inexistência da relação sexual. Uma análise oferece a possibilidade de decifrá-lo, possibilidade de resposta sem igual, orientada pelo real. É autenticamente orientador, para sair da impostura fundamental que habita o humano, única orientação efetiva, orientação não pelo sentido resultante da articulação significante, e da cópula entre simbólico e imaginário, sentido que o nutre para que transborde ou para que se apague. A genuína operação que admite a resolução, permite uma nova emenda e um novo enodamento. É exigível que se deixe ouvir o real, que o deixe sentir, no sentido como um dos nomes do real, que somente o dá aquilo que é escrito, ao fixar algo do gozo, é a orientação que dá o real. A passagem, de uma ordem a outra, de uma dimensão de sentido para outra, é possível depois da assistência do escrito, do significante que foi mordido pelo real e, portanto, é letra. É o real em cruz para forcluir o sentido, o sentido como efeito da copulação entre S e I.

Estaremos hoje os analistas à altura da invenção freudiana e da elaboração de Lacan, que nos deixaram seus ensinamentos, como paradigmas de enunciações únicas, extraídas de uma experiência clínica sem igual. Clínica que orientada pelo real, se faz inesgotável em seus próprios enunciados e em seus conceitos. Podemos aspirar que a psicanálise se encarregue nos tempos vindouros, de por na ordem do dia esta possibilidade, e de não ser um sintoma caído no esquecimento. Hoje corremos o risco de obturar o enigma que a psicanálise presentifica no mundo, se afastados do real de nossa clínica, o inundamos de sentido com nossos próprios conceitos, convertendo nossa práxis em um credo a mais, e tão somente oferecido como solução, ao enigma do sujeito, uma resposta como as outras, uma resposta demasiadamente tola. É talvez de dentro, da instituição e dos analistas mesmos, onde estamos correndo o perigoso risco, de arrasar o campo cultivado que Freud semeou, que nos delimitou, limpou e fertilizou Lacan: o campo do real. •

Tradução: Beatriz Cauduro Cruz Gutierrez

O silêncio, manifestação do real na cura?

JOSE MONSENY

Este tema conclui minha terceira e última reflexão, iniciada quando se cumprem vinte anos de minha experiência do passe a vinte anos, ao final de minha experiência do passe. O passe deixou um processo em curso que não cessou de se aprofundar em “segundo plano” na minha vida. A vivência do silêncio nesse momento esteve ligada a uma experiência particular de esvaziamento do sentido e de certas representações, tanto do espaço “interior” quanto do espaço “exterior”. Sem-sentido e silêncio constituíam uma tela de fundo, e ambos os espaços se organizaram em continuidade topológica. Constituíam um “espaço de silêncio”, utilizando uma expressão de Lacan no Seminário 12.

Ao tentar dizer algo disso, uma expressão se impôs: o passe é um passe ao silêncio. O tema do silêncio é central na experiência psicanalítica, é quase um diferencial dela mesma, na expressão de Lacan: “um ponto maior, fundamental, sobre o qual são possíveis muitos deslizamentos, muitos abusos” cit. Os analistas se “calam”, é um contraste com as psicoterapias. Mas não só eles se calam, frequentemente calam os analisantes. Freud experimentou muito rapidamente o momento em que se instalava a transferência e, com ela, a resistência ao processo, do qual com frequência o silêncio é sua forma mais problemática.

É essa uma manifestação do real? Não convém responder rapidamente se não quisermos nos extraviar. Para Freud, esse silêncio era um calar algo, e se tratava de indicar ao analisante que algo apontava ao analista, que deveria dizer, cumprindo assim a regra analítica e obtendo o “destamponamento” do processo, relançando “a associação livre”. Nessa formalização, o simbólico e o imaginário estão presentes. Em o “Eu e o isso”, Freud fez deste último um “lugar de silêncio”, claro que nos silêncios do analisante, a pulsão não lhes é alheia, é esse o seu real? Sim e não, Lacan exige maior

clareza. No entanto, há outro silêncio, o do analista. O analista cala. Houve um momento em que se confundiu “ocupar o lugar de morto” e se calaram “todo o tempo”. Foi preciso recordar que a análise não caminha sem a interpretação. Por outro lado, Lacan mesmo nos recorda que não é incompatível que alguém fale com o silêncio. Essa associação entre silêncio e morte estava muito presente em Freud, em seu texto “O tema dos três escrínios”. O sujeito frente à escolha do objeto de desejo, quais sejam mãe, mulher, morte, sob a metáfora do cofre de ouro, prata ou chumbo, somente acertará se eleger, dentre as três irmãs, a pequena, “a muda” que Freud associa à morte. É a que o leva a um perder-ganha, pelo qual, subjetivando a morte, vive/virá a viver.

Obviamente, no calar de um analista está presente um não dizer tudo o que lhe ocorre: *taceo*, diferentemente de *Silet*, como destaca Lacan no seminário “Lógica do Fantasma”. Esse *Silet* aponta mais ao real. Em muitos momentos, foi associado ao silêncio das esferas: “o silêncio eterno dos espaços infinitos”. Newton o associou com “repouso e silêncio universais”, Pascal, à “ciência como forma de reduzir O todo poderoso ao silêncio”. Einstein (Seminário 2)

Imagens que apontam ao irrepresentável, em psicanálise, não podemos sair a buscá-lo em uma suposta anterioridade aos semblantes “do mundo”, e sim como efeito da introdução da linguagem desde seu estatuto mais reduzido, desde seu instante mais precoce que os mundifica, mas que os faz recobrir “esse espaço de silêncio” cit. Esse espaço que é evocado pelo personagem do padre em Gritos e Sussurros. O filme de Ingmar Bergman nos oferece testemunho dessa confluência da relação do grito com o silêncio, e desse com a morte, na figura das três figuras femininas. Bergman nos traduz com clareza a percepção do quão mais

fácil é para elas frequentar esse espaço de silêncio.

Dessa forma, Lacan se aproximará da questão do silêncio, tal qual dissemos a partir da introdução da linguagem. Em seus elementos mínimos, que vão desde a interjeição até o grito.

No seminário 12, capítulo 11, Lacan diz, “*Comenzaré la próxima vez hablándoles del grito porque no se puede separar lo que tengo que decirles de lo que algunas personas, han declarado sobre mis escritos: que no estaría el lugar del silencio. Si hubieran querido ubicar la articulación entre el \$ y la D por la disyunción - exclusión , se habría percibido que es en correlación a la demanda que aparece el \$, lo cual no deja de tener relación con esta función del silencio.*”¹ A partir desta hipótese, Lacan situará a operação do grito como algo que aponta esse intervalo entre o sujeito e o Outro. No quadro de Munch, é o grito que dá lugar ao silêncio, sem estabelecer uma relação complementar.

“Esta imagem é o lugar em que a voz se distingue de toda coisa modulante, pois é o grito

1 Reproduzimos aqui a tradução tal qual consta no Sem. 12, inédito, em português: “Começarei a próxima vez lhes falando do grito, porque não posso separar o que tenho a dizer do grito disso que, dizendo-se das pessoas bem-intencionadas (...) declarou ter procurado (...) em meus Escritos, que diz, que não havia em parte alguma o lugar do silêncio!”

Então, se essa pessoa tivesse procurado melhor e observado em meu gráfico a fórmula, o esquema, a articulação que reúne o \$ com o D, reunidos pelo losango conjunção/disjunção, inclusão/exclusão, teria percebido, talvez, que é justamente em correlação com a demanda que aparece ali pela primeira vez, o \$ (S barrado), isso não acontece, claro, sem relação com essa função do silêncio.”

que a faz diferente inclusive de todas as formas, as mais reduzidas da linguagem.”

O silêncio que instaura o grito é, portanto, recorte que apenas a garrafa de Klein permite formalizar nesse momento, por um lado a separação das duas bandas de Moebius, em que se figura a relação do sujeito ao outro, campo do significante e o significado, e corte da banda em relação a “esse algo independente, que se pode desprender”.

A garrafa de Klein permite dar o lugar desse “furo intransponível no interior de nós mesmos e ao qual não podemos mais do que apenas nos aproximar”. cit

Contudo, essa formalização ainda não nos deixa a certeza do real desse furo, bordado pelo corte “do grito”.

Como aponta Bousseyroux, “Realização borromeana do corte”, a culminação do trabalho de Lacan para dar formalização a esse corte, mediante “uma borromeica do corte”, creio poder dizer que o grito se revela homogêneo a esse dizer, que instaura o real como corte. Isso implica que o real não é esse antecedente a toda entrada do humano na linguagem, mas o contrário, é produto dessa entrada.

Faz *silet* o analista? Tudo indica que deveria fazê-lo, pois é a única forma concebível, que além de semblante de a, impulsiona o analisante em direção à divisão subjetiva, da qual a angústia é o sinal. Freud falava de “silêncio absoluto” para discernir algo que não se esgota com o calar, mas que é condição para que se produza algo que o grito evoca de forma eminente: o dizer. •

Tradução: Daniele Salfaltis

Revisão do português: Maria Claudia Formigoni.

De um advento ao Outro

LUIS IZCOVICH

Há um acesso do ser falante ao real, o que não quer dizer que seja universal. Surge daí a pergunta sobre o devir desse advento ou não advento na análise. A virada fundamental, em Lacan, é o que consiste em passar de um real que dá sinais de sua existência a um real que se pode captar, circunscrevendo-o, rodeando-o e, inclusive – e essa é nossa aposta com a política do sintoma –, produzir um novo real, um real afetado pela análise.

Logo, há um real que, em sua essência, caracteriza-se pela constância de seu retorno. Os maiores exemplos são as manifestações do retorno do real na psicose, da repetição na neurose ou da angústia.

Uma distinção se impõe. O retorno do real na neurose, contrariamente à psicose, supõe a existência de um real já advindo.

Esta diferença é o que leva Lacan a fazer a distinção, em “Posição do inconsciente”, entre o advento do sujeito e o advento do ser. O advento do sujeito é o efeito da articulação significante que promove o advento da falta no ser. E, ao mesmo tempo, temos o que Lacan designa, desde então, como a opacidade do ser.

A opacidade e o advento do ser prefiguram a necessidade de um acesso a outro nível no sujeito que concerne à singularidade. Enquanto que o advento do sujeito é o que condiciona o acesso a uma particularidade incluída no universal, o advento do ser implica a necessária tomada em consideração do real do gozo, a emergência, portanto, do traço diferencial. É outra forma de dizer: a marca do sujeito. O que se produziu uma única vez pode afetar, mas não se produz uma segunda vez.

Ao mesmo tempo, o que não se produziu, que não se pode produzir, pode-se, às vezes, suprir.

A fórmula *advento do ser* prefigura o “advento do real”, coloca que a singularidade é relativa à experiência de um gozo infantil que perfura

o muro da linguagem e que faz furo na tela mista, constituída pelo imaginário e pelo simbólico. Nesse sentido, é um advento não esperado pelo sujeito.

Esse gozo inesperado demonstra em si os limites do sentido e coloca em relevo a afinidade entre a emergência de um real de gozo no corpo e a manifestação de um afeto do real, que é a angústia.

Este advento do real não é generalizado, já que supõe a conjunção do simbólico e do real.

Esta concepção dá lugar à proposta de Lacan de um “advento do sintoma” como efeito da castração. É o advento do real infantil, sintoma do corpo, o qual supõe a inscrição de um gozo como marca. A ausência de advento se caracteriza pela falta de localização do gozo no corpo, o que se traduz no gozo ilimitado do corpo esquizofrênico; na tendência a identificar o gozo como vindo do Outro – é a paranoia; e em um gozo que se revela como mortífero, na melancolia, ou não centrado pelo objeto *a*, na mania.

Mas o advento do sintoma pode fracassar em limitar os efeitos do real. É o que prepara o encontro com o analista.

Entende-se que o afeto maior de entrada em análise seja a angústia. A opacidade do gozo do sujeito que não se converte em desejo e que deixa o lugar vago para que seja ocupado pelo desejo do Outro.

Cabe distinguir, de um lado, o advento ou não do real, através dos sinais dados pelo significante traumático no corpo; e, do outro, o que advém na análise. O que se espera de uma análise é certamente um advento do real que lhe seja próprio. Mas quem espera por isso? Não o analisante, que, geralmente, não encontra o que imaginava. Aquele que espera pelo advento do real e, ademais, tenta obtê-lo é o analista. O que advém de real no tratamento comporta, então, um real próprio ao discurso analítico. Não é necessariamente o encon-

tro com o clarão que finalmente ilumina o horizonte. Pois bem, é suficiente um saber novo que esclareça sobre o real de gozo do sujeito, ou faz falta poder isolar um novo saber? O saber que se decanta na análise circunscreve o real, localiza-o, impede sua proliferação; mas, em sua essência, o sinal do advento do real é um novo saber fazer. Isso supõe uma exigência necessária desde o início do tratamento, a de que se direcione a delimitar o real desde o início da análise. Nossa prática consiste em circunscrever o real já advindo, singularidade do sujeito. Contudo existe um mais além, uma nova inscrição, a marca de uma análise. Nossa política do sintoma parte do pressuposto de que nossa prática afeta o real.

Fica a pergunta sobre o que se pode esperar da análise quando não houve advento do real, cuja marca é a castração infantil. Dou um exemplo: foram necessários 20 anos de análise para que este analisante pudesse aproximar-se do final a partir de uma série de reorganizações relativas ao amor, ao trabalho e ao ser pai. Há certamente, no sujeito, uma satisfação, ainda que muito moderada, a res-

peito do obtido, o que é inesperado para ele, que não acredita praticamente em nada. Apenas um fio de confiança no analista. Mas o que fundamentalmente mudou é o que chamo de uma suplência de advento. Isto é, a fabricação de uma posição que lhe permite, pela primeira vez em sua existência, dizer que finalmente há outra opção, além daquela que sempre havia formulado e que presidira sua vida. Que era: melhor não ter nascido. É a suplência a um real não advindo e que se traduziu, antes e durante a análise, em excitação maníaca ou no retorno, no real, da falta de sentimento de vida. Frente a um advento jamais acontecido, restou ao sujeito uma eleição, efeito da análise. Frente à ausência do que pulsa na vida e ao empuxo de se extrair do mundo, o sujeito escolheu enfrentar, reconhecendo que seu suporte está fabricado com a matéria do encontro com o analista, e demonstra uma clínica possível com sujeitos sem marca. •

Tradução: Leonardo Pimentel

O dizer na análise ou ‘ter alguém na vida’

MARC STRAUSS

Argumento

Os adventos do real se representam como instantâneos de sideração, cujo traumatismo continua sendo paradigma, e cujo traço continua a produzir seus efeitos.

Na experiência analítica lacaniana, a mesma temporalidade está a trabalho enquanto o analista se manifesta, ao dizer alguma coisa ou apenas pondo fim à sessão. Lacan também referiu-se, em 1972, à posição do psicanalista como pai traumático.

Esse dito, no fluxo das associações do analisante e na queda de sentido, um dizer também se atualiza, sem o seu conhecimento.

Como o dito do analista pode ajudar o analisante a ter a dimensão do seu dizer, e quais consequências isso terá sobre seu modo de tomar a palavra, a tarefa mais difícil para o ser humano de acordo com Lacan?

Texto

O advento do real em 12 minutos e 6000 caracteres espaço simples é um número de circo! Porque não, há alguns excelentes!

Então, convidemos uma paciente a nossa arena. De meia idade, ela constata que está bem, e não duvida que isso é graças a sua longa análise. Ela se recorda do início, quando era uma adolescente deprimida. Sabia que seu lugar em sua família não era suportável, tampouco sabia o que fazer com ela própria. Sentia-se triste, sem energia. Constata que, após o início de sua análise, essa depressão desapa-

receu quase imediatamente e que ela quase não se entedia nem mesmo um segundo. Anuncia, como se fosse óbvio, que com sua análise, tinha alguém na vida. Apenas depois, surpresa pelo equívoco de sua formulação, que começa a rir.

O que ela nos diz, com uma dimensão de autenticidade cujo riso atesta? O que quer dizer, ter alguém na vida? De fato, isso quer dizer ser um casal. Podemos verificar, nas palavras de nossa paciente, a importância da transferência e de sua realidade sexual, mas isso não nos diz por que ela precisa disso para viver.

Ter alguém na vida através do dispositivo analítico lhe permitiu fazer o que estivesse em sua cabeça: ela sabia, acreditava por ter lido por aí, que devia falar de sua sexualidade. Evidentemente, ela me contara do traumatismo sexual que sofrera na infância, capaz de perturbar alguns marcos simbólicos, mas ela sempre tinha algo a dizer. Sabia que devia ser menos bulímica, e também arrumar seu apartamento, contudo, não conseguia fazê-lo. Paralelamente, tinha uma vida social, mas especialmente uma intensa satisfação profissional ensinando a língua morta que era sua verdadeira paixão, e que capturou toda sua energia. E queria parar sua análise não porque estava tudo bem, mas porque sabia que havia algo a dizer.

No fundo, para ela, a análise era colocar em ato uma promessa que se fizera, a de se apresentar sem maquiagem: ‘um dia eu lhe direi’. Ela ilustra bem a fórmula de Lacan: ‘a análise, é o que melhor encontramos para lhe fazer esperar’.

Ela se fazia esperar, e esperando ela se dava toda liberdade - e só fazia isso - de fazer o que lhe agradava, deixando bem entendido que o encontro

dos corpos não faz parte disso.

Ter alguém na vida é, para ela, manter a possibilidade de dizer a esse alguém qualquer coisa que constituiria um corte entre o antes e o depois. E o que ela finalmente diz desde sempre, é que está indo muito bem com essa pessoa, para fazer apenas o que ela quer de seu corpo. Viver e comer sordidamente, evitar o encontro de corpos. Mas também fazer cintilar e transmitir o espírito de língua que a encanta.

Mas por que ter precisado de alguém a quem ela pudesse dizer que está indo muito bem, mas aquele a quem ela justamente não diz? Qual é essa estranha necessidade? Nós podemos chamar isso de amor, isso não é outra coisa senão o que se chama transferência.

O que acontecerá se ela enfim disser o que tem a dizer, a verdade? Qual verdade? A simples, a que todos nós repetimos: não há relação sexual. Nós todos a repetimos, nós os psicanalistas lacanianos, mas também todos a repetem, nós os *parlêtres*. Se essa ausência é de estrutura, de fato, como poderíamos ignorá-la?

Mas por que é tão difícil tomar conhecimento disso? Seria por que isso remeteria o analisante a uma solidão irremediável? Sim, de fato, do ponto de vista da relação sexual, é isso, e Lacan em *Encore* (O Seminário), página 109, sublinha essa solidão. Para dizer simplesmente, que o que conta nessa fórmula é o Um de alguém, que por sua vez mantém a ficção de sua unidade possível com o outro. Uma ficção cuja vacuidade de sentido, entretanto, explode com o riso daquilo que ela aceita anunciar.

Nosso sujeito havia informado logo que não havia grande coisa a esperar do lado do **um** sexual; porque então ela joga com essa relação, fazendo semblante de nela crer? Ela só tornou mais pura a função da palavra analisante: ela pode dizer da solidão do *parlêtre*, e assim ao mesmo tempo, como sujeito, negá-la. É essa denegação mantida na e

pela análise que lhe permitia sustentar a palavra de modo eficaz em sua vida, e dar a si mesma a satisfação que lhe convinha.

E agora, depois de se desvelar para si mesma um pouco da consistência de seu alguém, ela poderá substituir alguém que teria um pouco mais ou simplesmente ficar sem isso?

Se a análise pode lhe ensinar algo, é que a solidão jamais é a última palavra do sujeito. Ou talvez seja a primeira e a última palavra, mas a primeira está perdida, e a última é imprevisível. Nesse meio tempo, isso fala, sem interrupção ou trégua, e enquanto isso fala, mesmo que não haja relação sexual, isso faz relação de ser, e isso goza. E não há necessidade de um interlocutor único para garantir e justificar esse gozo de fato.

Falo com meu corpo, sem sabê-lo, disse Lacan na página precedente de *Encore* (O Seminário), 108. O *parlêtre* fala com seu corpo, goza de *languagem*, e cito 'esse Eu que fala é o que se faz sujeito'. A palavra, não é outra coisa senão o advento do sujeito no real. Sujeito a quem resta dizer o que não vai bem no encontro malogrado entre o gozo e o sentido, por causa do sexo que se coloca na cruz. Inútil então, de fazer disso uma falta a corrigir, ao invés de reconhecer aí um signo do terceiro gozo, aquele que sempre se esquece, aquele da palavra que nos faz existir pela via do outro a quem nos endereçamos.

De fato, aquele que fala nunca está sozinho. E ele não falaria se não houvesse alguém com quem falar.

E aquele que é silencioso também, porque ele pode escutar os outros. E é com interesse e curiosidade que irei escutar o feedback de vocês sobre a questão da incidência da psicanálise no que se parece tão importante na vida dos falantes: ter alguém na vida. •

Tradução: Tatiana Assadi

Desde o congelamento traumático até o nascimento do sintoma

MARIA CLAUDIA DOMINGUEZ

O meu trabalho busca abordar o ponto de silêncio do real onde o gozo pulsional encarnou no corpo as emergências da angústia como afeto típico que emerge do avento de um real traumático.¹ A escuta separa como pedra que se recolhe de uma pedreira, como diria a pena de Maria Barbara no romance *Pedra de Tartera*².

Quais são as amarras possíveis para que algo do dizer possa ser dito seja através do significante, do sintoma ou através da escritura que permite relembrar, como afirmava Semprún.³ A análise atravessa a linguagem para levar o sujeito ao limiar do indizível e constitui um dispositivo que leva à escritura.⁴ Essa escritura do sujeito em análise pode se transformar em ato.⁵ O importante na psicanálise é que o esquecimento possa operar sobre o trauma através de uma

articulação bem precisa.⁶

Abordarei, brevemente, o caso de uma mulher que se apresentou com uma inibição de tipo depressivo e na análise pôde dizer historizar/histerizar enlaçando o seu horror e falar de seu gozo no incestuoso lugar de um trauma vivido. (niente da aggiungere o cambiare) Isso lhe permitiu construir seu próprio fantasma e um sintoma de tipo histórico. Sucessivamente, o avento do Real que mais a angustiava lhe permitiu fazer nascer um nó entre amor e desejo: a S(/A) que se transformou em seu sinthoma. O sinthoma que não é facultativo, é o quarto nó que é aquele da identidade.⁷

Desse modo, assim, desde a depressão inibitória sexual com a qual se é apresentada e podendo falar, não sem pudor, sobre o abuso que sofreu, antes da puberdade, pelo avô, enquanto emergiu uma angústia importante por ter sustentado esse jogo no qual era a predileta do avô em relação às irmãs. Esse fantasma, na análise deu lugar a outro, por que a deixavam sozinha à mercê do avô, enquanto todos ao redor conheciam esse hábito do avô, principalmente a mãe não se interessava por ela e a abandonava. Esse fantasma se revela como semblante da existência da relação sexual por uma cena que ela consegue lembrar na qual a mãe lhe batia e ela fazia xixi nas calças. Qual é a diferença entre a primeira cena recordada e a segunda? Na segunda, o gozo da mãe desertifica o corpo da menina e ela responde com um sintoma, com um gozo desmedido.

O gozo do Outro sobre o seu corpo se entrelaça, se enlaça, com a sensação de abandono. Através da queda de algumas identificações idealizadas que lhe permitiram ver o significante de uma falta no Outro

1 J.Lacan, "La troisième", Integral. Conférence de Rome: 01/11/1974, de site de Patrick Valas (Télécharger), p.63

"...le réel pourrait bien prendre le mors aux dents...dans les analyses on me raconte...ils sont saisis d'une angoisse; ça c'est quand même instructif. C'est bien le symptôme-type de tout avènement du réel."

2 Maria Barbal, *Pedra de tartera*. Laia, Barcelona 1985. Piedra de Llerón. In asturiano edizione Incla Interior, 1992. Siéntome comu una piedra atopada nun llerón. Si daquién o dalguna cosa ye a movela, cairé coles otres a rollicones p'abaxu; aí nada nun s'avera, taré parada equí dies y dies.

3 J. Semprún, *La escritura o la vida*, Barcelona, Tusquets Editores, 1994. p. 25... "Mesmo que me venha uma dúvida sobre a possibilidade de contar. Não porque uma experiência vivida seja indizível. Foi intolerável, algo completamente diferente, como se compreende sem dificuldades. Algo que não pertence à forma de um conto possível, senão à sua substância. Não à sua articulação senão à sua densidade (...)" [tradução da autora]

4 Fernando Fagnani, *La voz ajena* in Conjetural Revista Psicoanalítica n° 50. Buenos Aires. Siglo Veintiuno Editores. 2009, p. 42 "... Semprún sabe que a escritura cria a memória e não o contrário, e não ignora os problemas que isso implica para fazer uma última distinção da verdade do testemunho versus a verdade da sua memória." [tradução da autora]

5 Izcovich Luis, artigo: "Scrivere l'indicibile" apresentado no encontro. *Scrittura e psicoanalisi. Questione di donna?* Trieste, 23 de março de 2018.

6 Lacan J., (1973-1974) II Seminario, Libro XXI. "Les non-dupes errent". Inedito dal sito di Patrick Valas (Staferla), aula de 09/04/1974 p. 192. "...à tenter de préciser la liaison qu'il y a entre ce que j'appelle l'inventer du savoir, et ce qui s'écrit"

7 Lacan Jacques (1974-1975). *Livro XXII. R.S.I.* Aula de 13/05/1975. Inédito do site de Patrick Valas (Staferla).

S(A/). Esse deslocamento do fantasma e queda das identificações deixaram o sujeito sozinho frente ao próprio sintoma e ao próprio gozo revelado e historicizado, em um sonho, no qual ela em uma festa encontra um homem que a corteja e fazem amor. Quando narra o sonho na análise, coloca a questão de ter que contá-lo imediatamente ao marido para não traí-lo. Descobre, assim, em análise, que se sente como se tivesse traído, mesmo se não o fez. É assim que enlaça de outro modo o seu fantasma, dessa vez valendo-se do seu ser. Não basta barrar o Outro e ver a sua falta, é preciso, também, o seu gozo, o seu *troumatismo*, para fazer uma letra/carta de amor⁸

O ponto que toca o sintoma é a letra que emerge quando ela lembra: *pensava ter feito já o luto do meu avô* e conta chorando quanto tinha chorado pela sua morte. Finalmente um olhar do Outro materno emergiu. Nesse momento fez de litoral para ela algo de um gozo seu impossível de dizer e lembra a frase de seu avô: *tagliati u specchio* (olha-te ao espelho), em dialeto siciliano. Enigmática, mas lhe faz recordar algo desse quarto onde tinha um grande espelho transformado em “sala de jogos”.

Um choro angustiado, não de nostalgia, senão como constatação da existência de um resto de gozo impossível em si mesmo. E enfim, emerge um choro liberador.

Qual é o lugar do analista, em uma clínica para além da repetição daquilo que *não cessa de não se escrever*: sustentar um lugar com a particularidade de ser testemunha. Esperar pacientemente o momento oportuno no qual algo do sintoma pode se enlaçar para o sujeito?

Da habilidade de Lacan aprendemos a possibilidade de escrever a inexistência da relação sexual somente com o artifício de uma formalização e desse modo é que utiliza o nó borromeo. Depois o quarto nó, o do sinthoma que mantém juntos os outros três e dá um nome ao sujeito unindo, nesse caso, amor e desejo.

O analista não foge frente à dimensão traumática insignificante e nem sequer a amalgama a qualquer significado pessoal frente ao *horror frio*⁹

O analista *contrasta o Real* e Lacan nos advertiu que o risco de não o fazê-lo compromete o futuro e deixa o sujeito na reclamação, na insatisfação, no

clamor que são estruturais e indestrutíveis.¹⁰

Para concluir, o Real que sempre retorna deve ser enfrentado, como disse Lacan na sua entrevista em Roma: é necessário aceitar, e parafraseando Colette Soler, se armando de *obstinação, perseverança e tenacidade*.¹¹ No discurso de Lacan de encerramento do congresso de Strasburg, ele diz: “é porque falta sempre algo ao vosso teclado que ao *analisante, vocês não o enganam, porque é justamente naquilo que falta a vocês que poderá fazer oscilar aquilo que para ele mascara a sua falta. Vocês são aqueles que os servirão de lixo.*”¹²

O final de uma análise coloca o sujeito frente ao advento da impossibilidade da relação sexual, a ausências do dois, o advento da castração. Consentir isso é o longo trabalho de uma análise que leva à afirmação do próprio sinthoma. Nesse caso o amor para ter acesso ao desejo.

O analista como lixo consiste em enfrentar este advento, mesmo que seja às custas de fazer atos falhos, como o de não encontrar os meus óculos para escrever este texto. Lacan já sabia quando escreveu: “*Apelar ao verdadeiro é recordar que não precisa se enganar e acreditar que se está mesmo no semblante... Somos, ocasionalmente, aquele que pode ocupar o lugar.*”¹³ O importante é saber disso.”¹⁴ ●

Traduzido por Monica Roitman

10 J. Lacan, «La Troisième», Integrale, Roma 1974, sito di Patrick Valas (Télécharger), aula de 01/11/1974, p. 63

11 C. Soler, «La Troisième» de Jacques Lacan, cit., p. 11

12 Discurso de encerramento do Congresso de Strasburg, 13 de outubro de 1968, in *Lettres de l'École freudienne*, 1970, nº 7, p. 157-166 “...car un clinicien, ça se sépare de ce que ça voit pour deviner les points-clés et se mettre à pianoter dans l'affaire. C'est pas du tout bien sûr pour diminuer la portée de ce savoir-faire. On n'y perd rien. À une seule condition, c'est de savoir que vous, ce qu'il y a de plus vrai dans vous, fait partie de ce clavier. Et que naturellement, comme on ne touche pas avec le bout de son doigt ce qu'on est soi-même, quand on est justement, comme on le dit, sur la touche, quand on est la touche soi-même, que vous soyez bien certain qu'il manque toujours quelque chose à votre clavier et que c'est à ça que vous avez affaire. C'est parce qu'il manque toujours quelque chose à votre clavier que l'analysant, vous ne le trompez pas, parce que c'est justement dans ce qui vous manque qu'il va pouvoir faire basculer ce qui, à lui, lui masque le sien. C'est vous qui lui servirez de dépotoir.”

13 Lacan Jacques, (1972-1973). O seminário. Livro 20. *Mais ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 128.

“O verdadeiro, então, certamente, é isso. Só que isso não se atinge jamais senão por caminhos tortuosos. Apelar para o verdadeiro, como correntemente somos levados a fazer, é simplesmente lembrar que não é preciso enganar-se, e crer que já se está mesmo dentro da aparência (...). Somos, ocasionalmente, o que pode ocupar o seu lugar, e nele fazer reinar o quê? – o objeto *a*.”

14 Lacan Jacques, (1967). Da psicanálise em suas relações com a realidade. In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, Zahar, 1998, p. 358. “Os psicanalistas são sábios de um saber que não podem cultivar. Uma outra história é a mistagogia do não-saber.”

8 J. Lacan, (1973-1974) Il Seminario. Libro XXI. “Les non-dupes errent”. Inédito do site de Patrick Valas (Staferla), aula de 19/02/1974, p. 145.

“*Troumatisme*: neologismo que utiliza para indicar aquilo que atravessa o simbólico, o fura. Esse buraco no tecido simbólico refere-se ao encontro com o Real da sexualidade, impossível de simbolizar.”

9 J. Lacan, *Ibidem*, aula de 09/4/74, p. 205.

Genet: cifra de *lalíngua*

MARIA HELENA MARTINHO

Este texto toma o romance autobiográfico do escritor francês Jean Genet, *Diário de um ladrão* (1946), para destacar como o autor desvela o seu saber inconsciente sobre *lalíngua*, vinte e cinco anos antes de Lacan ter inventado esse neologismo, em seu seminário *O saber do psicanalista* (1971-1972). Naquela ocasião Lacan dizia: “*lalíngua*, que escreverei doravante em uma palavra só, não tem nada a ver com o dicionário”. Três anos depois em “A terceira” (1974), Lacan observa: *lalíngua* é “depósito, aluvião, a petrificação deixada como marca da experiência inconsciente”. *Lalíngua* – a enxurrada de significantes que se deposita para o bebê como material sonoro, ambíguo, equívoco, cheio de mal-entendidos – se cristaliza como letra e se condensa na letra como *sinthoma*.

No caso de Genet, o que teria se depositado para esse sujeito da língua materna, que fixou o real e escreveu um gozo? Genet conta que foi abandonado por sua mãe em um orfanato aos sete meses de idade. Já no dia seguinte foi mandado para uma agência de adoção. No povoado onde foi morar com os seus pais adotivos as crianças sob a guarda da previdência social eram chamadas de “*culs de Paris*”, como referência às suas mães, que supostamente eram prostitutas parisienses.

Aos dez anos de idade Genet cometeu seus primeiros furtos e foi acusado de ladrão. Ele roubou seus amigos na escola, sua mãe e irmã. Aos doze anos de idade ele perdeu a sua mãe adotiva. Graças a suas boas notas na escola foi mandado a Escola Alembert, mas dez dias depois de ter chegado, fugiu. Quando encontrado foi enviado para a Casa de Assistência às Crianças em Paris. Meses depois, foi colocado na casa do compositor cego René de Buxeuil, mas por ter desfalcado uma quantia de dinheiro acabou sendo enviado a *Sainte-Anne* para tratamento neuropsiquiátrico. Ele também fugiu de *Sainte-Anne*. Quando encontrado foi entregue

à polícia e mantido por três meses na prisão *Petite-Roquette*. Depois, foi mandado sob condicional para uma fazenda. Fugiu de novo. Quando apanhado foi mantido na cadeia em Meaux. Depois de quarenta e cinco dias preso, o tribunal o condenou a uma colônia penitenciária em Mettray até que ele completasse a maioridade.

Genet nada sabia a respeito do seu estado civil. Quando fez vinte e um anos de idade, conseguiu uma certidão de nascimento e descobriu que sua mãe se chamava Gabrielle Genet. Na maternidade ela declarou que era solteira e que o menino era filho de pai desconhecido. Genet gostava de fantasiar sobre o seu nome. Certa vez, ele disse a Cocteau que recebera esse nome por causa de um campo de giestas onde sua mãe o abandonou. Em francês, Genet, sobrenome herdado de sua mãe, é o nome de uma planta, giesta-das-vassouras, um tipo de ervas daninhas, cujas flores cobrem os campos na França.

Em *Diário de um ladrão*, Genet demonstra como o significante traça as vias de gozo:

Sempre que estou atravessando os campos e encontro flores de giesta lembro de uma vez quando voltava das ruínas onde morou Gilles de Rais. Estou sozinho no mundo, e não tenho certeza de não ser o rei – talvez a fada – dessas flores. Elas são o meu emblema natural, através delas deito raízes nesse solo da França alimentado pelos ossos em pó das crianças, dos adolescentes enrabados, massacrados, queimados por Gilles de Rais. Por meio dessa planta espinhosa cujo nome uso, o mundo vegetal me é familiar, elas são da minha família. Se por elas vou ter com os domínios inferiores ainda me afasto mais dos homens, mas é nos fetos arborescentes e seus pântanos, nas algas, que eu gostaria de descer (1946, p. 45).

Genet especula que talvez ele seja o rei ou a fada das giestas; certamente é seu representante na terra. Para Genet seu nome imprime a marca dos “domínios inferiores”, é o nome dado a uma planta espinhosa, seu “emblema natural”, encontrada por ele nas redondezas da casa de um criminoso do século XV que foi fonte de inspiração do conto *Barba Azul*.

A identificação com os “domínios inferiores” e com o significante ladrão o levaram a afastar-se cada vez mais do mundo dos homens. Aos dezesseis anos de idade – no reformatório de Mettray – ele se deu conta de que estava alienado aos significantes-mestres: “covarde, traidor, ladrão, *veado*”.

Em Mettray eu sofria. A partir daquela época eu sentia necessidade de me tornar o que tinham me acusado de ser. Eu tinha dezesseis anos. Eu me reconhecia o covarde, o traidor, o ladrão, o *veado* que viam em mim. [...] E me espantava de me descobrir composto de imundícies. Tornei-me abjeto (*ibidem*, p. 156).

Ele deveria ficar em Mettray até os vinte e um anos de idade. A forma que encontrou de escapar da ditadura do reformatório foi alistando-se no exército aos vinte anos de idade. Genet serviu na França, na Síria, em Marrocos. Chegou a ser mandado para um corpo de elite em Marrocos, mas faltou a uma chamada oficial e, alguns dias depois, foi considerado desertor. A partir daí, iniciou a sua vida de pequenos crimes e prisões.

A prisão me ofereceu o primeiro consolo [...] tudo isso se passava no imundo. Dos dezesseis aos trinta anos, nas prisões de crianças, nas penitenciárias, nos bares, não era a aventura heroica que

eu procurava, ia em busca da minha identificação com os mais belos e os mais desventurados criminosos (*ibidem*, p. 81).

Genet identifica-se com o “imundo”, com os “domínios inferiores”, com os “criminosos”. “Eu era, dizia comigo mesmo, uma exceção monstruosa” (*ibidem*, p. 213).

Lacan nos ensinou que a letra fixa o real, fazendo do *sinthoma* a maneira de gozar do inconsciente. No caso desse sujeito, a enxurrada de *lalíngua* se cristaliza como letra – “Genet”, sobrenome herdado de sua mãe, nome de uma planta, um tipo de erva daninha –, a letra, cifra de *lalíngua*, da ordem do Um de *lalíngua*, daquilo que se depositou para esse sujeito da língua materna, fixa o real e escreve um gozo – “ser abjeto, vegetal pertencente aos domínios inferiores”, apontando que *lalíngua* se condensa na letra como núcleo real do *sinthoma*. •

Referências Bibliográficas

- GENET, J. (1946). *Diário de um ladrão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- LACAN, J. (1971). “Lituraterra”. In: Outros escritos. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.
- LACAN, J. (1971-1972). *O saber do psicanalista*. Inédito.
- LACAN, J. (1972). “O aturdido”. In: Outros escritos. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.
- LACAN, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.
- LACAN, J. (1974). “A terceira”. In: *Intervenciones y textos II*. Buenos Aires: Manantial, 1980.

Adventos do real e o fora-do-sexo na psicose

MARIA LUISA RODRIGUEZ

Em *O Seminário, livro 10: a angústia*, Lacan retoma algumas observações sobre o papel da identificação primária na constituição do sujeito e sobre a formação do eu na esquizofrenia, partindo do estádio do espelho e do esquema óptico. Ele destaca que é a nomeação no desejo materno que viabiliza a identificação primária com a imagem unificadora, que Lacan escreve como *i(a)*. Ela permite ao sujeito advir “no lugar do Outro”, e que sua marca se constitua “na relação com o significante” (LACAN, 1962-1963, p. 41).

A seguir apresentaremos o caso de Pedro, 24 anos, trazido para a análise por sua mãe, que me relata que seu marido morreu num acidente de trânsito, um mês antes do nascimento de seu filho. E diz: “Quando meu filho nasceu, eu só tinha vontade de morrer junto com ele.” Ela se sentia muito triste e “fraquinha”, significante que usa para falar tanto de si mesma como do filho.

Repete varias vezes que seu filho é muito fraco, “doentinho”, que ele não sabe se defender, tem a cabeça fraca, não aprende e vai atrás da conversa de qualquer um, diz que evita deixá-lo sozinho, e que só conseguiu concluir o ensino fundamental porque ela “comprou o diploma”. Comenta que sempre leva o café na cama para que ele não tenha que se levantar. “Acho que ele não pode viver sem mim. Peço a Deus que quando eu morrer, o leve comigo”.

Mas, ao receber Pedro, pude ver que se tratava de um rapaz forte, saudável, mas cuja enunciação era muito debilitada, monossilábica e sem coloração afetiva.

Depois de uma fase inicial de acentuado mutismo, ele passa a fazer descrições de imagens do corpo despedaçado. Relata cenas que assistiu na televisão ou que ouviu contar, guerras, catástrofes, e até mesmo desenhos animados, onde aparecem corpos mutilados, massacrados. Desfia lenta

e minuciosamente as imagens de despedaçamento corporal, em que cabeças, cérebros, pernas, braços, vísceras são expostos, rachados, quebrados, amassados, ou inflamados, apodrecidos, contaminados, esquartejados, explodidos.

Passam-se muitas sessões até quando a analista lhe pergunta mais uma vez porque ele veio para a análise, ele responde que precisava cuidar de sua saúde e passa a alternar os seus relatos dos corpos despedaçados com relatos sobre cuidados com a saúde. Passa a falar sobre a importância dos hábitos de alimentação e higiene, tratamentos médicos, atividade física e outros cuidados com o corpo. Sempre com uma voz baixa, pausada, monótona, numa atitude professoral, repetindo de tempos em tempos que “é preciso se exercitar para ter saúde”.

Com o tempo surge um novo tema, o das profissões, e nessa época já se pode observar que ele apresenta mais desenvoltura e expressividade. Fala das profissões que desejaria exercer, descrevendo-as e ressaltando suas qualidades e inconvenientes. Começa pela profissão de professor de educação física, que é a do filho de seu padrasto. A do seu pai, que era garçom; de seu padrasto, que é mestre de obras, e outras. Através das associações sobre as profissões, Pedro parece buscar uma identificação imaginária, o duplo especular do estádio do espelho. Numa sessão, falando da profissão de juiz, compara com a de garçom, que era a profissão de seu pai:

“Um juiz é uma pessoa muito importante, ele faz cumprir as leis. Acho que um garçom não chega nem aos pés de um cachorro de um juiz”.

Sua fala refere, de forma alusiva, ao total desvalimento do sujeito diante da lei simbólica, pela impossibilidade de a figura paterna ser suporte dessa transmissão e até mesmo de ser suporte para uma identificação imaginária.

Passado algum tempo, Pedro chega dizendo que

gostaria de ser um cantor, e canta o seguinte trecho de uma música popular: “*Analisando essa cadeia hereditária, quero me livrar dessa situação precária...*”.

Pedro traz assim, a céu aberto, sua experiência da forclusão, mas em seu trabalho de elaboração, o discurso vai produzindo seus efeitos. Algum tempo depois, ainda falando das profissões, diz que queria ser detetive. Pergunto o que gostaria de investigar, e ele responde: “As relações amorosas... Investigar casos de infidelidade conjugal”.

Passa a interrogar-se se poderia casar ou ter uma namorada. Na maioria das vezes afirma: “Se eu arrumar uma namorada estou frito...” Nessa fase começa a desenvolver ideias delirantes sobre sua origem:

“Eu devo ter feito alguma coisa errada... algo que se chocou com a ordem do universo... Quando eu nasci, a minha avó tinha tudo esquematizado, tudo planejado para as gerações seguintes. Eu devo ter cometido algum erro e agora estou sendo castigado por isso. Foi alguma coisa que aconteceu antes de eu nascer, eu não sei o que foi... Deve ter sido alguma catástrofe [...]”

Seu trabalho de análise vai produzindo efeitos de deslocamento do gozo para fora do próprio corpo, assim, o Outro gozador vai sendo, pouco a pouco, localizado na avó materna. Os efeitos do discurso possibilitam alguma ordenação do gozo e lhe permitem alguma autonomia, como por exemplo, circular sozinho pela cidade.

Nessa época fala com frequência dos problemas de saúde de sua mãe, e se refere às diferenças entre

os dois. “Ela briga comigo para que eu me arrume rápido. Mas cada pessoa tem o seu limite, é o limite do corpo da pessoa. Se a pessoa ficar forçando o limite do corpo, vai ficar desgastada...”.

A questão dos limites, principalmente do próprio corpo, passa a ser tema de sua análise, principalmente na forma de reivindicação de que seja respeitado o seu ritmo próprio.

Algum tempo depois, falando sobre filhos e casamento, vai dizer que isso é um problema de saúde. Quando a analista pede que ele explique melhor, responde: “Deus fez o homem e com a costela dele fez a mulher. Isso é um problema de saúde. Ele tirou a costela do homem para fazer a mulher... Então os dois têm saúde, mas se tiver um filho, ele tem que tirar outra costela e outra... E se ela quiser a saúde da saúde? Tudo bem, existem aqueles que nascem da relação sexual, o homem e a mulher fazem sexo e têm o bebê. Mas existe aquele que nasce da costela. E aí, o que acontece? Então, o que acontece se a mulher quiser a saúde da saúde?”

Sem recursos simbólicos para abordar a questão da diferença sexual e do desejo, Pedro constrói esse mito sobre a origem, no qual ele se localiza, não como aquele que nasceu da relação sexual, mas o que “nasceu da costela”.

Seu mito criacionista porta a marca do sujeito que, estando fora da partilha dos sexos, se encontra na situação de ter que inventar a sua própria saída, ou seja, produz um efeito de *empuxo à criação*, como se refere Colette Soler em seu livro *A Psicanálise na Civilização*. •

Advento de “um” corpo

LUJAN IUALE

Os adventos do real e do psicanalista. Que enigmático título nos convoca esta oportunidade. Decidi começar a circunscrever o real de duas maneiras que considero solidárias: o real é o impossível de suportar e é aquilo que “se põe em cruz para que as coisas não andem” (Lacan, 1990). O trauma compartilha esse impossível de suportar; e aquilo que primeiramente se irrompe como traumático para o *falasser*, o modo como ele foi “falado(farfullado)” pelo Outro. Isto constitui o trauma de *lalangue* que marcará um real: disjunção radical e incurável entre ser e corpo. Daí, que os tempos de constituição do sujeito vão escandir por uma série de operações que permitirão a montagem de alguma ficção para velar esse real. No entanto, as contingências traumáticas também chegam ao encontro e muitas vezes coagulam a criança em um período de tempo suspenso. Daí a importância da segunda parte do título: “e o psicanalista”, em que somos chamados a responder à demanda do sofredor.

Eu quero compartilhar com você um breve resumo clínico de uma criança que eu comecei a atender quando tinha 3 anos e 6 meses de idade, que eu chamarei de Joaquín. Os pais procuram tratamento para o filho devido a um atraso significativo na aquisição da linguagem e, acima de tudo, porque percebem uma dificuldade em estabelecer um vínculo com a criança. Eles dizem que teve um desenvolvimento de acordo com a idade de até um ano e meio. A criança estava na época que começava a dizer suas primeiras palavras quando pegou uma pneumonia que implicou numa intervenção de emergência muito invasiva, ele parou de falar (eles tiveram que intubá-lo e ficou em tratamento intensivo por uma semana). Os pais relatam que “esteve seis meses sem emitir nenhum som” e, a partir de então, o desenvolvimento da linguagem foi pobre. Esse fechamento da boca não era exclusivo com relação às palavras, mas também rejeitava alimentos

que tinham consistência e envolviam a mastigação. Entrava em qualquer consultório gritando, puxando seus pais para poder sair dali e não havia nada que pudesse confortá-lo, nem mesmo a presença dos pais. O corpo se apresentava como um bloco, rígido e inacessível. Toda a abordagem era vivida como invasiva e buscava espaços duros para se apoiar. Ele sempre trazia algo na mão: um doce ou algum brinquedo e, em geral, objetos duros, como trens de metal. Retirava o corpo, podendo permanecer sozinho sem emitir nenhum pedido. Sentia dor, mas meramente a expressava. Nesse momento ainda usava fraldas. Dizia muito poucas palavras, principalmente deformadas ou cortadas. Por exemplo: “espe”, para “esperar”, “mamá”, “papá”, “acaabi “ que foi acompanhado pelo gesto de abrir a porta. Mas fundamentalmente o que ele fazia era gritar constantemente: tratava-se de um grito dilacerante e contínuo que não cessava durante a entrevista.

Qualquer proposta era rejeitada com um franco “não”. Essa dificuldade de consentimento afetou as aquisições. No entanto, deixava alguns resquícios por onde entrar se o requerimento não era direto. Em relação ao olhar, ele nunca apresentou a retirada ativa do olhar típico de crianças autistas; mas este privilegiava o laço com o outro. Quando olhava para os objetos, fazia isso em perspectiva, apertando um olho e aproximando o outro do objeto, como se estivesse fazendo uma varredura.

Confrontados com o diagnóstico de TGD dado pelo pediatra - e que eu sugeri por em suspenso - os pais confirmaram: “chame como quiser, faremos todo o possível para que ele avance”. Essa aposta inaugurou um trabalho onde tive que aguentar meses de gritos dilacerantes, até a implementação de uma caminhada anterior que facilitasse a entrada no consultório: escandir a entrada funcionava como uma leitura do insuportável dessa demanda

que vinha do Outro. Também lhe tranquilizou, localizar uma janela que dava para um pátio interno, na medida em que significava um exterior. Foi impressionante como o jogo com os trens no início estereotipados e repetitivos em seus circuitos, começou a ceder quando meu braço foi transformado em uma barreira que tinha que ser levantada. E ainda mais a surpresa quando traz após a sessão e disse em forma de chiste: “até quando você pensa em fazer *se fazer cocô*”, e a mãe me disse na semana seguinte: “ele tirou a fralda e não quis mais”. Isso colocou em evidência alguém permeável à palavra do outro e a sua incidência. Ainda que a resolução da questão das fezes levou outro tempo de tratamento dos buracos do corpo, as realizações aconteceram rapidamente. Joaquín começou a dizer seu nome e foi possível vivenciar a passagem do grito desolador à demanda, quando ele disse pela primeira vez: “Venha, Lu”, parado em frente aos brinquedos, um convite que inaugurou outro tempo na cura.

A partir daí começa um momento de aquisições que ampliaram seus recursos. Ele reconhecerá seu nome na escritura e no laço com o Outro, já não estará marcado apenas pela invasão. Ele passou da indiferença e oposição a dizer “eu posso” ou “eu sozinho”, onde se entrecruzavam a apropriação do corpo e a constituição do eu. Cada vez falará mais e em seu dizer foi possível entender o que lhe aterrorizava: eram as macas e ficar fechado, enquanto isso foi lido como ficar à mercê do Outro. A mãe lembrará com angústia o olhar da criança para ela durante o acompanhamento, interpelando-a de alguma forma e sua sensação de impotência, incapaz de fazer qualquer coisa sobre a situação. Ela fará uma leitura desse olhar: “Era como se ele me dissesse: como você deixa que me façam isso?”

Isso me levou a pensar que quando atendemos crianças, especialmente em alguns casos onde os tempos de subjetivação tenham sido afetados - a dimensão do trauma como advento do real deve ser lida, não só da criança, mas entre a criança e o Outro. A hipótese principal é que esse momento o

traumático para a criança não foi tanto intervenção médica em si, mas o ponto em que o Outro ficou caído como suporte libidinal. Recordava os eventos próprios da infância onde a leitura do Outro determina o estatuto do que aconteceu. Por isso, a criança não conseguia se acalmar com a presença dos pais, já que estes não eram um suporte diante do desamparo. O trauma vai se colocar na forma de transferência e o dispositivo fará o suporte não somente na subjetivação do corpo, mas também no advento de um sujeito dividido entre um “abrir à força” e um “fechar” como resposta subjetiva. Escansão que dá lugar a um jogar como um saber fazer com o real. •

Tradução: Rosana Maldonado

Bibliografia

- Berta, S. (2017) Trauma: Acontecimiento y advenimiento de lo real. [http://xcita-if-epfcl.barcelona/Documentos/Pre-textos/\(Sp\)Pre-text02-SandraBerta.pdf](http://xcita-if-epfcl.barcelona/Documentos/Pre-textos/(Sp)Pre-text02-SandraBerta.pdf)
- Iuale, L. (2018) *Cuerpos afectados. Del trauma de la lengua a las respuestas subjetivas*. Buenos Aires: JCE.
- Iuale, L. (2011) *Detrás del espejo. Perturbaciones y usos del cuerpo en el autismo*. Buenos Aires: Letra Viva.
- Iuale, L. (2013) Jugar el cuerpo. <http://www.imagoagenda.com/articulo.asp?idarticulo=1859>
- Lacan, J. (1990) La tercera. *Intervenciones y textos 1*. Buenos Aires: Manantial.
- Lacan, J. (1980) *El seminario. Libro 27*. Inédito.
- Migdalek, S. (2018) Los advenimientos de lo real en la clínica psicoanalítica y en la civilización. [http://xcita-if-epfcl.barcelona/Documentos/Pre-textos/\(Sp\)Pre-text05-SMigdalet.pdf](http://xcita-if-epfcl.barcelona/Documentos/Pre-textos/(Sp)Pre-text05-SMigdalet.pdf)
- Soler, C. (1998) El trauma. Conferencia dictada en el Hospital Álvarez el 15 de diciembre de 1998.
- Soler, C. (2017) El re- advenimiento de lo real. [http://xcita-if-epfcl.barcelona/Documentos/Pre-textos/\(Sp\)Pre-text07-ColetteSoler.pdf](http://xcita-if-epfcl.barcelona/Documentos/Pre-textos/(Sp)Pre-text07-ColetteSoler.pdf)

O ir/real da morte

MARTINE MENÈS

“La mort devient réelle quand elle commence à pénétrer à l’intérieur de l’homme par les fissures du vieillissement”

KUNDERA *LA VIE EST AILLEURS*

Poderia a morte ser considerada como um advento do real? Provavelmente sim, mas não pelo morto, pois como diria Freud: Ele está morto e não sabe. Isto não é um acidente que poderia ser evitado, da mesma maneira que o nascimento contém nele a morte. Édipo sabe algo disto quando se lamenta: “pudesse eu não haver nascido”! É o que Lacan identifica no caso do pequeno Juanito: “A presença do tema da morte é estritamente correlativa ao tema do nascimento”¹

Pelo contrário a presença da morte para aquele que teve em seus braços um desconhecido morrendo sob as balas dos terroristas, e para a criança cuja carreira em uma pequena rua se transforma em uma fuga onde ele é “levado” sob os gritos de seus pais, esta iminência pode fazer advento do real. Uma espécie de precipitação da antecipação antes in/significante que alguém pode ter de sua própria morte.

O primeiro não dorme desde a noite na qual ele tratou de salvar um jovem homem anônimo, seu semelhante, seu próximo. O segundo não quer atravessar mais a rua que o leva à sua escola que de um espaço de jogo transformou-se em um impasse de vida. Cada um só fala de sua angústia desde o atentado mortal no Bataclan.

Sua própria morte é irrepresentável, impensável, esta é imaginável somente em seu ambiente. Lacan a posiciona no “núcleo do real”², do real fora

do simbólico, aquela “que não pode ser pensada como impossível (...) a morte, a qual é o fundamento do real que esta não possa ser pensada”³ Freud, considera que o inconsciente ignora a morte como ele ignora a negação.”⁴

A angústia de morte existe?

No entanto a relação a este horizonte é o objeto de uma angústia que não necessita um mau encontro para abrir-se. *Para Freud esta angústia é análoga à angústia de castração*⁵. Esta faz oscilar aquele que fraqueja sob seu peso entre a dor de existir e a tentação de uma onipotente denegação. Entre o sentimento melancólico de estar já morto e a louca certeza de ser imortal⁶.

A recusa de submeter-se ao real vai do fantasma de um tempo suspenso ao jogo com a morte. Os comportamentos ordálicos que flertam com o risco vital atualizam um gozo a considerar-se amo de sua existência. Esta recusa da impotência estrutural vai até a eleição do suicídio, ato que desconecta do inconsciente, único ato obtido segundo Lacan, pecado mortal segundo a igreja⁷.

Estas condutas “Burla-morte” atualizam o fato que no inconsciente todo sujeito acredita ser imor-

3 Lacan J., El seminario libro XXIII, El sinthoma, lección del 16 III 1976, Seuil, 2005, p.125

4 Freud S., Ensayos de psicoanálisis, « Consideraciones clínicas sobre la guerra y la muerte », chap. 2, Nuestra actitud en relación a la muerte 1915.

5 Freud S, Inhibición, síntoma y angustia, Paris, puf, 1981, p 53 y 64

6 Lacan J., El seminario “La identificación” lección del 23. 05. 62: esta vida eterna de la cual sería apartada de toda promesa del final no es concebible que como una forma de morir eternamente.

7 Pecado mortal porque el sujeto rompe la alianza tacita de doblegarse a la voluntad divina, lo que era pasible, hasta hace poco, de una segunda muerte, simbólica, por la prohibición de ritos del entierro religioso.

1 Lacan J., El seminario del libro IV, la relación de objeto, Paris, Seuil, 1994, p. 413

2 Lacan J., El seminario « los no incautos yerran », lección del 18 XII, 1976

tal. É o que escreve Baudelaire a Narciso Ancelle para anunciar-lhe seu suicídio – que ele falhara: “*eu me mato porque acredito ser imortal...*”.

Lacan situa também em primeiro lugar do conhecimento da morte tanto como aquele da fixação à estrutura o desamparo de descobrir-se limitado, especificando que a angústia da morte é de fato angústia diante da vida. “É uma angústia que se relaciona com o campo onde a morte se une estreitamente à vida. O que a análise a tenha localizado nesse ponto da castração permite compreender que a angústia seja equivalentemente interpretável como.... O sinal de uma ameaça?”⁸

Lily

Acaba de completar sete anos, ela vem me falar de suas dificuldades para dormir, e inclusive para fechar os olhos. “*Eu tenho medo de estar morta*” esta é a razão que ela dá. Mais tarde: “*Eu tenho medo do futuro, eu não sei o que vai passar, em que idade a gente vai morrer*”.

Eu a recebo de novo cinco anos mais tarde. Ela chora desde agora a avó viva que ela ama. Se bem o único desaparecimento que o sujeito teme⁹, escutar no equívoco, é aquela do outro. Mas Lily não desconhece que é o índice de seu próprio desaparecimento. Ela tomou as teorias da reencarnação sem encontrar um apaziguamento. Estas lhe permitem tomar distância. “*Talvez já estou morta em outra vida*” *Busco uma certeza, mas é impossível*” Ela não aceita este impossível.

Desde que a criança fala, ela transmite seu temor – ali ainda em todos os sentidos do termo – do real. A pergunta sobre a morte surge na criança ao mesmo tempo que aquela da vida. Se há um começo, então há um final.

Sem marcas nem palavras contornando a *coisa*, viver acreditando que é mortal é uma decisão. A relação à morte de alguém se encontra no mesmo lugar que a falta no Outro, eco dos limites significantes e imaginários a fazer-se cargo de todo o real, que dividem o sujeito entre ser e viver, e que o fazem para sempre perdedor e solitário.

O real, a gente se habitua, nada de mais

É a conclusão de um analisante de muitos anos cujas angústias se declinavam da hipocondria à fobia dos contaminantes, até chegar a provocar crise de pânico.

Um dia ele descreve um estado “vertiginoso”, não, sem efeitos físicos. Ele se pergunta “*Quem é você?*”, “*Por que estou-eu ali?*” “*É assustador, a vida não tem nenhum sentido*”.

Em resumo ele encontra o mesmo que Lily.

Mas um apaziguamento, uma certa alegria, surgiu. “*Eu aguento o golpe. Não é mais do lado atroz, mas sim o fato de aceita-lo que me dá um ponto de ancoragem*”. “*Eu tomo a morte como um axioma: é algo que não pode demonstrar-se, mas é indispensável para a vida. Desde então aceito fazer como se, eu entro na contenda*”, fazendo eco a Freud que declarava: “*se você quer poder suportar a vida, esteja preparado para aceitar a morte*”¹⁰

Conclusão em forma de pergunta

A angústia da morte, tão frequente e no fundo tão banal, seria ela, somente angústia de castração e também angústia diante do que poderia ser um advento do real, não advindo, mas imaginado, vivido, como por procuração? Esta angústia ali não seria ela mesma afeto do advento do real? •

Tradução: Katarina Ponciano

8 Lacan J, El seminario libro X, « La angustia, Paris, Seuil,2004, p. 305

9 Nota para los traductores : appréhender significa à la vez temer e impactar

10 Freud S., « Nuestra actitud frente a la muerte » op. cit

Quais efeitos de sentido para tocar o real?

PATRICK BARILLOT

Nós somos traumatizados pelo Outro, em todo caso, No analisando não cessa de continuar repetindo que ele é traumatizado pelo Outro, especialmente pelo Outro parental, culpado por não responder à sua aflição.

Essa aflição, face à qual o sujeito está desamparado, Freud, ao final de sua obra em “Inibição, sintoma e angústia”, faz dela o momento traumático de toda neurose, ampliando-a no mais além do traumatismo sexual.

Hilflosigkeit está relacionada com à angústia de um perigo interno, as pulsões, o gozo, ou externo, ameaça vital, face à qual o sujeito está em uma posição de absoluta ausência de ajuda, sem o recurso a um Outro que possa responder.

Lacan começa retomando a tese freudiana do traumatismo generalizando-a para todos os falantes. Todos traumatizados.

O Outro parental falha em responder em vários níveis:

- à falta-a-ser do sujeito na inadequação de sua resposta à demanda de amor. Insuficiente ou excessiva.
- ao não conseguir responder à falta-a-gozar através de um saber sobre o gozo castrado.
- mas também por falhar em responder à pergunta de por que nasci, o porquê da minha existência.

O Outro não pode responder, “Só me resta imputar a culpa ao Eu [je], isto é, acreditar naquilo a que a experiência nos conduz a todos, com Freud na dianteira: ao pecado original”, escreve Lacan¹. Retorno ao pecado, portanto à culpabilidade.

Falta por ter nascido para alguns, culpa pelo gozo para todos.

Os pais sempre deixarão de responder ao sujeito.

É uma falta estrutural porque a linguagem do Outro é furada. Lacan forja o termo *trou-matique* para sublinhar esse caráter estrutural da falta do Outro.

Assim concebida, a constituição do traumatismo é encontro faltoso com o Outro. Esse encontro faltoso, a ser reiterado na transferência, não cessará de insistir na análise.

De fato, a análise reproduz o modelo de neurose. O analista, convocado como Outro, falha inevitavelmente em responder à demanda do sujeito, logo repete o encontro faltoso, repetição dizia Freud. Eis o amor de transferência, mas certamente o amor mesmo assim.

Mas o Outro para o neurótico não é apenas traumático, ele é também aquele que quer a sua castração, aquele que o impede de gozar plenamente. Como a transferência é a colocação em ato da realidade sexual do inconsciente, do gozo pulsional, que é sempre apenas parcial, o analista como Outro também é convocado como agente da castração.

O que responde o analista?

Pela decifração do inconsciente linguagem, a operação analítica permite passar de analista Outro traumático para um Outro marcado pela falta, o Outro *trou-matique*. O sujeito então percebe a parte que ele tomou como sendo seu próprio trauma e quanto a sua resposta foi apenas a construção de uma fantasia. Destituição subjetiva diz Lacan, vacilação da garantia apoiada na fantasia a fazer equivaler o objeto pelo Outro.

E para a castração, passagem vizinha da falta-à-gozar e do objeto *a* como causa do desejo e saber adquiridos sobre a impossibilidade de fazer um com dois, real do simbólico, da não relação entre os sexos.

Mas para Lacan, o que o sujeito diz sobre sua verdade de gozo nesta primeira fase da análise é apenas semi-dizer. Semi-dizer porque ele porta apenas o gozo-do-sentido [*joui-sens*] da fantasia

¹ Lacan, J. “Subversão do sujeito e dialética do desejo”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 834 [820].

e das pulsões sobre o sentido de gozo [*sens jouir*]. A Freud, que acreditava que a verdade do sujeito destacava o nódulo traumático e que o analisante através de sua produção de verdade se aproximaria desse nódulo para fixar o sentido e resolver seu sintoma, especialmente sexual, Lacan responde “delírio”, mas “justo o necessário” em *L'insu* ².

No nódulo traumático de Freud, fruto do discurso do Outro, cuja existência ele rejeita, Lacan substitui o enrolamento, ou seja, a obscenidade da lalíngua maternal. Em que toda lalíngua é obscena, conforme ele afirma?

Provavelmente pelo o que ela dá a entender de um gozo do Outro que a fala. Equivocando entre o obsceno da lalíngua e a outra cena, ele nos indica que nós estamos no inconsciente. Na verdade, o inconsciente está preocupado com o aprendizado súbito da lalíngua materna que marca o sujeito, deixando marcas desse gozo, não no nível do significado, mas do som.

A partir deste caldo de linguagem, mais caldo de cultura do que águas claras, se sedimentam detritos, uns fora-de-sentido, real da lalíngua, tanto mais facilmente quanto mais ficam sobrecarregados do gozo do Outro parental. Deste inconsciente-lalíngua surgirão sintomas, sonhos e lapsos.

Mas o que o analisante não percebe, concentrado demais nas faltas do Outro ou de seus excessos, é que o parentesco também vem de lalíngua. Parentesco dos Uns gozos de lalíngua entre gerações.

² Seminário “L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre”, lição de 18 de abril de 1977: “O que o analista sabe é que ele não fala senão vizinho do verdadeiro, porque do verdadeiro ele o ignora. Freud aí delira justo o necessário, porque ele imagina que o verdadeiro é o que ele, Freud, chama de nódulo traumático.

É assim que ele se exprime formalmente, isto é, que, na medida em que o sujeito enuncia alguma coisa de mais próximo ao seu nódulo traumático – esse dito nódulo e que não tem existência, não há senão o enrolamento – ele, o analisante está exatamente como seu analista, quer dizer, – como eu fiz observar invocando meu neto, a aprendizagem que ele teve de uma língua entre outras, que é para ele lalíngua [...]

Lalíngua, qualquer que seja, é uma obscenidade. O que Freud designa de – perdoem-me aqui pelo equívoco – de *l'obscène-scène*, é também o que ele chama de a outra cena, essa que a linguagem ocupa pelo que se chama estrutura, estrutura elementar que se resume àquela do parentesco” [seminário inédito, tradução extraída da edição Heresia, circulação interna].

Esse aprendizado de lalíngua é, portanto, traumático?

A questão se coloca porque a tese se espalha. Em todo caso, os sujeitos não reclamam de seus sintomas sempre.

Para que lalíngua se precipite na letra do sintoma como um acontecimento de corpo, algo mais é necessário: o acontecimento de gozo do corpo sexuado. Este acontecimento, certamente traumático, chegará mais tarde, como diz Lacan na *Terceira*³. Se produzirá, então, a coalescência desse gozo do corpo com o Um de lalíngua.

O analisante não pode dizer toda a sua verdade, o que mais ele diz? Diz a variedade do sintoma, ou seja, a variedade de verdades do gozo do sintoma. Que muda para a análise?

Como o traumatismo não é mais do Outro, mas do corpo em sua variedade de sintomas, a interpretação deve se colocar no nível do que causa esse gozo do sintoma, o da *motérialité* gozada.

Para operar neste nível, de saber sem sujeito, é necessário focar o real do Um que se goza e afeta o corpo através de um efeito de sentido que não visa as significações do sujeito, enodado pelo imaginário e o simbólico.

Interpretar o sintoma é jogar equívocos que os significantes veiculam, fazem eco, ressoam, com este Um do sintoma, proceder de um efeito de sentido que toca o real. Lacan nos indica uma via, mas a experiência, a do passe em particular, nos mostra que ela não é tão fácil de ser seguida.

Prosseguimos, então. •

Tradução: Miriam Pinho.

³ Conferência em Genebra sobre o sintoma *O bloco de notas da psicanálise*, 1985, n. 5, pp. 5-23. “Eu vi crianças muito pequenas, apenas as minhas. O fato de uma criança poder dizer, ainda não, antes de ser realmente capaz de construir uma frase, prova que há algo nele, um coador que se atravessa, através do qual a água de linguagem deixa qualquer coisa na passagem, alguns detritos com os quais ele vai jogar, com os quais ele terá que se virar. É isso que lhe deixa toda essa atividade não refletida – detritos os quais, mais tarde, por ele ser prematuro, se acrescentarão os problemas disso que o assustará. Graças ao que ele vai fazer a coalescência, por assim dizer, dessa realidade sexual e da linguagem”.

Quando Hans encontra Harry

RADU TURCANU

O real do sexo, sempre Outro com relação ao registro fálico e à norma masculina, é abordado aqui com relação a dois casos quase contemporâneos: o do pequeno Hans e o do pequeno Harry. Fobia e fetichismo como variantes de uma normalidade com relação à qual aquilo que chamo de real do sexo, como sempre Outro, permanece discordante. Pois esse real do sexo é singular, ao passo que o fálico é neutro e indiferenciado, a-sexual.¹

Hans está sob influência de fortes emoções quando seu *Wiwimacher* começa a se mexer sozinho. *Advento* de gozo inesperado, a partir de uma experiência que o introduziu na dimensão *traumatique*^{2*} da existência.

O gozo assim reatualizado clama pela cifra, pela passagem ao inconsciente. Ele desperta o recalque original, a marca de exceção para sempre perdida na cadeia dos significantes: momento em que o corpo se torna Outro.³

Essa reatualização de uma perda de gozo “original” é feita por Hans por meio de uma mistura de despertar e vertigem.⁴ Mau encontro que leva a

uma elaboração salutar, haja vista a pouca operatividade do Nome-do-Pai: *fobia*, “placa giratória” entre a neurose e a perversão.

Mais um pouco e Hans poderia ter permanecido fixado em uma espécie de perversão fetichista. Através do pai, Freud intervém e consegue fazer valer aí uma oposição significativa que contraria o sistema de vasos comunicantes mãe-filho: ele nota que as calcinhas da mãe assumem para Hans um valor fálico quando ela as coloca, e são rejeitadas quando ela não as coloca.

Por este tipo de trabalho de elaboração, Hans encontra uma normalidade, ainda que não saia, contudo, de uma posição de filha de duas mães (a sua e a de seu pai). Dessa forma, ele encontra a castração enquanto continua a desconfiar dela.

A fobia se resolve sob a forma de um fetichismo comum: *girl* = falo. Hans vai procurar mulheres como escolha de objeto sexual e vai ancorar sua sexualização no registro do fálico. Ele evita assim uma posição de objeto no gozo do Outro, neutralizando o real do sexo, aquele que fura o Outro, e que só o interessará a título sublimatório, na arte musical.

Harry, 4 anos, é um *patient* de Alexander Lorand,⁵ um amigo de seus pais. Harry mostra voluntariamente sua fixação fetichista por sapatos e roupas íntimas femininas (mas não só isso). Ele se

1 Desenvolvi esta temática em uma intervenção feita em Avignon em junho de 2018, no âmbito da *Journée de Clôture du Collège Clinique du Sud-est*, intitulada “O Corpo... portanto, o falo” (a ser publicada na *Revue des collèges cliniques*). No seminário *A lógica da fantasia*, lição de 10 de maio de 1967, Lacan evoca essa questão do corpo como Outro: “me deixei dizer, durante um tempo, que camuflava, sob esse lugar do Outro, isso que chamam agradavelmente, e depois de tudo, porque não, o espírito. O desagradável é que isso é falso. O Outro, no fim de tudo e se não tiverem adivinhado ainda, o Outro, lá tal como está escrito, é o corpo!”. E em *O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*, ele acrescenta: “O que é que tem um corpo e não existe? Resposta – o grande Outro” (Rio de Janeiro: Zahar, 1994, p. 62).

2 * Equívoco entre o vocábulo *traumatique* [traumático] e a palavra *trou* [furo], algo como “fuomático” (N.T.).

3 Motérielité alienante com relação ao real biológico que a sustenta.

4 Imbricação topológica de um interior e um exterior com relação à mãe.

5 Lorand é um psicanalista húngaro formado por Ferenczi que se refugiou nos Estados Unidos nos anos 1930, onde ele figura dentre os fundadores do Instituto Psicanalítico de Nova York. Em um artigo famoso na época (1930, “Fetishism in *statu nascendi*” – do qual uma tradução para o francês está em andamento), que parece pouco conhecido hoje, mas que, no entanto, foi comentado por Lacan e Granoff em 1956 (em *Perversions: Psychodynamics and Therapy*. New York: Random-House Inc, 1956, traduzido para o francês em 1986 em *L'objet en psychanalyse*. Paris: Denoël), Lorand evoca o caso desse pequeno Harry .

interessa pelas funções defecatória e urinária.⁶ A origem das crianças e a função do pequeno pênis, em comparação com o grande pênis do papai, também o preocupam, sobretudo quando lhe explicam que é Deus quem criou as crianças já vestidas como meninos ou meninas.

Harry questiona Lorand sobre as crianças sem mãos ou sem dedos com as quais ele sonha, sobre os cortes que lhes podem ser infligidos para que eles não cocem mais seus narizes. Ele corta uma mecha de cabelo e a mostra para Lorand, sem saber se devia ficar orgulhoso ou se arrepender disso. Ele desenha um pênis em meninos, mas também em meninas. Lorand observa em Harry tendências *escopofilicas*, assim como o fato de que é seu superego que lhe permite bolinar, literalmente, sua mãe, desde que continue identificado a ela como dotado de um pênis – ao passo que a experiência lhe havia mostrado que isso estava errado. O fetichismo vem como resposta à angústia da castração, daí a negação da realidade.

Em seu comentário sobre o texto de Lorand, Lacan e Granoff apontam que é o tratamento do sentido textual que deve ser decifrado, e não o campo visual. “Ele mesmo é captado pela imagem. Harry não imagina o símbolo; ele dá realidade à imagem”.⁷ Se Hans introduz o elemento de angústia para evitar uma mãe muito empreendedora, Harry “opta pelo grito e pela fuga”, pela rejeição de uma elaboração significante. “...E é aqui mesmo, historicamente, que o fetichismo nasceu, na linha de demarcação entre a angústia e a culpa, entre a relação dual e a relação triangular”.⁸

Em seu seminário *A relação de objeto*, Lacan

6 “Por que – por exemplo – se a urina vem da água que bebemos e as fezes da comida que comemos, a água fria se transforma em xixi quente e aquilo que cheira bem quando a comemos, cheira mal quando ele é eliminado?”

7 *Op. cit.*, p. 4.

8 *Ibid*, p. 11. E novamente: “(...) se a força de repressão (do afeto) encontra-se no interesse para o sucessor do falo feminino, é a denegação de sua ausência que terá construído o monumento. O fetiche se tornará o veículo tanto para negar quanto para afirmar a castração. É essa oscilação que constitui a própria natureza do momento crítico. Perceber a diferença entre os sexos é pôr fim ao jogo, é aceitar a relação a três. Daí a vacilação de Harry entre a angústia e a culpa. Sua vacilação em sua escolha de objeto e, até mesmo mais tarde, em sua identificação”(p.22).

mostra como o fetiche é uma “imagem” de *a*, um objeto perdido: *monumento* e *troféu* do nada (até mesmo a anorexia), ao passo que para a fobia, ele evoca, antes, a proximidade do objeto fóbico com o *totem*.

Com Harry, assistimos a uma forma de advento do real que vai mergulhar o sujeito em uma confusão mais radical. “Desmentido” *versus* “denegação”; significante fixado como um *monumento* e *parada na imagem*, em Harry, significante *de papel* ou fuga do ponto de parada, em Hans.

A diferença entre os sexos continua incerta em ambos os casos, não por causa de uma confusão temporal, ou de um déficit da visão, mas por escolha subjetiva: a de fundar a questão dessa diferença a partir do registro fálico, com seu universalismo e seus furos, mas também com o seu efeito neutralizante de um real do sexo que supostamente deveria suavizar a lealdade do sujeito ao falo: desacreditada e contestada, essa lealdade hoje faz seu retorno com força, normativo e explosivo.

Luc tem 13 anos e apronta todas. Ele é tratado como *superdotado* e *hiperativo*, e propõe-se que ele passe a tomar medicamentos. Ele se diz rebelde e consegue administrar bem seu modo original de testar a inconsistência do Outro. A sexualidade e o feminino, encarnados intensamente por sua mãe, interessam-lhe tanto que ele se sente angustiado ao contar suas fantasias a seus pais – aliás, essa é a razão de sua chegada à análise.

Desafiando pais e polícia, ele passa uma noite fora para “proteger” uma garota que não quer ir para casa por causa de um pai violento. “Nada aconteceu, mas o pai dela acha que estuprorei a filha dele. Só a protegi dele”. Entre sua mãe, permissiva demais, e o pai dessa garota, muito ameaçador, Luc se vê diante de um real – o do sexo –, que se trata, inicialmente, de mascarar. Seu *pharmakon* reside em sua atitude “cavalheiresca”, uma forma arriscada de colocação à prova da estrutura que, ao apelar para o fálico, recusa tanto o gozo do Outro, invasivo, quanto o real do sexo, enigmático. •

Tradução: Cícero Oliveira

O tr(ou/a)umatismo da transferência é a repetição

RICARDO ROJAS

O título deixa para trás a concepção de trauma como aquilo acontecido e conduz o trauma ao terreno do Real. Também o faz com a transferência, levando-a à repetição, que, por estrutura, é o que a conduz ao Real, desprendendo-se de concepções que a levam à resistência ou a algo ilusório que pode ser corrigido pela sensatez do aliado eu são.

O trauma como furo torna-se um fenômeno estrutural que suporta a causa da colocação em ato da realidade sexual do inconsciente, que é o pulsional. O que são os traumas sob transferência em relação com o inconsciente real?

Não são os reeditados na transferência como acontecimento do passado, e sim repetição na transferência em que se desdobra o real *tr(ou/a)umático* que faz parte do estrutural do sujeito, transferência presentificada como pulsão. A repetição na cura é essa dimensão do real, daquilo que não passa pelas palavras e que, no fechamento do inconsciente, aparece a cada vez como um “bom encontro” com o real, “*movimento de fechamento*”, mas “*momento inicial em que a interpretação pode ganhar seu vulto*”, ou seja, a possibilidade de cingir algo da ordem do real na pulsão, manifesto na repetição, função de furo que levará a traçar os limites. Tudo isso se forja na cura através dessa pulsação do inconsciente manifesta na associação livre, abertura do inconsciente aos múltiplos sentidos “*inconsciente estruturado como uma linguagem*”, seguido dos fechamentos como instantes de presença do real. As bordas vão se cingindo nas ressonâncias da interpretação equívoco que vai traçando o furo *mediante-o-trabalho* {*Durcharbeitung freudiana*} do manejo da transferência nesses fechamentos da repetição, instantes de captações de angústia, “*sintoma-tipo*” de que esse algo do real está aí para ser tocado pelas ondas das ressonâncias equívocas. Escrita a duas mãos de um laço que “*deve ser percorrido várias vezes*” para poder chegar ao final quando se precipite contingente-

mente o traçado de um escrito borromeano do chamado generalizado, aquele que permitirá dizer finalmente, no futuro anterior, que algo haverá advindo do real, advindo como o que terá chegado a seu fim, com suas consequências e principalmente um *saber-fazer-aí-com*, um *se virar* com isso que causa o sujeito.

Mas, o que conduz ao fim de uma análise? A perda do *agalma*, que se fez equivaler à denominação “*fútil*” de liquidar a transferência, termo inadequado que remete à falta e às dimensões do final como “*luto*” e à necessidade de uma elaboração da separação porvir do analista e à subjetivação pelas palavras do resto de consequências dessa metamorfose, o que implicaria ver a *passagem/passe* como o acontecimento traumático com a necessidade de uma elaboração. Assim, *passe* e *final* podem, equivocadamente, ser vistos como algo diferente.

Porém, se seguimos o Lacan do *Seminário sobre o Ato*, percebemos que esse modo de entender as coisas é algo em que “*tudo está feito para dissimular que é um salto*”, maneira metafórica de fazer equivalentes o momento do *passe* e sua dimensão de *Ato*, na qual, como na travessia do Rubicão, um pequeno salto e tudo haverá mudado sem volta. Essa concepção implica que as consequências já estão lançadas no momento do *Ato*, *passagem* de analisante à analista, resolução do luto que permite nomeá-lo final, pois traça o término.

Para indicar que logo após o *passe* vem um momento de luto, recorre-se a argumentos que me parecem fracos. Recorre-se à *passagem* em que Lacan fala do luto pelo objeto *a* que não termina até que faz dele “*o representante da representação de seu analista*”. A pergunta é se isso não é uma consequência da própria *passagem-passe*, e não um momento posterior, pois se não há *passe* “*o psicanalista continua a causar seu desejo – sobretudo maníaco-depressivamente*” estado de exultação que descreve Balint muito bem e dá razão substan-

cial a mais de um “sucesso terapêutico” que, cedo ou tarde, esgota o luto.

Entendê-lo como luto seria apagar a grande diferença entre um “sucesso terapêutico” e uma análise levada até o salto do final, passagem de analisante à analista pelo advento do *desejo do analista*. Como é possível esquecer o que disse Lacan no *Seminário 10* em relação às ideias de Balint: “*a crise verdadeiramente maniaca que ele nos descreve como sendo a do fim de uma análise assim caracterizada. Essa crise representa o quê? (...) A insurreição do a, que continuou absolutamente intacto*”. A satisfação do final é, então, outra coisa.

Ademais, Lacan, na *Proposição*, assinala que é nesse “*furo somente onde se resolve a transferência*”. Qual? O do “*saber vão de um ser que se escapa*”, no *tr(ou/a)umatismo*. Ou seja, na dimensão do real. Não sei como deixamos de lado as advertências de que o “*final de análise hipomaniaco*” não é senão “*um último grito da moda*”, “*identificação do psicanalista com seu guia*”, em que o evidente é que se desdiz a passagem pela análise por um mecanismo de “*turva recusa*” (a *Verleugnung*: desmentida+de-negação). Essa dissimula não só as consequências da análise, mas também as da *passagem/passe*, com suas contingências, incluindo o traçado de seu término, ainda que sendo muito mais do que isso, já que é um fato de estrutura para todos, desde a origem, em maior ou menor grau. É preciso deixar-nos ensinar por ela, a fim de poder apreciar os ocultos alcances do salto, resgatá-los “às cegas” nos dizeres da transmissão do testemunho. Mas isso só será possível se deixarmos de ver o final como um luto e nos detivermos nas consequências para o advento do Real, desse mecanismo do inconsciente, operador de um ciframento do real que, em Ato, é um tratamento pela letra. •

Tradução: Maria Claudia Formigoni

1. Neologismo lacaniano, “traumatismo” mistura traumatisme=traumatismo e trou=furo, traduzido por alguns como furo-traumatismo {trou-matisme}
2. Lacan J. (1964) Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988, p.138. (Fr 133)
3. Ibid., p. 126. (Fr 119)
4. Freud S. (1914) Recordar, repetir e elaborar. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XII, p.159-171.
5. Lacan J., La Tercera, En Intervenciones y Textos 2, Editorial Manantial, Buenos Aires, p. 87.
6. Lacan J. (1964) Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 1988, p. 258. (Fr 246)
7. Lacan J. (1967) Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: Outros escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 260. (Fr 254)
8. Lacan J., Seminário 15, o ato analítico, lição de 21 de fevereiro de 1968, Inédito.
9. Lacan J. (1972) O aturdido. In: Outros escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 489. (Fr 487)
10. Ibid.
11. Lacan J. (1962-1963) O Seminário, livro 10: a angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 143. (Fr 151)
12. Lacan J. (1967) Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: Outros escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 260. (Fr 254)
13. Ibid., p. 259.

“Eu me vi morta.” O *Unheimlich*¹: efeitos e perturbações da imagem pela irrupção do real

RODRIGO ABINZANO

Lacan esforçou-se em delimitar as coordenadas clínicas ligadas aos afetos, com especial ênfase em um: a angústia. “Angústia”, ele nos dirá, “é o afeto que não engana, na medida em que é um sinal do real”. Seguindo a esteira dessa afirmação, orientamo-nos em nosso trabalho, no qual, localizando o modo paradigmático da angústia, o ominoso, poderemos ler algumas das perturbações no nível da imagem que padece um sujeito, sendo o desencontro no nível do escópico a porta de entrada para a interrogação.

Da tradição inaugurada por Freud, sabemos que para abordar tanto a anorexia mental quanto a bulimia, o foco da análise está ligado à esfera da oralidade. O que a experiência nos traz é que os sujeitos com anorexia nervosa não se angustiam pelo declínio ou pela diminuição da ingestão, sendo os pais, os amigos ou outras pessoas próximas aqueles que se angustiam. Como já disse Lacan, a angústia no campo da oralidade está no Outro. Contudo, eles encontram um ponto angustiante naquilo que refere à sua relação com a imagem, onde vemos um ponto real de impossibilidade: embora eles comam quantidades mínimas ou até mesmo parem de comer, continuam a se ver ou se sentir gordo/as, manifestando assim o que as ciências cognitivas chamaram erroneamente “distorção na percepção da imagem corporal”. Dizemos “erroneamente” por considerar que a dimensão da imagem não pode estar sujeita a uma norma. Portanto, seguindo o ensinamento lacaniano, sustentaremos que, tanto a imagem quanto a realidade, são estruturadas pela linguagem.

“Eu me vi morta “ Perturbação da imagem em Elizabeth

Em estupor, Elizabeth levou alguns minutos depois de chegar até que ela disse: “Eu me vi morta”,

e começou a chorar inconsolável. Naquela época, levava dois anos de tratamento por um grave quadro de anorexia. Esse foi um ponto de torção para o tratamento e para a possibilidade de que, a partir daí, a cena atue no contexto da causalidade inconsciente. Irrupção real, sua primeira menstruação causou-lhe tanto horror que ela parou de comer e manifestou uma rejeição da sexualidade desde uma posição radical. Ela dizia que precisava manter-se imaculada, perfeita e sua principal luta era com o espelho. Embora ela alegasse ver-se gorda, essas demonstrações foram um prelúdio do momento do encontro com o real de sua imagem. Caminhando rumo ao consultório, olhou-se no espelho de uma loja - onde habitualmente se olhara - e não se reconheceu: num primeiro momento acreditou não ser ela e em um segundo momento viu-se morta, “como um morto-vivo”, acrescentou.

Hoffman ensinou a Freud sobre o *Unheimlich* e lhe permitiu vislumbrar o caráter de poliedro: entre os diferentes rostos, o dos mortos vivos é aquele do qual o escritor mais se valeu para ilustrar suas ficções. O duplo, os modos de despersonalização e as variações do conhecido para o desconhecido, são outros que também complementam o que poderíamos chamar de “a clínica do *Unheimlich*”. A possibilidade desta fratura ao nível da imagem leva ao questionamento pelo sujeito, quem, algumas entrevistas mais tarde, recordara que a cada vez que discutia com a sua mãe, recebera dela a injúria: “Tomara que você morra”. Marca indelével, o efeito dos ditos maternos retorna em uma versão feroz, superegoica. Podemos lembrar a advertência feita por Colette Soler de “não separar rápido demais a voz do olhar”, apontando que assim como existem olhares que comem ou que cagam, também existem aqueles que transmitem um imperativo.

Aferrar-se ao imaginário plenamente - um dos nomes da loucura para Lacan - produz a presença do objeto no campo da realidade, dando

¹ Unheimlich: Paradigma da angústia. Via ótima de interrogação da imagem

como resultado fenômenos que dividem o sujeito: se o escópico está presente, a imagem se perturba. Se, como conjectura E. Trío, o ominoso é condição de possibilidade e o limite do belo, sua aparição atravessa diretamente a barreira da segunda morte, localizada por Lacan no seminário sobre a ética. A porta de entrada pela imagem torna-se a via real para sortear a tragédia na qual muitos sujeitos se aferram. Para Elisabeth, esse encontro foi homólogo ao vivido por Medardus, protagonista de “Os Elixires do Diabo”, quando ele se encontra com Viktorin, a quem acreditava morto e quem também era seu duplo: “Não se sabia se era ele ou era eu” donde o impossível que divide a morte e a vida se dissipa e os “mortos-vivos” aparecem. Foi só a partir desse momento que Elisabeth pôde começar a se questionar por sua posição e pelos ditos e in-

terpretações com os quais o Outro a estruturara.

Depois de um tempo de trabalho analítico, o distúrbio em sua imagem desapareceu, dando lugar também ao interesse por alguns colegas de escola com os quais começou a sair - libidinização desse corpo que tinha irrompido de tal maneira que somente a rejeição radical tinha sido o modo de apreendê-lo. Usar do corpo de outros modos drenou parte do sofrimento permitindo também outro uso de “mortificação”: na passagem da vivência da morte em vida para a mortificação do significante, arma-se um corpo discursivo, um corpo a ser marcado, escrito e narrado que sabe de antemão que toda imagem é *mais ou menos* distorcida pelo efeito do significante. •

Revisão da tradução: Sandra Berta

O real da sexualidade e os sintomas da infância

ROSANE MELO

A sexualidade infantil demonstrada por Freud¹ (1905), além de problematizar o discurso que trata a criança como ser assexuado, circunscreve as construções sintomáticas da criança como uma resposta aos adventos do real e aponta o real da sexualidade que advém no sintoma desencadeado na vida adulta. “É uma criança que inaugura o século vinte das Ciências Sociais, lembram-nos os historiadores fazendo referência ao pequeno Hans de Freud”². A entrada do discurso psicanalítico na cultura reintroduz o tema até então tratado pelo viés moralizador: o da sexualidade infantil como constituinte da sexualidade do adulto. A subversão freudiana descarta a concepção rousseauiana de inocência e afirma existir uma intensa investigação sexual infantil determinante para as investigações científicas da vida adulta.

Os neuróticos conservam em estado infantil a sua sexualidade (Freud, 1905)³, e toda atividade sexual infantil, ao cair sob a barra do recalque, concorre para a amnésia do infantil⁴ na vida adulta, o que explica inibições sexuais, formações reativas e mesmo a sublimação. O que do infantil não se desenvolve permanece como um gozo não-eliminável, recalcado como traço de perversão na fantasia, meio de gozo através do sintoma. A neurose infantil, estrutural e que cai sob amnésia, deve-se à inconsistência e fragilidade infantil do eu, à tarefa de dominar as excitações iniciais da

sexualidade e à ação das experiências da infância, bem mais contingentes.

A definição do real como junção entre elementos de lalíngua e gozo contribui para a construção de casos clínicos de crianças e elucidação do quanto os sintomas da criança procedem dessa junção. O que pode a análise quanto ao advento traumático do real nos sintomas da infância? Ao propor “Função e Campo da fala e de Lalíngua”⁵, Lacan (1974)⁶ nos remete às origens da experiência humana que traz consigo as marcas do gozo do Outro e aproxima o inconsciente de lalíngua, das ressonâncias do dizer, do registro do real. Um primeiro gozo fora da linguagem, efeitos de lalíngua, registro real dessa experiência que procede de um corpo afetado por um gozo intruso. Os elementos de lalíngua não fazem cadeia, mas marcam um corpo, fixam um gozo sintoma que participa e determinará a escolha dos parceiros sexuais. Lalíngua é desprovida de sentido, mas não de presença do Outro primordial. Daí as pulsões serem definidas como ecos de um dizer da demanda no corpo do infans. No grafo do desejo, podemos percorrer esse traçado deixado por essas ressonâncias no qual circula o mais de gozar, no nível do significado da demanda a ser interpretada.

A neurose se ergue como uma estratégia para recobrir a falta do Outro⁷ e a angústia decorrente desse encontro, justamente identificando essa falta pela demanda do Outro. Em outras palavras, o sujeito recobre a falta e se lança no circuito da demanda. Os significantes da pulsão estão associados

1 FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Sigmund Freud, *Obras completas*, vol. 7. Buenos Aires: Amorrortu, 2011.

2 SIROTA, R. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 112, p. 7-31, março, 2001.

3 Op. cit.

4 FREUD, S. (1913). O interesse educacional da psicanálise. In: Edições Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 13, Rio de Janeiro: Imago, 1975.

5 Ver POLLO, V. Função e Campo da Fala e de Lalíngua. FOLHETIM, Rio de Janeiro, ano XIV, n.13, dez. 2016, p. 93-103.

6 LACAN, J. Conférence donnée au Centre culturel français. In: Italie Lacan, Milan, La Salamandra, 1978, pp. 104-147.

7 Ver SOLER, C. Declinações da angústia: curso 2000-2001. São Paulo: Escuta, 2012, p. 228.

à demanda do amor e a criança convoca a gramática e o vocabulário pulsional para tratar a angústia, para forjar uma resposta sobre o desejo do Outro. Construções sintomáticas cada vez mais complexas no horizonte da diacronia, que vão desde a fobia às teorias sexuais infantis, como tentativas de suprir a não relação sexual. O laço mãe-filho, como afirma Prates Pacheco (2016)⁸, pode ser por isso mesmo uma suplência à ausência de relação sexual.

É próprio então da criança pensar com suas pulsões parciais, estratégia da criança diante do real. Para ilustrar respostas típicas, extraio dois casos de minha clínica com crianças obsessivas, casos graves de encoprese. Nos dois casos, respostas típicas diante da constatação da falta materna seja pelo nascimento de uma irmã ou irmão, seja pela perda de avôs maternos.

8 PRATES PACHECO, A. L. Incidências de La Mujer en la infancia. In: El sujeto de la infancia: clínica psicoanalítica con niños y adolescentes: Dixit 2. Buenos Aires: Letra Viva, 2016.

Ao comentar o brilho de seu vestido, Sofia exclama: *Eu não disse que ia matar a Rosane do coração hoje!* Incluída no seu sintoma, a analista está advertida da colocação em cena da dimensão trágica da experiência: a emergência da pulsão de morte nas relações de objeto desta pequena obsessiva. Nas sessões, escrupulosamente desenhava pequenas bolinhas e dizia: *o cocô, o cocô*, depois nomeia: *essas aqui são os pensamentos feios*. Nos desenhos cria uma família na qual inclui o pai, a mãe e duas irmãs. Em diferentes cenários o pai e a irmã mais nova sempre morrem.

A demanda de amor se realiza assim no *dar e receber* e gira em torno do objeto anal. Modos infantis de elaborar a perda do objeto que estava ali tão próximo e tão à mão, apêndice do seu próprio corpo. O sintoma-encoprese encena a dificuldade da criança de desligamento, destacamento do Outro, encena o consentimento doloroso dessa perda. Mas também revela uma fixão de gozo, acontecimento de corpo, ainda não localizado pelo sujeito em uma construção fantasmática. •

O trauma borromeano – incidências no futuro da psicanálise

SANDRA BERTA

No debate sobre “Os adventos do real e o psicanalista” a referência ao trauma permite abordar duas perguntas: Quais são as dificuldades do tempo do final da análise na qual o trauma mostra sua estrutura? Como essas dificuldades podem incidir no futuro da psicanálise? Ambas perguntas indicam a temporalidade lógica que decide a experiência, sem precedente, de cada análise.

O trauma borromeano advém enodado pelos gozos. Por causa de uma análise, o sintoma eletivo pode tornar-se sintoma analítico, dando uma significação ao traumático, a (des)cifrar. O sintoma responde ao enigma do desejo do Outro e a incompletude da sua *presença* no sujeito, uma vez que o traumático, no nível da língua e da linguagem, é a falta do Outro. A isso Lacan chama *troumatisme*. Pela operação analítica, o traumático torna-se estranho; o inconsciente também. Trata-se da passagem do sentido do sintoma ao fora de sentido da sua verdade a partir da qual as *variedades* do sintoma são efeitos de um real que não é aquele da *realidade* da cena traumática.

Fazer-se ao traumático é saber que não há a última palavra perante o furo do simbólico. O sentido dado às múltiplas versões que significam a cena traumática resta imaginário. É na materialidade das palavras que o ser falante tem a sua chance. Além do sentido sexual traumático (com Freud), as palavras feitas de *lalíngua* podem produzir um efeito de real (esse é o sentido em direção ao real que Lacan apontara) ainda enodado.

Será preciso, então, ir além dos *amores com a verdade* do trauma e do sintoma. É possível que nesse enodamento, *algo* (um *vislumbre*, uma *réstia*), se produza pelo que se soube saber-bem-dizer da *lalíngua* e saber-fazer-aí-com (refiro-me à análise, aí onde o analista é parceiro-*sinthoma* que causa o dizer analisante). Lacan fez referência à contrapsicanálise: operar com a *motérialité*, quando só ficam as palavras, quer dizer: sua jaculatória

[*jaculatoire*] e sua *intradução* sobre o traumático. Por essa via, o saber feito da *lalíngua* escoia e decanta nas copelas (*coupelles*) os efeitos de um real.

No tempo do final – tempo da queda do sujeito suposto saber; do amor ao saber (transferência) – o dispositivo analítico se torna *Unheimlich*. Tem-se tocado um ponto de infinitude, o qual não quer dizer “que não possamos prosseguir”. Prosseguir um pouco mais para que a *réstia* (vislumbre e não *Fiat-lux*) daquilo que concerne ao analisante no seu gozo não tenha já algum motivo para seus argumentos. Considero que fazer-se a esse vislumbre sem fazê-lo consistir produz não um final imediato, mas sim as condições para o momento de concluir onde a contingência de *um dizer do troumatisme* decide cada singularidade.

Posso escrever: *trou-matisme* / *trou-matices* [furo-nuances] aludindo esse tempo do final. Tempo da “urgência” do lado do analisante e no qual a paciência e a mesura são os instrumentos do psicanalista.

A *mesura* paciente com a qual o analista em função opera a direção do tratamento. Porém, no tempo do final há uma diferença, uma vez que ele sabe que o artifício da transferência se sustenta num ato em *porte-à-faux* – expressão em arquitetura quando a estrutura se sustenta no vazio. Sustentar-se em falso. Para o analisante isso é concommitante com a *presença* do *troumatisme* que força à língua singular.

A *operância* do psicanalista, permite estar à espera (ativa) da contingência, uma vez que é por ela que se demonstra uma impossibilidade. É a mesura paciente que *força* (*forcing*) na materialidade da palavra a produção da causa real; e que toma por referência que o psicanalista “faz-se produzir; do objeto *a*: com o objeto *a*” Esse objeto, *ossobjeto*, inaudito, impronunciável que *ex-siste*, apontando a incomensurabilidade do Uno (1+a). Lacan diferenciou uma das suas invenções, o objeto *a*, das

substâncias episódicas, aquelas que com o tiro erram a mira da demanda porque a pulsão não se extingue. Fazer-se produzir com a causa real. Não é a isso que responde um *desejo inédito*?

É na passagem desse *tempo do vislumbre* e do momento de concluir onde se corre o risco de não advir o final de análise. O efeito anamórfico decorrente da verdade mentirosa pode fazer naufragar um final de análise. Delicado e sutil final... Momento, enfim, no qual o ato analítico (o paradoxo) com a sua fina espessura, exige, a priori, o silêncio do analista – *dizer* silencioso – que faz obstáculo às voltas dos ditos, aludindo ao indecível do falatório quando é referido ao traumático. Pelo corte (outro modo da interpretação) se indica “... não é isso” permitindo a ambos, analisante e analista, estar à disposição “disso que faz função de real no saber”.

A pergunta é, portanto, se o futuro da psicanálise é “pelos tempos que correm” ou se sustentar o discurso do analista não admite desvios. Desvios do analista e do analisante pelas dificuldades que se apresentam na transferência nos tempos do final. Entendo que Lacan pôs para sua Escola a pergunta pela direção do tratamento, mas, em particular, pelo final da análise.

Concluo

“O futuro da psicanálise é *algo* que depende do que advirá do real”. Esse *algo* do futuro da psicanálise está na conta do que há de advir desse real, em cada análise. Entre o sintoma, acontecimento do corpo, e a falta do Outro, estrutural; um *vislumbre*, resta como índice *da Coisa* (a causa) à qual responde um modo de singularidade que não insiste em significar a *outra* cena, sem por isso denegar as marcas de gozo. Contingência do advento-enodamento de *Um dizer* que incide para cada um e que, em raras ocasiões, pode ser transmitido. Isso não é exclusivo do passe.

Entre o encontro com o horror de saber e o fazer-se à contingência se aloja o tempo do final e suas nuances do *troumatisme*. O risco é de corto circuitar o encontro com o horror de saber e a contingência do *Um dizer do troumatisme*. Isso afeta a transmissão da *hystorização* de uma análise. Debates do passe e da pergunta que nos trabalha: *o que se nomeia?* Concomitância com o que compromete o futuro da psicanálise: a extensão da intensão. •

Bibliografia

1. AME da EPFCL. Membro do FCL-São Paulo, Brasil. Membro do CIG 2014-2016.
2. Lacan, J. (1973). Nota italiana. Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 313.
3. Réstia, do latim restis significa “corda de caules entrelaçados” e “feixe de luz que passa por uma pequena abertura”. Dicionário Michaelis da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos Editora. Opto pela palavra réstia precisamente para não equivocar com o Fiat-lux. Apenas um vislumbre, uma suspeita que trança as cordas do Real, do Simbólico, do Imaginário e do sinthoma (RSIS).
4. Lacan, J. (1976 – 1977). O Seminário, livro 24: l’insu que sait de l’une bévue s’aile à muorre. Inédito. Lição de 14 de dezembro de 1976.
5. Lacan, J. (1973-1974). O Seminário, livro 21: les non-dupes errent. Inédito. Lição de 8 de janeiro de 1974. A coupelle
6. Soler, C. Commentaire de la Note Italienne de Jacques Lacan. Année 2007-2008. Formations cliniques du Champ lacanien. Collège cinique de Paris. Edizioni Praxis del Campo lacaniano, 2012, p. 31.
7. Lacan, J. (1976). Prefácio à edição inglesa do Seminário 11. Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 569.
8. Lacan, J. (1974-11-21). Entrevista con Emilia Granzotto. Pas-tout Lacan. Recuperada em 15. 07.18. <http://ecole-lacanienne.net/bibliolacan/pas-tout-lacan/>
9. Lacan, J. (1967-1968). O Seminário, livro 15: o ato psicanalítico. Inédito. Lição do 17 de janeiro de 1968.
10. Lacan, J. (1967-1968). O Seminário, livro 15: o ato psicanalítico. Inédito. Lição de 22 de setembro de 1967. “[...]l’acte tel qu’il opère psychanalytiquement, ce que le psychanalyste dirige de son action dans l’opérance psychanalytique”.
11. Lacan, J. (1973). Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos. Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 556.
12. Lacan, J. (1969). O ato Psicanalítico. Resumo do Seminário 1967-1968. Outros escritos. Jorge Zahar Ed., 2003, p. 375.
13. Lacan, J. (1973). Nota Italiana. Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 314.
14. Soler, C. Lacan, l’inconscient réinventé. Paris : Presses Universitaires de France, 2009, p 19.

O impasse que dá lugar pelo real

SARA RODOWICZ-SLUSARCZYK

Apsicanálise faz nascer o desejo – para mim, esta parece ser a melhor promessa anunciada e é o que deve ser esperado de uma análise. Eu evoco propositadamente esse anúncio [propagandeada] para questionar o peso político de nossa oferta no mundo de hoje. Na Polônia, a palavra “advento”, que tem uma conotação religiosa de salvação, é também a chegada de algo prometido e esperado. Todavia, o Real surpreende o sujeito falante, trata-se por definição do inesperado. Eu escolho a articulação de dois termos retirados do título de nosso Encontro – os adventos do Real – para guiar a interrogação subjacente de minha apresentação: como podemos justificar esta promessa de fazer nascer o desejo e – aqui o ponto mais delicado – não o fazer pelos meios de sugestão? Uma questão que vai tão longe quanto interrogar o nascimento do desejo do analista.

No meu título, o Real é elevado à dignidade daquilo que pode permitir uma saída ao impasse. Qual impasse? Tomo-o no singular, mesmo que este possua diferentes aspectos. Antes de tudo, a própria presença de nossa promessa no mundo pode criar a noção de um impasse, e de fato, não pode haver análise sem uma demanda de cura. Com encontros preliminares que podem decorrer desta demanda, a ética do *bem-dizer* irá privilegiar o ato de articular este impasse à tarefa direta de sua resolução, privilegiando o Real da repetição para fazer aparecer a divisão do sujeito. Como o ser falante responde, diante do Real inesperado? Esta questão, renovada em cada análise, é de fato a condição de sua prática. E por quê? Porque todas as promessas ficam suspensas no ponto de entrada do discurso analítico, por uma necessidade estrutural do corte que o produz. Assim, o que o analisante espera de uma análise é transformado pela análise, e precisamos poder justificar isso. Crucial na entrada, creio que esta transformação reitera todo o percurso até o final da análise – logicamente então,

pois continuar uma análise é esperar algo dela.

Um analisante, para quem o tratamento começou numa idade avançada, falava de uma forma muito refinada sobre os impasses que encontrou. Perguntava-se sobre os limites do autoconhecimento e sobre o que determina a ação de uma pessoa: através de teorias filosóficas e sociológicas. Suas reflexões tinham uma motivação pessoal bastante séria: ele é o filho de um ex-soldado nazista. A postura sintomática que ele adotou na vida, “não tenho nada a ver com isso”, parecia ter começado com um Real horrível, enraizado na história. Parecia então, assim justificado, especialmente para o analisante. Mas... como o Real faz sua entrada? Eram repetitivos encontros problemáticos que ele encontrava em suas relações com outros, para quem sua postura exterior de alguma forma glamourosa de ser provocava muita raiva.

No começo, esta postura era apoiada numa questão existencial relacionada a seu nascimento: “Eu sou fruto de amor ou de um estupro?”, que era um questionamento de sua dívida, dirigido ao Outro. Porém, a análise irá trabalhar em direção à ideia de que um impasse está localizado dentro desta mesma questão, o que permitia ao sujeito encontrar e refutar o seu lugar no desejo do casal parental. Apesar de seu peso aparente, esta questão nos permite apreender como o sujeito do inconsciente – e não a pessoa do ser falante – estava sempre feliz. A tensão de seu impasse era um lugar bastante sustentável para o sujeito e sua questão – mesmo que fosse através de seu desaparecimento, de acordo com a função da pulsão. Por sua vez, a infelicidade experimentada pelo indivíduo estava associada ao fato de que, mesmo que dentro de seu circuito fantasmático do desejo, nenhuma continuidade que pudesse dissipar a unidade individual poderia ser sustentada. Mesmo dentro da fantasia, no interior do impasse feliz do sujeito, um corte ocorre exatamente no ponto de identificação

ao objeto. É em direção ao Real deste corte – castração – que a análise deve operar.

Em seu seminário sobre a Angústia¹, Lacan vai dizer que “Ou nossa prática é falha, quer dizer, falha em relação a si mesma, ou ela supõe que nosso campo, que é o campo do desejo, é gerado pela relação de S com A (Outro), de forma que só possamos encontrar desejo – se é que este é o nosso objetivo – desde que reproduzamos seus termos (desta relação)”². Então, reproduzir os termos da divisão do sujeito é o caminho analítico em direção ao desejo. Mas o que realmente me chamou a atenção foi o que Lacan adiciona a seguir: “Faço-os observar, de passagem, que a alternativa *ou nossa prática é falha, ou supõe isso...* não é excludente. Nossa prática pode permitir-se, em parte, ser falha em relação a si mesma, e permitir que haja um resto, já que é justamente o previsto”³.

É o encontro faltoso com o gozo que o analista realiza, efetivando o Real da pulsão. Mas se as pulsões são mitos enquanto a castração não o é, precisamos olhar mais longe que o sentido associado às variações da pulsão, para levar em conta

o seu mecanismo. O resto seria o Real do gozo que existe para além do sentido decifrado, aquele da pulsão ou qualquer Outro.

Na análise relatada, questões de dívida contidas no impasse-questão inicial se tornaram atualizadas em dificuldades de pagamento e no trato com dinheiro. Eu não faço nenhuma concessão neste quesito, o analisante tem que decidir se ele aceita a análise. Mas através da separação operacional do objeto e o conhecimento de um resto determinado, obtido em minha própria análise, existe a flexibilidade para inventar, na singularidade de cada análise, uma maneira de ser inflexível.

O encontro com este resto é uma contingência imune à sugestão, assim como o é torná-lo causa de desejo, já que a causalidade lógica requer uma quebra de continuidade. Seria melhor se as análises não fossem reduzidas a uma reprodução do sujeito, ou até ideais suggestionados de um encontro finalmente-bom, no lugar daquele que foi perdido... pois este ideal é facilmente transformado num ideal de “ser um analista”. Seria melhor se análises não reproduzissem simplesmente os analistas; mas por quê? A teoria de Lacan pode ser programada em Discurso do Mestre, inclusive analisantes chegam a fazer uma competição para serem colocados no divã. Levando mais a sério, seria melhor evitar isso, pois a psicanálise corre o risco de se transformar em apenas mais uma forma de alienação no mundo de hoje, ao invés de uma recusa única contra isso.

Nesta análise, uma abertura ao que resta fora-do-sentido coloca em movimento o desejo necessário para dirigir o tratamento através do sentido, e talvez para o advento de um novo desejo, que será uma surpresa. •

Tradução: Sheila Skitnevsky Finger

1 J. LACAN: O seminário, Livro X, Angústia, aula de 05 de junho de 1963.

2 [nota da tradutora: No texto original, páginas não são mencionadas, há referência apenas do Seminário 10, que aparece como não-publicado. Para esta tradução, utilizou-se tanto a tradução para o português pela Editora Zahar, quanto tradução livre do texto original, dado que o sentido do original difere da tradução publicada para o português. Do texto publicado em português: Lacan, J.: O Seminário – Livro 10, A Angústia. Jorge Zahar editor: Rio de Janeiro, 2004. Pág. 296]

3 [nota da tradutora: citação reproduzida tal qual a versão publicada em português do Seminário – Livro 10, pág. 296]

A segregação estrutural e a instituição analítica

SILVIA MIGDALEK

A segregação é um dado da civilização humana e é uma manifestação do mal-estar na Cultura, texto capital para interrogar nosso tema. É efeito da própria existência dos laços sociais veiculados pelos discursos. Podemos reconhecer, nos quatro discursos lacanianos, algo do que Freud chamava “cultura”. É um texto no qual Freud se ocupa dos laços sociais e evita fazer homologia entre cultura e aperfeiçoamento. Do ponto de vista da psicanálise, ele caracteriza a cultura por meio das alterações que esta empreende sobre as notórias disposições pulsionais do LOM, e agrega que buscar a satisfação das pulsões é “a tarefa econômica de nossa vida”.

Cabe colocar uma pergunta: as pulsões segregam, desagregam ou congregam? Não teremos tempo para respondê-la exaustivamente, podemos apenas recordar que Freud afirma que todos os grupamentos sociais estão investidos libidinalmente com Eros, suas ligações, e Tânatos, que desagrega. Freud confere à relação com nossos semelhantes o valor de constituir uma das três fontes de sofrimento às quais estão expostos os sujeitos humanos. Ainda que tendamos a considerá-la supérflua e de pouca valia, clinicamente comprovamos que é uma das mais dolorosas, é considerada um sofrimento e, não poucas vezes, suscita a pergunta “O que fiz para merecer isso?”. O preceito “Amar ao outro como a ti mesmo” se transforma em uma confrontação premente quando o semelhante se transforma em meu inimigo, nome genérico da segregação.

A ideia da segregação estrutural é sugerida por Lacan no seminário XVII – é uma das versões, uma vez que, em Lacan, podemos encontrar mais de uma. Neste seminário, existe uma forte ideia acerca da segregação. Diz-nos, não sem certa ironia, que se precisamos andar proclamando o tempo todo que somos irmãos é porque, em algum ponto, não o somos, inclusive em relação a nossos irmãos

de sangue. A fraternidade merece ser interrogada. “Somente conosco, uma origem da fraternidade – quero dizer, a humana, novamente o *humus* – é a segregação”. Tudo o que existe se baseia na segregação e a fraternidade é a primeira, e não há fraternidade a não ser que possa ser concebida como se estar separado junto.

Na Proposição, a segregação se apresenta como uma ameaça crescente à humanidade. À luz dos 50 anos transcorridos, podemos reconhecer em Lacan uma visão antecipatória. “Nosso porvir de mercados comuns encontrará seu contrapeso na expansão, cada vez mais dura, dos processos de segregação”. Os campos de concentração que, até então, começavam a emergir, eram apenas precursores em relação ao que iria se desenrolando como consequência do reordenamento dos grupamentos sociais pela ciência e, principalmente, pela universalização que esta introduz.

O segregacionismo, o racismo, a discriminação são outra coisa, implicam elevar um traço à altura de objeto segregado, até a exterminação. A respeito do horror do Holocausto, Lacan sugere não desviar o olhar, já que “pouco existe de seguro para não sucumbir ao sacrifício em si mesmo, presença do desejo desse Outro que aqui chamo de o Deus Obscuro”.

A segregação como efeito da universalização do sujeito, mas agora manipulada pela ciência. Por que a ciência segrega se se supõe que é a atividade mais “para todos” que existe? A resposta a essa pergunta mereceria um desenvolvimento para o qual nos falta tempo. Apenas gostaria de deixar indicado que vai se consolidando a ideia de que a ciência aparece dispondo dos corpos.

Outro texto de 68, “Discurso de fechamento das Jornadas sobre a psicose na criança”. Nele, a preocupação de Lacan se concentra em postular uma ética que implica afastar o corpo da criança de ser o condensador de gozo materno. A posição da

criança psicótica, capturada no gozo materno, sem o recurso do Nome-do-Pai disponível para constituir-se como sujeito de desejo, promove, em Lacan, a pergunta a respeito da segregação sem precedentes na qual o liberalismo, articulado à ciência, mantém os corpos na ignorância, ao mesmo tempo que os despedaça para a troca. Lacan então se pergunta se alcançamos as consequências desta segregação sem precedentes através do termo “criança generalizada”. Criança generalizada, segregação, mercados comuns e campos de concentração. Civilização que se vira contra si mesma, abolindo as diferenças subjetivas e enunciando um único modo de gozar para todos. Para todos que delimita um dentro e um fora, no qual “fora” já não é um lugar definível, localizável. Fora é fora. Exclusão social, segregação. No mundo, proliferam campos de concentração, quicá mais difusos, sem valas precisas, nos quais se reprime ou simplesmente se deixa morrer, no real, milhões de pessoas.

A segregação também se faz presente na instituição analítica, a história o mostra. Como vimos, é efeito do grupo. Em *O Aturdido*, lemos: “O discurso psicanalítico (esse é meu desbravamento) é justamente aquele que pode fundar um laço social purgado de qualquer necessidade de grupo”.

Mede o efeito de grupo pelo que ele “acrescenta de obscenidade imaginária ao efeito de discurso”. A instituição não é agente do ato analítico, mas transmite suas consequências. Para finalizar: é possível esperar que os analistas do Campo Lacaniano, advertidos como estamos do caráter estrutural da segregação e do real do grupo, estejamos à altura de não desmentir o real que a experiência da análise produz? A situação da psicanálise na civilização de nosso tempo nos exige não evitar este debate premente. •

Tradução: Leonardo Pimentel

Adventos do real: uns passos em uma passagem analisante

TATIANA CARVALHO ASSADI

Esta é a segunda análise de Ana, esta é em sua segunda análise sua segunda volta. Anos atrás me procurou porque a analista que a escutava estava mudando de cidade. Veio, então, em passos lentos e elaborando a passada do enlutamento. Havia se se(r)parado da analista e do marido. Veio passo a passo, lentamente, e eu imaginava que seria difícil ser passo, talvez apenas ela pronunciasse um: *eu passo*. A dor era intensa, sentia-se abandonada pela analista, a ex, e dejetada pelo marido, o ex. Veio nos passos duros de um rechaço. Isto foi há uns oito ou dez anos atrás, permaneceu em seu *passo a passo* comigo por um par de anos. A ex-analista voltou e ela resolveu dar mais um passo, um passo-a-mais. E dela recebi o esperado: *com você eu passo*. Depois de meses Ana dá mais um passo e retorna para que o passo a passo nesta análise, comigo, pudesse seguir. Havia dado um passo atrás e voltado para frente. Retoma seu percurso analítico através de um pedido por escrito em um endereçamento de mensagem telefônica. Ali escrevia: *preciso passar as palavras adiante e quero dizê-las para você*. Desta vez o passo foi meu, resolvi recebê-la em sua nova passada.

Há um tema que se sustenta recorrentemente em sua análise, a datar do instante de entrada, é do véu que ela trata. O véu surge como um significante que aparece desde sua pequenez infantil recobrindo e encobrindo suas aparições. Filha única, mantinha-se unicamente velada, vé-u(z)ada. Procurada para ser a escutadora familiar, recorrida para acalantar os amigos, resolutora dos maus-entendidos no trabalho, compreensiva nos atos sexuais e nos amores des-orientados era a única que se mantinha desaparecida em seu véu particular. Casou, separou e dali para diante foi uma série de des-encontros amorosos e sexuais que causaram-lhe horrores. Se enclausura com seu véu negro em um celibato constante em que a fantasia lhe era a única esperança. Vale pontuar, neste tempo de

escrita que uma cena fantasmática trazia um pano cobrindo seus olhos – velando-a.

Dos homens horrorosos aos horrores por homens conheceu alguém, um *desviado* e tapando seu olhar, vedando sua escuta, leu nele uma afabilidade que faria par com sua sublime forma escondida de ser. Ali fez *um parelho, uma parceria*, imaginativa, evidentemente. Ele era um usuário de drogas seriamente comprometido com o tráfico e que a levou, ela se deixando, as cenas mais temíveis e petrificantes que pode viver. Das bocas de fumo aos roubos mais violentos tentava extrair um pouco de beleza e leveza do homem-amado. Recuperava em si as lentes fotográficas que ele constantemente manipulava e que tanto a cativava. Lembrou de dois ensaios fotográficos que se submeteu com ele e que foram *incrivelmente delicados*. Estes ensaiamentos eram, ou foram o fio deste amor en-cantante que estava se figurando em um amor-bandido.

Recupero os exercícios de foto como metáfora do processo analítico de Ana. Explico-me. Após topar se despir para as lentes do artista em dois tempos ensaísticos, intervalados por uma crise de angústia, ela trouxe para sua análise o relato destes encontros. Em suas associações pode alinhar dois instantes-lugares do seu próprio processo. Um primeiro tempo-lugar que chamou de *o véu como ante-páro* e um segundo tempo-lugar nomeado por ela de *anteparo do véu*. As duas cenas topológicas-temporais são entre-valadas, há uma vala, uma hiância entre elas, por um passo transformativo que diz de um é-feito analítico.

No início ela era recoberta por dores e sintomas físicos variados. Era invadida por *problemas*, sobretudo, no aparelho reprodutor feminino que *danificavam* uma gestação. Não havia um diagnóstico preciso, ou ela não sabia desta precisão. Apenas sentia. Eram comiserações em exames frequentes e suspeitas cancerígenas. O corpo biológico ressentia deste lugar que ela nomeava do *feminino*. Era *inva-*

lidada no corpo de mulher: mamas, vagina, útero. Para além do corpo as palavras eram-lhe impedidas, não conseguia *falar*, tampouco *palavrar*. Nem o corpo nem as palavras eram de bom funcionamento, mantinham-se avariados. *Algo que não foi palavrado, um desencontro corporal no casamento, por exemplo, foi um nó. Era um véu que passou de anteparo de véu no meu casamento para véu como anteparo no meu apaixonamento.*

Ao trazer esta construção a fala me causou um certo estranhamento, porque, *a priori*, ela havia designado o período do casamento e mesmo antes dele como *o véu como ante-páro*. Tonalizava sempre ao falar desta construção: *páro*, de parada, de interrupção, de mortificação, de desaparecimento. Neste tempo, neste pronunciamento, nesta narrativa, havia uma inversão. Um *anteparo de véu* tomava a cena do casamento, do desencontro...

Ana sessões adiante pronunciou o nome dos dois homens marcantes em sua novela familiar, o ex-marido e o amante-ex: Lauro e Lázaro. Aí estava, algo havia retornado que eu não marcara de antemão. Ela introduziu uma sonoridade outra onde não existira. O nome do ex-marido é Auro e não Lauro. Havia uma troca da série que ela construía em torno da noção do *véu como ante-páro* e uma inserção de uma sílaba sonora o que acabou por produzir uma homofonia nominal entre seus amores.

Neste exato momento eu faço uma intervenção: *-re-virando o véu re-vira-se os nomes!* Aposto em uma pontuação, sem explicações, que abrangeria a homofonia: lauro e auro e, simultaneamente, poderia indicar um aspecto da intervenção, também baseada no equívoco, que trataria de sua inversão gramatical: *o véu como anteparo e anteparo de véu*. Ela responde com o riso e logo adiante um re-viramento se produziu nela, o que me fez supor que o efeito de uma interpretação foi operante em seu dizer.

Ela se re-virou, se re-virou em um corpo que passou de adoecido para desejante, pronunciante e falante. Ela se re-virou eu um *ser e não ser, eu passo* para um *passo em ser e não ser*. Do corpo-morto-adoecido o passo foi ao corpo-vivo-desejante. Ela *desvelou-se*.

Sustentar o *véu como ante-páro* custou-lhe o caminho original da análise. Neste primeiro tempo o véu velava, impedia-lhe de se posicionar, usava os véus metafóricos e de costumes diversos, fossem roupas, fossem gestos, fossem palavras usurpadas por ela mesma. Ana calava-se, escondia-se,

não tinha êxito profissional, não conseguia amar e, menos ainda, desejar. Vivia coberta! Após o re-viramento do véu que se deu no momento em que escutou o uso do *véu como ante-Páro* para o desejo dos homens por ela fazendo-se de morta no casamento, morrendo-se diante da alteridade, matando-se perante a possibilidade de sucessar no trabalho, enrascando-se nas amizade, se- parava. Ela diz: *havia algo parado dentro de mim*. Ana usou o véu como ante-páro para sua feminilidade e para seu desabrochamento. O véu impedia-lhe em ser e não ser. No entanto, ela usou o véu de tal forma que seu tecido tornou-se desgastado, puído, furado, atravessado pela luz que antes produzia sombra e que agora enfatiza o clarão. Re-virou o véu em sua equivocação e ele pode ser amassado, enxovalhado e jogado na correnteza das palavras, tes(s)ido.

No segundo ensaio fotográfico estava lá, ainda, Ana, seu véu e sua semi-nudez. O que mudou, então, nesta nova configuração? Aqui ela passa passo a passo em seu passe e vai passando. Ana neste ensaio muda seu véu. São duas dela mesma, uma do primeiro ensaio e outra do segundo. Temporalmente o intervalo é curto e não há transformação deste lugar. Mas ela consegue brilhantemente extrair destes dois instantes-lugares uma transformação que enfrentou ao longo de quase dez anos de percurso clínico. O véu utilizado como anteparo que tampava seu corpo, seu sexo, inibido e constrangido, coberto com tecido na clara-idade do estúdio: *o véu que funcionou como um cozimento de algumas coisas em temperatura morna* foi transformado em objeto-uso-dejeto.

anA (com a minúsculo no início do seu nome) deixa-se fazer mulher não-toda nua, não-toda encoberta, mas não sem o véu. No ensaio utiliza a veste como elemento provocador, extensivo ao seu corpo. O véu semblante cai por terra e o véu mulher-gozante surge em um estranhamento dela mesma. Ela se transforma em outra dela, sem ela.

Entre o primeiro ensaio e o segundo há um intervalo, um entre-dito, um entre-feito, um entre-nós. Este intervalo temporal-espacial conduz à uma escrita sobre a cena-ensaio. Ela relata o primeiro ensaio como um conto e vive o segundo ensaio e o vocifera em análise, fazendo uma nova escrita que brota dela ou nela em forma de poema. A interpretação analítica faz com que ela re-signifique as cenas-ensaios as tomando como metáfora da própria análise e de sua *transformação*, como ela enfatiza, em sua *abertura*. E intervalo que ado-

ece e perde o útero. Acometida por uma angústia que retomava os ensinamentos freudianos, ali onde o objeto não deveria estar ele aparece, diante da sem palavras de sua mudez, ela adocece e precisa retirar o útero, agora morto, sem função. Este inter-vaço a reconduz para o segundo ensaio ela usa o véu como objeto do seu próprio desejo. Com ele ela brinca, se mostra e se oferece às lentes fotográficas que como ocelos a olham a partir dela mesma.

Do segundo ensaio ela conta: *ali eu declarei o que saia de mim. Passei a me declarar afetivamente e sexualmente, me dei voz. Minha escrita saía antes, me expressava por ela, mas em um momento do meu percurso você me disse: há voz!! E neste instante deixei que da escrita, que veio primeiro, a voz fosse depreendida. Meu desejo de fala apareceu e me transformou.*

Ana diz que o amor teceu a partir dela o impedimento dos encontros onde ela escrevia pára, para parar, para parar a possibilidade. O tecido era o véu, o véu como ante-Páro. Contudo, a transformação trazida pela voz que começa a falar dela e falar nela que somente se fez pelo intervalo entre um ensaio de sua fotografia e outro, momento de

angustia, se transformou de *véu como ante-pário* para *anteparo de véu* de anA onde pode se desnudar em sua tessitura musical, pelo conjunto de sons surge a transformação do véu que cobre em véu que vira *passo doce ser e não ser passo*. O véu pode cobrir o feminino corpo de Ana e mais adiante mostrar anA em seu corpo pela re-cobertura e des-cobertura. Convocar o olhar para o corpo próprio trouxe anA para um outro instante-lugar. A abertura da janela inaugura, de alguma forma, uma invenção, uma criação, algo inédito nela mesma e que a faz moldar a escrita, sair do molde, da forma, e emoldurar um possível encontro.

Ela assina seu texto com suas iniciais, seu véu a interpretou, não sem a análise, mas para além dela. anA pode pluralizar os sentidos e deixá-los pulverizar até que fossem enxovalhados e, provavelmente, terem o lixo como destino último, serem tornados dejetos de si, este ainda pode ser seu passo a passo, encore. Eu diria que de seu impasse ela fez seu passo, a caminho de um passe clínico em sua belezura e crueza. Se deixou interpretar pelo seu véu para que pudesse ver o inaudível e ouvir o invisível, aí será ana... •

Um ponto de vista

TRINIDAD SANCHEZ-BIEZMA DE LANDER

Saudade: Bem que se padece e mal de que se gosta.

F.M.DE MELO 1660.

Freud observou que o feminino está relacionado a componentes imanejáveis: sentimento de vertigem, intuição de perigo, exaltação e arrebatamento. Lou Andreas-Salomé chamou a atenção para o desvio no qual incorria a psicanálise quando ao abordar a mulher se ocupava da mãe. Sabina Spielrein dizia: “*Sentes o inimigo dentro de ti (...). É o próprio ardor amoroso, que com uma necessidade premente, te força a fazer o que não desejais; sentes o fim, o efêmero, mas não desejais escapar, nem fugir*”. Melanie Klein, por sua vez, sustentava que a posição feminina busca ativamente a catástrofe, como se pode recolher da literatura com Médéia, que assume seu destino, se funde com ele, se torna inimiga dos semblantes da civilização e mata por amor, sem medida, sem freio.

“*Dizer que uma mulher é não-toda é o que o mito nos indica, por ela ser a única a ser ultrapassada por seu gozo, o gozo que se produz pelo coito*” (Lacan, 1972). O passo dado por Lacan nas fórmulas da sexualização permite colocar duas formas de gozo. Um gozo fálico e um Outro gozo que dão conta de como, na relação sexual, um homem não encontra uma mulher, e sim o objeto de sua fantasia e, por isso, não gozará nem dela nem de seu corpo, e como uma mulher é não-toda fálica. Daí a máxima de Lacan: *não há relação sexual*. Mais além da cópula entre um homem e uma mulher, não há laço entre eles, nada disso pode escrever-se. Não há fusão ou harmonia possível.

Um passante disse

“Na análise, a relação com a mulher com quem eu construí minha vida foi colocada em questão e eu sonho:

Estou parado na beira de uma janela, separada de mim por um vazio está minha mulher. Eu estou agarrado a um balão de gás, que eu seguro e ele me segura. Eu tento tocá-la, mas não consigo alcançá-la, o balão me impede.

O balão do sonho me traz recordações: o balão vermelho, onde um menino tem um balão de gás que querem roubar, ele não solta, e por não soltá-lo, se eleva com o balão e se perde no céu. Ele desaparece agarrado ao balão.”

Reter o Outro, o parceiro, a mulher, era a maneira de rechaçar a heterogeneidade radical do Outro sexo segundo a lógica da fantasia, lógica que o reduz ao objeto que convém. Era a maneira como se formulava para esse homem o rechaço do feminino. Sua comoção deixa aparecer essa diferença incomparável que faz da mulher Outra.

A diferença é que o homem só pode tamponar essa falta com o objeto de sua fantasia, enquanto a mulher não-toda é tributária de sua fantasia. Não de tudo, porque uma parte permanece inatingível. O feminino inatingível é o que permite que se encontrem mais perto do real, menos tomadas por suas fantasias e pelos ideais que constroem os homens. Seu lado problemático é que, por isso, estão mais submetidas à exigência de um amor que nomeie a raridade de seu ser. No entanto, essa insistência também indica como são elas quem, de maneira particular, sustentam o discurso do amor na cultura, bem como a existência de Outro gozo, rebelde a qualquer ordem.

Lacan, quando coloca a questão da incidência do feminino sobre a sociedade, faz referência a vários movimentos de mulheres que ensinaram os homens a falar de amor, em vez de se dedicar a ele, rompendo assim com a brutalidade da cavalaria. Mas é sobretudo uma a uma que um efeito sobre o masculino parece fazer-se sentir.

Todas essas voltas para chegar a uma citação de Lacan em L'Etourdit (Lacan 1972). L'Etourdit é traduzido como o dito atordoado, também como às voltas com o dito. A leitura parece evocar essa circularidade do dito e, ao mesmo tempo, essa confrontação com um dizer que não se alcança. Neste texto, Lacan escreve em relação ao feminino, “*la seule*”.

“Que uma mulher pretenda ser reconhecida como a única (*la seule* tem duas acepções em castelhano, sozinha e única.) ... mas é também nisso que se apreende o que há por aprender, a saber, mesmo que se satisfaça a exigência de amor, o gozo que se obtém da mulher a divide, fazendo-a parceira de sua solidão, enquanto a união permanece na soleira” (Lacan, 1972).

No entanto, esse gozo que faz dela parceira de sua solidão não é um prazer solitário onanista. É antes um gozo da negligência, do abandono do Outro que falta. É gozar de se deixar cair no abismo. (Bousseyroux 2017).

Para seguir Lacan, esse gozo não é nem a sensibilidade de Eros que seria a fusão (o Um) nem de um Thanatos (Otrificação melancolia), mas uma sensibilidade do um “existe o Um só”, ou seja, Um que não teria permanecido anônimo por sua absorção na continuidade ordinal dos Nomes. Um ponto fora da linha, em suma. E nesse Um, diz Lacan, isso evoca a solidão como companheira, que é captado pelo nervo do amor do sujeito suposto saber. (Lacan 1972-73).

Uma passante sonha.

“Estou em uma escadaria com a analista que

falava muito e com um tom desagradável. Eu então me deitei logo no divã e ela se sentou um pouco mais para o lado, como de costume. Era noite, uma linda noite com muitas estrelas. Eu falei sobre a beleza do céu, via-se claramente a escuridão com pontos muito brilhantes. Então eu me virei no divã dando-lhe as costas e permaneci em silêncio. Ela parou e saiu, fiquei sozinha contemplando a noite.”

A analista foi deixada para trás, o enigma que a cercou por tanto tempo foi transformado em conhecimento, e seu lugar se tornou desejo. *Fazer com a solidão* pode criar outro laço social que se diferencia dos valores a partir dos quais se sustenta a fraternidade da comida totêmica, sempre fraticida pelo rivalizante. A dissolução da adoração pela intimidade implica uma posição distinta de pensar a alteridade. Permanecer juntos no silêncio e na contingência. Estar juntos no limite do acordo, sem fundamentos universais, com um laço que ama a solidão.

Diz-se que no porto de Lisboa houve no passado um barco ancorado. Suas madeiras com o tempo se tornaram de uma cor indefinível, triste. O barco foi chamado Saudade. Os habitantes de Lisboa colocaram o nome do barco para esse tipo de tristeza - material e indelével, gozo de sua dor - e intraduzível para outras línguas, consideradas ignorantes desse estado de estagnação na água, ancorado no porto, sem partir, nem chegar. Saudade: bem que se padece e mal de que se gosta. (F. M.de Melo). •

Tradução: Rosane Melo

A missão do analista diante do advento do real

VIVIANA CUEVAS

Na conferência “A terceira” lemos: *O advento do real não depende de forma alguma do analista. Sua missão, como analista, é contrariá-lo*. Essa frase me parece o fundamento que abre a repensar a prática analítica. Posso dizer que torno a pensar nela repetidas vezes. Hoje o farei mais uma vez. No advento do real, reverbera a ideia do imperioso, do inevitável. Podemos situar a tarefa do analista precisamente no momento desse advento. Momento no qual aquilo imperioso se impõe e a análise aparece como uma orientação no real em relação a um tempo urgente, a um tempo de imediatez.

Pensar naquilo que rodeou o sujeito, deixando-o sem possibilidade de dar pé pois se deparou com a contingência ao virar da esquina, vai nos conduzindo à pergunta do lado do analista sobre esse *contrariá-lo*. Diante do real cada um faz o que pode. A operação analítica possibilitaria um tornar a situar justamente aquilo que não tem lugar. De que se trataria esse *contrariá-lo*?

Lacan em “A terceira”¹ argumentou algumas questões sobre a interpretação que permitem fazer perguntas que orientarão nosso trabalho: qual prática da psicanálise se desprende de dita conferência? O que implica que a psicanálise opere?² De qual lugar poderia ser contrariado? Essas perguntas orientam seu trabalho em um texto difícil, intrincado que requer ser interrogado.

Retomando, uma via para trabalhar esse *contrariar* o real é a interpretação. Lacan assinala que a interpretação sempre deve ser um ready-made apontando o essencial que há no jogo de palavras para não ser aquilo que nutre o sintoma de sentido. Interpretar por meio do equívoco aponta o sintoma. Equívoco *implica não reproduzir a realidade*, implica desordenar, transtornar os objetos desse lu-

gar em que são esperados.

Para esse *transtornar o objeto* faz alusão à obra de arte, cita Marcel Duchamp³, faz alusão a esses objetos de arte descontextualizados, que atingem um valor que até esse momento não tinham, justamente por romper com o esperado, com esse sentido convencional. Jogo de palavras em que há uma passagem do enaltecimento do sentido a seu esvaziamento. Colmar a palavra e ao mesmo tempo esvaziá-la de sentido, sendo o sentido aquilo que tapa. Ficar no sentido seria uma estafa.

Esse ready-made que significa já pronto, pronto-feito para usar, que é pensado como uma arte realizada mediante o uso de objetos que normalmente não são considerados artísticos por possuir uma função não artística e ao mesmo tempo não ocultar sua origem.

Como opera dito artista? Utiliza objetos já prontos, despojados de um valor estético, faz algo diferente, por exemplo, essa roda de bicicleta já está fora de seu contexto tornando-se diferente de si mesma. Podemos dizer que realiza uma identificação pelo avesso.

Pois bem, como articular essa operação realizada por esse artista citado por Lacan com a operação que pode fazer um analista em sua prática? Se tomarmos a interpretação pelo equívoco, faremos jogar o equívoco porque é através dele que opera a interpretação e se produz um efeito de surpresa nessas palavras que já estavam e *havam fincado representações imbecis*.

A interpretação em seu duplo efeito, por um lado, de sentido e por outro, de furo. Não apenas equívoco que se desloca de um sentido a Outro, mas também que produz furo, vazio. Trata-se de

1 Lacan, J (2006) Intervenciones y textos 2 Ed. Manantial.

2 Lacan, J Seminário RSI, Aula de 13 de janeiro de 1975. Inédito.

3 Marcel Duchamp um artista de grande influência na segunda metade do século XX no que diz respeito à arte contemporânea.

produzir um furo no sentido.

No Seminário *RSI* Lacan diz que o furo faz um redemoinho e depois cospe um nome.⁴ Podemos dizer que nossa prática fica orientada pela interpretação, mas por aquela interpretação que vai pela via do equívoco, justamente para não engordar o sintoma de sentido.

Interpretação que adota a forma de um jogo com o equívoco, que implica esvaziamento do sentido, interpretação que opera com lalengue, fato que não impede que o inconsciente esteja estruturado como uma linguagem.⁵ Há *immixion* do real que se refere a nossa própria prática, ponto no qual parecem estar reunidos a interpretação analítica e esse *pronto para usar* e como diz a expressão: *vejamos se pescam alguma coisa!* Fazer ressoar o equívoco em que aninha lalengue, que toca o real.

Seguindo a proposta de Lacan, temos uma lógica que visa à interpretação como um ready-made

que nos leva a tomar a palavra para outro uso, desmanchando o sentido aninhado nela, produzindo torção. É pelo equívoco que opera a interpretação. O equívoco como o princípio de outro modo de fazer clínica, como outra ferramenta dessa práxis que chamamos de lacaniana. Equívoco que não é produzido pelo analista; ele o escuta e faz escutá-lo. Operatória analítica que pelo viés do equívoco põe em xeque o real sendo essa a missão do analista.

Uma análise não está livre de desfazamentos, sacudidas, fissuras, arabescos que determinam ao mesmo tempo diferentes posições de um analista diante daquilo que acontece. Daí a criação de um dispositivo no qual o real toca o real.⁶ Equívoco, ato, emenda como respostas do analista que leva a não retroceder diante do real, que diante de cada citação levará esse “contrariá-lo” (suportá-lo) para produzir algo novo, sabendo que não há ajuste possível entre o real e a palavra.

Traducción: Mariana Novello

4 Lacan, J Seminário RSI Aula de 15 de abril de 1975. Inédito.

5 Lacan, J (2006) *Intervenciones y textos 2*. Ed. Manantial Pág. 88.

6 Lacan, J Resenha do Seminário 19 “...O peor” *Otros Escritos*. Bs.As. Paidós ,pág. 574